

---

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

---

**Williane Barreto Moreira**

“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...”: sobre o **Projeto Inajá** e a formação de professores no médio Araguaia

Rio Claro

2016

370.71 Moreira, Williane Barreto  
M838m Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá... : sobre o  
Projeto Inajá e a formação de professores no médio Araguaia /  
Williane Barreto Moreira. - Rio Claro, 2016  
301 f. : il., figs., tabs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientadora: Ivete Maria Baraldi

1. Professores - Formação. 2. História oral. 3. História da  
educação matemática. 4. Mato Grosso. I. Título.

**Williane Barreto Moreira**

“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...”: sobre o **Projeto Inajá** e a formação de professores no médio Araguaia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

**Orientadora:** Ivete Maria Baraldi.

Rio Claro

2016

## **Agradecimentos**

Gostaria de iniciar esses agradecimentos primeiramente a Deus, pois ele sabe como foi meu caminhar até aqui. Hoje uma pessoa melhor academicamente e preparada para novos desafios.

Nesse caminho percorrido tive várias paradas e muitas contribuições, foi devido a essas paradas que consegui construir uma versão histórica sobre a formação de professores de minha região, mas só foi possível por ter tido colaboradores, amigos, companheiros que sempre estiveram ao meu lado me incentivando a finalizar o percurso.

A parada da Unesp, não tinha ideia de como seria ficar um tempo aqui e nem de como seria recebida pelos personagens que nela habitavam.

*Ivete* após a seleção nem eu nem ela tínhamos noção de como seria trabalhar juntas esses anos, mas ela com o jeito protetora, compreensiva, mãezona de ser. Conseguiu me orientar e me transformar.

Minha admiração a ela vai além da academia, pude conhecer sua família e vi toda dedicação que tem com seus filhos e esposo. Com a família acadêmica sempre está presente auxiliando, cobrando e incentivando. Obrigada Professora.

*Banca* Heloisa e Andreia que se disponibilizaram a contribuir com minha pesquisa.

*Capes* pelo apoio financeiro ao longo da realização deste trabalho.

*GHOEM* cresci dentro dele amadureci, e recebi contribuições dos componentes, lembro-me em uma primeira reunião que participei como aluna especial em que eles estavam discutindo textos sobre história, eu olhava o Filipe, Marcelo, Vinicius, Marineia, Ana, Silvana, e outros que estavam falando eu pensava “meu Deus como eles conseguem caminhar pelo assunto com tanta leveza em um texto o qual eu tinha lido umas 3 vezes e não tinha entendido nada”.

Aos professores Heloisa, Vicente e toda nossa família do GHOEM, foram contribuições valiosas e colegas inesquecíveis.

A meus irmãos de orientação Bruna, Erica, Juliana, Fê, Douglas e ao meu ex irmão Marcelo que sempre falo que não quero deixar de ser sua irmã de orientação. Obrigada a todos pelas leituras, dicas, interrogações, correções e todas as contribuições que me deram nesse período, sendo que a alguns nada fácil, mas passou ufa....

*Aos amigos* que com certeza viraram família. Bruna, Shera, Ju, Mazzi, Lu, Paty e Ingrid, em especial esses foram irmãos, filhos queridos que amo muito e pretendo não perder o vínculo. Onde eu estiver minha casa e meu coração estará aberto à espera de vocês.

Enfim a vários amigos aqui do programa que foram pessoas que também estiveram ao meu lado na PPGEM.

*Raíla, Fábio, Patrícia*, professores de minha graduação que me incentivaram e acreditaram que compensava buscar novos caminhos.

*Colaboradores* sem eles não seria possível eu estar aqui hoje defendendo meu trabalho, quero agradecer a cada um que contribuiu me concedendo a entrevista e falando sobre sua vida, pessoas que fizeram parte de minha infância, de minha formação e hoje são peças chave para mais uma avanço em minha vida acadêmica obrigada.

Maria Bomfim Souza Torres, Dagmar Aparecida Teodoro Gatti, Cluete Soares Campos Schmitz, Dulce Maria Pompêo de Camargo, Jarbas Costa Sales, João Severino Filho, Luis Carlos Pereira de Paiva, Eunice dias de Paula e Luiz Gouveia de Paula.

*Bispo Pedro Casaldáliga*, me cedeu vários documentos da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia, *Zilda* secretaria que me atendeu sempre com muita atenção, pessoas que contribuem para que a história da região não fique no esquecimento.

*Edgar* incentivador, compreensivo e que em vários momentos deixou seus compromissos para estar ao meu lado sempre que eu precisava, obrigada.

**Minha Família** meu alicerce, meu tudo.

**Mãe** obrigada, hoje esse título é dedicado exclusivamente a senhora, poderia deixar aqui registrado mil páginas de motivos por isso, mas vou citar só alguns. Mulher forte, inteligente, guerreira, lutadora que mesmo ficando viúva aos 37 anos, assumiu papel de pai e mãe em nossas vidas. Ainda criança lembro que não sabia a hora que você dormia, pois dava aulas os três períodos e fazia bolos de casamentos depois das 23 horas.

Mas ainda hoje está lutando pela formação das filhas. Agradeço muito a Deus por ser sua filha e se tiver a oportunidade de fazer a escolher para uma outra vida escolherei você como mãe Te Amo. Obrigada.

Minhas irmãs

*Shirley* obrigada pela bolsa irmã que concedeu a cada momento que as coisas apertavam, você não tem ideia do quanto eu amo você. Obrigada por ser minha irmã, por ser uma pessoa de coração tão bom, sempre ajudando aos outros.

**Adriana** obrigada pelo apoio sei que sua caminhada também está árdua para terminar a medicina. Mas sempre compartilhando seu apoio e carinho comigo e com todos a sua volta. Amo você.

**Rayane e Géssica** minhas pedras preciosas, minhas flores, minha paixão, meus amores. Agradeço a Deus por serem minhas filhas e estarem sempre ao meu lado em minhas escolhas. Hoje minhas duas joias raras se transformaram em cinco, pois deram frutos que são minhas netinhas que amo muito Iara, Isabella e Emily. Amo vocês.

**Ana Julia**, uma Criança encantadora que traz luz em nossa casa, obrigada minha florzinha vovó te ama.

## RESUMO

Neste trabalho formulamos uma versão histórica sobre a formação de professores de Matemática na região do Médio Araguaia, estado de Mato Grosso, partindo do Projeto Inajá, no período de 1980 a 1990. Para desenvolvermos nossa pesquisa adotamos a História Oral como metodologia. Através dela constituímos narrativas que, juntamente com outras fontes escritas e imagéticas, nos permitiram narrar sobre a formação de professores na região, no referido período. Assim, abordamos um curso ofertado no Médio Araguaia, em uma época em que o fluxo migratório para a região estava em pleno movimento e acontecia um aumento significativo da população, necessitando assim melhorar e qualificar os professores que ali atuavam. Isso se deu por incentivo de pessoas da região que sofriam pela carência e urgência da mudança educacional. O curso ocorreu de modo inovador para atender aos professores leigos, sendo ofertado em etapas no período de férias, bem como adotou uma metodologia diferenciada que foi moldada dia a dia, conforme nossos entrevistados. O Projeto Inajá aconteceu em dois momentos distintos, atendendo mais de 300 professores leigos, ou seja, professores que já atuavam em sala de aula e não possuíam formação alguma para atuar. Por meio dos cursos desse projeto, os professores envolvidos obtiveram a formação em nível de magistério, para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental. Cumpre lembrar que esta pesquisa faz parte de um projeto do Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem), que visa a um mapeamento sobre a História da Educação Matemática Brasileira e especificamente sobre a formação e atuação de professores de Matemática em suas distintas regiões. Dessa maneira, contribui significativamente com este projeto ao mostrar que o Inajá, mesmo sendo um curso em caráter emergencial, implicou mudanças na realidade educacional das localidades envolvidas, trazendo novos elementos para a discussão sobre a formação de professores de Matemática no Brasil.

**Palavras-chave:** História Oral. História da Educação Matemática. Mato Grosso.

## ABSTRACT

This research brings a historical version of mathematics teachers training in the region of Médio Araguaia, State of Mato Grosso, Brazil. We concentrated on Inajá Project, which took place during the decades of 1980 and 1990. In order to develop this research, we adopted the Oral History methodology. Through it, we gathered narratives that, associated with other documental sources and images, allowed us to narrate the teachers training process in the considered region and period. We focused on a course offered in Médio Araguaia when the migratory flow towards the region was big and, therefore, caused a significant growth in the population of the area. There was the need to improve and qualify the teachers who worked there. This happened with the incentive of local people, who were suffering with the lack of qualified professionals and the urgent need of educational changes. The course happened in an innovative way to serve the lay teachers, and took place during holidays. It also included an original methodology, which was determined day by day, according to the people we interviewed. Inajá Project was held in two specific periods, helping more than 300 lay teachers, who had already been teaching without appropriate formal training. After attending the courses offered by the Project, the teachers involved received a certificate to teach elementary school. It is also important to point out that this research is part of a project held by the Mathematical Education and Oral History Group (Ghoem, in Portuguese), which aims to produce a map of the history of mathematical education in Brazil. This project concentrates specifically on the training and work of mathematics teachers in different regions of the country. This research also contributes significantly to the Ghoem proposal by showing that Inajá Project, which was an emergency measure, resulted in changes in the educational reality of the region and enlightened with new information the discussion about mathematics teachers training and development in Brazil.

**Keywords:** Oral History, History of Mathematical Education, State of Mato Grosso – Brazil



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do estado de Mato Grosso com municípios abordados por nós na pesquisa. .	18
Figura 2: Mapa do estado de Mato Grosso.....	170
Figura 3: Mapa com cinco mesorregiões do Mato Grosso.....	171
Figura 4: Mapa onde mostra a localização do Rio Araguaia.....	172
Figura 5: Rio Araguaia Vista aérea .....	173
Figura 6: Mapa do Mato Grosso destacando municípios envolvidos na pesquisa. ....	175
Figura 7: Mapa com os seis municípios da região nordeste mato-grossense abordados na pesquisa. ....	178
Figura 8: Cadeia destruída pela população por revolta a morte do Padre João Bosco.....	181
Figura 9: Visita ao Bispo Pedro Casaldáliga em sua residência São Felix do Araguaia-MT, no ano de 2014.....	186
Figura 10: Viagem para São Felix do Araguaia quando a Chegada do Bispo ao município. ....	187
Figura 11: Casa de Bispo Pedro Casaldáliga na cidade de São Felix do Araguaia. ....	189
Figura 12: Primeira escola construída para o GEA. ....	191
Figura 13: Formandos do curso GEA, em São Felix do Araguaia/MT. No ano de 1972. ....	192
Figura 14: Assessores da Unicamp com alunos em frente à Igreja em Santa Terezinha. ....	195
Figura 15: Palmeira Inajá nativa da região Amazônica.....	197
Figura 16: Monitores e professores do Inajá. ....	208
Figura 17: Professores cursistas juntos de vários municípios. ....	208
Figura 18: Fotografia no mesmo local da anterior, mas os professores cursistas são diferentes. ....	209
Figura 19: Centro Comunitário de Santa Terezinha.....	210
Figura 20: Aula com a professora Eunice de Paula, no Centro Comunitário.....	211
Figura 21: Uma visita do Bispo Pedro à turma no Centro Comunitário .....	212
Figura 22: Aulas assim eram comuns, embaixo das árvores .....	213
Figura 23: Cursistas tendo aula prática .....	213
Figura 24: Outra aula em local aberto. ....	214
Figura 25: Mais uma aula com professor Carlos Arguello.....	215
Figura 26: Aula usando o Telescópio .....	216
Figura 27: Aula com a professora Dulce Maria Pompêo .....	216
Figura 28: Apresentação em Aula de Educação Artística .....	217
Figura 29: Cursistas com alunos em uma aula de campo à beira do Rio Araguaia. ....	218

Figura 30: Reformulando a metodologia, professores do Projeto Inajá.....	219
Figura 31: Momento da saída dos cursista do município de São Felix do Araguaia.....	223
Figura 32: Ônibus quebrado durante a viagem.....	224
Figura 33: Cursistas tendo aula na Unicamp com o professor Carlos Arguello. ....	225
Figura 34: Cursistas conhecendo o mar em Praia Grande-SP.....	225
Figura 35: Um passeio por Campinas-SP.....	226
Figura 36: Uma visita à fabrica de chapéu. ....	226
Figura 37: Aula com a professora Heloisa Gentil dentro da Igreja. ....	228
Figura 38: Alunos apresentando trabalho.....	228
Figura 39: Aula do Professor Carlos Arguello. ....	229
Figura 40: Atividade realizada na aula de matemática junto com outras disciplinas.....	234
Figura 41: A história do Dinheiro.....	235
Figura 42 - Tabela de cotação em Cruzeiros Reais. ....	235
Figura 43: Atividades para interpretação dos dados da Tabela.....	236
Figura 44: Desenho feito pelos alunos de como os tijolos estavam armazenados. ....	237
Figura 45: Receita do Pão de Mandioca, atividade proposta nas disciplinas de matematica e ciencias . ....	238
Figura 46: Algumas perguntas que produziram sobre a receita, adotando um questionario com 17 questões. ....	239
Figura 47: Questões de nº 7 a nº14.....	239
Figura 48: Continuação do questionário nº15 a nº17. ....	240
Figura 49: Alguns cursistas indo para a etapa do Projeto Inajá.....	242
Figura 50: A viagem acontecia com eles sentados em colchões. ....	242
Figura 51: O momento da Formatura .....	244
Figura 52: Ainda na formatura. ....	244
Figura 53: Ponte que fica na BR que vai para São Felix do Araguaia-MT.....	249
Figura 54: Pessoas caminhando sobre a ponte que tem risco de desabar.....	249
Figura 55: Vários trechos de estrada sem pavimentação, em época de chuvas os carros ficam atolados.....	250
Figura 56: Fichas confeccionadas e usadas em algumas entrevistas.....	258

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nome dos municípios, seu ano de criação e a distância entre eles e a capital do estado.....	173
Tabela 2 - Tabela com nomes dos professores, monitores e alunos do Projeto Inajá I.....	199
Tabela 3 - Lista dos alunos e seus municípios.....	200
Tabela 4 - Lista dos alunos e seus municípios.....	201
Tabela 5 - Tabela com nomes dos professores, monitores e alunos do Projeto Inajá II.....	203
Tabela 6 - Lista de Alunos e Municípios que participaram do Projeto Inajá II. ....	204
Tabela 7 - Lista de Alunos e Municípios que participaram do Projeto Inajá II. ....	205
Tabela 8 - Lista de Alunos e Municípios que participaram do Projeto Inajá II. ....	206
Tabela 9 - Carga Horaria utilizada no Projeto Inajá I e disciplinas ofertadas. ....	230
Tabela 10 - Carga Horaria utilizada no Projeto Inajá II e disciplinas ofertadas.....	232

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E HISTÓRIA – ALGUNS APONTAMENTOS POR UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA .....</b>	<b>22</b>
2.1 Sobre História Oral e nossa pesquisa.....	26
2.2 Entre uma Viagem e Outra: diário de bordo.....	32
2.2.1 <i>Os professores e suas histórias</i> .....	35
<b>3 NARRATIVAS.....</b>	<b>39</b>
Professora Maria Bomfim Souza Torres .....	39
Professora Dagmar Aparecida Teodoro Gatti .....	48
Professora Dulce Maria Pompêo de Camargo.....	55
Professora Cleude Soares Campos Schmitz .....	66
Professor Jarbas Costa Sales.....	87
Professor João Severino Filho.....	101
Professor Luís Carlos Pereira de Paiva .....	127
Professores Eunice Dias de Paula e Luiz Gouveia de Paula .....	149
<b>4 DE ONDE VÊM ESSAS VOZES... ..</b>	<b>169</b>
4.1 Um Mato Grosso com muitos “Matos Grossos” .....	169
4.2 Campo de nossa pesquisa.....	178
4.2.1 <i>Luciara</i> .....	178
4.2.2 <i>Porto Alegre do Norte</i> .....	179
4.2.3 <i>Ribeirão Cascalheira</i> .....	180
4.2.4 <i>Santa Terezinha</i> .....	182
4.2.5 <i>São Felix do Araguaia-MT</i> .....	183
4.2.6 <i>Vila Rica</i> .....	183
4.3 Igreja e incentivos à educação.....	185
4.4 Carência e a urgência. ....	190
<b>5 PROJETO INAJÁ: DO BROTO AO FRUTO.....</b>	<b>195</b>
5.1.1 <i>Projeto Inajá: Chegou o grande dia, inicia-se o curso...</i> .....	198
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>251</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>256</b>

APÊNDICE A – ROTEIRO E FICHAS DAS ENTREVISTAS.....	256
APÊNDICE B – FICHAS TEMÁTICAS.....	257
APÊNDICE C – CARTAS DE CESSÃO .....	259
<b>ANEXOS</b> .....	<b>268</b>
ANEXO A – POEMA DE LUIZ GOUVEIA.....	268
ANEXO B – RELATÓRIO FEITO DA GRANDE VIAGEM A CAMPINAS.....	269
ANEXO C – CONVITE INAJÁ I COM NOME DOS PARTICIPANTES DO CURSO .....	273
ANEXO E – DIPLOMA DE CONCLUSÃO DE CURSO INAJÁ I MARIA BONFIM .....	298
ANEXO F – DIPLOMA DE CONCLUSÃO DE CURSO INAJÁ II DA DEPOENTE CLEUDE .....	300

## 1 INTRODUÇÃO

Eu era apenas uma criança vivendo aquela violenta realidade do Médio Araguaia<sup>1</sup>, na década de 1980. Não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas percebia que era briga entre fazendeiros, posseiros<sup>2</sup> de terras e Igreja Católica. Eu não sabia o porquê e era como se as pessoas estivessem divididas em dois grupos: o dos que se apoiavam na Igreja e os posseiros, e o dos fazendeiros. Dentre esses, ainda havia os policiais, dando cobertura aos fazendeiros.

Na cidade em que morava ocorriam tiroteios e mortes todos os dias; existia um ditado popular que se usava muito por lá: “No Ribeirão mata um hoje e deixa outro amarrado para matar amanhã”. Mas eu achava tudo isso normal, não tinha medo...talvez por viver imersa nessa realidade.

Nasci em Brasília/DF, mas, aos seis anos de idade, mudei-me com a minha família para Ribeirão Cascalheira/MT<sup>3</sup>, nesse período de conflitos. Quando chegamos à nova cidade, meu pai se inteirou da realidade da região e escolheu um grupo para apoiar, o dos fazendeiros. Minha mãe era professora dos anos iniciais e do ensino fundamental, com quatro filhos, e não concordava ou apoiava as decisões do meu pai. No entanto, na maioria das vezes, tinha que acatá-las, pois ele era muito hostil. Hoje entendo que ela sofria muito com essa situação.

Meu pai não nos permitia ir à missa aos domingos, pois dizia que os padres eram intriguistas e só iam à igreja para fazer fofocas. Talvez o que ele chamava de fofoca era a forma como os padres mobilizavam os posseiros, suas esposas e as outras pessoas para a luta em defesa de suas terras. Os religiosos faziam reuniões para discutir maneiras de defender os posseiros que estavam sendo ameaçados ou mesmo presos e torturados pelos fazendeiros e, ao mesmo tempo, enfrentá-los.

---

<sup>1</sup>Os moradores também chamam essa região de Médio Araguaia. Para melhor entender sobre a nomenclatura do Médio Araguaia, Gentil (2002) nos diz que depende do ponto de referência que tomamos: se pensarmos no estado de Mato Grosso, a região pode ser considerada como Baixo Araguaia, mas se pensarmos no rio Araguaia em relação ao Brasil, a região a que nos referimos ficaria situada no Médio Araguaia.

<sup>2</sup>Primeiro ocupante, mansa e pacificamente, de terras particulares ou devolutas: aquele que adquire, ou ocupa terras, com a intenção de dono, sem título legítimo de propriedade. Disponível em: <jusbrasil.com.br/trópicos/297314/posseiro>. Acessado em 09 de jun 15.

<sup>3</sup>Localiza-se a 877 km de Cuiabá.

À época, eu não tinha ideia de que isso acontecia e até mesmo olhava com certo preconceito para tudo aquilo, principalmente porque era comum ouvir que os padres não eram “laia”<sup>4</sup> boa.

Lembro-me de que, quando nos mudamos para Ribeirão Cascalheiras, o povo ainda tinha muito fresco na memória o assassinato do Padre João Bosco, no ano de 1976. Este padre foi visitar a cidade e tentou ajudar, pedindo pela soltura de algumas mulheres de posseiros que estavam sendo torturadas na cadeia local. Minha mãe conhecia essas mulheres. Juntamente com o Bispo Pedro, foi conversar com os policiais que, brutalmente, o alvejaram. Esse acontecimento repercutiu, ganhando status internacional. Em sua homenagem, existe um santuário e uma capela, para os quais se faz romaria como protesto de cinco em cinco anos para lembrar o massacre e sofrimento por que passaram aquelas mulheres. Abordaremos com mais detalhes este assunto em outro momento da pesquisa.

Diante de tudo isso, mesmo às escondidas, minha mãe nos levava às missas, pois acreditava que tínhamos que crescer participando da Igreja e tendo fé. Meu pai trabalhava em fazendas e vinha para casa apenas a cada 15 dias ou a cada mês. Quando ele chegava, proibia-nos de ir à igreja e brigava se descobrisse que tínhamos ido à missa em sua ausência.

Se para nós que éramos crianças foi sofrido, imagino o sofrimento de minha mãe que já entendia o que se passava, realmente, naquelas localidades. Eram muitos assassinatos sem punições, muita violência com inocentes e ela tinha que calar-se, pois era casada com alguém que estava do lado de quem fazia ou mandava fazer tudo aquilo.

A cidade tinha energia somente durante algumas horas naquela época. Lembro-me de que era um pouco durante o dia e das 19 às 23h. As casas, em sua maioria, eram de palha e sem piso, o chão era batido, não tínhamos água encanada - usávamos água de cisterna (cada morador tinha uma em sua casa), nem banheiro dentro de casa. Estranhei muito essa realidade. Nas escolas as crianças não usavam uniforme e eu vinha de uma escola em Brasília na qual só entrava quem estivesse uniformizado, inclusive de conga<sup>5</sup>. Estranhamos tudo isso que não tínhamos, mas logo nos acostumamos.

Em Ribeirão Cascalheira, em 1980, existiam apenas duas escolas municipais: Escola Rui Barbosa e Escola São João Batista. Noventa por cento dos professores não tinha formação alguma, mas todos estavam do lado da Igreja. A educação era precária e

---

<sup>4</sup>Não era de um grupo de pessoas considerado confiável.

<sup>5</sup>Tipo de tênis, muito popular nos anos de 1980, de uso obrigatório na escola.

necessitava de socorro. Minha mãe sempre falava que não se contentava com a educação escolar que recebíamos, pois estava acostumada com professores qualificados, levando em conta suas experiências anteriores.

O que mais chamava a atenção dela era que, em todos os locais em que ela havia trabalhado, para o professor atuar, era preciso ter cursado pelo menos o segundo grau<sup>6</sup>. No entanto, os professores dali tinham o segundo grau e estavam atuando em todos os anos do Ensino Fundamental. Havia casos de professores que cursavam o sétimo ano e lecionavam para o sexto ano.

Com o passar dos anos, chegaram alguns professores com formação em magistério<sup>7</sup>, o que contribuiu para uma melhora na situação educacional da cidade. Todos esses professores eram envolvidos com a Igreja, não sei como era o vínculo, se era pela prefeitura, ou pelo estado, só me lembro de que ficavam sempre alojados nas dependências da prelazia<sup>8</sup>. Alguns deles foram meus professores, como: Heloisa Gentil, Lucinha, Águeda, Luis Paiva<sup>9</sup>, e outros dos quais não me lembro o nome.

Esses mesmos professores corriam atrás de cursos, de qualificação para eles e para os outros que também estavam nas escolas. Atuavam em prol de construções de novas escolas, queriam levar toda aquela realidade para a secretaria da educação do estado e esperar um retorno positivo para a população. Essas pessoas eram consideradas “povo da prelazia” porque estavam sempre em reuniões nos barracões da Igreja.

Como disse anteriormente, vivíamos em conflitos e havia muitas mortes por esses motivos. No ano de 1985 meu pai foi assassinado por posseiros na fazenda em que trabalhava. Ele levou dois tiros nas costas e o crime ficou impune. A partir daí, vivemos outra realidade: não fomos apoiadas pelos fazendeiros para os quais meu pai trabalhava e a visão que tínhamos da Igreja mudou, pois foi o “povo da prelazia” que nos estendeu a mão nesse momento. Como julgar qual lado era o certo ou o errado quando não temos opção de escolha?

(...)

---

<sup>6</sup>Nomenclatura na época para o ensino médio nos dias atuais.

<sup>7</sup>Curso que forma professores para atuarem na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

<sup>8</sup>É chamada de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início, na qual bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Felix do Araguaia foi criada no ano de 1970 e 45 anos depois se mantém até os dias atuais, abrangendo um território que chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>9</sup>Esses professores atuavam nas escolas do municípios em várias disciplinas e eles também participaram do Projeto Inajá.



Após algum tempo, eu mesma, apenas com o segundo grau, fui atuar como professora, quando minha mãe precisou tirar uma licença médica após sofrer um AVC e não havia quem a substituísse. Ela atuava nas disciplinas de Geografia e Ciências Naturais. Fiquei desesperada ao ter que assumir a sala de aula, pois nunca tinha passado por tal experiência. Eram turmas de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Como a falta de professores era constante, a diretora da escola viu em mim a possibilidade de assumir aulas, pois as mesmas salas em que estava atuando não tinham professores de Matemática há mais de três meses. Tentei resistir, mas fiquei pensando nos alunos e com isso aceitei o desafio.

Trabalhei na Escola Estadual Maria Esther Peres na cidade de Vila Rica-MT, por mais de cinco anos seguidos, de 2002 a 2007. Em 2006, também fui trabalhar em outro horário na Escola Estadual Vila Rica, cujas aulas, em dois dias da semana, eram em uma comunidade chamada Ypê, onde funcionava uma sala que era extensão da escola estadual. Em 2007 passei no vestibular de Ciências Naturais e Matemática na Cidade de Ribeirão Cascalheira que fica a mais de 370 quilômetros distante de Vila Rica.

E assim iniciou então minha formação como professora de Matemática, de 2007 a 2012, pela EAD, num curso de Licenciatura à distância ofertado pela UFMT/UAB, Polo de Ribeirão Cascalheira-MT. As aulas aconteciam a cada dois meses com um professor presencial, e as atividades eram divididas entre virtuais e presenciais com auxílio de uma tutora que ficava no polo. Mas como alertamos, a carência ainda existe e houve época em que ficamos mais de seis meses sem encontro presencial, por falta de docentes qualificados para desenvolver disciplinas que estavam no currículo. Nesse curso, participaram alunos que moravam a mais de 200 quilômetros do polo.

Colei grau em Janeiro de 2013, logo em seguida ingressei como aluna especial no Programa de Pós Graduação em Educação Matemática.

(...)

A vinda para a Unesp de Rio Claro deu-se ainda em outubro de 2012, a convite de minha colega de graduação Bruna Both, que acabara de ser selecionada para ingresso no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Unesp em Rio Claro/SP. Viemos à uma reunião de comemoração dos 10 anos do Grupo

de Pesquisa do qual ela faria parte, o Ghoem – Grupo História Oral e Educação Matemática. Foi a primeira vez que tive contato com uma Pós-Graduação.

Ao voltar para o Mato Grosso, decidi que abriria mão dos empregos e iria para Rio Claro/SP para ser aluna especial daquele programa de pós graduação, já no primeiro semestre de 2013. Nesse período eu não tinha ideia de como seria a caminhada, mas me matriculei em três disciplinas e passei a participar das reuniões do grupo de pesquisa o Ghoem.

Durante o tempo em que estive em Rio Claro, comecei a conversar com a professora Ivete e expus meu desejo de participar do processo seletivo para o mestrado. Por estar participando das reuniões e conhecendo os projetos desenvolvidos pelo Ghoem, pensei que poderia desenvolver uma pesquisa problematizando a educação na região onde morava e atuava como docente, abordando os primeiros cursos de formação de professores de lá.

Tendo em vista que minha mãe e minha irmã mais velha eram professoras também e cursaram o projeto Licenciaturas Parceladas<sup>10</sup>, eu já conhecia o curso diferenciado para formação de professores que a Unemat ofertava. Assim, havia a possibilidade de desenvolver um projeto que pudesse fazer parte do mapeamento de formação e atuação de professores de Matemática no Brasil, um projeto amplo do Ghoem. Mesmo sem garantia da vaga na seleção do mestrado, a professora Ivete orientou-me a buscar mais informações sobre o assunto para que, durante as reuniões em que eu participasse, pudéssemos discutir e conversar sobre a elaboração de um pré-projeto.

Dessa forma, fiz um levantamento inicial sobre o curso, encontrei ex-alunos dentre os quais vários foram meus professores. Entrei em contato com alguns que ainda moravam na cidade em que eu residia, Ribeirão Cascalheira-MT. Pensei, a princípio, em desenvolver a pesquisa sobre os cursos de Matemática que aconteceram nos municípios de Luciara em 1992, e Vila Rica em 2007, mas partindo das conversas com ex-alunos destes cursos, todos me falavam sobre um curso que houve na região para habilitar professores leigos em nível de magistério, o Projeto Inajá, que teria sido a semente das Licenciaturas Parceladas.

Como a população dos municípios envolvidos não é grande, isso facilitou minha busca. Iniciei pelas escolas municipais e estaduais, buscando os professores e

---

<sup>10</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuada, ofertado pela Unemat, <http://www.unemat.br/proeg/parceladas>, acessado no dia 23/04/2015.

participantes do Projeto Inajá e pude conversar com várias pessoas antes mesmo de ingressar definitivamente no programa de mestrado.

Depois de estabelecidos esses contatos e tendo levantado material bibliográfico suficiente para o início do trabalho, elaborei um pré-projeto de dissertação e, em agosto de 2013, participei da seleção para ingresso no PPGEM, no ano de 2014.

A intenção de contar um pouco da minha vivência, como aluna e depois como professora na região destacada, é a de contextualizar a pesquisa que começou a ser delineada.

Já no início de nossa pesquisa, ficou claro que a região teve um aumento populacional considerável nos anos de 1970-1980, devido à migração de pessoas de outros estados em busca de terras baratas e, às vezes, com a promessa de serem gratuitas. No entanto, o número de escolas e, conseqüentemente, de professores não foi suficiente para atender à nova demanda, fazendo com que surgissem escolas improvisadas e pessoas sem formação, que foram assumindo, por necessidade, as salas de aulas. Diante disso, em alguns municípios, os líderes da comunidade e os políticos se mobilizaram a fim de tornar viável a qualificação para quem atuava como professor e que, muitas vezes, não possuía nem o Ensino Médio completo. Segundo Camargo (1997, p. 19), neste período:

a grande maioria dos professores era leiga, uma vez que possuía, apenas, formação de 1º grau incompleta. Na zona rural, a incidência era muito maior. Em geral, a maioria dos professores leigos se concentrava nas escolas municipais em decorrência do alto índice destas instituições nas áreas rurais.

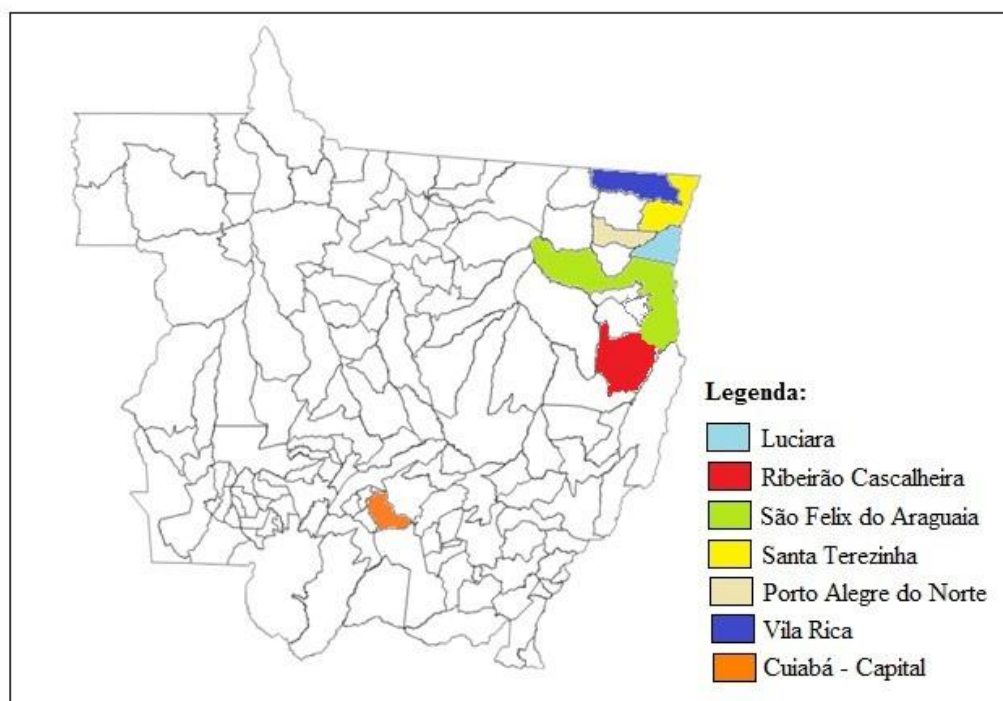
Como consta em Albuquerque *et al* (1991), o Projeto Inajá foi criado em uma região onde os conflitos entre diferentes populações eram constantes por causa da briga pelo direito de posse de terras. Nas décadas de 1970 e 1980 iniciou-se, com o incentivo do governo federal, uma grande ocupação por parte de colonizadoras e, conseqüentemente, iniciaram-se também conflitos armados entre proprietários, posseiros e indígenas. (ALBUQUERQUE *et al*, 1991).

Movimentos educacionais de alguns municípios do nordeste mato-grossense originaram o Projeto Inajá, na tentativa de melhorar a realidade do ensino da região. O Projeto contou também com o apoio e incentivo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), entidades da Igreja, políticos e população. A região era carente, não possuía

professores qualificados e o analfabetismo levou pessoas leigas a assumirem salas de aulas, devido ao aumento populacional nos municípios.

Tal projeto foi ofertado em duas etapas, Inajá I e Inajá II, com duração de três anos cada. Este projeto foi realizado, exclusivamente, em alguns municípios da região do Médio Araguaia mato-grossense, tais como (figura 1): Canarana<sup>11</sup>, Luciara<sup>12</sup>, Porto Alegre do Norte<sup>13</sup>, Ribeirão Cascalheira<sup>14</sup>, São Felix do Araguaia<sup>15</sup>, Santa Terezinha<sup>16</sup> e Vila Rica<sup>17</sup>. Tratou-se de curso emergencial que ocorreu durante os anos de 1987 a 1996.

**Figura 1:** Mapa do estado de Mato Grosso com municípios abordados por nós na pesquisa.



Fonte: IBGE, (2010).

Segundo o relatório final do Projeto Inajá I, o curso aconteceu com um perfil diferenciado, buscava trabalhar com os cursistas de acordo com a realidade deles; foi moldado de modo a atender pessoas da zona rural, urbana e também indígenas dessas

<sup>11</sup> Localizada a 822 km da capital do Estado Cuiabá.

<sup>12</sup> Luciara a 1.166 km de Cuiabá.

<sup>13</sup> Estando distante de Cuiabá a mais de 1,227 km.

<sup>14</sup> Localiza-se a 877 km de Cuiabá.

<sup>15</sup> Distante de Cuiabá a pelo menos 1.070 km de distância.

<sup>16</sup> Aproximadamente a 1.200 km da capital Cuiabá.

<sup>17</sup> Sua distância de Cuiabá é de mais de 1.260 km.

idades e contou com mais de 300 alunos (pessoas que atuavam como professores leigos), sendo que acontecia durante as férias destes professores para que o ano letivo não fosse prejudicado. Cabe destacar que cada etapa deste curso acontecia em um município distinto.

Na elaboração do pré-projeto, mais estudos indicaram que alguns trabalhos apresentam retratos sobre a formação de professores no Mato Grosso. Strentzke (2011), fez um estudo de projetos julgados essenciais para a formação de professores leigos na região, como o Projeto Inajá, Homem Natureza, Projeto Geração e Projeto Tucum; Soares (2005) destaca como se deu a formação de professores de Matemática na modalidade Parceladas, no município de Araputanga – MT; Rolkouski (2006), que se valeu da História Oral, realizou entrevista com um professor que teve sua formação na modalidade das Parceladas; Sousa (2009) e Camargo (1997) abordam a formação de professores na região do Médio Araguaia.

Assim, nossa pesquisa apresenta-se como mais uma contribuição a respeito da formação de professores nesta região, pois trará novos elementos para a composição desse cenário, permitindo que uma história sobre o Médio Araguaia e sobre a formação recebida por seus professores possa ser contada, inserida no campo da História da Educação Matemática.

Assim, para esta nossa investigação, estruturamos o seguinte tema norteador: **Tecer uma compreensão histórica da formação de professores de Matemática na região do Médio Araguaia, nas décadas de 1980 e 1990.**

Lembramos que, a priori, nosso objetivo era o de abordar a formação de professores de Matemática desde o surgimento do Projeto Inajá até as Licenciaturas Plenas Parceladas, da Unemat, nos polos da região do Médio Araguaia (MT). Mas, durante o exame de qualificação, achou-se melhor trazer os elementos a respeito do Projeto Inajá e deixar informações sobre as Licenciaturas para um outro estudo futuro.

Dessa maneira, neste trabalho temos como objetivo elaborar uma compreensão histórica sobre a formação de professores de Matemática por meio do Projeto Inajá no Mato Grosso (Médio Araguaia), nas décadas de 1980 e 1990.

Nossos objetivos específicos foram: contribuir com o mapeamento esboçando o movimento de formação de professores na região abordada; e também caracterizar as práticas desenvolvidas e os modos de fazer e lidar com o conhecimento matemático pelos alunos e professores envolvidos no projeto, por meio dos documentos e narrativas.

Com isso estaremos contribuindo com o Mapeamento, realizado pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem), que busca compreender historicamente a formação e atuação de professores de Matemática no Brasil, por meio de narrativas que sempre permitem a criação de outras narrativas. Cabe destacar que estudo semelhante ainda não foi realizado no grupo, de modo a trazer informações sobre como se deu a formação dos professores de Matemática desde o Projeto Inajá. Por meio de entrevistas, buscamos abordar como se deu essa formação e quais foram suas contribuições para nossos colaboradores e para a região em que residem.

Valemo-nos dos procedimentos da História Oral para desenvolver esta pesquisa, realizando entrevistas com pessoas que estiveram envolvidas no curso: professores, alunos, monitores, entre outros. Estas narrativas nos possibilitaram constituir uma versão histórica de como se deu a formação inicial de professores na região do Médio Araguaia no Mato Grosso.

Iniciamos os capítulos da dissertação trazendo a introdução com um convite a viajar pela versão histórica sobre a formação de professores na região do médio Araguaia.

Já no segundo capítulo abordamos aspectos referentes à metodologia e procedimentos metodológicos, deixando claro como nos valem da História Oral e esse capítulo ficou intitulado de **Educação Matemática e História – Alguns apontamentos por uma História da Educação Matemática.**

No terceiro capítulo trazemos nove narrativas de entrevistas realizadas com professores que, de alguma forma, estiveram envolvidos no Projeto Inajá. Assim como em vários trabalhos do Ghoem traremos as narrativas, na íntegra, no corpo do trabalho.

Apresentamos no quarto capítulo, “**De onde vêm essas vozes**”, a região que abordamos na pesquisa a partir das narrativas.

No quinto capítulo “**Projeto Inajá: Do Broto ao Fruto**” trago considerações sobre este trabalho, nele vem a percepção da importância do curso para a região estudada. Uma análise de forma sistematizada fazendo o arremate sobre o Projeto Inajá e cotejando nossas reflexões a fim de finalizar o trabalho. Também tecemos considerações acerca das dificuldades encontradas para a implementação do Inajá.

Por fim, as Referências, os Apêndices e Anexos.

(...)

Longo foi o caminho até aqui... apresento um pouco dele. Mas de tudo isso, como já me alertava Thiago de Melo, “Não tenho um caminho novo. O que eu tenho de novo é um jeito de caminhar.”. Assim, mostro como foi este meu caminhar.

## **2 EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E HISTÓRIA – ALGUNS APONTAMENTOS POR UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

Ao chegar ao Grupo de História Oral e Educação Matemática – Ghoem<sup>1</sup>, em março do ano de 2013, ainda como aluna especial, a princípio me senti uma estranha, pois não conhecia as discussões que os membros realizavam durante os encontros. Sabia que se tratava de estudos voltados à Educação Matemática e História Oral, mas não tinha tido leitura alguma antes de vir para Rio Claro. No entanto, pensei “se quero fazer uma pesquisa junto a este grupo, usando a metodologia adotada por eles, preciso, primeiramente, ouvir o que eles têm a dizer para uma principiante em História Oral, iniciar as leituras, e depois pedir ajuda aos colegas”.

Tendo em vista o meu limite de conhecimento em relação aos assuntos abordados nas reuniões, o grupo sempre estava disposto a esclarecer minhas dúvidas. A cada encontro do qual eu participava, adquiria mais conhecimento sobre a História e os historiadores que conversavam com a metodologia que usamos e isso me incentivava a tentar entender e entrar neste universo que era tão novo pra mim.

Como não poderia ser diferente, entre tantas dúvidas e questionamentos, veio o meu amadurecimento sobre como usar a História Oral como metodologia para esta pesquisa. Apresento, a seguir, um pouco do que pude construir após esta minha caminhada.

(...)

A Educação Matemática nem sempre foi vista como uma grande área de pesquisa, ela só foi ganhando força e se estabeleceu no Brasil no fim da década de 1970, início de 1980, mesmo período em que surgiu a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), e em paralelo com este fato surgiram também os primeiros programas de pós-graduação no campo de Educação Matemática no país.

Optar por fazer uma pesquisa nesta área abre várias possibilidades de investigação. Dentre elas, há a possibilidade das searas da História da Educação

---

<sup>1</sup>O Ghoem é um grupo interinstitucional composto por pesquisadores em diferentes momentos acadêmicos, com projetos coletivos que pretendem contribuir para o processo de formação de pesquisadores em Educação Matemática.



Matemática, nas quais nossa pesquisa está inserida. Para tanto, fizemos uma versão histórica, no presente, de como se deu a formação de professores por meio do Projeto Inajá, na região do Médio Araguaia<sup>2</sup> - MT, nas décadas de 1980 e 1990. Nesta pesquisa, então, apoiamos-nos em narrativas de pessoas que, de alguma forma, estiveram envolvidas no projeto e ainda usamos documentos, fotografias e outros registros encontrados. Deste modo, buscamos na região um entendimento sobre como ocorreu essa formação, como se dava a prática de ensino e como ela foi repassada aos cursistas.

Pesquisas no campo da História da Educação Matemática, como esta, buscam mostrar como se deu/dá a troca de conhecimentos matemáticos em vários tempos e lugares que, segundo Garnica e Souza (2012), propiciam compreender, projetar, propor e avaliar as práticas do presente. De acordo com esses autores, então, a História da Educação Matemática dedica-se a estudar como se deram as alterações ou as permanências nas práticas de ensino e aprendizagem de Matemática, investigando como era compartilhado o conhecimento matemático entre comunidades no passado.

O historiador Bloch (2001) deixa claro que para se ter um melhor entendimento de história no presente, é necessário estudar o passado, nos apoiar em vestígios de várias naturezas, tais como: fontes documentais, jornais da época, fotografias, entre outros. E assim o pesquisador caminha no tempo olhando sempre os fatos com a ótica do presente, para então entender o homem em sociedade, em seu determinado tempo.

Em nossa pesquisa historiográfica, além de nos apoiar nos documentos oficiais, apoiamos-nos também na memória, para dar um significado à história produzida de algo vivido ou sabido por alguém. Sabendo que não existe o resgate do passado, mas sim um processo de invenção, é necessária a junção do material bibliográfico encontrado e as narrativas produzidas para se dar uma operação historiográfica.

Nem a Educação Matemática nem a História (como se pretendia que fossem, em outros tempos) é uma ciência exata. Ambas as áreas trabalham com o estudo dos significados que alguém produz/produziu para algo vivido ou sabido: a história se alimenta da memória, pois é impossível “resgatar” o passado como se ele fosse uma “coisa” que, escondida ou esquecida, pudesse ser encontrada ou recuperada “em si”, “exatamente como é” (GARNICA; SOUZA, 2012, p.26).

---

<sup>2</sup>Para melhor entender sobre a nomenclatura do Médio Araguaia, Gentil (2002) nos diz que depende do ponto de referência que tomamos: se pensarmos no estado de Mato Grosso, a região pode ser considerada como Baixo Araguaia, mas se pensarmos no rio Araguaia em relação ao Brasil, a região a que nos referimos ficaria situada no Médio Araguaia.

Assim, ao usar essas fontes busca-se um diálogo com elas, as fotografias e as narrativas, dando, então, um melhor entendimento ao presente de como foi a formação por meio daquele projeto específico, naquela região de Mato Grosso.

As fontes escritas encontrados contribuíram para que pudéssemos fazer uma versão histórica de como foi a formação daqueles professores, partindo do nosso olhar de hoje. Como nos diz Albuquerque Jr (2007), o historiador faz uma volta ao passado, por meio de diversas fontes encontradas ou das narrativas e, assim, tem a oportunidade de questionar como se deram aqueles acontecimentos e perceber evidências, às vezes ignoradas pelos próprios sujeitos que fizeram parte daquela História.

Deste modo, concordamos com este autor, pois julgamos que o passado não está morto e nem acabado, mas sim que faz parte do presente. E mais, é o presente que interroga o passado, sendo, portanto, a História, uma invenção do presente, mas com ligações e rastros deixado pelo passado. Isto pode acontecer quando o depoente lembra-se de algo para a entrevista ou mesmo olhando uma fotografia que estava guardada há tempos.

A junção dos dados possibilitou a criação de uma versão da história do Projeto Inajá, o que permite a compreensão de como tal projeto se deu. Cabe destacar que, para isso, tivemos acesso a várias fontes escritas e fotografias, algumas encontradas no acervo da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia<sup>3</sup>, que vieram contribuir para o enriquecimento de nosso trabalho.

Em nossa pesquisa corroboramos Baraldi e Gaertner (2008) quanto ao uso das fotografias, afirmando que as fotografias são capazes de captar informações de como era o comportamento de pessoas e seus costumes, mostrando até mesmo como era a arquitetura da cidade, à época. Além de nos mostrarem aspectos da vida e de lugares, as fotografias ainda guardam a riqueza de detalhes, os quais mesmo um pesquisador atento não consegue descrever fielmente em toda sua amplitude. O sujeito que se vê naquela fotografia, ao olhá-la, depois de um determinado tempo, faz uma viagem ao passado relembrando momentos e acontecimentos que, às vezes, ficaram adormecidos até este momento presente.

Ao olharmos para as fotografias, muitas vezes percebemos que elas nos falam sobre um determinado local, sem precisar que pessoas nos relatem sobre esse local. Assim, as fotografias que trazemos no trabalho nos permitirão fazer uma interpretação

---

<sup>3</sup> Secretaria da Prelazia existe um grande acervo de documentos, fotografias entre outros sobre a história da região com acesso ao público.

de como aconteceram as aulas, e também observar momentos vividos pelos cursistas, como era a arquitetura da época, a precariedade do local, entre outras informações. Essas mesmas fotografias, vistas por alguns de nossos depoentes, permitiram lembranças e comentários que não apareceriam de outro modo.

Este trabalho contou com o cotejamento entre fontes de várias naturezas; fontes orais que estão presentes em nossas narrativas, documentais como Folheto Alvorada, Relatórios, e as fotografias. Todas as fontes foram importantes para compor nossa versão histórica sobre a formação de professores por meio do Projeto Inajá no Médio Araguaia. Entre tantas informações que obtivemos, pudemos ver a riqueza que existe nas fotografias que coletamos. Em sua maioria, essas fotografias foram cedidas por nossos depoentes ou encontradas no acervo da Secretária da Prelazia. É importante lembrar que na secretaria existe um enorme acervo não só de fotografias mas de documentos que retratam a história da região.

Assim, Garnica (2010) alerta que nem sempre podemos dizer que era fácil encontrar registros fotográficos para atrelá-los a outras fontes, pois se capturava a imagem apenas em momentos especiais como batizados, casamentos, formaturas. E nem sempre todos tinham esse acesso, apenas pessoas que tivessem um poder aquisitivo maior.

Antigamente, os registros de imagens tinham como finalidade retratar momentos importantes, a família, a cultura da época e deixá-los para gerações futuras. No entanto, nem todas as famílias tinham acesso às imagens por serem caras e com tecnologias às vezes inacessíveis. Algumas famílias conseguiam tirar uma ou duas fotografias durante toda a vida.

Mas em escolas já havia esse costume de pelo menos tirar uma fotografia de grupos escolares, como se observa em muitos trabalhos que pesquisam sobre este assunto.

Ainda segundo o autor, a fotografia só pode servir para um fim historiográfico quando estiver atrelada a um significado e a uma dimensão temporal.

Segundo Souza (2001), as fotografias escolares podem mostrar a memória de uma cultura, a arquitetura, simbologias, normas e valores da época. Essas imagens, na maioria das vezes, são usadas apenas como memória e poucas vezes como história. Assim, encontra-se muito anonimato, falta de datas e locais em que foram tiradas aquelas fotografias, ficando a critério do pesquisador interpretar a imagem.

Em análise de fotografias de grupos escolares que a autora fez, ela relatou algumas características importantes: os professores estavam sempre posicionados nas laterais, mostrando a hierarquia; os alunos sempre uniformizados; quase não havia sorrisos e, mesmo quando tiradas ao ar livre, percebe-se nas imagens a classe escolar bem definida.

Numa operação historiográfica, Albuquerque Jr (2007) nos alerta que o pesquisador não terá a verdade absoluta sobre o que aconteceu no passado, mas com o cotejamento entre fontes poderá direcionar no presente os acontecimentos do passado, fazendo assim uma versão histórica. E que o entendimento em “escrever história é também mediar temporalidades, exercer a atividade de tradução entre as naturezas, e culturas de tempos distintos”. (p. 33)

Com isso, essa invenção pode chegar a caminhos não planejados e não definidos pelo historiador, mas cabe a ele tentar direcionar e dar forma para a pesquisa desde sua intencionalidade inicial aos caminhos que irá percorrer empregando a teoria e metodologia que achar apropriadas.

A seguir, discorreremos sobre História Oral como nossa metodologia de pesquisa.

## **2.1 Sobre História Oral e nossa pesquisa**

Há algum tempo a História Oral vem sendo utilizada nas mais diversas áreas, como na antropologia, sociologia e, também, na Educação Matemática, de modo especial no Ghoem, que dela tem se valido como uma metodologia de pesquisa qualitativa, sendo que por meio dela tem sido possível constituírem-se histórias com amplitudes diferenciadas, escritas a partir de relatos de pessoas envolvidas com o tema estudado, bem como com registros escritos localizados sobre esses temas.

No Ghoem vemos a História Oral como uma metodologia que nos permite criar fontes que, dependendo do enfoque dado, podem assumir o caráter historiográfico. Fontes estas que, uma vez constituídas, podem servir para diferentes pesquisas, e os pesquisadores podem interessar-se por qualquer dos temas abordados nas entrevistas. Muitas informações ainda não estão registradas em documentos, mas sim gravadas na memória de pessoas que as vivenciaram. Desse modo, a História Oral permite-nos também essa ligação entre presente e passado, que muitas vezes é despertado, vem à

tona, é recordado, a partir dos questionamentos que levantamos em nossas pesquisas e entrevistas.

Em relação à História Oral praticada no Ghoem, Garnica e Souza (2012), destacam que ela é

metodologia de pesquisa que envolve a criação de fontes a partir da oralidade e compromete-se com análises coerentes e sua fundamentação (que pode envolver ou não procedimentos usados em outros tipos de pesquisa). O diferencial é essa “criação intencional” de fontes a partir da oralidade e a fundamentação que se estrutura para essa ação. Essa mesma fundamentação orienta, inclusive, prática de análise na pesquisa. Assim nossos pressupostos indicam, sim, como construir fontes, mas também para que construí-las e como valer-se delas. (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 97).

Como o recorte acima já nos aponta, não consideramos esta metodologia apenas como um mero conjunto de procedimentos, mas sim como uma “ferramenta” que, embora disponha de ações comumente seguidas, muito depende da fundamentação teórica e experiencial do pesquisador.

Desse modo, usando a História Oral enquanto metodologia qualitativa, o pesquisador deve, entre outras coisas, estar em constante processo de questionamento.

Esta posição implica, portanto, que as fontes orais, apenas, embora possam disparar uma operação historiográfica, não são suficientes para conduzir essa operação em sua totalidade, por isso os memorialistas precisam buscar outras parcerias e ampliar seu acervo de fontes de referência. Assim, a potencialidade da História Oral para a historiografia não deve ser buscada na autossuficiência das fontes orais em detrimento de outras fontes, mas na natureza qualitativa das informações que as fontes orais incorporam à operação historiográfica. (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 53).

Segundo essa autora, as fontes orais até podem disparar operações historiográficas, mas elas, por si só, não conseguem dar conta de todos os dados de que necessitamos. Devido a isso, fazemos o uso de outras fontes historiográficas.

Ao utilizarmos a História Oral como metodologia, visamos, portanto, à criação de novas versões da história por meio das entrevistas. Lembrando que para criá-las, como nos alerta Albuquerque Jr. (2007), precisamos nos afastar dos acontecimentos para, então, poder analisá-los, desapaixonando-nos. No entanto, é impossível ir “limpo” para a pesquisa, pois o pesquisador está tomado pelas coisas que o rodeiam, que o formam.

Essa constituição de versões históricas já vem sendo feita em outros trabalhos do grupo, como os que compõem o projeto de Mapeamento<sup>4</sup>, do qual também participamos. Sobre este projeto, podemos destacar alguns aspectos, começando pela ideia de mapa. A prática de elaborar e usar mapas é uma forma muito antiga, talvez anterior à escrita; mapas são usados desde os primeiros tempos para auxiliar os homens na caça, agricultura, navegações, guerras, entre tantas outras. O mapa representa imagens, já a cartografia as cria. Pensando, portanto, em mapear ou cartografar a formação de professores de Matemática, tem-se

um projeto dinâmico que, se permite compreensões, por exemplo, por cotejamentos (sempre parciais) entre instâncias de formação, instituições formadoras, modos de atender ou subverter legislações etc., também permite que o leitor se perca, pois nunca o mapeado estará configurado de forma definitiva de modo a brandamente submeter-se aos cotejamentos que talvez seu leitor quisesse realizar (GARNICA, 2014, p. 42).

Assim, o Mapeamento que realizamos mostra encontros e desencontros entre pensamentos e histórias sobre a formação e atuação de professores de matemática no Brasil. No entanto, não temos intenção de formar um grande quebra-cabeça encaixando as peças perfeitamente umas às outras, para finalizar o trabalho. Sabemos que cada lugar e cada tempo possuem suas especificidades. Nossos estudos não são fixos, mas construídos a cada dia por meio da atribuição de significados dados a eles.

(...) nosso mapeamento é um traçado necessariamente aberto, cujas regiões e rios e montanhas e cidades vão se detalhando em dimensões várias que nenhuma geometria poderia conter ou figurar plenamente. Nossa pretensão é desenhar mapas, compor mosaicos e formar coleções impossíveis, mas que, em suas impossibilidades, permitem a criação de contornos – que ora se mantêm, ora se dissolvem num movimento ora rápido, ora mais arrastado (GARNICA, 2014, p. 44).

O Mapeamento é um projeto que se iniciou no ano de 2000 e não tem data para terminar, pois com toda diversidade cultural brasileira e a imensidão de terras ainda há muito o que se mapear nesse sentido, por nos possibilitar transitar em diferentes regiões no Brasil e caminhar por modalidades de ensino variadas, desde licenciaturas, cursos de formação emergenciais e outros.

---

<sup>4</sup>Alguns dos trabalhos que fizeram parte diretamente do Projeto Mapeamento foram: Fernandes (2011); Cury (2011); Martins-Salandim (2012); Morais (2012); Macena (2013), Toillier (2013), Both (2014) e Silva (2015). Estas pesquisas foram realizadas em vários estados: Maranhão, Tocantins, São Paulo, Rio Grande do Norte, Paraíba, Paraná e Mato Grosso.

As pesquisas no Mapeamento, em geral, se valem da metodologia da História Oral, que dispõe de uma fundamentação teórica, e também de um conjunto de procedimentos a serem executados, como já mencionado anteriormente.

Assim, esses procedimentos, em nossa pesquisa, iniciam-se quando pensamos o que queremos investigar. Dessa forma, sempre vamos em busca de documentos, fotografias, bibliografias e pessoas que possam fazer parte do nosso trabalho. Os indícios de como serão as entrevistas, geralmente, surgem por meio de leituras, conversas e informações que buscamos especificamente acerca do tema.

Concordamos com Both (2014, p.19), quando nos diz que

uma História começa por meio de algum acontecimento que chama atenção, cercado de silêncios e vazios, que anseiam por explicação. São as indagações das pesquisas que determinam as fontes a serem utilizadas e somente após essa seleção é que se torna possível discernir onde começam e terminam os documentos abordados.

Nosso trabalho se constitui a partir de entrevistas realizadas com depoentes que fizeram parte do nosso objeto de pesquisa. Nestas entrevistas podemos captar o que inicialmente buscamos, bem como surgem novas informações, por meio de lembranças dos depoentes. Apesar disso, nós, como pesquisadores, não temos como saber se eles realmente disseram tudo que lhes veio à tona com esses questionamentos.

Quanto ao número de entrevistas a serem realizadas, em nenhuma pesquisa feita pelo Grupo é definida uma quantidade, nem o número de horas, tudo isso será definido durante o desenvolvimento do estudo e cabe, portanto, ao pesquisador, observar e delimitar a quantidade suficiente para atender ao objetivo de seu trabalho.

O contato entre entrevistado e entrevistador é uma relação de troca de experiências, confiança, mesmo se ambos forem de tempos ou culturas diferentes eles sempre estarão compartilhando uma história que permitirá outras histórias.

Uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e opiniões também diferentes, que têm em comum um interesse por determinado tema, por determinados acontecimentos e conjunturas do passado. Esse interesse é acreditado de um conhecimento prévio a respeito do assunto: da parte do entrevistado de um conhecimento decorrente de sua experiência de vida, da parte do entrevistador, um conhecimento adquirido por sua atividade de pesquisa e seu engajamento no projeto (ALBERTI, 2004, p. 101).

Assim que definimos nossos entrevistados, elaboramos um roteiro com questionamentos intencionais para a entrevista, mas não deixamos as questões fechadas, podendo, assim, dar a oportunidade a nossos depoentes de acrescentar novos elementos que julgaram ser importantes.

Partindo do roteiro, damos início a um conjunto de procedimentos para a realização das entrevistas, tendo consciência de que para se fazer um trabalho usando História Oral não é suficiente ter um entrevistado e aparelhos de gravação. Precisamos de mais do que isso. A produção dessas entrevistas é totalmente intencional, desde a busca bibliográfica, o roteiro, a gravação, transcrição, textualização e carta de cessão.

Logo que definimos nossos colaboradores, encaminhamos a eles o roteiro desenvolvido com intenções do que buscamos saber durante as entrevistas, assim os depoentes tiveram uma prévia do que pretendíamos com nosso trabalho. Algumas técnicas para as entrevistas são utilizadas: em umas captamos o som e a imagem, em outras somente o som, em algumas pesquisas usamos cartas, fotografias. Usando essa metodologia o pesquisador tem a liberdade de alterar as técnicas para a realização da entrevista.

Após a realização dessas entrevistas, passamos à transcrição. Este é um trabalho árduo e em boa parte mecânico: para cada hora de entrevista, gastamos várias horas para transcrevê-la; este é o momento em que transformamos o registro sonoro em texto.

Em seguida a esse processo, iniciamos a textualização, que é a organização destes textos que constituímos, de modo a torná-los mais fluentes, para o entendimento de quem os irá ler. Ainda, temos o cuidado de inserir diversas notas para contextualizar o leitor sobre termos, nomes, localidades e outras informações que possam ser peculiares àquela narrativa. Cada pesquisador escolhe a melhor maneira de ir caminhando pelas narrativas, organizando-as por assunto ou cronologicamente; não se tem uma receita de como fazer, um manual, o pesquisador é livre em suas escolhas.

O pesquisador volta aos seus depoentes com a textualização pronta para que eles leiam e façam as conferências necessárias. Posteriormente, elaboramos e solicitamos a assinatura de uma carta de cessão, que nos permitirá divulgar a narrativa e efetuar trabalhos a partir deste texto autorizado.

Munidos das textualizações, documentos e fotografias, buscamos construir significados para nossa análise. Nesse momento de nossa pesquisa não julgamos nossos depoentes e nem tentamos estabelecer verdades absolutas, mas sim tentamos trazer



novas possibilidades, novas produções para o trabalho partindo de informações que observamos nas narrativas.

Com a intenção de dar acabamento ao nosso trabalho, intensificamos o processo de análise, cotejando os dados, as fontes orais, documentos e fotografias. Entendendo que esse processo se iniciou desde a primeira etapa da pesquisa, mas que agora envolve um detalhamento maior ao considerarmos todos os dados em mãos.

Usualmente, nos trabalhos desenvolvidos pelo Ghoem, são realizados alguns tipos de sistematização das análises, sendo que o próprio pesquisador, a partir das entrevistas, irá detectar qual será o melhor procedimento a ser usado em seu trabalho. Dentre os tipos de análises frequentemente usados pelo grupo podemos citar aquela feita a partir de categorias, em que são levantados elementos que se mostram com insistência em uma série de fontes, apresentando convergências ou divergências<sup>5</sup>. No trabalho de Baraldi (2003) foi utilizado o termo tendências, também com a intenção anterior. Outra análise utilizada com frequência é a narrativa de narrativas: o pesquisador produz um texto a partir de suas compreensões sendo que as fontes e as narrativas trabalhadas, juntas, criam uma versão das histórias que surgiram<sup>6</sup> durante a pesquisa.

Para finalizar, a análise de singularidades é aquela que tenta estabelecer um fio condutor de cada narrativa, olhando para cada uma com um olhar singular, buscando evidenciar suas marcas e suas particularidades. A primeira pesquisadora a utilizar esta modalidade de análise foi Martins-Salandim (2012), mas também podemos apontar o uso recente em outras pesquisas como as de Flugge (2015), Tizzo (2014) e Rosa (2013).

Como já dissemos, a História Oral nos abre possibilidades de um entendimento sobre as narrativas. Ao analisar nossos dados, algumas evidências se mostraram marcantes, não que sejam só essas, mas foram as que, no desenvolver da pesquisa, nos saltaram aos olhos.

Diante das narrativas produzidas e dos documentos encontrados, de modo mais sistematizado, efetuamos a análise de todo este material. Então, o momento da análise é quando podemos compreender aspectos de experiências que as narrativas nos trazem, que até então podem ter passado despercebidos por nós.

---

<sup>5</sup>Entre alguns pesquisadores do grupo que utilizaram esse estilo analítico, mais recentemente, temos: Toillier (2013), Rosa (2014) e outros.

<sup>6</sup>Both (2014) e Silva (2015), recentemente, em seus trabalhos, apresentaram essa análise. No entanto, outros também fizeram o uso desse modo de análise.

As análises são, ainda, segundo penso, um momento da pesquisa no qual o pesquisador presentifica-se como autor. Muitas vezes, os depoentes, ao narrarem suas experiências – que são suas e, portanto, intransferíveis como experiências – dão ao pesquisador elementos para que este compreenda aspectos de sua realidade até então não pensados, não estudados, não esquadrihados, não inventariados. (GARNICA 2006, p. 98).

Esses dados produzidos nos sugeriram, como indicado, desenvolver uma análise que nosso grupo já vem usando em outras pesquisas.

## **2.2 Entre uma Viagem e Outra: diário de bordo.**

Com a intenção de elaborar uma versão histórica sobre a formação de professores de Matemática por meio do Projeto Inajá no Mato Grosso (Médio Araguaia), na década de 1980 e 1990, iniciamos uma viagem pelo nordeste mato-grossense.

Antes de começar a viagem em busca da primeira entrevista, revisamos o conjunto de procedimentos que adotaríamos em nossa pesquisa, iniciando, assim, pelo roteiro.

Quando definimos qual seria nosso objetivo, antes de iniciarmos a viagem para a realização das entrevistas, elaboramos um roteiro amplo e flexível que comportasse alterações e adequações. Assim, nosso roteiro não foi fechado, de modo que se o entrevistado, ou nós mesmas, achássemos necessário, poderíamos acrescentar perguntas durante a entrevista. Como apontado por Freitas (2002):

A aplicação dos roteiros nas entrevistas não é feita de forma rígida, uma vez que muitas questões vão surgindo naturalmente no discurso do depoente no transcurso da entrevista e, essas, às vezes, nos suscitam outras. Cada entrevista tem a sua própria dinâmica, e cada entrevistado mostra-nos diferentes interesses na abordagem de determinadas questões. (FREITAS, 2002, p. 32).

Nossos entrevistados são diversificados e, assim, Alberti (2004) nos indica a necessidade de fazer um primeiro roteiro que servirá como base para que possamos construir e adequar e, se necessário, até criarmos roteiros individuais, pois cada depoente tem sua visão sobre o assunto abordado e precisamos fazer com que ele se sinta à vontade para acrescentar ou retirar qualquer questão de seu roteiro durante a entrevista.

Tivemos oito entrevistas e nelas nove depoentes<sup>7</sup>, utilizamos roteiros com alterações que achamos necessárias para alguns depoentes. Nas três primeiras entrevistas utilizamos apenas o roteiro para nos guiar, fazendo intervenções quando era necessário. Após transcrever e textualizar essas primeiras entrevistas, sentimos a necessidade de mudar algumas técnicas, e então decidimos optar pelas Fichas Temáticas<sup>8</sup> usadas também por alguns pesquisadores de nosso grupo. Os roteiros, bem como as palavras elencadas para as fichas temáticas, estão no apêndice deste trabalho.

Inicialmente, nossa busca por trabalhos já realizados sobre o Projeto Inajá se deu pela internet, ainda antes de ingressar como aluna regular no Programa de Pós-Graduação. A primeira dissertação localizada foi a de Strentzke (2011), que fez uma análise sobre a proposta pedagógica de alguns projetos de formação de professores leigos de Mato Grosso, e entre eles o Projeto Inajá estava presente. Partindo dessa leitura fui em busca de um livro escrito pela professora Dulce M. Pompêo de Camargo<sup>9</sup>, “Mundos Entrecruzados”, que aborda como foi o curso aos olhos de quem atuou como professora.

Como deixamos claro na introdução desta pesquisa, por ser da região onde ocorreu o curso, com essas leituras conseguimos identificar nomes de participantes do curso que poderiam nos auxiliar na constituição dessa versão histórica que aqui propomos.

Nossa viagem para a primeira entrevista, com 20 horas de duração, aconteceu em abril de 2014, na cidade de Barra do Garças – MT, com a Maria Bomfim. Em nosso grupo as pesquisas, usualmente, se apoiam no critério de rede<sup>10</sup>, assim foi também em nosso trabalho.

Logo após a primeira entrevista seguimos, por indicação de Maria Bomfim, para nossa segunda depoente, Professora Dagmar, entrevista esta realizada em 10 de abril de 2014. Para realizar essa entrevista, foram mais 20 horas de ônibus, só que agora enfrentando alguns trechos em estradas sem pavimentação e cheias de buraco, até chegar a Santa Terezinha – MT.

---

<sup>7</sup>Maria Bomfim, Dagmar, Dulce, Cléide, Jarbas, João Severino, Luís Paiva, Eunice e Luíz.

<sup>8</sup>Em nosso grupo outros pesquisadores também as adotaram: Macena (2013), Morais (2012), Rolkowski (2006) e Vianna (2000).

<sup>9</sup>Contribuiu com nossa pesquisa, além das informações contidas no livro, foi nossa depoente.

<sup>10</sup>Essa escolha é um modo do que usualmente chamamos de *critério de rede*, quando alguns colaboradores nos indicam outros.

Nesse período, ainda era necessário cursar as disciplinas do Programa, o que implicava voltar a Rio Claro, assim consegui contato com a Professora Dulce Maria Pompêo de Camargo, entrevistando-a no dia doze de maio de 2014. Retornando somente no mês de julho para mais algumas entrevistas na região do Médio Araguaia, bem como para visitar a Secretaria da Prelazia, em São Felix do Araguaia, por indicação da Professora Dagmar. Ela afirmou que lá existiam vários documentos que poderiam nos auxiliar na pesquisa e, quem sabe, conseguiríamos uma entrevista com o Bispo Pedro Casaldáliga<sup>11</sup>.

Após a finalização das disciplinas do primeiro semestre de 2014, fomos a três municípios mato-grossenses, contando com muitas horas de viagens e vários quilômetros novamente em estradas sem pavimentação. Vila Rica, São Felix do Araguaia e Santa Terezinha para mais duas entrevistas e conseguimos também alguns documentos.

Em Vila Rica, foi realizada a entrevista com a Professora Cleude Schmitz, no dia 05 de julho de 2014; tentamos uma entrevista com o Bispo Pedro Casaldáliga, por sua influência na educação da região, em São Felix do Araguaia. Conseguimos apenas uma conversa com ele, pois estava adoentado e não permitiu a gravação da entrevista e indicou que na Secretaria da Prelazia encontravam-se vários documentos que poderiam auxiliar a pesquisa. Uma secretária muito organizada e muitos documentos foi o que encontramos, inclusive um jornal produzido pela Prelazia, desde a década de 1970 até os dias atuais, o “Alvorada<sup>12</sup>”.

De São Felix do Araguaia, de carona, a viagem se deu até Luciara, onde seria possível buscar mais informações. O polo da Unemat que funciona durante o período de férias com alguns cursos de Licenciatura, foi o alojamento possível para alguns dias de pesquisa. Lá, conhecemos o Professor Jarbas Costa Sales, que nossa depoente Cleude havia mencionado em sua entrevista. Resolvemos entrevistá-lo e, no dia 10 de julho, foi realizada uma entrevista com ele. Depois de alguns dias, retornamos a Rio Claro, com mais algumas entrevistas em vista.

A entrevista com João Severino aconteceu no dia 26 de agosto de 2014 em Rio Claro e a do Luis Carlos Paiva, no dia 15 de abril de 2015 na cidade de São Paulo, onde

---

<sup>11</sup>Bispo da região do Médio Araguaia, traremos mais informação sobre ele no decorrer do texto.

<sup>12</sup>Nesse Jornal circulam vários assuntos da região, tais como: educação, conflitos de terras, políticas, igreja e outros.

ele mora. Nesse momento, as estradas eram mais generosas, tornando a viagem mais tranquila.

Após o exame de qualificação ocorrido em 25 de agosto de 2015, mais uma entrevista foi realizada, no dia 01 de setembro de 2015, na cidade de Goiânia, com a Professora Eunice de Paula e seu marido Luiz Gouveia. Assim, finalizamos as entrevistas e fomos até Santa Terezinha em busca de alguns documentos para concluirmos nosso trabalho.

Nesse momento, em Santa Terezinha, encontramos vários materiais sobre as atividades realizadas no Projeto Inajá, pertencentes à depoente Dagmar; ela ainda nos cedeu mais algumas fotografias<sup>13</sup>.

### **2.2.1 Os professores e suas histórias<sup>14</sup> ...**

Maria Bomfim foi minha primeira entrevistada. Antes mesmo de entrar no mestrado já havia tido um contato com ela sobre minha intenção de pesquisa e ela se pôs à disposição para ser uma futura depoente. Durante a entrevista, que aconteceu na cidade de Barra do Garças, Maria discorreu sobre o curso Inajá I, com muita empolgação, e também contou que tinha feito a Licenciatura Parcelada em Biologia. No decorrer da entrevista sugeriu-me que falasse com outras pessoas envolvidas no projeto e assim surgiram mais três nomes que poderiam ser meus depoentes: Dagmar Aparecida Teodoro Gatti, Dulce Maria Pompêo e Luis Paiva.

Dagmar foi a segunda a ser entrevistada, na cidade de Santa Terezinha-MT. Ela não foi aluna nem professora nos cursos abordados, mas monitora nos Projetos Inajá I e II, concomitante a isso era Secretária Municipal de Educação. Durante a entrevista me disse que ela e Luis Paiva foram os idealizadores do Projeto Inajá. Os procedimentos foram os mesmos que usei com minha primeira depoente: encaminhei um roteiro de questões com uns dias de antecedência e levei-o impresso na hora da entrevistar.

---

<sup>13</sup>Ela ainda tem em posse mais de 40 fitas de vídeo em VHS, e me solicitou se poderia transformá-las em DVD. O conteúdo dessas fitas é composto por algumas aulas e reuniões que aconteceram durante o Curso.

<sup>14</sup>Embora na maioria das vezes eu use a primeira pessoa do plural, significando que a pesquisa é desenvolvida numa parceria com minha orientadora e meu grupo, no caso das entrevistas, usarei a primeira pessoa do singular, pois no momento em que gravei as entrevistas trabalhei sozinha com o entrevistado.

Tentando contato com alguns consegui falar com a professora Dulce Maria Pompêo, que atuou com a disciplina de Linguística no Inajá I, II e nas Licenciaturas Parceladas em todos os cursos ofertados na primeira turma.

A professora Dulce recebeu-me muito atenciosamente. Falei de minha pesquisa e o que estava me propondo a desenvolver. Aceitou prontamente participar do projeto e marcamos uma entrevista. Ela mora em Campinas-SP. Chegando para a entrevista ela não quis que eu usasse meu roteiro. Disse que aceitaria fazer a entrevista, mas queria que não fosse formal, pretendia que fosse uma conversa sobre o percurso dela nos cursos. Tivemos uma conversa rica a esse respeito, bem como sobre o contexto histórico da região.

Minha quarta entrevistada mora em Vila Rica-MT e não foi indicação da primeira depoente. A escolha dessa depoente aconteceu ainda no segundo semestre de 2013, quando estive na cidade atuando como professora substituta. Conversando com várias pessoas que conheciam os cursos, elas me apontaram Cleude Schmitz. Ela talvez fosse uma pessoa que contribuiria para o trabalho, pois eu buscava alguém que tivesse passado pelos dois momentos: Inajá e licenciaturas Parceladas de Matemática<sup>15</sup>. Cleude cursou o Inajá II e a Licenciatura Parcelada em Matemática em Vila Rica; assim como aconteceu com Maria Bomfim e Dagmar, conversei com ela também antes mesmo de entrar no programa de mestrado. Ela, bem receptiva, aceitou na hora meu convite. Quando voltei para continuar a busca por documentos em julho de 2014, entrevistei também Cleude.

Ao fazer essas entrevista com as professora citadas cheguei à conclusão de que era preciso mudar a estratégia de minhas entrevistas. Já havia percebido que fazer as entrevistas usando perguntas estava limitando meus depoentes a falarem sobre o assunto, mesmo não sendo um roteiro completo, de questões fechadas, e tendo previamente explicado para os entrevistados que, se surgissem algumas lembranças, poderiam falar sobre elas livremente.

A partir da próxima entrevista fiz o uso de fichas, nas quais coloquei apenas palavras-chave. Foram confeccionadas 18 fichas baseadas em meu roteiro, mas deixei algumas em branco, para o caso de surgirem novas palavras a serem acrescentadas.

Em minha próxima entrevista já as usei. O entrevistado foi o professor Jarbas Costa Sales. Seu nome surgiu no polo das Parceladas de Luciara-MT, em julho de 2014,

---

<sup>15</sup>Em princípio, iríamos abordar as Licenciaturas Parceladas, mas durante o percurso, os objetivos foram sendo reformulados.

onde fui em busca de documentos sobre o primeiro curso de Licenciatura em Matemática na cidade de Vila Rica. Em conversa com a secretária do polo, Andreia, ela me disse que havia um professor que tinha feito Matemática pelas Parceladas e que estava ministrando aulas no curso de Licenciatura em Química naquela etapa. Assim, fui conhecê-lo. Ele me contou que havia sido aluno do curso de Matemática por ser muito persistente e não por oportunidade, pois foi bem complicado entrar e permanecer no curso. Ao finalizar a entrevista com Jarbas, tendo usado as fichas, não senti aquela limitação nas respostas e, assim, decidi que faria as próximas entrevistas usando essa estratégia. Mesmo decidindo que nesse trabalho não irei abordar as Parceladas, resolvi deixar a entrevista no corpo da dissertação pois ela é bastante peculiar e mostra muitas das dificuldades encontradas para se estudar na região abordada.

João Severino Filho foi meu sexto entrevistado. Seu nome surgiu em todas as entrevistas anteriores: foi aluno do Inajá I e das Licenciaturas Parceladas em Matemática da primeira turma em Luciara, é professor doutor da Unemat. Fiz essa entrevista na cidade de Rio Claro-SP pois na época, setembro de 2014, ele cursava doutorado em Educação Matemática na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) nesta cidade.

Luis Paiva foi meu sétimo depoente. Seu nome foi citado por outros entrevistados, inclusive como idealizador e coordenador do Projeto Inajá, mas também como coordenador do campus da Unemat de Luciara durante a primeira turma de Licenciaturas Parceladas. Fui ao seu encontro em São Paulo e realizei a entrevista em abril de 2015.

Cabe ressaltar que o professor nos cedeu a maioria das fotografias que usamos em nosso trabalho, e ainda criou uma página na rede social sobre o Projeto Inajá onde podemos encontrar um grande acervo de fotografias do curso.

A Professora Eunice e o professor Luiz Gouveia, como dito anteriormente, foram nossos últimos entrevistados. Entrei em contato com eles pela internet e puseram-se à disposição para conceder a entrevista. Já havia tido um primeiro contato com a Professora Eunice, mas o encontro não havia dado certo, pois faz trabalhos em aldeias indígenas não só no estado de Mato Grosso.

Fui recebida por eles em sua casa em Goiânia, e decidiram que os dois falariam intercalando, pois trabalharam e trabalham juntos desde a década de 1970, quando foram para a região do Araguaia.

Assim, após essa última viagem no fim do mês de agosto e início de setembro de 2015, encerrei minha busca por depoentes e documentos para a pesquisa.

As narrativas produzidas a partir das entrevistas compõem o próximo capítulo.

No quarto e quinto capítulo fazemos um arremate com nosso olhar para os materiais coletados e as narrativas produzidas não com a intenção de fechar ou concluir a pesquisa, mas entrelaçar as informações sobre a formação de professores no Médio Araguaia por meio do Projeto Inajá. Com isso compõe-se uma versão histórica de como aconteceu a formação de professores nesse curso específico que abordamos.

No quarto capítulo **“De onde vêm essas vozes”**. Nele abordaremos sobre a região do Médio Araguaia que foi por nós escolhida para a realização da pesquisa, traremos informações sobre alguns municípios. Abordamos alguns movimentos e cursos que existiram para a formação de professores antes do Projeto Inajá.

Nele como pode se observar nas narrativas e em algumas fontes escritas, muitos eram os indícios de que a Igreja Católica, por meio da Prelazia, agiu em defesa dos posseiros, pobres e oprimidos da região. Conflitos e brigas por terras entre os fazendeiros também marcaram a vida dos professores daquela região, o que pode ser percebido na fala dos nossos depoentes.

No quinto capítulo **“Projeto Inajá: do broto ao fruto”**. Discutiremos sobre algumas impressões que nossos depoentes tiveram a respeito do curso e suas contribuições para a formação de professores leigos na região, em especial nos municípios que abordamos durante a pesquisa. E ainda a prática de ensino adotada no curso.



### 3 NARRATIVAS

#### Professora Maria Bomfim Souza Torres



É graduada em Ciências Biológicas pelas Licenciaturas Parceladas do polo de Luciara-MT e possui especialização em Turismo e desenvolvimento Regional pela Unemat. Foi professora da educação infantil na cidade de Santa Terezinha/MT quando ainda não possuía o Ensino Médio<sup>1</sup>, pois era o que o município ofertava na época. Por estar em sala de aula, teve a oportunidade de fazer o curso para habilitação do Magistério<sup>2</sup> pelo Projeto Inajá.

A escolha de ser uma de nossas depoentes se deu porque já a conhecia e mesmo morando atualmente na cidade de Barra do Garças/MT, eu sabia que ela era da cidade de Santa Terezinha, um dos polos do Inajá. Também tinha conhecimento de que havia sido aluna das Parceladas. Ela foi a primeira depoente.

Sua entrevista aconteceu em sua casa na cidade de Barra do Garças, marquei com ela no dia 05 de abril de 2014, e teve duração de 33' e 20". Ela ficou um tanto nervosa em ser entrevistada, mas eu também estava, pois era minha primeira entrevista. Quando terminou a entrevista ela me agradeceu por tê-la entrevistado, pois tinham coisas a respeito da vida dela na época que achava que nem se lembrava mais. Se propôs a me ajudar a encontrar telefones de pessoas que poderiam ajudar em minha pesquisa.

---

<sup>1</sup>Lei nº 5.692- de 11 de Agosto de 1971, Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus.

<sup>2</sup>Curso que forma professores para atuarem na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

(...)

Sou Maria Bomfim Sousa Torres, nasci aos 9 de janeiro de 1966, na cidade de Pium<sup>3</sup>. Moro em Barra do Garças<sup>4</sup> desde de 2010.

Fiz o Inajá I<sup>5</sup> em 1986, sou graduada em Ciências Biológicas pela Licenciatura Parceladas<sup>6</sup> em 2007, Pós-Graduação em Turismo e desenvolvimento Regional em Luciara, em 2004.

Quando fiz o Inajá, morava no município de Santa Terezinha<sup>7</sup>, morei ali por 25 anos e então me mudei para Porto Alegre do Norte<sup>8</sup> que ficava próximo daquela região.

Meu primeiro contato com a docência foi em março de 1985, com a educação infantil, na qual fiquei por 5 anos, em Santa Terezinha. Fiz um concurso estadual para Ensino Fundamental<sup>9</sup> em 1990. Passei e assim saí da escola municipal e fui para a escola estadual.

O que me levou para a sala de aula, em 1985, foram as dificuldades da época, pois quem tinha Ensino Fundamental assumia as salas de aulas, com o tempo, chegou em nossa região o Segundo Grau Propedêutico.<sup>10</sup> Mesmo assim o ensino continuou precário. Quando surgiu a oportunidade de fazer o Ensino Médio profissionalizante, o magistério, abraçamos com toda garra e foi muito bom.

O ensino era precário. Os professores que trabalhavam com o Ensino Fundamental, tinham apenas o Ensino Fundamental até a oitava série<sup>11</sup>. O funcionamento das aulas era assim: professores que estavam em uma série atuavam na série anterior, meu professor de matemática da sétima série tinha a oitava, e isso acontecia com todas as séries. Não existia Ensino Médio e nós suávamos para entender um pouquinho.

---

<sup>3</sup>Cidade localizada aproximadamente a 98 km de distância da capital Palmas, no Estado de Tocantins.

<sup>4</sup>Cidade localizada aproximadamente a 412 km de distância da capital do estado.

<sup>5</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986 com duração de 3 anos e Projeto Inajá II com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

<sup>6</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuado, ofertado pela Unemat, <http://www.unemat.br/proeg/parceladas>, acessado no dia 23/04/2015.

<sup>7</sup>Um dos polos que a equipe do Projeto Inajá se reunia para realização das etapas do curso. Situada a mais de 1.200 km da Capital Cuiabá.

<sup>8</sup>Estando distante de Cuiabá mais de 1.227 km.

<sup>9</sup>Nomenclatura usada atualmente. Mas até o ano de 1988, usava-se Primeiro Grau para o Ensino Fundamental.

<sup>10</sup>Lei nº 5.692- de 11 de Agosto de 1971, Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus.

<sup>11</sup>A Lei nº 11.274/2006, altera a LDB, para a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Assim a oitava série hoje é nono ano.

Isso não era uma realidade só de Santa Terezinha. Naquela época ali no Baixo Araguaia,<sup>12</sup> eram poucos os professores que tinham Ensino Médio ou Ensino Superior. Os professores que tinham o Ensino Superior ou médio eram os ligados à Prelazia<sup>13</sup>, os demais possuíam apenas o Ensino Fundamental. O pessoal que trabalhava na Igreja mudava muito de município, com isso eles iniciavam as aulas, mas não chegavam a terminar o ano letivo. Tive colegas que tiveram professores da Prelazia, mas eu não tive esse privilégio de ter professores com Ensino Médio e Superior no Ensino Fundamental.

A Igreja Católica sempre esteve presente na educação em nossa região, inclusive para o Projeto Inajá. Foi graças à presença marcante de pessoas que trabalhavam em conjunto com a Igreja, que conseguiram pensar nesse projeto, elaborá-lo e estruturá-lo. Destas pessoas vou destacar algumas: Dagmar Aparecida Teodoro Gatti<sup>14</sup>, Rosália Morais de Aguirre<sup>15</sup> Judite G. Albuquerque<sup>16</sup>, Luis Carlos Pereira Paiva<sup>17</sup>, Eunice de Paula e Luiz Gouveia<sup>18</sup>, Roberto Alves de Almeida<sup>19</sup>, Ozanete de Medeiros<sup>20</sup>.

Todas essas pessoas e outras também pensaram na estrutura desse projeto e eram ligadas à Igreja e à Prelazia. Essa movimentação chegou até a Unicamp<sup>21</sup> e ao MEC para assim conseguir aprovação, instalação e realização do projeto na região. A Igreja foi uma parceira fundamental como falei antes.

No Inajá lembro que os professores trabalhavam com o concreto, usavam a realidade de cada aluno cursista do projeto. As pessoas que trabalhavam nas escolas da cidade tinham uma realidade, os cursistas que atuavam na área rural eram diferentes. Então, nós também trabalhávamos com os nossos alunos a partir da realidade deles buscando levar o que aprendíamos nas aulas do curso.

---

<sup>12</sup>Os moradores também chamam essa região de Médio Araguaia. Para melhor entender sobre a nomenclatura do Médio Araguaia, Gentil (2002) nos diz que depende do ponto de referência que tomamos: se pensarmos no estado de Mato Grosso, a região pode ser considerada como Baixo Araguaia, mas se pensarmos no rio Araguaia em relação ao Brasil, a região a que nos referimos ficaria situada no Médio Araguaia.

<sup>13</sup>É chamada de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início. Onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Félix do Araguaia foi criada nos anos de 1970 e mesmo com 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>14</sup>Coordenadora e idealizadora do Projeto Inajá I e Inajá II.

<sup>15</sup>Monitora Rosália Morais de Aguirre

<sup>16</sup>Judite Gonçalves Albuquerque, agente pastoral na época foi docente de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira.

<sup>17</sup>Coordenador e idealizador do Projeto Inajá.

<sup>18</sup>Monitores do Projeto Inajá e foram professores do GEA- Ginásio Estadual do Araguaia.

<sup>19</sup>Monitor (Calouro). Ajudou na coordenação

<sup>20</sup>Monitora e coordenadora do Inajá.

<sup>21</sup>Universidade Estadual de Campinas.

Os professores buscavam entender as necessidades e aprimorar o conhecimento de cada cursista. E dentre os professores, lembro-me das professoras de português, mas no momento não lembro o nome delas, eram duas. Elas trabalhavam com o material didático que era confeccionado em sala de aula, nós trabalhamos com poemas e poesias, elas ensinaram técnicas para ilustrar os poemas e as poesias.

Com isso quando levávamos para os nossos alunos ficava mais chamativo, mais atraente. Sentíamos prazer e orgulho do que fazíamos. Aprendemos a produzir e ilustrar o trabalho feito com caixinhas de leite que os professores traziam de Campinas, nós usávamos como molde de desenhos de animais ou árvores, para depois criar as histórias. Todo esse trabalho que fazíamos no curso, levávamos e ensinávamos para nossos alunos.

Tivemos o professor Arguello<sup>22</sup> que também trabalhava com o concreto dentro de nossa realidade. Alguns materiais ele trazia de São Paulo, mas eram coisas que poderíamos encontrar em nossas cidades, ele foi o professor de Ciências, Física e muito mais, pois em uma aula ele ensinava vários temas. Algumas aulas marcaram como a que aprendemos sobre o sistema solar. Fizemos o Ouriço Solar e Pinicos Solares<sup>23</sup>. Ficamos observando os movimentos da terra, ele nos ensinou a olhar o mundo, olhar a terra, olhar o sol de uma forma que nunca havíamos olhado. Ele passava o problema na aula e pedíamos para que ele explicasse, mas ele falava “vire-se”. Ele só nos ajudava, quando percebia que não estávamos conseguindo mesmo. Isso foi bom pra nosso crescimento.

A Matemática foi marcante para mim porque posso afirmar que aprendi muito com a professora Marineusa Gazzetta<sup>24</sup>. Ela usava o que tínhamos nas mãos, aprendemos a usar o ábaco. Cubar a terra foi uma riqueza! Ela explicava a origem de cada conteúdo como a soma, divisão, multiplicação, com isso facilitou o aprendizado na matemática. Voltava para a sala aula com o retorno do que ela ensinava no Inajá.

Éramos professores sem conhecimento. Ajudou-nos muito com nossos alunos, passei a ter segurança em minha sala de aula. Tinha medo de ensinar Matemática, mas depois das aulas da Marineusa não tive mais. Consegui entender coisas que não tinha aprendido em minha vida escolar até o Inajá como: “O porquê vai 1? O porquê tomar

---

<sup>22</sup>Carlos Alfredo Arguello, professor de Física da Unicamp atuou no Inajá nas duas etapas e no curso de Licenciaturas de Luciara- MT.

<sup>23</sup>Uma bola de isopor partida ao meio com a parte plana para baixo e outra para cima, usa palitos de churrasco para marcar a rotação do sol.

<sup>24</sup>Marineusa Gazzetta foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural, Projeto Inajá I e II e Licenciaturas Plenas e Parceladas na Unemat.

emprestado?” E com o ábaco ela conseguiu me fazer enxergar os porquês. Eu não tinha esse conhecimento, não tive essa explicação dos meus professores e ali não só eu, mas muitos entenderam a Matemática. Partindo daquilo, começamos a ensinar o que tínhamos aprendido para os nossos alunos e vimos resultados positivos.

As professoras Dulce Maria Pompêo de Camargo<sup>25</sup> e Ernesta Zamboni<sup>26</sup> eram de Geografia. Usavam apostilas que traziam da faculdade. Como não tínhamos o costume de ler, existia uma resistência, precisávamos ler tudo aquilo e apresentar o trabalho no outro dia. Isso era pesado. O que marcou em suas aulas, foi o trabalho que fizemos com mapas. Produzíamos os mapas dos municípios, das regiões e do Brasil. Cada grupo fazia o do seu município. Antes de ter essas aulas, eu tinha insegurança de ensinar Geografia, depois disso não tive dificuldade alguma. Levava tudo que aprendia no Inajá para minhas aulas, sem medo e com toda segurança, porque agora sabia o que estava falando.

O interessante era que os professores valorizavam nossas opiniões. Tinha um mural na sala onde colocávamos os pontos positivos e negativos do dia a dia. As professoras de português corrigiam a gramática, ajudando nossa escola.

Quando volto à Santa Terezinha, vejo alunos que foram meus e hoje têm doutorado. É maravilhoso! E eles falam: Professora eu sou muito grata pelo que você me ensinou, aprendi com você. É muito gratificante, tenho ex-alunos fazendo Pós-graduações em Palmas -TO<sup>27</sup>.

Assim como meus ex-alunos sou grata aos meus professores que me fizeram crescer e deram continuidade em minha vida acadêmica.

Sempre que podíamos, adaptávamos e usávamos o que tínhamos aprendido na aula, tentando até reproduzi-las. Ensinamos nossos alunos a observar a terra, o sol, as plantas, em alguns temas dava para ser imediato. A Matemática, às vezes, nós tínhamos que adaptar à turma e à série.

Fomos uma turma grande no Inajá, entre os colegas tínhamos três que eram indígenas da aldeia Tapirapé. Foi uma troca de aprendizagem conviver com eles. Eles tinham outra forma de olhar a natureza. Foi uma troca de conhecimento esse curso, até os professores devem ter aprendido com a nossa realidade que era bem diferente da deles.

---

<sup>25</sup>Doutora pela Unicamp e atuou na formação de professores no Projeto Inajá

<sup>26</sup>Professora aposentada da Unicamp, participou do Projeto Inajá juntamente com a Professora Dulce Maria Pompêo.

<sup>27</sup>Capital do estado de Tocantins.

Nós do Inajá, tínhamos consideração uns pelos outros, éramos como uma família; pois tínhamos as mesmas dificuldades e buscávamos os mesmos objetivos. Ninguém queria ser melhor que o outro e um ajudava o outro. Quando conseguia entender um problema ia ajudar aquele colega que tinha mais dificuldade.

Nossas famílias sempre nos apoiaram no curso. A minha, por exemplo, apoiou muito, irmãos, esposo, colegas. Fui bem amparada para conseguir fazer o curso.

Em sala sempre contávamos uns com os outros, trabalhávamos em grupo, uns trocando experiências com os outros. Em trabalhos de Etnociências<sup>28</sup>, que era observar e descrever o ambiente, os indígenas sempre iam para outros grupos ajudar, porque eles tinham esse conhecimento e para eles era fácil estudar essa disciplina.

Mas todos se ajudavam. Eu, por exemplo, aprendi bem a trabalhar com o ábaco nas aulas de Matemática e sempre que tinha alguns grupos que estavam sentindo dificuldades, ia ajudar. Trocávamos ajuda, trabalhávamos em equipe, só assim todos sanavam suas dúvidas e ninguém deixava de aprender e nem ficava para trás.

Os monitores também estavam o tempo todo nos grupos ajudando e tirando dúvidas. Mas tentávamos, caso não conseguíssemos, daí sim chamávamos e eles estavam sempre prontos para ajudar-nos.

Tivemos problemas também com nossa alimentação à época do Inajá. A prefeitura sempre fazia a doação dos alimentos e, quando estávamos no segundo ano, houve mudança de prefeito nos municípios e alguns que assumiram não quiseram mais ajudar. A briga política na região nordeste do Mato Grosso é intensa e acaba interferindo em tudo nas cidades. Com isso, vários prefeitos eleitos se recusaram a ajudar os cursistas porque eles não tinham participado da elaboração do projeto, ficando enciumados. Reduziam a verba pela metade ou até cortavam-na totalmente.

Como nossa aula começava cedinho, às 7h, e, às vezes, se estendia até às 21h, ou 22h fazíamos nossas refeições lá. Sem ter os alimentos, muitos familiares ajudavam, outras vezes, saíamos pedindo frango, abóbora, arroz, ovo e farinha. Nós ganhávamos muitas coisas. Os índios Tapirapé pescavam e traziam peixes para todos. Lembro-me do Cezar Gatti<sup>29</sup>, marido da monitora Dagmar, ele tinha muito feijão, então doava vários sacos de feijão.

---

<sup>28</sup>É o estudo dos sistemas e métodos de conhecimento dos diversos povos e culturas

<sup>29</sup>Marido da coordenadora Dagmar, contribuía com a refeição dos alunos do Inajá quando estavam passando por momentos difíceis sem alimentação.

Nossa principal refeição era com os alimentos doados, comíamos aquele feijão com arroz e peixe. Mesmo sem a ajuda dos prefeitos tínhamos muitas contribuições. O Cezar era padeiro, fazia pães integrais, com gergelim, abóbora, fazia torta. Comíamos que até ficávamos “vesgos”. O lanche e o café da manhã as escolas doavam porque as merendas iam vencer e eles levavam para a nossa turma. Mesmo com esse corte de verbas, fizemos parcerias e conseguimos concluir o Inajá.

Além de tudo que passamos ainda havia muitos conflitos. À época, em vários municípios, no Baixo Araguaia todo, como: Santa Terezinha, São Félix do Araguaia<sup>30</sup>, Porto Alegre do Norte, Confresa e outros. Essa briga em sua maioria, era pra conseguir a emancipação desses municípios. Essas brigas geravam muitas mortes, inclusive o Padre Jentel<sup>31</sup> que foi morto durante um conflito de terras, ele foi um dos primeiros professores daquela região, levava a educação para as aldeias, posses<sup>32</sup>, as primeiras escolas foram na Igreja.

Esses conflitos eram intensos. Nossos colegas que vinham de Canabrava do Norte<sup>33</sup>, Porto Alegre do Norte para Santa Terezinha, sempre vinham de “Pau de arara”<sup>34</sup>. Eles tinham que viajar, mas procuravam uma forma de passar dentro da mata durante o dia, porque eles tinham medo das emboscadas que poderia ter. Confresa, naquela época, ainda não era emancipada e os conflitos lá também foram violentos, matavam muitos posseiros e cortavam as orelhas dos mortos para prestar conta a quem tinha mandado matar. O conflito de terra ali era doído mesmo.

Na penúltima etapa do Inajá, juntamos os núcleos de Santa Terezinha e Canabrava, que era município de Porto Alegre do Norte, núcleo de Ribeirão Cascalheira<sup>35</sup> e São Félix do Araguaia. Reunimos todos para irmos até a Unicamp em Campinas-SP, foi uma experiência inexplicável. Ficamos quarenta dias estudando lá, conhecemos os laboratórios de anatomia, de Física, de Matemática, foi um crescimento inexplicável em nosso conhecimento. Usei tudo que aprendi em Campinas até quando estava cursando Ciências Biológicas.

---

<sup>30</sup>Polo que servia de apoio para a realização do Projeto Inajá também a mais de 1.000 km da Capital, Cuiabá.

<sup>31</sup>Padre François Jentel, vindo da França para o Brasil em 1954, onde resolveu viver entre os Tapirapé na cidade de Santa Terezinha-MT, evangelizando e alfabetizando os índios durante vários anos até ser expulso na época da ditadura.

<sup>32</sup>Terras que não tinha dono nem documento. As pessoas chegavam e se apropriavam dela como novo dono.

<sup>33</sup>Localizada a mais de 1.000 km da capital do estado Cuiabá.

<sup>34</sup>Caminhão com carroceria de madeira com bancos improvisados onde carregava pessoas de uns municípios aos outros.

<sup>35</sup>Cidade Localizada a mais de 700 km de distância da Capital do estado Cuiabá.

Na última etapa do Inajá, tivemos uma reunião grande, com várias pessoas importantes. A Judite Albuquerque, o reitor da Unemat<sup>36</sup>, o Padre Félix<sup>37</sup>, não lembro se o Bispo Pedro Casaldáliga<sup>38</sup> estava presente. Foi nessa reunião que começamos a discutir a possibilidade de termos um curso superior pela Unemat.

Solicitamos junto ao Reitor e ao Secretário de Educação, porque não queríamos parar no ensino médio, precisávamos de um curso superior. O Reitor à época garantiu que ia estudar todas as possibilidades e o que dependesse dele nós não íamos parar só no Inajá. E não paramos. Hoje, temos as Licenciaturas Parceladas, que foi fruto do Inajá. Não pude fazer curso na primeira turma, acho que teve Matemática, Pedagogia e Letras. Na segunda vez que teve vestibular, prestei e consegui passar em Ciências Biológicas. Fiz o curso, amo e me identifico muito com ele. Depois que eu terminei a graduação, fiz a Pós-Graduação nas parceladas também no Polo de Luciara-MT.

Senti minha graduação como uma continuidade do Inajá, porque tínhamos alguns professores que eram os mesmos, os que não tivemos no Inajá tentavam usar a mesma metodologia. Na Matemática, nossos professores eram alunos da Marineusa Gazzetta com isso, foram ótimos. Tivemos a Dulce trabalhando Geografia e outros que não lembro os nomes. O Projeto ‘Parceladas’ é um projeto diferente, acredito que os professores antes de virem para o curso tinha um encontro, talvez uma pré-formação de como trabalhar com esse público diferente que veio do Inajá. Ensinavam também usando nossa realidade, continuou com a mesma proposta.

O Inajá mudou minha vida. Graças ao Inajá eu consegui fazer um curso superior e uma pós-graduação. Hoje tenho meu emprego, posso ajudar meus filhos, não só na parte é financeira, mas também ajudá-los no dia a dia. Tenho uma filha de 7 anos e trabalho a Matemática com ela como foi trabalhado comigo no Inajá, mas também trabalhei com meu filho que tem 24 anos, sempre partindo do concreto para ensiná-los.

Tenho uma crítica, acho que o MEC sempre manda material mastigado para as escolas e nem sempre os professores sabem trabalhar com eles. Não são preparados; por exemplo, o material dourado para trabalhar matemática, as caixas com materiais silábicos.

---

<sup>36</sup>Universidade do Estado de Mato Grosso.

<sup>37</sup>Padre que na época estava à frente da Igreja Católica no município de São Félix do Araguaia.

<sup>38</sup>Foi Bispo da região do Médio Araguaia por mais de 30 anos, atuou em função do pobre e oprimido por vários anos, esteve presente em várias lutas pela melhoria da educação da região. Hoje em dia não atua como Bispo, mas resolveu continuar vivendo na cidade de São Félix do Araguaia-MT.



O Inajá mudou e continua mudando até hoje a minha vida e eu acho que quando tiver meus netos vou continuar usando essa metodologia.

O Projeto Inajá trouxe muitas melhorias naquela época, conseguimos sentir o retorno durante uns 10 a 15 anos. Eu trabalhava sempre na zona urbana, mas recebíamos alunos da zona rural e eu percebia que o professor de lá continuava com a metodologia do Inajá.

Assim que terminei o Inajá continuei no município de Santa Terezinha até 2003. Depois me mudei para o município de Porto Alegre do Norte, acho que fica a uns centos e poucos quilômetros, não é muito longe, continuei como professora.

Graduei-me e concluí minha pós-graduação sempre em sala de aula e, por motivos de saúde, tive que me afastar. Estou em tratamento de atestado e acredito que ainda vou ficar uns três anos, porque o tratamento é de cinco anos, segundo a hematologista. Mas assim que eu receber alta quero voltar à sala de aula. Minha aposentadoria é por invalidez, quando terminar o tratamento eu posso sair da aposentadoria e voltar a trabalhar. Se conseguir fazer um mestrado eu vou para a Universidade, se não, eu vou para a sala de aula trabalhar com a EJA<sup>39</sup> que é o que eu gosto.

Há pouco tempo passou uma colega de santa Terezinha aqui em casa, a Maria Ferreira Bezerra<sup>40</sup> que foi do Inajá e hoje trabalha com o Cefapro<sup>41</sup> e com educação do campo. Ela me falou que tem muitos professores que não trabalham com o concreto e ela sente falta disso. Ela está ministrando minicursos para que eles voltem a trabalhar com o concreto.

Ela considera que está faltando trabalhar isso em sala de aula. Os alunos tinham que sair da lousa e partir para o concreto podendo ter a possibilidade de ter um saber mais amplo dentro da sala, mas precisa-se trabalhar isso com os professores, também. Ela conversou com a Dagmar, que é Secretária de Educação do município para reunir os professores do Inajá I e Inajá II para tentar ver qual a possibilidade de voltar a ter uma educação como a que tivemos. Eu até falei para a Maria Bezerra que se elas precisarem, eu vou trabalhar. Naquela época eu trabalhava muito com Etnociências.

---

<sup>39</sup>Educação de Jovens e Adultos

<sup>40</sup>Aluna do Inajá

<sup>41</sup>Centro de formação de profissionais da educação (Rondonópolis)

**Professora Dagmar Aparecida Teodoro Gatti**

Natural de Alfenas-MG, iniciou sua carreira docente possuindo apenas o Ensino Médio<sup>1</sup>, quando se mudou para a região do Araguaia, em 1976. Devido à carência de professores na região, era comum, na época, que pessoas com o grau de instrução dos ensinos fundamental e médio<sup>2</sup> atuassem em sala de aula.

O primeiro contato com a professora foi feito por telefone. Não nos conhecíamos, mas o nome dela chegou até nós por meio de contatos realizados no início da pesquisa. Seu nome foi citado como sendo a idealizadora do Projeto Inajá. Expliquei a ela sobre a pesquisa e os procedimentos de entrevistas, para então marcarmos uma data. Na época eu já residia na cidade de Rio Claro - SP e teria que viajar quase 2.000km até Santa Terezinha-MT onde ela reside. Encaminhei via e-mail um roteiro prévio, para que ela pudesse tomar conhecimento dos meus questionamentos e aguardar para que a depoente pudesse agendar a data para realizarmos a entrevista.

Ela respondeu meu e-mail e dizendo que estaria disponível durante o mês de abril de 2014. Os detalhes da entrevista foram combinados por telefone e, assim, viajei para Santa Terezinha. Foi uma viagem cansativa, pois boa parte da estrada não é asfaltada e era temporada de chuva, o que ocasiona vários atoleiros entre os municípios. Cheguei a Santa Terezinha no dia 09 de abril, mas por imprevistos devido ao atual cargo da depoente de secretária de educação do município, a entrevista foi realizada no dia 10 de abril às 16 horas.

(...)

---

<sup>1</sup> Na época era Considerado como Colegial.

<sup>2</sup> Primário e Ginásio até a alteração da constituição de 1988.

Sou Dagmar Aparecida Teodoro Gatti, natural de Alfenas-MG, nasci aos 6 de setembro de 1955. Estudei na escola pública de Franca no estado de São Paulo. O Ensino Médio conclui na escola Júlio Cardoso, onde cursei o Ensino Técnico Profissionalizante na área de eletrotécnica.

Vim para a região do Araguaia, na cidade de Santa Terezinha<sup>3</sup>, no ano de 1976. Logo que cheguei, me tornei professora. À época, não tinha professor algum qualificado na cidade, fui convidada a assumir uma sala e aceitei.

Depois de algum tempo na região, iniciamos uma busca por melhoria na educação e assim surgiu o Projeto Inajá I e Projeto Inajá II<sup>4</sup>, que beneficiou muitas pessoas de vários municípios.

O Inajá foi um curso que começou atendendo alguns municípios, em dois momentos: Projeto Inajá I e Projeto Inajá II. Na primeira etapa foram atendidos os municípios de Santa Terezinha, São Félix do Araguaia<sup>5</sup>, Porto Alegre do Norte<sup>6</sup>, Canarana<sup>7</sup> e Ribeirão Cascalheira<sup>8</sup> (que ainda não era município).

Este Projeto se iniciou aqui em Santa Terezinha através das secretarias municipais de Educação, sobretudo em Santa Terezinha e Ribeirão Cascalheira. À época, eu era secretária municipal de Educação de Santa Terezinha e o senhor Luís Carlos Pereira Paiva<sup>9</sup> era o secretário de Ribeirão Cascalheira e iniciamos uma articulação nos dois municípios, logo incluímos São Félix do Araguaia também.

Montamos uma equipe e tivemos ajuda de muitas pessoas, entre elas políticos dos municípios, Igreja Católica, e pessoas da comunidade. Foram tantas as pessoas que seria até complicado falar e esquecer alguém. Mas quero citar alguns nomes como: o secretário municipal de Educação de São Félix do Araguaia, o senhor José Wilson que, além de ser secretário também era agente pastoral e teve um papel fundamental no primeiro curso de formação de professores leigos na região; a Irmã Judite<sup>10</sup> que

---

<sup>3</sup>Um dos polos que a equipe do Projeto Inajá se reunia para realização das etapas do curso. Situada a mais de 1.200 km da Capital Cuiabá.

<sup>4</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986 com duração de 3 anos e Projeto Inajá dois com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

<sup>5</sup>Outro polo que servia de apoio para a realização do Projeto Inajá também a mais de 1.000 km da Capital.

<sup>6</sup>Estando distante de Cuiabá mais de 1.227 km.

<sup>7</sup>Localizada a 822 km da capital do estado, Cuiabá.

<sup>8</sup>Localiza-se a 877 km de Cuiabá.

<sup>9</sup>Coordenador e idealizador do Projeto Inajá e coordenador do Polo das Licenciaturas Parceladas em Luciara-MT.

<sup>10</sup>Judite Gonçalves Albuquerque, foi agente pastoral na época foi docente de Língua Portuguesa/Literatura Brasileira.

trabalhava na Educação e também era agente pastoral; as professoras, Heloisa Gentil e a Lucinha<sup>11</sup> que vieram da cidade de Belo Horizonte – MG.

Conseguimos fazer um diálogo com a Seduc-MT<sup>12</sup> para a criação do Inajá. Então, o Projeto Inajá se formou por uma ação das secretarias municipais de educação. Já tínhamos assessoria da Unicamp<sup>13</sup> em outro projeto que foi desenvolvido aqui e se chamava Projeto de Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural<sup>14</sup>, em que trabalhamos a questão das ciências no aspecto da Etnociências<sup>15</sup>.

Nesse projeto, além da Etnociências tínhamos a Etnomatemática<sup>16</sup>. Ele era da Prefeitura de Santa Terezinha, mas abrangia toda a região e outras secretarias, como as dos municípios de São Félix do Araguaia e de Ribeirão Cascalheira que também participaram do projeto. Nós buscamos assessoria na Unicamp para a equipe indígena, pois queríamos trabalhar a questão das Ciências e da Matemática, do ponto de vista da Etnociência.

Em conversa com o pessoal da universidade, falando de nossas ideias e projetos, eles se interessaram e com isso fizemos convênio com a mesma, trouxemos esse projeto para dentro das secretarias municipais de nossa região. Como já havíamos investido em alguns municípios, na área de linguagem, sobretudo na alfabetização, deixamos de lado a Matemática e as Ciências e percebemos que era chegado o momento de investir nessas áreas.

Foi um projeto com duração de dois anos e teve assessoria permanente da Unicamp. Os professores vinham de São Paulo para nossa região e ficavam quinze dias trabalhando a formação dessas equipes. Dividimos os encontros entre os municípios de São Félix do Araguaia, Santa Terezinha e Ribeirão Cascalheira.

Fomos discutindo com a equipe da Unicamp que seria complicado repassarmos tudo que aprendemos no curso para a sala de aula, porque as nossas equipes eram relativamente pequenas, precisávamos discutir tudo com os professores, o que não era uma tarefa fácil. Acabava sendo mais que uma discussão, fazíamos uma formação com

---

<sup>11</sup>As duas professoras vinda de Belo Horizonte -MG, eram monitoras do curso em Ribeirão Cascalheira

<sup>12</sup>Secretaria de educação do Estado de Mato Grosso.

<sup>13</sup>Universidade Estadual de Campinas.

<sup>14</sup>Esse projeto aconteceu no ano de 1985, foi desenvolvido e assessorado por equipes vinda da Unicamp, levando para educadores da região sentido de fundamentar teoricamente as práticas educativas existentes e as novas ações a partir da reflexão sobre a Etnociência.

<sup>15</sup>É o estudo dos sistemas e métodos de conhecimento dos diversos povos e culturas.

<sup>16</sup>É a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais.

eles e assim, ao longo desses dois anos, convencemos a Unicamp que nós tínhamos que fazer um projeto que atendesse aos professores que atuavam na área rural.

Assim fomos trabalhando essa ideia, até que eles entenderam essa necessidade e aceitaram o desafio.

Começamos a pensar em uma modalidade que pudesse ser acessível para a demanda da região, naquele momento. Posso dizer que ficou um curso de modalidade parcelada, para que os professores da Unicamp viessem em seu período de férias. Nossa equipe fez contato com a Seduc, tivemos o apoio da secretária de Educação que, à época, era a Serys<sup>17</sup>. Antes disso ela havia firmado um compromisso com a região, que assim que tivéssemos uma proposta ela tentaria nos ajudar materializá-la. Assim se deu a criação do Projeto Inajá, com uma proposta metodológica diferenciada, com um olhar da Etno em todas as áreas. A Unicamp procurou docentes que se adequassem a essas especificidades, montaram uma coordenação que, junto com nossa equipe, foi construindo a proposta da primeira etapa do Projeto Inajá, um projeto piloto e o resultado foi positivo. Tanto que depois replicamos realizando o Inajá II.

As mudanças na educação da região tiveram o apoio de outras pessoas e entidades, entre elas: a Igreja Católica que foi bem representada pela presença do bispo Pedro Casaldáliga<sup>18</sup>. Seu papel foi importantíssimo na história da educação na região, não só no Projeto Inajá, ele sempre foi um homem forte e influente.

A Igreja Católica sempre apoiou a educação, criou uma escola pública de ensino fundamental em São Félix do Araguaia chamada de Gea<sup>19</sup>. Assim existiu o primeiro ginásio<sup>20</sup> aqui na região do Araguaia. Depois da criação dessa escola investiu-se muito em formação a nível de alfabetização, pois com a realidade da região era necessária essa busca por formação.

No final da década de 1970, foi ofertado um curso de formação para professores leigos em exercício, em nível de magistério<sup>21</sup> até a oitava série<sup>22</sup>, novamente teve o

---

<sup>17</sup>Serys Marly Shessarenko foi Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso no ano de 1986.

<sup>18</sup>Foi Bispo da região do Médio Araguaia por mais de 30 anos, atuou em função do pobre e oprimido por vários anos, esteve presente em várias lutas pela melhoria da educação da região. Hoje em dia não atuando como Bispo, mas resolveu continuar vivendo na cidade de São Félix do Araguaia-MT.

<sup>19</sup>Ginásio Estadual do Araguaia, aconteceu no ano de 1970, com a iniciativa da Igreja Católica de São Felix do Araguaia-MT.

<sup>20</sup>Lei nº 4.024 de 12 de Dezembro de 1961, o ensino de Ginásio equivale hoje do sexto ao nono ano, amparado na Lei nº 11.274/2006.

<sup>21</sup>Curso que forma professores para atuarem na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

<sup>22</sup>A Lei nº 11.274/2006, altera a LDB, para a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Atualmente conhecida como 9º ano.

apoio da Prelazia<sup>23</sup>, pois junto a equipe pastoral<sup>24</sup> os municípios que investiam em educação tinham todo respaldo da Igreja. Então, isso foi fundamental porque o Inajá veio como uma consequência de outra formação que nós já havíamos feito.

Esse primeiro curso aconteceu em 1981 e eu participei dele. Com isso fizemos compromisso de tentar articular uma formação em nível de 2º grau.

Passamos por momentos sem qualquer recursos e a equipe da Igreja nos socorria com o apoio em espaços físicos, econômico, logístico, político, enfim todos os aspectos.

Tivemos a presença aqui do Padre Jentel<sup>25</sup> que foi uma pessoa importante de muitas questões da educação na região. Quando eu cheguei, ele já havia sido expulso do Brasil, mas foi alguém que deu suporte para todas as lutas, acredito que teve um papel fundamental nas questões educacionais daqui, ele apoiava muito as questões sindicais, o homem do campo, o indígena, e essas foram as prioridades em seu trabalho. Posso concluir que a presença da Igreja Católica foi de suma importância para a questão da educação pública na região do Araguaia.

A história de nossa região tem outras peculiaridades, pois além da carência educacional existiam muitos conflitos de terras e esses eram como se fossem ordem do dia. Por se tratar de uma área rural e agrícola, desde sua ocupação os conflitos de terra eram enormes e as escolas nas áreas rurais conviviam com esses conflitos. Nós trabalhávamos bastante esses aspectos dentro da educação.

O Projeto Inajá trouxe muitas discussões, tais como a reforma agrária<sup>26</sup>, a questão do direito à terra, de como você trabalhar para buscar e legalizar os seus direitos. E, durante o projeto, trabalhamos a questão da legalização na demarcação da área do Urubu Branco<sup>27</sup>, foi um projeto que os alunos do Inajá I fizeram. Teve toda a orientação de como poderiam proceder para fazer a demarcação e legalização da área, o

---

<sup>23</sup>É chamado de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início, onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Félix do Araguaia foi criada nos anos de 1970 e mesmo com 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>24</sup>Pessoas que trabalham na evangelização de pessoas, e ações sociais.

<sup>25</sup>Padre François Jentel, francês vindo da França para o Brasil em 1954, onde resolveu viver entre os Tapirapés na cidade de Santa Terezinha-MT, evangelizando e alfabetizando os índios durante vários anos até ser expulso na época da ditadura.

<sup>26</sup>A reforma agrária tem por objetivo proporcionar a redistribuição das propriedades rurais, ou seja, efetuar a distribuição da terra para a realização de sua função social. Esse processo é realizado pelo Estado, que compra ou desapropria terras de grandes latifundiários (proprietários de grandes extensões de terra, cuja maior parte aproveitável não é utilizada) e distribui lotes de terras para famílias camponesas. <http://www.brasilecola.com/sociologia/reforma-agraria.htm>, acesso em 23 de abr. de 2015.

<sup>27</sup>Região onde se localiza a aldeia dos Tapirapés, no município de Santa Terezinha-MT.

curso procurava trabalhar sempre com questões que estavam presentes na vida dos cursistas.

A política pedagógica, o currículo e a metodologia proposta do curso foram coisas bem discutidas e trabalhadas pelos professores da Unicamp no curso de Ensino de Ciências. A professora de Matemática, Marineusa<sup>28</sup>, era coordenadora do curso e o professor Eduardo Sebastiani<sup>29</sup> esteve presente no curso também. Eles trabalhavam a Etnomatemática e tentavam preparar aqueles professores para atuarem no Ensino Fundamental<sup>30</sup>. Trabalhavam muitos conceitos, mas sempre tentando trazer o dia a dia para a sala. O que os cursistas aprendiam já levavam imediatamente para seus alunos.

Podemos dizer que houve um grande avanço na Educação, pois, cronologicamente, tivemos o Ensino de Ciências e, em seguida, o Projeto Inajá em duas etapas. Depois, as Licenciaturas Parceladas<sup>31</sup> que está formando professores na região até hoje. Vários alunos do Inajá fizeram o vestibular na Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, Unicamp e em outras universidades.

Todas as disciplinas foram bem trabalhadas, os conceitos matemáticos e das outras áreas também, abordaram o aspecto mais da Etno. Assim, os professores faziam com que aqueles cursistas se apropriassem do conceito aliando a teoria com a prática.

Aqui na região eu e Ge<sup>32</sup> assumimos duas secretarias de Educação. Eu aqui, em Santa Terezinha, e ela no município de Confresa<sup>33</sup>. Até estamos trocando ideias, inclusive discutindo a possibilidade de produzir um seminário com toda a equipe que atuou no Inajá.

Pensamos em fazer uma análise, uma avaliação do que significou o curso para eles. Muitos se tornaram professores com habilitação em nível superior e já estão atuando em várias áreas aqui na região e fora dela. Em minha opinião, o Inajá foi um divisor de águas para a Educação na região. Afirmando isso porque sinto que não conseguimos avançar tanto quanto o Inajá avançou.

O Inajá fez uma diferença, produziu e multiplicou-se. Ele foi a semente das Parceladas, pois perceberam que a modalidade do curso era a ideal para a região. A

---

<sup>28</sup>Marineusa Gazzetta, foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural, Projeto Inajá I e II e Licenciatura Plenas e Parceladas na Unemat.

<sup>29</sup>Professor na área de matemática no Projeto Inajá e nas Licenciaturas Parceladas.

<sup>30</sup>Ensino Fundamental

<sup>31</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuado, ofertado pela Unemat, <http://www.unemat.br/proeg/parceladas>, acesso em 23 de abr. de 2015.

<sup>32</sup>Agenora Mores da Silva aluna da primeira turma do Projeto Inajá e monitora na Inajá II.

<sup>33</sup>Cidade na região que participou da segunda etapa do Projeto Inajá II.

Unemat abriu campus aqui no nordeste mato-grossense com a cobrança que fizemos exigindo um curso de nível superior para esses alunos.

Acabamos constituindo um comitê para discutir a ampliação da Unemat no estado. Participamos como delegados nas discussões, todos os núcleos da Unemat que foram criados depois possuíam cursos na modalidade parcelada, com isso fizemos uma mudança no estado. Esses detalhes talvez não sejam de conhecimento de muitos; o Inajá foi muito importante para essa região do estado e talvez para o país, pois muitos estados já absorveram essa proposta nossa.

Nossa experiência localizada aqui no Araguaia sugeriu essa nova proposta na modalidade de formação de professores. Eu acredito que o Inajá cumpriu seu papel na educação e ainda vai haver várias produções a partir dele, por exemplo, essa avaliação que estamos pensando em realizar e com o seu resultado poderemos melhorar e avançar a educação novamente.

Atualmente estou matriculada no curso de Licenciatura em Sociologia da Unemat. Depois de muito tempo trabalhando em parceria com a universidade, hoje sou uma aluna.



**Professora Dulce Maria Pompêo de Camargo**

Professora aposentada pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Possui graduação em Geografia, é mestre em Ciências Sociais e Doutora em Educação. Sempre atuou na formação de professores. Como alguns professores da Unicamp atuaram junto aos Projetos Inajá e Parceladas, tínhamos o interesse de entrevistar algum desses, a fim de saber mais sobre essa parceria. A escolha da professora Dulce se deu porque, além de ter atuado como docente nos projetos, escreveu um livro sobre a formação dos professores no Projeto Inajá.

Conseguí seu contato por meio de minha primeira depoente que ainda mantém contato com a professora Dulce Camargo e Ernesta Zamboni. Quando liguei para a professora, ela se mostrou interessada em contribuir com nossa pesquisa. Expliquei todo o processo que fazíamos, bem como de que modo usaríamos sua entrevista. Assim, encaminhei o roteiro previamente via e-mail e marcamos uma entrevista para dia 12 de maio de 2014. No entanto, desde o primeiro contato, ela deixou claro que não queria que fizéssemos perguntas. Ela leria o roteiro e me responderia em uma conversa.

Como a professora reside em Campinas-SP, não precisei de tantas horas de viagem como em outras entrevistas, uma vez que eu estava residindo em Rio Claro - SP, que fica a aproximadamente, 100 km de distância. Uma amiga de Campinas se dispôs a ir comigo até a casa de Dulce, onde realizamos a entrevista. A gravação foi um pouco conturbada, pois ela estava fazendo uma reforma na casa e durante a entrevista passamos por vários cômodos tentando amenizar o barulho que os pedreiros faziam, teve a duração de 1h24min. Assim, ela se colocou à disposição se caso precisasse esclarecer qualquer dúvida que pudesse emergir durante a transcrição.

(...)

Como tínhamos conversado por e-mail não quero que seja uma entrevista formal com perguntas e respostas, quero que seja uma conversa.

Para iniciar, vou te contar como cheguei à região do Médio Araguaia, em Santa Terezinha. Foi com a professora Ernesta Zamboni<sup>1</sup>, que tinha sido convidada para trabalhar em um projeto de formação de professores na região e me levou. Ela já era conhecida pelas pessoas, pois já tinha contato com as que viviam lá, por ela ser muito competente e sagaz, ou seja, sabe sacar as coisas muito rapidamente. Mas, ficou apavorada quando soube que iria trabalhar com 100 ou 200 alunos em sala. Eu lembro bem que ela disse que iria, mas só se pudesse levar outra pessoa, com isso me perguntou se eu queria ir e eu aceitei.

Fomos sem ter previsão de *pró-labore* para mim, assim nós dividimos o salário inicialmente. Tivemos a passagem aérea, isso para todos que iam trabalhar lá. Fomos em muitos professores, porque eram muitos os alunos. Assim, enquanto um lecionava, o outro observava as expressões, um só não conseguiria dar a aula e observar tudo ao mesmo tempo, eram uns cento e tantos alunos.

Os professores, independente da área, trabalhavam em duplas, sendo que um observava o que estava dando certo ou não e já no intervalinho cochichava: “Isso, fizeram cara assim ou assado”, “vai ter que retomar tal ponto” ou “faça diferente” e assim a metodologia<sup>2</sup> foi sendo criada ali com a ajuda de todos.

Na primeira aula que eu e a Ernesta Zamboni ministramos em Santa Terezinha<sup>3</sup>, os alunos quase nos jogaram fora da sala pela janela. Ainda bem que estávamos no morro<sup>4</sup>, longe do rio porque se não ia ser lá que os alunos iam nos jogar. Isso por termos dado uma aula muito tradicional. Chegamos, tentamos aplicar o que tínhamos determinado, mas não deu certo.

Passamos algumas noites em claro refazendo o que íamos ministrar nos próximos dias, porque nós tínhamos certeza que o jeito que havíamos começado e preparado as aulas não iria dar certo.

---

<sup>1</sup>Professora aposentada da Unicamp, participou do Projeto Inajá juntamente com a Professora Dulce Maria Pompêo.

<sup>2</sup>Foi uma metodologia utilizada no curso que foi sendo construída dia a dia, baseada na experiência e na vida dos alunos. Ao fim desta textualização segue um texto na íntegra retirado do Livro “Mundos Entrecruzados: Formação de professores Leigos” escrito pela depoente.

<sup>3</sup>Um dos polos que a equipe do Projeto Inajá se reunia para realização das etapas do curso. Situada a mais de 1.200 km da Capital Cuiabá.

<sup>4</sup>Refere-se ao local onde aconteceram as aulas em Santa Terezinha, existia um barracão em um local bem alto da cidade.

Com alguns dias nossa “ficha caiu” e tivemos a percepção que o modelo tradicional ali não dava, eles não entenderam nada do que falamos, era a mesma coisa de ter um bom professor de grego dando aula ali, sem alguém para saber do que ele falava.

Acredito que tivemos uma grande percepção em mudar o jeito de dar aula. Tínhamos excelentes professores universitários trabalhando conosco, que também mudaram o formato de suas aulas, alguns demoraram mais ou nem conseguiram dar a virada. Aprendemos muito uns com os outros.

Iniciamos por uma história infantil, decidimos começar com o livro “De olho nas penas”<sup>5</sup> da escritora Ana Maria Machado<sup>6</sup>, que conta a história de um menino que viaja nas costas de um pássaro para descobrir a América Latina, representamos esse menino como se fosse um índio.

Passamos a noite lendo. Levamos a história para a aula, contávamos e eles iam fazendo associações com a realidade deles. Acredito que o impacto teria sido melhor se tivesse a presença de mais índios no Inajá<sup>7</sup>, pois entre os 60/80 alunos que tínhamos, apenas dois eram indígenas da tribo Tapirapé<sup>8</sup>. Os índios que estavam lá, no início, quase não participavam, depois foram se entrosando, pois eram umas histórias de sertanejos que também tinha muito a ver com a vida deles. Ter levado aquela história foi a nossa salvação que dizia coisas que poderia ser relacionada com a região e a realidade deles.

A primeira etapa do Inajá foi muito conflituosa. Eu e a Judite<sup>9</sup> quase nos estapeamos um dia na beira do rio [“risos”]. Eu disse que precisava fazer uma avaliação e ela achou que era aquela “avaliação” nossa, foi muito engraçado [“risos”] e parecia que eu estava desestruturando o Inajá [“risos”].

---

<sup>5</sup>Livro que conta a história de um menino que faz uma viagem maravilhosa mundo afora. Assim, vi desvendando os segredos da América Latina, da África e da sua Própria Vida.

<sup>6</sup>Autora do Livro De Olho nas Penas e de outros utilizados no Projeto Inajá, pela nossa depoente.

<sup>7</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986 com duração de 3 anos e Projeto Inajá II com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

<sup>8</sup>Foram os primeiros habitantes da região ainda nos dias atuais existe essa etnia, mas com um número bem reduzido.

<sup>9</sup>Judite Gonçalves Albuquerque, agente pastoral. Na época, foi docente de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira.

Não tenho certeza, mas eu acho que Santa Terezinha foi o germe de tudo para a criação do Inajá, ali reuniu muita gente, da época da Guerrilha do Araguaia<sup>10</sup>, o pessoal da Prelazia<sup>11</sup> e os donos de terra. O processo de alfabetização começou lá no sertão, fora da cidade e deram continuidade quando iniciou o curso do Inajá que ia criando a metodologia dia a dia. Mas o projeto cresceu e precisou de professores para auxiliar e acho que esse foi nosso papel.

A Unicamp<sup>12</sup> nos emprestou e nunca interferiu, penso que cheguei crua e também preparei um curso tradicional, mas transformei-me lá, tive humildade de perceber que nem sempre o professor é o sabedor de tudo.

O Inajá teve uma metodologia diferenciada. A professora Bernadete Gatti<sup>13</sup>, da Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), fez um levantamento dos projetos importantes de educação no Brasil e nesse levantamento ela considera que o projeto Inajá foi um marco importante, acredito que essas informações estão em seu livro. Ganhamos prêmio da Unesco<sup>14</sup>, fizeram filmagem. Pena que não tenho esse livro para te emprestar.

Sei que tentaram levar a metodologia criada no Inajá para o projeto Tucum<sup>15</sup> que era direcionado apenas aos indígenas, mas fiquei sabendo que não deu certo, talvez porque essa metodologia não é só pegar e aplicar. Tem que haver uma transformação de dentro para fora, tanto do professor, quanto do aluno e me parece que não houve.

Várias vezes já pensei que essa metodologia só poderia ter surgido na região mesmo, não dava para ter sido criada na universidade. A universidade tem outra perspectiva, a “coisa da ciência”, sei que é importante, não estou dizendo o contrário, mas é que acertar as pontas dos dois pensamentos no começo foi muito conflituoso. Nós

---

<sup>10</sup>A “guerrilha” ocorreu entre 1972 e 1975 no sul dos estados do Pará e do Maranhão, além do norte de Goiás (atual Tocantins). Envolveu cerca de 70 militantes do Partido Comunista do Brasil, e algumas dezenas de moradores.

<sup>11</sup>É chamado de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início. Onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Félix do Araguaia foi criada no ano de 1970 e mesmo com 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>12</sup>O papel da Unicamp no curso foi de suma importância, pois os professores saíam da Universidade em Campinas em seu período de férias para dar uma formação àqueles professores leigos do nordeste mato-grossense onde a realidade era totalmente diferente da que eles viviam e conheciam.

<sup>13</sup>Bernadete Angelina Gatti era consultora da Unesco e fez pesquisa sobre os projetos de formação de professores no Brasil na época.

<sup>14</sup>Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura.

<sup>15</sup>Projeto TUCUM – Projeto de Formação de Professores Indígenas para o Magistério realizado no estado de Mato Grosso- (STRENTZKE, I. Inajá homem-natureza e geração tucum: uma análise da proposta pedagógica de 1987 a 2000. 2011 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMT, Mato Grosso, 2011.)

não abrimos mão do conhecimento científico, porque eu acho que ele também é libertador no mundo em que nós vivemos e algumas pessoas tinham clareza da importância do conhecimento científico. Mas percebíamos que algumas pessoas eram sonhadoras, acreditavam na pureza de achar que tudo se resolvia ficando só no relato e aos poucos foi se fazendo um aprendizado dos dois lados. Nós sempre nos preocupamos com isso, desde a primeira etapa do Inajá. No fim, vemos que todos deixaram sua contribuição, foi um crescimento para todos.

Percebemos mudanças não só em nossa área de humanas, mas nas outras áreas, como na Matemática, Física, ficava nítido o quanto as pessoas iam mudando a postura e trabalhando aquela metodologia diferente. Ela era a alma de tudo.

A gente não dava muito nome para as disciplinas e no fim acabava dando, mas trabalhávamos o tema cada um na sua área e, quando víamos, estávamos ensinando Matemática, Português, acabava abordando tudo. Sabemos que na universidade as disciplinas são sempre em caixinhas, mas nossa proposta era para não deixar ter essas caixinhas no Inajá. Foi difícil, não devia ter, mas ela acaba existindo porque você convida os professores por “caixinha”, essa é uma contradição que vivemos.

Cada um tem a visão mais completa dentro da sua caixinha. Tínhamos muita briga entre a gente. Nossa, era muito engraçado.

Acredito que do Inajá para as Parceladas já houve mudança na metodologia. Porque queira ou não queira, cada um fica com sua “caixinha”. Por exemplo, isolada, a Matemática da faculdade é uma, já no Inajá, ela não era isolada, era interdisciplinar.

O curso aconteceu não só porque nós aqui da universidade fomos até lá, mas porque algumas pessoas de lá também contribuíram para isso. A Judite Albuquerque já tinha muita experiência na região e foi ela que levou ou influenciou a levar os professores para a realização do curso e também montando a equipe em locais específicos. Ela tem liderança e era a coordenadora geral do curso. Ela só convidava professores daqui de São Paulo, mesmo do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem Unicamp) aqueles que ela sabia que não iam ferir a ideia. Ela escolhia a dedo.

E todo mundo fala a Dulce do Inajá, a Ernesta do Inajá, o Arguello do Inajá, a Judite do Inajá, os alunos não conseguem falar em Inajá sem se lembrarem de nós e eu já não consigo falar de Inajá sem falar dos alunos. Porque nós aprendemos muito e a coisa mais estimulante que aconteceu nesse projeto foi que a pessoa tinha que estar aberta, tanto o educador quanto o educando. O professor não pode chegar com aquela

mentalidade como se fosse o dono do conhecimento, no Inajá o aluno ensina e aprende, o professor ensina e aprende, foi uma troca como já disse.

Sempre que falo em Inajá e Licenciaturas Parceladas<sup>16</sup> lembro com saudosismo das primeiras turmas e fico me perguntando o porquê disso. Talvez por ver tudo virar cópia, nem com a Judite falei isso. Se você tiver a oportunidade de falar com ela ou com a Dagmar, pode perguntar se elas sentem a mesma coisa. Acredito que conseguimos atingir o objetivo nas primeiras turmas usando a metodologia, mas depois como já disse, nos próximos cursos, a metodologia virou cópia.

Existem várias pessoas que foram importantes para o Inajá. Naquela região, a Igreja deu um grande apoio, mas eu tive pouco contato pra falar a verdade, pois ficava muito em Santa Terezinha, estive em São Félix do Araguaia<sup>17</sup> poucas vezes e a sede da Prelazia é lá. Mas se via esse apoio, principalmente logístico e muito receptivo, mesmo não tendo esse contato direto, sentíamos simpatia quando os encontravam, mas não vivi essa participação deles tão de perto.

Sabia o tempo inteiro que a figura do Dom Pedro Casaldáliga<sup>18</sup> era fundamental para garantir uma tranquilidade na região, pois a Igreja, a política e os conflitos eram fortes por lá. Aconteceu uma passagem engraçada entre eu e o Dom Pedro. Haveria uma reunião a qual ele teria que conduzir, mas ele não pode ir e disse vai Dulce você que vai lá falar (risos). Eu falei só “abobrinha” [“risos”]. Fiquei tão nervosa! Como é que ia falar pelo Pedro! Acho que foi a vez que eu falei pior na vida toda.

Lembrando de outras pessoas que contribuíram com o Projeto Inajá, posso citar várias: a Dagmar<sup>19</sup> de Santa Terezinha, a Heloisa Gentil<sup>20</sup> que é muito boa, hoje ela é funcionária da Unemat<sup>21</sup> de Cáceres<sup>22</sup>, o Luiz Paiva<sup>23</sup>, esse lutou muito. Ele era secretário de educação de Ribeirão Cascalheira<sup>24</sup>, enfrentou cada coisa! A resistência foi enorme. Sabemos que a política lá é muito forte, sei que eles faziam reuniões

---

<sup>16</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuado, ofertado pela Unemat, <http://www.unemat.br/proeg/parceladas/?link=oquee> acesso em 23 de abr. de 2015.

<sup>17</sup>Polo que servia de apoio para a realização do Projeto Inajá também a mais de 1.000 km da Capital.

<sup>18</sup>Foi Bispo da região do Médio Araguaia por mais de 30 anos, atuou em função do pobre e oprimido por vários anos, esteve presente em várias lutas pela melhoria da educação da região. Hoje em dia não atua como Bispo, mas resolveu continuar vivendo na cidade de São Félix do Araguaia-MT.

<sup>19</sup>Coordenadora e idealizadora do Projeto Inajá I e Inajá II.

<sup>20</sup>Monitora do Projeto Inajá da cidade de Ribeirão Cascalheira.

<sup>21</sup>Universidade do Estado de Mato Grosso

<sup>22</sup>Cidade sede da Unemat mesmo antes de ter essa denominação.

<sup>23</sup>Coordenador e idealizador do Projeto Inajá e coordenador do Polo das Licenciaturas Parceladas em Luciara-MT.

<sup>24</sup>Cidade que também participou do Projeto Inajá, localiza-se a 877 km de Cuiabá.

escondidas, à época, mas acho que se quiser fazer uma mudança tão forte como foi, as reuniões tinham que ser clandestinas e nem sempre as pessoas entendiam. Essas e outras foram figuras fundamentais para o desenvolvimento da educação na região.

O projeto Inajá nasceu de “baixo para cima”. Os alunos eram, em sua maioria, pessoas sertanejas que tinham vestígios da Guerrilha do Araguaia, não sei se é sonhador de minha parte, mas pensei nisso a partir de entrevistas que fiz com pessoas de lá, como um ex-prefeito de Santa Terezinha, o Tadeu, e até mesmo a Dagmar.

Senti essa mudança e revivi a experiência do Inajá quando estava fazendo minha tese, a qual gerou o livro “Mundos Entrecruzados: Formação de Professores Leigos”. Pude perceber que o Inajá II já não foi a mesma coisa que o primeiro. Tenho medo de ser injusta, mas acho que foi só uma cópia que os professores não conseguiram repassar a metodologia como deveriam, pois se isso tivesse acontecido, os professores teriam sentindo essa mudança dentro deles. Para alguns alunos isso pode até ter acontecido, mas não foi como no Inajá I.

Essas pessoas que participaram como alunos da primeira etapa, em sua maioria eram do sertão, houve a transformação quase que total. Tendo em vista que alguns seguiram os estudos, além do Inajá e fizeram graduação, concursos, mestrado e até doutorado. O Adailton<sup>25</sup> e o João Severino<sup>26</sup> são alguns exemplos de mestre e doutor que eram alunos do Inajá e das Parceladas.

Falando do Adailton, ele fez um trabalho belíssimo. Ele que é filho do Inajá I, trabalhou na aldeia com alguns índios usando a metodologia a qual ele vivenciou, mas esses acontecimentos são casos isolados, acredito que quem saiu ganhando com isso foram os xavantes com quem ele trabalhou. Quando se olha para o trabalho dele, é animador falar: Puxa! Ainda tem gente que consegue atender o que a academia pede, mas não perde seus princípios. Foi o que aconteceu com ele.

A cidade de Santa Terezinha fica protegida pela própria geografia, pois seu formato e suas estradas em forma porque é assim ó (*gestos com a mão tentado mostrar um mapa*) o mapa Santa Terezinha e a estrada faz isso (*gestos*) eu acho que ela fica protegida. Mudou muito a cidade, foi uma surpresa pra mim quando há dois anos atrás, para matar a saudade, fui para lá e, realmente, eu não a reconheci, já tinha asfalto. Estava mudada.

---

<sup>25</sup>Trabalhava na Secretaria de Educação do município de Porto Alegre do Norte na época do curso Inajá. Fez Licenciaturas em Matemática, mestrado e doutorado é professor da Unemat de Barra do Bugres-MT.

<sup>26</sup>Aluno e monitor do Inajá, fez Licenciatura em Matemática e hoje com mestrado e fazendo doutorado, atua como professor da Unemat em Cáceres-MT.

Aquela região é meio sazonal, às vezes, porque é muito forte a resistência. Mas eu acho que a tendência é só piorar com essas coisas da terra, ficou muito polarizado<sup>27</sup>. Acho que hoje está cada vez mais difícil.

Acredito que a região teve um ganho muito grande com esses desdobramentos e locomoção das universidades em se instalarem em um espaço que antes não se imaginava. Pelo que sei, a Unemat foi a primeira a ir para a o Médio Araguaia pela necessidade local, hoje acredito que tenha outras, como a UFMT<sup>28</sup>.

O Inajá envolveu todo mundo da região, os professores, a escola, envolveu pais, as prefeituras, Igreja entre outros.

Assim que terminou o Inajá, eu fui várias vezes à Santa Terezinha por lazer e vinham professores que nem fizeram o Inajá conversar comigo, eles iam lá para casa e eu comecei a observar que algumas coisas se perderam, principalmente a vivência coletiva.

Minha paixão por Santa Terezinha é tamanha que construí uma casa lá, mas depois que comecei a ter netos ficou complicado, assim estou indo com menos frequência. Faz uns três anos que eu não vou mais.

A última vez que voltei foi a convite da Eunice<sup>29</sup> que trabalha na Aldeia Tapirapé e ela precisava da minha ajuda para dar um suporte na finalização de um curso. Então, me convidou de última hora, falando que eu seria a única pessoa na área que aceitaria um convite assim. E eu fui.

Só aceitei por conhecer a história da região, porque senão eu não teria ido. Cheguei lá com a impressão que ia ser como antes, mas não foi. Irritei-me com um dos alunos dos Tapirapé, que faz universidade em Goiânia, e eu dando aula e ele falando: “Isso é interdisciplinaridade, isso é interdisciplinaridade”, interrompia para ficar dando nomes. Eu realmente pensei. “Acabou, Acabou”. Talvez tenha chegado a essa conclusão por estar longe de lá. Para quem está distante é fácil falar, porque também as coisas mudam, tudo vai sendo substituído, vai chegando gente nova e com pensamentos diferentes.

---

<sup>27</sup>Os donos das terras com opiniões totalmente contrárias às dos posseiros, uns tem poder demais com muitas terras e outros nem tem como sobreviver.

<sup>28</sup>Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>29</sup>Eunice Dias de Paula, monitora no Inajá, desenvolve um trabalho com os índios Tapirapé inclusive passa boa parte de seus dias morando com eles na aldeia.



Só para destacar, essa viagem para lá foi uma loucura, era fim de ano, acho que quando voltei já era 23 de dezembro. Estava de viagem marcada para Belo Horizonte e quase perdi o avião, foi uma loucura mesmo [“risos”].

Mesmo quando vou de férias à Santa Terezinha, a Dagmar Aparecida Teodoro Gatti<sup>30</sup> pede para que eu vá às escolas conversar com os professores, porque as coisas não andam boas. Eu vejo que tudo está mudado, eu acho que uma metodologia tão fantástica não deveria morrer deveria existir sempre, eu falo porque eu mudei minha vida lá.

Vendo Santa Terezinha hoje posso até está enganada, mas não sustentaram a metodologia e voltou a ser um “colegião”, infelizmente. Quando você for para Santa Terezinha fala que sinto muitas saudades, mas agora com neto, é muito difícil ir lá, mas eu vou.

A Dagmar consegue se sobressair nas escolas da região mesmo com muita resistência. Sabemos que o sistema é forte contra todo mundo, algumas pessoas falam que é frescura tentar fazer coisas diferentes lá e julgam que as pessoas querem ser melhores que as outras. Alguma coisa precisa acontecer de novo e tem que ser de baixo pra cima, não somos nós quem vamos fazer essa mudança lá na região, precisava acontecer com eles, mas eu lembro que nesses últimos cursos que fui como falei anteriormente, os alunos até tentam incorporar aquela coisa de como era antigamente na região, mas eu não senti isso neles.

Uma minoria de pessoas tenta mudar a realidade da educação da região fazendo o uso da metodologia do Inajá, mas fico muito triste quando vejo que a maioria nem consegue ver o que foi o Inajá para a região do Médio Araguaia. E a cada vez que volto nesses cursos, me pergunto sempre: “Estou na terra do Inajá? O Inajá nasceu aqui? Será que estou falando grego para essas pessoas?” Elas não têm ideia do que estou falando e me olham parecendo que sou uma lunática ali. [“risos”].

Sabendo que tem pessoas interessadas em pensar em cursos diferentes para a região tentando usar ideias como foi o Inajá, acho interessante, mas penso que a história não se repete, e nem é isso que estou querendo que alguém daqui das universidades vá até lá e faça, pensava em ir e tentar construir junto com as pessoas de lá.

Como tinha muito material, mandei para pessoas da região e acho que algumas delas poderiam se reunir e tentar fazer algo novamente. Mandei alguns para um

---

<sup>30</sup>Coordenadora e idealizadora do Projeto Inajá I e Inajá II.

professor que estava fazendo um trabalho histórico das terras de Ribeirão Cascalheira daquela época em que os alunos do Inajá moravam lá. Eu paguei para um menino aqui de Campinas transcrever, como não tinha computador, ele datilografou tudo, foi um grande calhamaço. Mas depois, quando veio o computador ele passou para um CD.

As pessoas que fizeram o Inajá e as Parceladas nem sempre são bem vistas quando tentam repassar a metodologia que aprenderam, talvez por falta de entendimento dos colegas de trabalho; às vezes, você é contra porque não conhece. Então, muita gente ainda tem o fantasma do Inajá com ele, aquele fantasma positivo, mas de repente fala que alguém está fazendo alguma coisa que era do Inajá, os outros não aceitam e isso pode dar insegurança para outros professores que não sabem o que foi a metodologia, vão dizer que as pessoas estão querendo saber mais que elas dentro das escolas. Como ouvi dizer de uma ex-aluna que senti isso na pele em Vila Rica, ela tem que fazer as coisas quieta e não falar que está tentando usar aquele método que aprendeu no Inajá. Isso eu aprendi: tem horas que temos que trabalhar calados.

Sei disso porque eu nunca avisei aos meus alunos que estou usando essa ou aquela metodologia e se falo é porque perguntam, nunca disse o que estava usando na pedagogia da Unicamp, não disse que era a metodologia do Inajá. E quando os alunos começaram a perceber que eles estavam mudando em sala de aula, eles vieram me perguntar. Mas, Dulce, como é que você conseguiu isso conosco? Como poderia falar a esses alunos da universidade que estava usando uma metodologia que nasceu no sertão, eles iriam dizer que eu era louca. Depois que terminou o Inajá, usei a metodologia em Rondônia e no Piauí com ensino superior e deu certo.

No Piauí fui com a Ernesta. Lá foram cursos que não teriam continuidade, apliquei a metodologia e eles perceberam a diferença do tradicional, mas acabou que não deu para ter um balanço tão exato por ser um curso que não teve continuidade. Foi muito interessante porque eram pessoas bem sertanejas também, eu achei que deu muito certo, mas tudo que não tem continuidade vai morrendo. Agora em Rondônia eu tive oportunidade de ir mais vezes, umas três ou quatro, então devo ter deixado uma marca maior da metodologia usada, foi em uma universidade particular em Cacoal, não lembro o nome. O pessoal estranha, resiste um pouco, mas quando vê o resultado, vem falar no final assim: “Nós pensamos que não íamos chegar a nada, foi legal, valeu”. Essa experiência que vivi à época do Inajá mudou até minha forma de lidar com a minha empregada, com meus filhos, com as pessoas, com a vida, com o mundo. Eu achava minha empregada lerda e comecei a entender o tempo dela. O *espaço* dela; mudei na

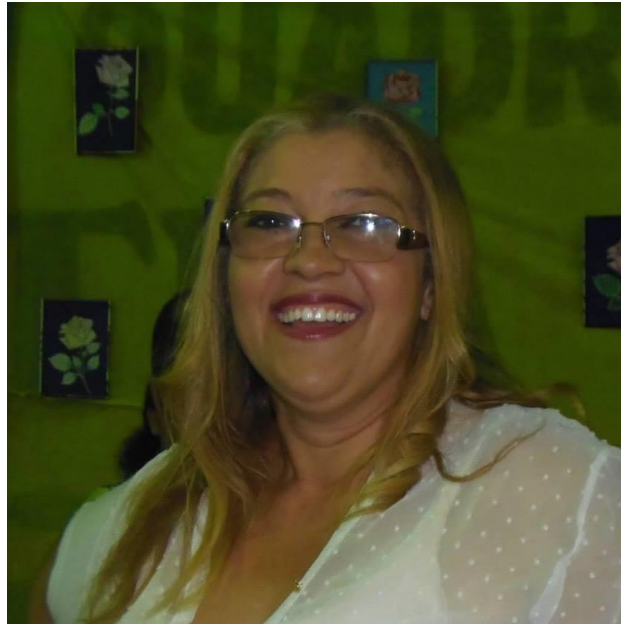
Universidade porque eu vi que tudo que a gente fazia era só repetição, tive resistências, mas foi um aprendizado; essa mudança não aconteceu só comigo tenho alunos que relatam sempre que a partir das minhas aulas eles mudaram em sala de aula com seus alunos.

As pessoas na Unicamp me perguntaram: “Dulce o que aconteceu com você?” Porque eu peguei uma turma no primeiro ano e nesse meio tempo começou o Inajá. Eu comecei a participar do Inajá e continuei lecionando na Unicamp. Quando terminou o Inajá, aqueles meus primeiros alunos estavam no quarto ano, três anos depois que eu fui trabalhar lá no interior. Mas eu não percebi essa mudança.

Eu me lembro de um exemplo que eu nunca mais esqueci: pedi a uma aluna que fosse à frente do quadro e desse sua aula como faz todos os dias na escola e foi muito interessante. Ela foi para a lousa, colocou a data e começou a falar. Eu perguntei a série em que ela lecionava e acho que ela respondeu segunda ou terceira série do ensino fundamental. Eu pedi se podia dar uma sugestão: Pergunta para o seu aluno o que significa 12-05-14, por exemplo, e depois conversamos. E comecei a fazer com todas as meninas que já lecionavam. E, posteriormente, elas comentavam: “Nossa Dulce, você não sabe o que aconteceu! Para o meu aluno era assim: 12 era o número da rua, 05 era o número da casa e 14 eu não sei. Foi muito bom elas perceberem que tem que deixar tudo claro na cabeça dos alunos.

Ainda hoje, depois de 6 anos que deixei a universidade, tenho alunas que me perguntam se eu posso dar a opinião, sobre uma coisa ou sobre outra.

Meu bem acho que era isso que tinha para te contar espero que ajude você em seu trabalho.

**Professora Cleude Soares Campos Schmitz**

A depoente é professora concursada no município de Vila Rica. Embora graduada em Matemática pelas Licenciaturas Parceladas no polo de Vila Rica, sua atuação é na educação infantil. Além de ser apaixonada por Matemática, sonha em fazer um curso de Licenciatura em Educação Artística, pois seu hobby é fazer pinturas em tela e várias atividades de Matemática em casa com materiais reciclados.

O que nos levou a escolhê-la foi o fato de ela ter concluído os cursos oferecidos pelo Projeto Inajá e Parceladas em Matemática. O primeiro contato se deu na cidade de Vila Rica, no mês de agosto de 2013, quando foi explicado a ela os objetivos de pesquisa e de que forma ela poderia contribuir. Cleude aceitou prontamente e se colocou à disposição para a nossa investigação. Em julho do ano de 2014 realizamos a entrevista, pois foi quando retornei à região para fins de coleta de dados. Aproveitei o período para ir a vários municípios, uma vez que a viagem é longa e a distância entre os municípios chega a 500 km de estrada de chão.

No dia 05 de julho, às 14 horas, fizemos a entrevista com duração de 1h16min. A depoente se mostrou empolgada e se emocionou em vários momentos durante a gravação. A entrevista aconteceu em sua residência na cidade de Vila Rica e foi norteada por um roteiro encaminhado previamente a depoente.

(...)

Sou Cleude Soares Campos Schmitz, natural de Imperatriz<sup>1</sup>. Saímos do Nordeste e fomos para a região Norte na década de 1970, para Santana do Araguaia-PA,<sup>2</sup> que é divisa com Mato Grosso. É que nessa época houve a migração dos nordestinos, que era a “marcha para o Oeste”<sup>3</sup>, isso eu aprendi no Inajá<sup>4</sup>, até então, eu não sabia porque eu tinha chegado aqui na região. <sup>5</sup>

Quando viemos do Nordeste eu tinha 7 anos, nos instalamos em uma Fazenda chamada Fatura, próximo de Vila Rica<sup>6</sup> no MT, fica entre Santana do Araguaia, que é do estado do Pará e Vila Rica. E eu estudei em uma escola Marista, em Barreira de Campo-PA<sup>7</sup>. Era uma escola bem rígida, tinha aula de caligrafia, de tabuada... Nossa, eu odiava tabuada, eu tive que decorá-la com mais ou menos sete anos, eu tinha que dar conta dela de cor. A de multiplicação era terrível e a divisão então nem se fala, tinha também a cobrança do catecismo, isso era sagrado. Estudei lá desde as séries iniciais até o quinto ano do ensino fundamental.

Eu vim de uma educação tradicionalista, muito de decorar, de que para ser um bom aluno você tinha que ter tudo na pontinha da língua, tudo nos mínimos detalhes. O sexto, o sétimo e o início do oitavo ano eu fiz em Santana do Araguaia no estado do Pará, mas tive que desistir para vir para o Mato Grosso.

Saímos do Pará e fomos para São Félix do Araguaia-MT<sup>8</sup>. Ficamos um ano lá, fiz o supletivo para terminar a oitava série, pois ainda estava devendo disciplinas. O supletivo, à época, era bem exigente, mas como eu tinha uma base muito boa foi fácil, rapidinho eliminei todas as disciplinas. Já o segundo grau<sup>9</sup> cursei fazendo o Magistério<sup>10</sup>.

---

<sup>1</sup>Município do Estado do Maranhão, faz divisa com o Estado de Tocantins, é atravessada pela Rodovia Belém-Brasília.

<sup>2</sup>Município localizado no extremo sul do Pará, fazendo divisa com o município de Vila Rica estado de Mato Grosso.

<sup>3</sup>A Marcha para o Oeste foi um movimento que surgiu na época do governo Getúlio Vargas para fazer uma ocupação de terras ainda não povoadas e ligar o interior e os grandes centros urbanos (SZUBRIS, 2014).

<sup>4</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986, com duração de 3 anos e Projeto Inajá II, com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

<sup>5</sup>Ela se refere a região do Médio Araguaia.

<sup>6</sup>Município que faz divisa com o estado do Pará e sua distância da capital é de mais de 1.260 km.

<sup>7</sup>Cidade que faz parte do município de Santana do Araguaia-PA

<sup>8</sup>Polo que servia de apoio para a realização do Projeto Inajá também a mais de 1.000 km da Capital.

<sup>9</sup>Corresponde ao ensino médio nos dias atuais.

<sup>10</sup>Curso que forma professores para atuarem na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Devido a uma chuva muito forte perdemos nossa casa, tivemos que sair de São Félix do Araguaia e mudamos para Vila Rica, isso aconteceu no fim do ano 1988 início de 1989.

Eu fiquei sem estudar por algum tempo, mas quando cheguei aqui em Vila Rica, já passei a trabalhar na educação, isso desde os meus 16 anos. Tinha apenas a sétima série, precisava trabalhar para sobreviver e assim foi meu primeiro contato com a sala de aula, nessa época era chamada de regência<sup>11</sup>. Eu fazia regência, trabalhava com as crianças.

Ô meu Deus como a gente aprende! Fui para a sala de aula sem conhecer muito da didática, aí depois quando começamos a aprender vemos onde erramos e o que poderíamos melhorar.

Fiquei sabendo, por uma amiga, de um curso chamado Inajá, ofertado para professores leigos que estavam em sala de aula e que não tiveram a possibilidade de ter qualquer tipo de formação. Ao cursá-lo o professor sairia habilitado com o magistério. Esse mesmo curso já tinha acontecido em uma primeira etapa em 1986, quando ela o tinha cursado, e seria ofertado novamente. Resolvi conhecê-lo, assim retomei meus estudos com o Inajá, na segunda etapa que iniciou em 1992 e terminou em 27 de novembro de 1996.

E por que era chamado de Inajá? Segundo a explicação que recebemos dos professores, Inajá é um coqueiro nativo de nossa região e ele sobrevive às altas temperaturas de fogo na época da queimada. Ele queima, sapeca ao ponto de dar-se por morto, mas quando vem a primeira chuva ele renasce. Eles falavam em nosso curso que nós seríamos como o Inajá, sobrevivendo a tudo, para fazer o diferencial, a ser sujeito, também do ser aprendiz constantemente.

O Inajá foi tudo para mim em termos de base para minha formação. Porque foi onde comecei a perceber os erros que eu já tinha cometido dos 16 até os 20 e poucos anos, pois eu já tinha experiência em sala de aula. O Inajá II foi um projeto criado para professores leigos, como o da primeira etapa.

Como a formação aqui era muito defasada, mesmo com o Inajá I, ainda ficaram muitos professores aqui da região sem ter pelo menos o magistério atuando em sala de aula. Alguns desses professores mesmo vindo de outros estados não tinham qualquer qualificação estavam aprendendo a lecionar, lecionando.

---

<sup>11</sup>Nome que dava a professores que atuavam sem formação com turmas de alfabetização.

Parece-me que quem era a mentora e estava à frente do Inajá II eram as professoras Dulce Maria Pompêo de Camargo<sup>12</sup> e Dagmar Aparecida Teodoro Gatti<sup>13</sup>. Em cada município, tinha alguns coordenadores, as daqui eram a GG<sup>14</sup>, que tinha sido aluna do Inajá I e foi coordenadora no Inajá II, Cristiane Brandina de Freitas<sup>15</sup>. Algumas pessoas que atuaram no Inajá II também estiveram presentes no Inajá I, sendo ex-alunos ou mesmo dando continuidade ao que tinham iniciado.

À época, as primeiras vezes que fomos para o curso íamos de caçamba<sup>16</sup>. As primeiras vezes não, sempre fomos de caçamba (*risos*). Era a caçamba que eles recolhiam o lixo aqui de Vila Rica, inclusive ainda é a mesma caçamba que recolhe o lixo até hoje. Eles lavavam a caçamba e “jogavam” os cursistas em cima. A prefeitura contribuía com a alimentação básica, como: arroz, feijão, carne e algum tipo de lanche para o período em que íamos ficar no município escolhido para a etapa.

Nós apelidamos a bolachinha Mabel<sup>17</sup> de bolachinha do Inajá (*risos*). O nosso lanche era bolachinha da Mabel com suco, era o que tinha, o município era muito pobre. Existia uma organização entre os municípios, suas cozinhas eram separadas, cada um tinha a sua no morro perto da Igreja<sup>18</sup>. Todos se deliciavam com a comida que tinham, como ganhávamos só o básico da Prefeitura, sempre havia alguns que traziam algumas coisas para incrementar nossas refeições, assim como as meninas que vinham da roça traziam frutas: limão, laranja, jaca, outras traziam ovos; os da cidade que queriam levar alguma coisa levavam um queijo ou alguma verdura.

Quando iniciei o Inajá estava grávida da Cristiane, então a tive durante o curso. Não foi fácil trabalhar, ser mãe, ser professora, ser cursista, não foi brincadeira, não. Nós temos histórias e histórias imensas. Naquele tempo, nós chorávamos, eu chorava, era a manteiga derretida da turma, chorava muito de saudade de um monte de coisas. Quando ganhei a Cristiane fiquei bem fragilizada, porque foi cesárea e foi quando aconteceu uma das primeiras etapas, eles pegaram o carro para ir para Santa Terezinha<sup>19</sup> e eu entrei na sala de cirurgia para ganhar a Cristiane, sendo assim perdi uma das etapas. E quando eu voltei, estava muito recente, a Cristiane tinha só cinco meses e ela estava

---

<sup>12</sup>Doutora pela Unicamp e atuou na formação de professores no Projeto Inajá

<sup>13</sup>Coordenadora e idealizadora do Projeto Inajá I e Inajá II.

<sup>14</sup>Agenora Mores da Silva aluna da primeira turma do Projeto Inajá e monitora na Inajá II.

<sup>15</sup>Monitora do Projeto Inajá II, da cidade de Vila Rica.

<sup>16</sup>Caminhão caçamba usado pela prefeitura de Vila Rica.

<sup>17</sup>Bolacha que vinha para a merenda escolar e era dívida com os cursistas, rosquinha da marca Mabel.

<sup>18</sup>Local alto que ficava o barracão da Igreja Católica, onde aconteciam as aulas do curso Inajá.

<sup>19</sup>Um dos polos que a equipe do Projeto Inajá se reunia para realização das etapas do curso. Situada a mais de 1.200 km da Capital Cuiabá.

muito frágil, foi uma menina prematura. E desta vez resolvi alugar uma casa em Santa Terezinha e não fiquei alojada junto com a turma.

Mas esse tempo que ficamos juntos foi muito gostoso, porque não tínhamos fartura, mas não passávamos fome, fazíamos render aquilo, falávamos que nossa comida tinha amor, que mesmo com a saudade o sabor era diferente e quando voltávamos para casa sentíamos saudade de tudo aquilo e na escola ficávamos ansiosos para a próxima etapa.

Esse projeto veio abraçar essa causa e hoje quando falo do Projeto Inajá falo com carinho, porque sei que minha base foi lá e foi uma base séria, uma base muito boa e muito voltada para a questão da humanização, que era coisa que não víamos antes. Eu fui educada no método tradicional, a ideia era: “com criança a gente fala de igual para igual”, temos que trabalhar com muita seriedade e rigidez com as crianças, ou sabe ou não sabe, tudo preto no branco.

No Inajá aprendi que tinha outro jeito de se trabalhar na educação, que a aprendizagem era tão eficiente quanto a que eu tinha, só que com um jeito mais acolhedor. Que era o fazer e o refazer, o aprender e o reaprender, era contando as histórias, trabalhando as músicas, fazendo o resgate das histórias e das músicas de nossos avós, era nossa história de vida.

A metodologia implantada no Inajá era baseado na ideologia de Paulo Freire, aprender a construir, mostrar, explanar e desenvolver aquilo que você sabe, aprendendo a ouvir outros fazeres de outras pessoas e assim ampliando o seu conhecimento.

Isso para mim foi muito rico, me apaixonei, e foi no projeto Inajá que decidi ser professora de Matemática, porque esse projeto me possibilitou ver a Matemática com outros olhos, a perceber que não era aquela coisa sacrificante, massacrante, de medo, mas era aquela coisa prazerosa. Eu aprendi a construir, a saber que o metro quadrado não é um lado vezes o lado como a gente explica, que era pegar um cordãozinho e medir ali em cima do quadradinho e ver por onde aquele cordãozinho passava e explicar que aquilo ali era perímetro.

E a professora, na época, brincava conosco: “Perímetro é medido com pé”, então era o jeito que eles nos passavam e isso nos emocionava. Nós aprendemos a construir medidas, medida de área e de capacidade, todos os trabalhos usando o concreto, aprendi a fazer pesquisas, nunca na minha vida eu tinha ouvido falar em pesquisa. Essas pesquisas iam desde observar uma formiguinha subir em uma árvore, investigar o que que ela foi fazer e como vai fazer, para depois descrevermos tudo no papel, com isso



trabalhávamos a questão da Matemática, da produção do texto e também o rigor da pesquisa.

Nossos professores foram ótimos, em sua maioria eram da Unicamp<sup>20</sup>. Entre eles, me lembro de alguns, a professora de Matemática Marineuza Gazzeta<sup>21</sup>, que faleceu em 2009. Tivemos doutores, como o Carlos Arguello<sup>22</sup>, que foi um excelentíssimo professor; Adão, que também tem vários trabalhos fora do país, e sua esposa, Izaira ou Izolda, ela trabalhava com uma metodologia totalmente diferente da que eu conhecia.

Tínhamos uma disciplina chamada PSSA- Problemas e Soluções do Araguaia, ela funcionava interdisciplinarmente: a Matemática ligava-se com minha história de vida, que era ligada à minha realidade, na minha região e que trabalhava a minha origem, iniciamos assim: “De onde você veio? Quem você é? O que você está fazendo aqui? E onde você quer chegar? ”.

Nós começamos exatamente com isso, aí eu entendi a minha história e me situei no contexto escolar. Eu vi que a minha escola fazia sentido para mim e que deveria fazer sentido não só para mim como aluna, mas também como professora, que eu podia fazer isso com meu aluno, que daria muito certo aprender a construir com eles.

Nesse PSSA, nós trabalhamos um mini centro de Ciências. Eu nem sabia que existiam as experiências, por exemplo, com a panela de pressão, uma coisa tão simples. Aprendemos porque chovia, porque a panela de pressão tinha aquele chiado, e que dependendo da altitude pegava pressão mais rápido.

Nós estudávamos no Inajá nos meses de férias: janeiro, fevereiro, junho e julho, nos outros meses, trabalhávamos. O Inajá beneficiou vários professores de muitos municípios como: Vila Rica, Ribeirão Cascalheira<sup>23</sup>, Canabrava do Norte<sup>24</sup>, Porto Alegre<sup>25</sup>, Santa Terezinha, Luciara<sup>26</sup> e São Félix do Araguaia, de Luciara acho que

---

<sup>20</sup>Universidade Estadual de Campinas.

<sup>21</sup>Marineuza Gazzetta, foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural, Projeto Inajá I e II e Licenciatura Plenas e Parceladas na Unemat.

<sup>22</sup>Carlos Alfredo Arguello, professor de Física da Unicamp atuou tanto no Inajá nas duas etapas e no curso de Licenciaturas de Luciara- MT.

<sup>23</sup>Cidade Localizada a mais de 700 km de distância da Capital do Estado Cuiabá

<sup>24</sup>Cidade vizinha do município de Porto Alegre do Norte e estando a uma distância de 1000 km de Cuiabá.

<sup>25</sup>Distante de Cuiabá mais de 1.227 km.

<sup>26</sup>Cidade onde está Localizado o Polo da Unemat e fica a uma distância de 1.100 km, de Cuiabá.

vieram uns três alunos, à época não existia Confresa<sup>27</sup>, que até então pertencia a Vila Rica.

Do curso participavam também indígenas das aldeias Tapirapé e Karajá<sup>28</sup>, olha quanta riqueza nós tivemos, porque todos os nossos projetos de PSSA foram realizados em nossa região o que incluía irmos até as aldeias. Levávamos a nossa realidade, assim como eles também apresentavam em seus trabalhos as suas próprias. Nós tivemos a oportunidade de aprendermos duplamente. A maior parte das etapas era realizada em Santa Terezinha, nós falávamos que lá era polo, porque toda a documentação que tínhamos ficava lá. Além disso, era em Santa Terezinha que estavam a coordenadora geral, a Dagmar, e a professora Dulce, a qual considerávamos como diretora geral, porque era ela quem mantinha o projeto aceso.

Durante o curso, nós tínhamos o cantinho de contar histórias, contamos tantas histórias bonitas, cada um narrando a sua, assim saíam muitas histórias interessantes, bonitas e engraçadas. Nós ficávamos empolgados e fantasiávamos ao contar as histórias da vovó, da mamãe, do titio... os indígenas que estudavam conosco também contavam suas histórias.

Durante a noite, às vezes, ficávamos sentados na beira da praia ou mesmo tomando banho de rio, os professores sempre juntos. Eles aproveitavam aquele momento e ministravam suas aulas sem dizer a princípio que era aula, de repente eles falavam: “terminou”, nem percebíamos que era intencional que os professores faziam tudo aquilo.

O professor Arguello gostava muito de dar belas aulas de Ciências dentro do rio Araguaia, aproveitando a natureza e explicando o conteúdo ali mesmo em meio às brincadeiras e descontrações. Nós aprendíamos muito mesmo, sem registrar no papel tudo ficava em nossa mente, se perguntasse no outro dia sobre o assunto todos que estavam lá sabiam de cor e salteado.

Tem uma história bem engraçada que aconteceu em uma dessas aulas, foi uma história fantástica: uma das colegas deixou a dentadura cair no rio, todos caímos na gargalhada e acabou virando piada, mas o professor Arguello usou o exemplo da dentadura caindo para nos explicar sobre a Lei da gravidade. No outro dia, ele perguntava sobre o assunto quem estava lá sabia muito bem.

---

<sup>27</sup>Mais de 1.000 km, de distância para capital Cuiabá.

<sup>28</sup>Etnias presentes na região. Foram os primeiros habitantes, hoje sua população é menor, são etnias que convivem com os não-índios em harmonia.

Eu lembro que a professora Dulce disse que iria registrar todas essas histórias em um livro, ela gravava várias delas em seu gravadorzinho, mas não sei se fez esse registro.

Nós tínhamos todas as disciplinas durante as etapas, não existia uma diferença entre disciplinas, trabalhávamos com a interdisciplinaridade. Devido a isso, a cada etapa, nós tínhamos professores diferentes, alguns voltavam como foi o caso do Adão e do Carlos Arguello, porque eles que trabalhavam com o PSSA. Eles vieram desde as disciplinas das primeiras etapas até o final. A professora Dulce também vinha sempre, mas existia uma troca de professores e em todas as etapas acabamos tendo uns dois professores diferentes que ainda não tinham vindo.

Recordo-me que na Matemática tivemos a Marineusa Gazzetta e uma outra, acho que era Izoira. Nós tivemos outros professores, só que não consigo lembrar-me de todos, acabávamos dando apelidos para os professores de um jeito carinhoso, então não fazia diferença lembrar o nome do fulano, era tudo muito natural, eles nos tratavam muito bem como se fôssemos da família, não era só uma relação de professores e alunos.

Quando estávamos sentados todos juntos, se outra pessoa que não fosse do grupo chegasse ali, não saberia quem era aluno e quem era professor. Tinha uma excelente professora que chamávamos de Hippie, pelo estilo de se vestir: saias longas e outras roupas com estilo de hippie, como aqui é bastante quente ficávamos preocupados com ela, mas nos falava que gostava de usar aquele estilo e que morava em São Paulo, onde era mais frio, que não imaginava que o clima poderia ser tão diferente. Tivemos também a professora Águeda Borges<sup>29</sup> que participou de nossas etapas, hoje ela trabalha na UFMT<sup>30</sup>, eu acho. Assim, como os professores do Inajá I e II foram importantes para a educação da época, os alunos também fizeram e fazem a diferença. Éramos alunos e professores ao mesmo tempo, tentávamos levar parte do que aprendíamos no curso para a sala de aula, mas éramos monitorados. Tínhamos uma coordenadora que nos fiscalizava sempre, ia até as escolas e via se estávamos aplicando de acordo com o que era proposto. Esses coordenadores tinham autonomia de pedir para refazer ou mudar alguma coisa, eles nos auxiliavam mesmo, então tínhamos uma pessoa constantemente

---

<sup>29</sup>Águeda Aparecida da Cruz Borges, foi monitora e professora no Projeto Inajá, atuou também nas Licenciaturas Parceladas polo de Luciara.

<sup>30</sup>Universidade Federal de Mato Grosso.

em nossa cola [“*risos*”]. A minha coordenadora, às vezes, ia à minha casa até durante a noite.

Esse acompanhamento não era feito só comigo, mas sim com todos os alunos de Vila Rica. Acredito que todos os cursistas que passaram pela filosofia do Inajá hoje não dão aula de faz de conta, mudaram sua postura como professores.

Tem alguns exemplos como: Aldenar, que trabalha na Escola Vila Nova, ela faz o diferencial, foi coordenadora e diretora; a Marizete<sup>31</sup>, que sempre foi uma pessoa muito tímida, morava no interior, hoje engajou na questão do sindicato e está na frente da CUT<sup>32</sup>, o tempo inteiro trabalhando, fez e faz um diferencial. Tem também a Sandrinha que também atua como professora desde quando fez o Inajá; a Darcinei Bener<sup>33</sup>, que além de vários anos como professora foi diretora; são vários e todos fazem a diferença aqui ou onde quer que estejam trabalhando. Hoje nós lembramos sempre sorrindo, porque temos uma história bonita para contar.

Havia outras pessoas/entidades que contribuía e lutavam para que o Inajá acontecesse, é caso da Igreja Católica que sempre estava em lutas sociais, como os conflitos de terras que envolviam os mais pobres e os posseiros de assentamentos locais. Algumas pessoas falavam que o Inajá era coisa da Prelazia<sup>34</sup>, não sei se teve essa influência dos padres, mas o local em que aconteciam as aulas era ao lado da Igreja, em Santa Terezinha.

O padre Jentel<sup>35</sup> e outros iam nos visitar, ver os nossos trabalhos, e ficavam empolgados, porque fazia parte da realidade deles. Aqui em Vila Rica, tinha o Padre Saraiva<sup>36</sup>, o padre Mirim<sup>37</sup>. Essas pessoas acompanhavam os trabalhos desenvolvidos no Inajá, estavam sempre presentes.

Além de várias dificuldades que sofríamos à época do Inajá II, ainda existiam alguns conflitos e brigas de terras, que não eram recentes. Aqui em Vila Rica teve o do

---

<sup>31</sup>Marizete Nascimento, foi professora da educação Básica em Vila Rica, hoje é integrante do sindicato dos professores de Mato Grosso.

<sup>32</sup>Central Única dos Trabalhadores.

<sup>33</sup>Foi professora da Educação Básica e diretora em escolas municipais da cidade de Vila Rica.

<sup>34</sup>É chamado de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início. Onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Félix do Araguaia foi criada nos anos de 1970 e mesmo com 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>35</sup>Padre François Jentel, francês vindo da França para o Brasil em 1954, onde resolveu viver entre os Tapirapé na cidade de Santa Terezinha-MT, evangelizando e alfabetizando os índios durante vários anos até ser expulso na época da ditadura.

<sup>36</sup>Padre José Saraiva de Jesus, padre que atuou por vários anos na região.

<sup>37</sup>Laudimiro Borges Mirim, padre em várias cidades da região.

assentamento Aracaty<sup>38</sup>, no qual meus pais se envolveram, pois moravam no assentamento, foi um despejo, uma confusão, eles podiam contar só com o apoio da Igreja, o padre que estava com eles era o Saraiva. Lembro-me que, quando iniciei o Inajá, eles moravam lá no Aracaty e antes de eu terminar o curso eles já haviam sido desapropriados, isso foi no final de 1995 início de 1996. Também teve conflitos em Confresa que naquele tempo não era emancipada, ainda fazia parte de Vila Rica, hoje ela é município, mas não sei se regularizaram a questão das terras que eram de invasão. Aqui na região nordeste do Mato Grosso existem, até hoje, constantemente conflitos, ainda tem umas terrinhas aí dando problemas, geralmente de 4 em 4 anos vemos umas confusões de terras.

Quando terminou o Inajá II fizemos formatura, muitos colegas se arrependeram de não terem cursado, pois viram o resultado, como foram trabalhados os conteúdos e a diferença que esses formados fizeram em sala de aula. E assim, foi um curso que tenho certeza absoluta que não deveria parar, porque existem tantos outros professores, pedagogos formados sem outros cursos, que não adquiriram o conhecimento que eu adquiri no Inajá. Vemos os erros dos outros e corrigimos os nossos, falamos assim: “que pena que o meu colega não teve a oportunidade que eu tenho”.

E eu fico muito chateada quando vejo alguém falar mal do que foi o Inajá, essas pessoas falam porque não tiveram a oportunidade de conhecer o que foi esse curso em nossa região, assim respondo logo: “o Inajá foi realizado por pessoas competentíssimas, tanto na parte docente quanto discente, por pessoas que foram privilegiadas tanto para trabalhar quanto para receber as informações”.

Mas só o Inajá não me deu toda a base que eu precisava, então eu fiz um curso superior, pela Licenciatura Parcelada<sup>39</sup> da Unemat, Universidade do Estado de Mato Grosso, o que veio ampliar minha formação.

Não são palavras minhas, mas todos aqui da região sabem e falam que o Inajá foi a semente das Parceladas, porque a Unemat criou<sup>40</sup> as Parceladas por ter acontecido o Inajá. Os professores terminaram o curso e queriam fazer uma graduação, quando terminamos o Inajá pediram para fazermos uma avaliação de como foi o curso e o que

---

<sup>38</sup>Terras que o Inca distribuiu entre produtores rurais para que possam, tirar seu sustendo com mão de obra entre a família, eles escolhiam o nome que daria ao assentamento

<sup>39</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuada, ofertado pela Unemat.

<sup>40</sup>Lei complementar nº 30 de 15 de dezembro de 1993. Cria a Universidade do Estado de Mato Grosso, extingue a Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso.

tínhamos de pretensão futura e eu fui uma das que ressaltai que ao final dele queria fazer uma faculdade.

Após apreciação do que escrevemos providenciaram uma graduação, pelo que me lembro, a professora Dulce estava novamente à frente de tudo com relação às Parceladas, ela foi um referencial, tanto na questão das duas etapas do Inajá quanto nas Parceladas, porque ela estava sempre na briga. Dizia: “Vamos prezar o ensino dos nossos professores, vamos qualificá-los, e que isso não pare apenas no Inajá. Agora que vocês estão se achando professores, ainda tem muitos degraus para galgar, muita coisa para aprender, a busca tem que ser constante, não vão parar aqui. Eu espero que depois que fizerem um doutorado ainda façam o PHD<sup>41</sup> e olha para isso ainda temos que ralar muito. Enquanto não fecharmos os olhos, precisamos acreditar em uma maneira de se trabalhar diferente dentro da sala, a tratar os nossos alunos de modo diferente. Porque as coisas vão mudando e como nossa vida muda, o ensino também precisa mudar”.

Nossa região era precária, tínhamos só um telefone para atender a região inteira, era um posto telefônico com uma cabinezinha que todos usavam. Hoje temos telefone no sertão do Mato Grosso, estamos informados e informatizados, imagine agora ela nos dando essa aula, o quanto evoluímos. Ela nos falava que não podíamos desistir e nos contava a história do passarinho que carregando água no bico tentava apagar uma fogueira, enquanto outro perguntou criticando: “Por que você está fazendo isso?” e ele: “estou apagando o fogo” “mas você não conseguirá apagar o fogo com uma gotinha de água tão pequenininha dentro de um fogaréu desse”, ao que o passarinho respondeu: “mas a minha parte estou fazendo”. Após essa história, a Dulce nos falava: “a sua parte você tem que fazer”. Ela batalhou muito para que as Parceladas acontecessem e não saíssem do foco, para que fosse um retrato do Inajá. Não aconteceu como o desejado, mas houve uma convergência para com a filosofia do Inajá.

O campus da faculdade, no Araguaia, foi instalado em Luciara. Todos os municípios poderiam concorrer para sediá-la, no entanto, só Luciara apostou e acreditou. À época, o prefeito era um médico e a cabeça dele era esclarecida para melhorias dos municípios. Cabe lembrar que o prefeito de Vila Rica também era médico, porém pensava diferente, acreditava que só tinha que ter a sua formação, os outros tinham que moer cana, não eram profissões necessárias na nossa região.

---

<sup>41</sup>O PHD é um doutorado oferecido em países da Europa, USA entre outros.

Como a maior parte do Inajá I e II aconteceu em Santa Terezinha, no Inajá II a exceção foi apenas de uma etapa ter sido em Vila Rica e outra em Luciara, houve reivindicações para que trouxessem núcleos para Vila Rica e Confresa, mantendo-se o polo em Luciara.

Nós acreditávamos que o polo era em Luciara por influências políticas, no entanto, conseguimos trazer um núcleo para Vila Rica, beneficiaria outros municípios, pois a distância entre Vila Rica e os outros municípios é menor. Então, vieram dois núcleos: o de Pedagogia e de Matemática para Vila Rica, de Letras e Geografia em Confresa, ficando os demais em Luciara, dando assim possibilidade para mais pessoas da região terem formação.

Vindo essas ofertas de cursos aproveitei a oportunidade e apostei, tinha duas preferências: biologia e matemática. Como já gostava de matemática e biologia não veio para minha região fiz a primeira. Era isso o que eu queria. O curso mesmo vindo para Vila Rica continuou parcelado, hoje são ofertados alguns cursos aqui, mas parece que agora não é mais parcelado é regular, parece que a última turma que teve parcelado aqui foi a minha, que terminou em 2007.

Para ingressar nas Parceladas todos fizeram o vestibular e não tivemos privilégio algum por termos feito o Inajá, aconteceu de igual para igual, mas acreditamos que o curso nos deu uma base maior para conseguir. Que eu me lembro, fui a única dos que tinha feito Inajá que optou por Matemática, os outros fizeram Pedagogia.

Nas Parceladas havia pessoas que tinham trabalhado conosco no Inajá, como a Marineusa Gazzetta<sup>42</sup>. Ela mostrava a matemática e falava o porquê, eu a amava, minha nota sempre foi 10, já a Dulce e a Águeda que continuaram também fizeram o diferencial. Havia outros professores e que vinham de vários lugares, como o Cesar que veio de Goiânia e também trabalhava com o perfil do Inajá; tivemos o Toga também de Goiânia, outros de São Paulo, a maioria era de Cáceres e Cuiabá, eram professores da Unemat. Alguns desses professores vinham para a região sabendo que a filosofia da Unemat era diferente para o curso de Parceladas, mas chegando aqui fingiam que não entendiam e mandavam conteúdo sem nexos algum, eu fiz os exercícios porque era obrigada a fazer e tinha consciência de que precisava aprender de tudo, assim sendo, não estava lá para fazer o que eu gostava e sim para fazer tudo o que me era permitido,

---

<sup>42</sup>Marineusa Gazzetta foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural, Projeto Inajá I e II e Licenciaturas Plenas e Parceladas na Unemat.

então aceitei, mas dizer que essas aulas trouxeram algum diferencial para mim não é verdade.

Eu chorava na sala pelas minhas notas baixas e pelas listas imensas de exercícios para fazer em casa, falava: “lá vem o modelo tradicional”, mas eu não desistia, pensava: “eu posso fazer o modelo deles, posso aprender o modelos deles, porque eu também preciso do tal do modelo, mas irei trabalhar o meu modelo em minha realidade”. E assim comecei a fazer uma associação do que eu aprendia com o que eu tinha que ensinar.

Como falei, apenas alguns professores utilizavam o modelo tradicional, muitos se valiam da filosofia da Unemat, um exemplo destes últimos foi o professor Celsinho, uma pessoa muito boa dentro das Parceladas, falava a linguagem dos alunos, o jeito dele trabalhar era diferente, quando ele ensinava prendia a turma sem precisar gritar, sem ter aquele monte de conteúdo para copiar, copiar e copiar, só com a fala dele já aprendíamos. Por isso falo: “são professores como esse que faziam o diferencial dentro das Parceladas”.

O Inajá contribuiu muito para minha formação e de muitos outros docentes que fizeram o curso. A minha base docente está no Inajá, sou graduada em Matemática e pós-graduada em educação matemática, mas tenho orgulho em dizer que eu fiz o Inajá. Você poderia me perguntar: “Por que falar no segundo grau?” Porque ninguém fala em magistério se tem uma pós, mas eu gosto de valorizar minha formação desde o início, que foi o Inajá.

Vários continuaram com os estudos, eu me considero a mais parada dos colegas, mas ainda pretendo fazer um mestrado, quero cursar um na área da Educação Matemática, porque eu me identifiquei desde o Inajá. Minha amiga Simone se identificou com a biologia e a Darci com a pedagogia, portanto cada um se encontrou em uma disciplina. Atuei como professora de Matemática há 4 ou 5 anos atrás, quando estava no assentamento Ipê. Trabalhei a Matemática todinha envolvendo horta. A dona Lourivalda<sup>43</sup> acompanhou, à época, ela era extensionista social da Empaer<sup>44</sup>, nós a convidamos para participar do nosso projeto e ela nos deu respaldo. Trabalhamos produção de texto, Matemática, de tudo um pouco dentro da horta, os alunos eram participativos e eu pude fazer o diferencial com eles, vendo coisas boas acontecerem.

---

<sup>43</sup>Lourivalda Barreto Moreira professora aposentada, trabalhava dando assistência a produtores rurais da cidade de Vila Rica e é mãe da pesquisadora.

<sup>44</sup>Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural.



Mas aqui em Vila Rica existe um grupo de professores que não gosta desse tipo de trabalho e ficam bravos. Por que é desgastante? Pode até ser, porque trabalhando diferente preciso dedicar um tempo maior à escola, meu tempo lá é bem maior que o dos outros, pois preciso averiguar as informações que os alunos me trazem, dar a atenção devida a eles.

Os colegas falam que eu estou sendo puxa saco da escola, me criticam falando que daqui a pouco vou levar colchão para a escola: “Ah, mas desse jeito não pode, não tem como você trabalhar na escola desse jeito, isso é bobeira, não precisa fazer isso com os alunos”. Considero que para eles é mais cômodo usar só o livro e deixar um monte de conteúdo que o menino não saberá onde usar, para que está estudando aquilo, nem de onde saiu, dão uma lista imensa de A a Z de exercícios: Faça como o modelo.

Aí penso que em pleno século XXI, existe escola de 1986, com a mesma rigorosidade, com o mesmo modelo. Eu fico boba, acho uma pena, pelos menos quem fez a faculdade pelas parceladas em minha época estudou mais ou menos a mesma filosofia do Inajá, porque depois entraram uns professores totalmente tradicionais e pensam diferente dos anteriores.

Tive que me afastar da disciplina de Matemática, fiquei dois anos na direção do projeto Pró-funcionário e nele era trabalhada a educação de um modo diferente. Esse projeto ainda está acontecendo, ele valoriza todos os funcionários: faxineiro, secretário, guarda. O governo fez um projeto muito bom que englobou todas as pessoas que estão dentro da escola, pois todas elas estão envolvidas com o ensino. Então, porque não os chamam de educadores? Não os respeitam? Por que não têm um salário digno?

Quando veio a chance de participar do projeto, eu abracei a causa e assim deu certo, ao final fizemos a formatura, seu tempo de duração por turma era de dois anos, sendo ofertado para quem tivesse feito segundo grau, de modo a ser uma complementação. Entre os 16 formandos estavam Escolas municipais Alair Fernandes, Vila Nova e Hilma Valadares Aragão, Escola Estadual Maria Esther Peres e a Creche municipal da cidade de Vila Rica.

Mas só pegavam as pessoas que já tinham o segundo grau, que eram poucos, infelizmente. Os que trabalham na limpeza ou são guardas são pessoas, em sua maioria, que não tiveram oportunidade de seguir com os estudos, logo uma minoria deles têm o segundo grau, então trabalhou-se com essa minoria. Agora abriu uma nova turma com 21 pessoas, mas não sei quantos continuam fazendo o curso até agora.

Trabalhei dois anos no Pró-funcionário<sup>45</sup> e depois vim para a educação infantil, tive a opção de voltar para a Matemática, mas teria que voltar para a região rural. Por problemas de saúde decidi ficar com a turma de educação infantil. A rede municipal de educação oferece ensino fundamental do sexto ao nono ano<sup>46</sup> só no interior, já na cidade oferta-se educação infantil e as séries iniciais. Como minha base maior foi no Inajá tinha toda segurança em atuar com pequenininhos. Para onde me jogarem eu vou. Mas acredito que ainda fico uns anos com os pequenos.

Há uma briga grande para que a rede de educação municipal ofereça aulas para o ensino fundamental do sexto ao nono ano, as escolas estaduais são deslocadas de alguns setores na cidade, por exemplo, quem está no setor Vila Nova<sup>47</sup> tem que se deslocar para a Escola Estadual que é no setor Sul<sup>48</sup>, que não são setores pertos, a outra escola estadual fica do outro lado da BR no setor oeste, por incrível que pareça a cidade de Vila Rica não cresceu tanto, mas faz uma diferença boa para quem vai a pé, achamos bem longe.

Na rede municipal existem vários professores qualificados, com formação, esse profissional poderia estar contribuindo mais e ajudar as escolas estaduais, mas o município não vê isso como uma coisa boa, vai gastar dinheiro, prefere deixar o profissional qualificado para outra área trabalhando com a educação infantil.

Sempre que possível trabalho meus projetos em sala de aula, agora nem tanto porque trabalho com pequeninos, então meus projetos têm que ser bem simples e de fácil entendimento para a linguagem da educação infantil.

A briga política partidária em nossa região é grande, quando troca-se de prefeito troca-se tudo, o que o prefeito anterior deixou em andamento para ser concluído no próximo ano, o novo prefeito não termina, principalmente na área da educação. Funciona assim: 4 anos a educação anda, 4 anos a educação para, quando os ‘esquerdas’ estão no poder eles investem mais na educação, não é puxando brasa para lugar nenhum, mas pode averiguar.

Quando aconteceu o Inajá? Quando o PMDB, PT e PDT<sup>49</sup> estavam no poder, aí eles falam que o Inajá e as Parceladas são filosofia de prelazia e de petistas, mas não é.

---

<sup>45</sup>É um programa que visa a formação dos funcionários de escola, em efetivo exercício, em habilitação compatível com a atividade que exerce na escola.

<sup>46</sup>A Lei nº 11.274/2006, altera a LDB, para a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos.

<sup>47</sup>Bairro da cidade de Vila Rica.

<sup>48</sup>Um das escolas estaduais situada no setor Sul da cidade de Vila Rica.

<sup>49</sup>Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Partido dos Trabalhadores e Partido Democrático dos Trabalhadores.

É que eles veem o povo como gente capaz e os outros não veem. Os da direita quando entram só fazem o que é vantagem para o bolso deles.

O prefeito atual não corre atrás de trazer nenhum curso de Parceladas desde que acabou o último em 2007, há 6 anos. Ninguém mais se mexeu, estou vendo o momento em que as parceladas não vão mais existir aqui em Vila Rica. Ficam se orgulhando de ter um prédio das parceladas aqui, mas só no nome porque aulas mesmo não têm.

Temos público para fazer a faculdade, existem vários professores que estão fazendo a Unitins<sup>50</sup>, não estou desfazendo do curso de lá, mas é diferente do que aconteceu nas Parceladas, são só os alunos e a televisão: assistem e colocam algumas coisas no papel, vai à casa do colega para copiar o trabalho dele, pagando para isso 50 reais. Que qualidade esse professor vai ter? Qual será o diferencial desse professor em sala de aula? O que ele aprendeu? Vai reproduzir? Reproduzir, isso se faz desde 1500, precisamos fazer uma educação diferenciada, para reproduzir temos outras opções, olha o Google que inteligente. O que vale é só o canudo, só o papel? Sinceramente não quero falar mal, mas a maioria dos professores que fizeram Unitins apenas reproduz, faz como o modelo, fica calada. Não estou falando de todos, porque vários têm qualidade mesmo sem formação, o que já faz a diferença.

Tudo isso sempre envolve influência política, me questiono: Por que Primavera do Leste<sup>51</sup>, sendo da mesma idade de Vila Rica está a 300 anos luz daqui? Por que Confresa era parte do município de Vila Rica, desmembrou, se tornou município, e está a 10 anos luz daqui? Por que aqui não está crescendo? Em minha opinião é a mesma história: troca poder nas prefeituras, troca tudo.

Você vai voltar aqui quando terminar sua dissertação, aí vamos nos encontrar e vamos ver se as Parceladas voltaram a funcionar aqui para atender a esses professores que estão esperando, que terminaram o segundo grau, para os quais não houve oferta de cursos para que continuassem.

Cadê a formação para os professores do interior? O Inajá atendeu alguns professores do interior também, aliás a maioria era de lá, mas eles foram tratados de igual para igual, acredito que a maioria, ou todos que participaram, fizeram as Parceladas, graças a Deus. Conheço alguns que fizeram pós-graduação, só não conheço nenhum de nossa turma que tenha feito mestrado.

---

<sup>50</sup>Fundação Universidade do Tocantins.

<sup>51</sup>Localizada a mais de 240 km de distância da capital Cuiabá.

Mas ainda existem muitos professores no interior que têm apenas o segundo grau e atuam como docentes sem ter preparação alguma, essa realidade já deveria ter mudado, mas nós vemos uma situação parecida com a de 1986. Esses professores estão em uma situação como aconteceu comigo, aprendi a dar aula dando aula, eles também foram para a sala sem didática alguma, você sabe que para dar aula não é simplesmente entrar na sala e lecionar, tem toda uma didática, você tem que se qualificar, tem que ser um profissional preparado. E esses professores do interior não tiveram cursos de formação.

A maioria desses professores do interior ainda não tem o segundo grau e está em uma sala de aula, com a oitava série já estão atuando como professor, dependendo do número de habitantes nos assentamentos tem que ter uma escolinha e é nesse momento que entra o poder público de novo, se não abrir a escolinha no lugar, os alunos e os pais vão ao promotor e com isso exigem a sala de aula. Aí a educação acontece no faz de conta, eles se reúnem e pensam: É viável levar um professor qualificado lá para dentro do mato, no interior? Vão ter que gastar com transporte para aquele professor, alimentação, com isso vai um dinheiro a mais, procuram então na região mesmo alguém que tenha pelo menos a oitava série e os jogam dentro da sala de aula. É assim que está acontecendo.

Esses alunos não merecem uma educação diferenciada e de qualidade também? Eu não estou dizendo que a pessoa que está lá não tem capacidade, não é isso que eu quero falar, ele não é incompetente, ele apenas não está tendo a oportunidade de continuar seu estudo, já aparecendo a chance de ir para sala de aula e ele vai.

Assim como o governo ofereceu o curso Pró-funcionário também ofereceu aos municípios o Alfabetizar, onde trabalharia com os professores conteúdos específicos de Matemática. Fiquei muito interessada em fazer parte, mas o município de Vila Rica disse que não precisava, nosso município recusou. Está acontecendo agora o Pró-formação, são cursos que não poderiam deixar de acontecer aqui, mas o município achou que só o Pró-funcionário resolveria todo o problema de qualificação do quadro de funcionários da educação.

Eu quero ver a diferença entre eles, os professores que estão nesse curso de Pró-formação tem aula uma vez por semana, ou de 15 em 15 dias, estou vendo alunos desse curso apresentarem o trabalho, mas na verdade a impressão que se tem é que estão lá pelo valor que recebem de bolsa, ou seja, R\$ 200,00. Sendo que alguns estão ali só por estar. Com a era virtual, esses professores estão muito acomodados, esqueceram o

humano. Isso me lembra dum trecho que li em um livro: “Não seja ilha cercada de água por todos os lados” e é isso que está acontecendo em nossa educação. Eu acredito que se continuarem assim, daqui uns dias, nós vamos para casa e quando pedir levo para a escola só a lista dos alunos, marco com meus alunos, às 2 horas da tarde liga sua televisão ou seu computador que eu vou te dar aula. Acabando o afeto e o contato humano.

Quando eu questiono a educação, eu não questiono o aprender a ler e escrever, porque isso também faz parte da educação, mas ela não se resume a isso, vai muito além, tem o corpo a corpo, tem aquele afeto, tem aquele aluno que chegou triste e eu tenho que saber o porquê dele estar assim, porque ele não aprendeu, onde está a dificuldade dele. Eu sou uma professora que preciso desse contato, eu preciso do abraço, eu preciso do carinho. Eu preciso fazer isso em minha sala de aula, eu preciso fazer isso em minha escola, se eu quiser que as coisas vão para frente.

Existem pessoas dentro da escola que reclamam tanto que os alunos não estão aprendendo nada, falando que não sabem o que fazer, mas o pior é que eles sabem o que precisam mudar e o podem mudar. Temos três tipos de profissionais trabalhando juntos: os que fizeram faculdade e sabem fazer a diferença; os que fizeram a faculdade, sabem que precisam agir diferente, mas não agem; e os que ainda não tiveram a oportunidade de fazer uma faculdade, assim não sabem como agir. No segundo caso, parece que o cérebro está enorme e pesado, porque eles sabem onde estão errando, mas não mudam, o terceiro caso, os professores estão com o cérebro pesado, pois eles pensam que deveriam fazer alguma coisa, mas não sabem o que fazer.

Vou dar um exemplo bem simples, é a mesma coisa de ter o arroz, ter o óleo, ter a panela e sal, mas não sabe fazê-lo, se você pega ele pronto em cima da mesa você não sabe qual foi o processo que aconteceu para que esteja cozido e lá posto. Pode até fazer, mas irá fazer grosso modo, sem saber se está fazendo certo ou não. Assim está acontecendo nas escolas com professores sem formação.

Pode até ser que muitas coisas deem certo porque tem muitas pessoas que são muito perspicazes, pegam muito rápido e observam muito as coisas, portanto acertando, mas falta muita oportunidade.

No momento, está acontecendo um curso de Educação Física ofertado pela Unemat, dizem que é das Parceladas, mas isso é só no nome, porque funciona como regular, tem vários professores fazendo. Está saindo uma boa fornada de professores formados, acho que uns 40 ou 60. Mas poderia estar acontecendo pelo menos uns dois

curso ao mesmo tempo, se realmente fosse no perfil das Parceladas. Porque eu acho que parceladas já lembra parcela, são férias, é um tempo exclusivo para aquilo, é sem corte, os que estão fazendo Educação Física estão tendo aula durante a noite, sei que o que produzem também é bom, mas acho que estou acostumada com o modelo do Projeto Parceladas, nele começávamos um trabalho, via a problemática dele, discutíamos, pesquisávamos e concluíamos. Ali eles precisam de mais dias para conseguir fazer o trabalho, acontece com qualidade, mas nem todos os que estão interessados em participar podem, como as mães que já passam o dia todo fora de casa trabalhando e precisam sair de casa todas as noites também. Além disso, alguns desses professores já possuem carga horária completa.

Ou é no sistema de férias igual às parceladas ou, então, não traz porque não funciona. As parceladas ajudam esse grupo de pessoas que podem estudar nas férias, você estuda, argumenta, apresenta trabalho e tudo durante suas férias, assim não atrapalha o seu trabalho em sala de aula, vem para acrescentar.

Precisamos que olhem para nossa região e tragam cursos aqui para Vila Rica, sempre falo que somos mal assistidos, sempre passam fazendo pesquisas de interesse de cursos, mas não vem o que mais interessa, os professores que sempre escolhem são pessoas que não vivem a nossa realidade.

Aqui dentro da Vila foi feita uma pesquisa para o portal do Paulo Freire<sup>52</sup> buscando saber do interesse dos professores pela segunda formação, mas aqui não funcionou coisa alguma, pode ser que em outras regiões funcione, para dar certo temos que acessar a internet sempre, mas aqui nem a internet funciona direito, são dois ou três dias e trava tudo. E aluno não vai e não tem presença.

Já aconteceu uma tentativa, o professor Adenilson foi para Cuiabá, se qualificou e veio todo entusiasmado para trabalhar um curso de informática básica, ele começou com 30 e tantos professores, mas nenhum terminou.

Eu mesma quero continuar minha formação, quero uma segunda Licenciatura. Até conseguir sair para fazer o mestrado, quero fazer Educação Artística, sinto essa vontade desde o Inajá, pois trabalhamos muito com a arte, com a cultura, falo da arte de fazer, do saber e aprender, do fazer e refazer, eu tenho habilidade para artes plásticas, pinto tela, então seria uma opção para fazer mais essa graduação.

---

<sup>52</sup>O Portal Paulo Freire oferece uma segunda graduação para professores atuantes em escolas públicas.

E pelo que eu vejo, não existem professores com formação nessa área aqui, não tem no estadual nem no municipal. É uma matéria muito boa, às vezes, as pessoas falam que trabalham só teatro e música, mas não se resume só a isso, podemos trabalhar a questão da matemática, entre outras coisas, não só aprender a cantar e dançar. As pessoas que estão trabalhando têm a boa vontade de trabalhar, mas não tem a qualificação. E ter a qualificação, querendo ou não, faz diferença. Antes de fechar o meu olho, eu quero fazer. Eu tentei fazer em Tocantins que é perto daqui, Palmas está a uns 400 e poucos quilômetros, fui me inscrever, fiz tudo certinho, mas aí ficaria muito caro para mim, tinha que ter aula uma vez por mês, ia ficar 1.600 reais por mês, eu ganho R\$ 2.000,00 com os descontos cai para R\$ 1.800,00 assim ia faltar muito, como iria comer, pagar minhas contas, não ia dar, assim desisti.

Decidi que vou fazer quando meus filhos estiverem formados. Aí irei para a sala de aula realizada, formada em Matemática e Educação Artística. Farei valer em sala de aula aqueles projetos que fiz na Rui Ramos, escola da zona Rural na Ipê. Trabalhei com meus alunos o fuxico, nós fomos trabalhando a temas matemáticos, o fuxico não é arte? É. Produzir tapetes aumenta a renda de casa, vai proporcionar uma qualidade de vida melhor, e eu aproveitei isso em Matemática.

Trabalhei área em cima do fuxico, o trabalho ficou muito bom, apresentamos em um seminário lá mesmo, foi feito com alunos da quinta e oitava séries.

Quer dizer que eu posso fazer? Posso. Mas preciso de respaldo, preciso dizer “sou professora de Educação Artística também”, assim eu posso fazer um projeto e arcar com ele, desenvolvê-lo nas escolas da Vila Rica. Já que é só uma aula por semana e está tão defasado... De primeira a quarta série as aulas estão acontecendo por meio de apresentação de teatro nas festas da cidade em datas comemorativas, só. E folhinha rodando para pintar. As crianças estão com tanta birra de pintar desenho pronto que estão com vontade de pegar a professora e esganar. E assim são muitos. Ô Cleude! Desenha aí para mim! E Cleude desenha isso quando não acha no computador pronto e apenas imprime, os manda pintarem e dá 10.

Uma pintura tudo fora do limite, não cobram nada, porque Artes não é matéria que reprova alguém, é só uma aulinha. Eles esquecem que tem um monte de coisas que dá para fazer, esquecem que as pessoas são humanas e sabem produzir, que Educação Artística que eles terão lá fora? Eles terão a oportunidade de trabalhar sem estar pedindo na rua, sem ficar precisando do dinheiro do governo, como a bolsa família, por exemplo, poderão ganhar dinheiro com sua arte. Somos educadores pela metade porque,

às vezes, somos impossibilitados, por falta de matéria, por falta de ânimo mesmo, você espera uma coisa acontecer e fica patinando sozinha. Eu faço a minha parte, mas é difícil trabalhar sozinha.

Para mim ainda está faltando muita coisa, ainda falta-me fazer uma especialização, porque depois disso saberei para onde correr, poderei dar um grito com segurança, poderei dar um voo maior, com asas maiores, aí então terei estabilidade. Mas, enquanto isso eu vou sonhando, pois sinto que jamais virá um curso desses para a nossa região.



**Professor Jarbas Costa Sales**

Jarbas iniciou, assim como tantos outros, sua carreira docente sem possuir a graduação, chegando a ocupar até o cargo de diretor de escola municipal. Hoje é graduado em Licenciatura em Matemática, professor efetivo do Estado em Barra do Garças-MT e atua como professor contratado em algumas disciplinas no polo da Unemat em Luciara.

Ao investigar alguns documentos no polo das Parceladas em Luciara, em conversa com a secretária, descobri a existência de um professor que havia feito Licenciatura em Matemática e que iniciou no primeiro curso em 1992 e só finalizou em 2007 já no polo de Vila Rica. Vi que poderia ser uma entrevista interessante para compreendermos a respeito do tempo que esse professor levou para se formar. Assim, conversei com o professor Jarbas e agendamos a entrevista para o dia 10 de julho de 2014, às 13 horas, na casa onde estava hospedado. A entrevista teve duração de 1h16min.

Já tinham sido realizadas três entrevistas até chegar ao professor Jarbas, todas com roteiro e a entrevista semiestruturada, contudo, senti certa inibição dos depoentes. Em leitura dos trabalhos do grupo vi que alguns colegas haviam feito a entrevista com fichas. Assim, baseada em meu roteiro, mudei a estratégia e produzi fichas contendo palavras chaves para a entrevista, na qual a ordem da resposta ficava por conta do depoente. E foi essa a estratégia utilizada na entrevista com Jarbas.

(...)

Meu nome é Jarbas Costa Sales, sou mato-grossense nato da cidade de Barra do Garças<sup>1</sup>. Meus pais eram de municípios diferentes, mas os dois do estado de Mato Grosso. Moramos em Luciara-MT<sup>2</sup>, de 1976 a 1979. Retornamos para Barra do Garças e lá estudei até a oitava série<sup>3</sup>. Sai de lá com 17 anos para Brasília<sup>4</sup>, quando fui prestar serviço militar e no qual permaneci 6 anos, 6 meses e um dia. Enquanto morei lá, sempre em período de férias, em qualquer oportunidade, vinha a Luciara.

Quando vim de férias pela última vez, antes de dar baixa do exército, em 1990, meu irmão estava morando aqui e tinha montado uma empresa de construção civil. Ele fez a proposta para que viesse trabalhar com ele, aceitei. Quando saí do quartel me senti um pouco desorientado, mas assim que cheguei já iniciei o trabalho. Paralelo a isso, iniciei minha vida docente, substituindo a esposa de meu primo nas aulas de Educação Física, durante três meses. Gostei de atuar em sala de aula e, no ano de 1991, fiz um contrato em meu nome como professor interino em diversas áreas para o Ensino Fundamental II. Com essa experiência consegui ver que queria ser professor.

Em 1991, a Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, veio para Luciara-MT. Houve influências políticas, o prefeito daqui, Nagib Elias Quedi<sup>5</sup>, bateu no peito e falou que queria a universidade na cidade. Pelo que sei, ela estava destinada para São Félix do Araguaia-MT<sup>6</sup>, mas o prefeito de lá, que à época era o Baú<sup>7</sup>, falou que não iria mexer com isso.

Como São Félix do Araguaia não quis lutar para que ela [a universidade] fosse para lá, o prefeito de Luciara se dispôs a doar o terreno e arcou com as despesas. Podemos dizer que o Nagib foi corajoso, por ter lutado e assumido essa posição.

Os moradores de São Félix do Araguaia criticaram muito o seu prefeito, por ter perdido a Universidade para Luciara. Sempre teve uma rinha entre as pessoas dos dois municípios, críticas em querer um ser melhor que o outro.

Nesse mesmo ano de 1991, aconteceu o vestibular para a Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, me juntei a uma professora de Português, montamos

---

<sup>1</sup>Cidade localizada aproximadamente a 412 km de distância da capital do estado MT.

<sup>2</sup>Cidade onde está Localizado o Polo da Unemat e fica a uma distância de 1.100 km, de Cuiabá.

<sup>3</sup>A Lei nº 11.274/2006, altera a LDB, para a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Atualmente conhecida como 9º ano.

<sup>4</sup>Capital do Brasil- DF

<sup>5</sup>Foi prefeito do município de Luciara.

<sup>6</sup>Polo que servia de apoio para a realização do Projeto Inajá também a mais de 1.000 km da Capital.

<sup>7</sup>José Antônio de Almeida, foi prefeito da cidade de São Felix do Araguaia era conhecido na cidade pelo apelido de Baú.

um minicurso pré-vestibular. Eu ministrava aulas de Matemática e ela de Português. Tivemos 17 alunos e, desses, 15 foram aprovados, inclusive eu que optei por Licenciatura em Matemática.

Fiquei no município até o ano de 1995. Nesse período, já tinha me casado e minha esposa estava grávida e como meus pais residiam em Barra do Garças, resolvi levá-la para ter o neném lá, por ter melhor recurso na área da saúde. No dia 11 de dezembro de 1995 nasceu meu filho.

Como resolvi mudar para Barra do Garças, tentei muito conseguir uma vaga na Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT. Não foi fácil conseguir minha documentação para solicitar uma transferência, tive que fazer duas viagens a Cáceres-MT<sup>8</sup>, porque só fazendo o pedido pelo telefone não conseguia.

À época, o coordenador do polo de Luciara era o Luís Pereira Paiva<sup>9</sup>. Eu ligava várias vezes e ele dizia que estava dependendo de Cáceres. Esse período foi difícil, estava desempregado, com criança de colo e ter que me deslocar para Cáceres para buscar os documentos. Mas nessas viagens tive a oportunidade de conhecer o Tônico<sup>10</sup> que, à época, fazia o curso de Licenciatura em História e era funcionário da Unemat. Ele fez um documento e eu retornei no outro dia para Barra do Garças e apresentei na UFMT.

Não resolviam meu problema na Unemat, cheguei a ligar várias vezes para o Luís Paiva e ele me dizia que dependia do coordenador do curso de Matemática. Voltei em Cáceres novamente, peguei a documentação e entreguei na UFMT. A coordenadora do curso falou que agora não me preocupasse, estava faltando um documento, mas que isso era trâmite entre universidades.

Já era o ano de 1996, foi quando eu comecei a estudar na UFMT. A universidade passou por uma greve de três meses, [enfim] as aulas retornaram. Em setembro, me convidaram a ir à secretaria da Universidade. Lá, me entregaram meus documentos e disseram que estava com minha matrícula cancelada por falta de documentação por parte da Unemat.

Questionei, fui mostrar a cópia de dois ofícios e a ficha telefônica de várias ligações que fizeram para Cáceres solicitando o documento necessário, mas não adiantou, perdi o curso.

---

<sup>8</sup>Cidade localizada a mais de 200 km de distância de Cuiabá- MT.

<sup>9</sup>Coordenador do Projeto Inajá e coordenador do Polo das Licenciaturas Parceladas em Luciara-MT.

<sup>10</sup>Luiz Antônio Barbosa Soares.

Minha situação era delicada, tinha perdido os três anos do curso em Barra do Garças, mais meio ano que tinha estudado em Luciara. As dificuldades foram aumentando porque eu estava desempregado, com mulher e uma criança, morando na casa dos meus pais, um momento delicado em minha vida, sem muitas perspectivas.

Surgiu a oportunidade de trabalhar com uma colega em uma escola de computação em Barra do Garças. Essa mesma colega me incentivou a entrar na justiça contra a Unemat, para que eu pudesse continuar o curso de Matemática em Barra do Bugres-MT<sup>11</sup>, onde acontecia uma etapa específica. Mas eu não estava bem psicologicamente para estudar.

Posteriormente, fiz um concurso na Sanemat (empresa de água e saneamento básico do Mato Grosso). Comecei a trabalhar em Barra do Garças, depois me mandaram para Nova Xavantina-MT<sup>12</sup> e logo pedi transferência para a cidade Luciara, em virtude da família residir na cidade.

Em 2001, meu casamento acabou. Mudei para Santa Cruz do Xingu-MT<sup>13</sup>, lá tive a oportunidade de, novamente, ingressar na Unemat, no polo de Vila Rica-MT<sup>14</sup>. Estava na luta, de novo para conseguir a vaga no curso de Matemática. Eram 25 vagas para Santa Cruz do Xingu, mas havia só 24 professores e as vagas eram específicas para professores. E na época eu atuava como Diretor na escola, com isso tinha uma vaga a que poderia concorrer.

Eram vagas limitadas e só havia duas vagas para Matemática, eu tive que fazer o que sobrasse, no caso sobrou Geografia. Iniciei o curso de Geografia, mas sempre com esperança de alguém desistir de Matemática e eu poder trocar de curso. Essa troca poderia acontecer no período básico<sup>15</sup> que funcionava em Luciara com os cursos de licenciatura em Geografia, Pedagogia, História, Matemática e Biologia.

Minha maior vontade em trocar de curso era por ter feito três anos de Matemática aqui em Luciara e meio ano em Barra do Garças, então minha tendência e minha vontade era mesmo Matemática, eu queria a todo custo.

Em julho de 2004, nós fomos para Vila Rica onde aconteceu um seminário de encerramento do período básico e nesse dia eu fiquei perguntando se havia alguém que

---

<sup>11</sup>Cidade localizada a mais de 160 km de distância de da Capital do estado, Cuiabá

<sup>12</sup>Localizada a aproximadamente 610 km de Cuiabá.

<sup>13</sup>Cidade que se localiza a mais de 1.000 km de distância de Cuiabá.

<sup>14</sup>Localizada a mais de 1.100 km de distância de Cuiabá.

<sup>15</sup>Durante o primeiro ano de curso a universidade dava a oportunidade para que os alunos pudessem mudar de curso se quisessem.

queria trocar de curso comigo. Mas ninguém queria Geografia. Uns falavam que se fosse Biologia trocavam, mas Geografia [não]. Fiquei frustrado porque vários colegas conseguiram trocar e eu não. Eu cheguei a oferecer minha motocicleta para quem trocasse, não foi possível.

Eu perdia a esperança, no mesmo seminário em conversa com os colegas fiquei sabendo de um aluno que estava desistindo inclusive nem estava lá no dia. Assim que terminei minha apresentação, fui procurar maiores informações sobre ele e descobri que morava em um assentamento<sup>16</sup> a uns 130 km de Vila Rica.

O nome dele era José Humberto. Fui de moto até sua fazenda. Cheguei lá eram quase 18 horas e estava escurecendo. Eu pelejei<sup>17</sup> com ele, mas a esposa dele que era formada em Letras disse para ele não desistir. Resumindo, ficamos nessa conversa até às 20h quando eu perguntei: “Você vai trocar comigo?” Ele falou: “Rapaz, é o seguinte, 90% de certeza que vou desistir, mas hoje não”.

Fui para Confresa<sup>18</sup> e no outro dia cedo voltei para Vila Rica. Ao chegar, o ônibus que estava indo levar as turmas para a etapa em Luciara estava saindo. Um colega virou para mim e disse: “Deixa de ser besta. Seu curso é Geografia e você precisa voltar para Luciara ou vai acabar perdendo tudo. “Eu respondi que poderia até perder tudo, mas que eu queria era Matemática”.

Fui para Vila Rica conversei com o Ivo<sup>19</sup>, que era coordenador do curso de Matemática. Ele ligou e conversou com o Tônico e me falaram que o que pudessem fazer por mim, fariam. O Tônico era coordenador geral do Campus e conhecia minha história. Eu decidi ficar no curso de Matemática, em Vila Rica, sem garantia nenhuma.

Comecei a participar das aulas e, logo na primeira semana, na quarta-feira, o José Humberto chegou para assistir aula e não disse nada para o Ivo, coordenador. No final da tarde ele o chamou e apresentou para vários trabalhos que teria que fazer, pois tinha perdido aulas naquela semana.

O José Humberto chegou ao alojamento e disse para os colegas: “Eu tenho tantos bezerros para entregar, tantas vacas para receber, eu vou é cuidar de meu gado,

---

<sup>16</sup>Terras que o INCRA distribui entre produtores rurais para que possam tirar seu sustendo com mão de obra entre a família.

<sup>17</sup>Expressão que usou para falar que tentou muitas vezes.

<sup>18</sup>Mais de 1.000 km, de distância para capital Cuiabá.

<sup>19</sup>Ivo Pereira da Silva, fez Licenciaturas Parceladas em Matemática, polo Luciara, hoje atua como professor assistente na Unemat.

não quero mais saber disso!” e foi embora. No outro dia cedo, abandonou o curso. Mas ficamos sabendo disso depois.

Na quinta-feira, fiquei sabendo de outro aluno, o Eder<sup>20</sup>, que havia sido convocado para trabalhar no Banco Bradesco e ele era residente em Porto Alegre do Norte-MT<sup>21</sup>, mais de 100 km de Vila Rica e que, provavelmente, ele iria desistir. No sábado, depois do meio dia peguei minha moto e fui atrás do Eder. Cheguei e ele estava em casa. Cumprimentei-o e perguntei se ele ia desistir e ele me disse que no momento não, ia tentar conciliar o curso com o trabalho. Mas ele me disse que tinha ficado sabendo que outro colega iria desistir, o Levi<sup>22</sup>, que morava em Canabrava do Norte<sup>23</sup>, uns 50 km de Porto Alegre do Norte. Decidi que iria atrás dele também. Chegando na saída da cidade, parei para abastecer a moto e encontrei com o Iremar<sup>24</sup>, um colega de Porto Alegre do Norte, que perguntou o que estava fazendo por ali. Conteí a história, mas ele me disse que achava que o Levi estava em Cuiabá<sup>25</sup>, mas me convidou a ir com ele até sua casa e que, de lá, telefonaria. Assim, para nossa surpresa o próprio Levi atendeu o telefone. Depois de explicar o motivo da ligação, ele me respondeu que não iria desistir e que na segunda-feira estaria indo para Vila Rica.

Sem sucesso, voltei para o polo e fui novamente conversar com o coordenador. Ele me disse que, por meu nome não estar na lista, teria que convencer os professores a colocá-lo na lista e deixar fazer as avaliações. Ao mesmo tempo, o pessoal de Luciara me ligou e avisou que eu constava como desistente no curso de Geografia, pois não fiz a etapa de julho e fiquei em Vila Rica fazendo a de Matemática. Quando ia iniciar a próxima etapa em janeiro, precisava saber como estaria minha vida na universidade. Liguei para o Tônico e perguntei se eu poderia ficar no curso de Matemática como aluno ou se iria perder tudo novamente, até mesmo o curso de Geografia. Sua resposta foi satisfatória, eu poderia continuar, pois havia três desistentes no curso de Matemática, inclusive eram aqueles a quem eu tinha oferecido a minha motocicleta.

Entreí na Licenciatura em Matemática e não precisei perder o veículo que tanto me foi útil para correr atrás da vaga e usei-o durante todo o curso.

---

<sup>20</sup>Aluno de Licenciaturas Parceladas de Matemática do polo de Vila Rica colega do depoente

<sup>21</sup>Estando distante de Cuiabá mais de 1.227 km.

<sup>22</sup>Aluno de Licenciaturas Parceladas de Matemática do polo de Vila Rica colega do depoente

<sup>23</sup>Localizada a mais de 1.000 km da capital do estado Cuiabá.

<sup>24</sup>Aluno de Licenciaturas Parceladas de Matemática do polo de Vila Rica colega do depoente

<sup>25</sup>Capital do estado de Mato Grosso.

Ela [a motocicleta] foi minha companheira de estrada durante o curso, estrada de chão com chuva, lama, atoleiro e, em outra época, poeira. Morava em Santa Cruz do Xingu e fiz as viagens (para todas as etapas que ficava a tantos km de Vila Rica) na moto.

Eu no curso de Matemática começando do zero, como se nunca tivesse feito etapa alguma, em curso algum, não aproveitei nada. Foi como se tivesse feito vestibular novamente. Precisei fazer todas as “guias da vida” novamente: epistemologia, sociologia, psicologia e mais algumas. Mas por opção também não corri atrás de aproveitar essas disciplinas, saberia que as portas iriam se fechar, já estava dentro do curso e era isso que me importava.

No primeiro curso que iniciei em Luciara, sempre fui um colega que ajudava e incentivava os outros e, de repente, em Vila Rica estava sendo aluno de alguns daqueles colegas de sala. Alguns deles terminaram a Licenciatura e fizeram mestrado e agora estavam lá sendo meus professores. Foi o caso do João Severino Filho<sup>26</sup> (Joãozinho), do Edson Cabral<sup>27</sup>, eram colegas de turma que agora eram funcionários da universidade.

Mas eu, como aluno, fui convidado pela Unemat para ministrar um minicurso de Limites e Derivadas. Eram aulas de funções para dar um embasamento aos alunos, preparando-os para entrar nos conteúdos mais aprofundados. O curso durou uma semana. Éramos 55 alunos, mas eu nesse momento fui aluno e monitor ao mesmo tempo, tenho até certificado.

Durante minha formação tive alguns professores marcantes, posso até citar alguns, o professor Francisco Ledo<sup>28</sup> que é formado em Engenharia Civil e tinha um grande domínio na Matemática. Teve outro também que era um cubano, não me recordo do nome dele, veio da Universidade Federal de Goiás-UFG. Esse professor cubano, um dia em sua aula, disse que em uma turma só 30% dos alunos assimilavam os conteúdos. Alguns colegas questionaram, mas ele passou atividades e disse que no outro dia seria uma avaliação sobre o que tinha aprendido e de fato ele provou que só os 30% tiraram as melhores notas e eu estava nessa porcentagem.

---

<sup>26</sup>Aluno e monitor do Inajá, fez Licenciatura em Matemática e hoje com mestrado e fazendo doutorado em Educação Matemática, atua como professor da Unemat em Cáceres-MT

<sup>27</sup>Aluno de Licenciaturas Parceladas em Matemática do polo de Luciara.

<sup>28</sup>Aluno de Licenciaturas Parceladas em Matemática do polo de Luciara.

Esses dois professores me marcaram positivamente pelo seu jeito de explicar os conteúdos. Marcou-me muito também a professora Marineusa Gazzetta<sup>29</sup>, que ministrou a disciplina de Etnomatemática<sup>30</sup> e referenciava sempre o professor D' Ambrósio<sup>31</sup>. Ela também me orientou durante a monografia, hoje ela é falecida. Minha monografia ficou pronta praticamente um ano antes, por sua competência como orientadora.

Durante a graduação, não só os professores foram marcantes, mas também colegas e momentos. Voltando a falar do Levi, aquele que fui atrás para trocar a moto pela vaga, ele era o mais velho da turma, era um pastor. Pediu para entrar em meu grupo de estudo, ele entrou e, a partir desse dia, nunca mais saiu do grupo, até terminar a graduação. Fizemos uma parceria boa, tínhamos facilidade com os conteúdos e demos certo.

Certa vez, o professor Sandes<sup>32</sup> falou ao monitor e ao coordenador Ivo que queria ver se algum aluno o desafiava. Em dois ou três dias de aulas passou uma bateria de exercícios contendo uns 300 e, dentre esses, eu o questionei sobre um. Eu disse a ele que estava errado em afirmar que um dos problemas se tratava de uma expressão e não equação como ele apontava. Ele foi bem rude comigo e se exaltou falando: “Está doido? Você fugiu da escola? Como você diz que isso aqui não é uma equação?” Expliquei meu raciocínio, ele olhou para o monitor e para o coordenador e deu uma risada.

Sempre procurava ajudar aos que tinham dificuldades, em meu grupo geralmente tinha nove participantes, enquanto os outros sempre com menos.

Tive uma colega, a Cleude Schmitz<sup>33</sup> esposa de meu amigo Pedrão. Ela tinha dificuldades, era professora há 14 anos, mas ministrava aulas nas séries iniciais, assim tinha dificuldade na parte mais avançada da Matemática. Ela sentava perto do cunhado que também fazia o curso, mas ele não conseguia repassar o que tinha aprendido. Um dia ela chegou chorando e perguntou se eu poderia ajudá-la, pedi que sentasse ao meu lado que a ajudaria.

---

<sup>29</sup>Marineusa Gazzetta foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural, Projeto Inajá I e II e Licenciaturas Plenas e Parceladas na Unemat.

<sup>30</sup>É a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais.

<sup>31</sup>Ubiratan D' Ambrósio é professor do programa de Educação Matemática desde o início de seu funcionamento até os dias de hoje na UNESP de Rio Claro.

<sup>32</sup>Professor de Cálculo que ofertou uma disciplina.

<sup>33</sup>Aluna de Licenciaturas Parceladas em Matemática do polo de Vila Rica, também é nossa depoente.



Tivemos um professor japonês que, também não lembro o nome, veio dar uma disciplina sobre limites e derivadas, foi novidade até para mim e para os outros colegas então nem se fala, porque eles não tinham visto isso no ensino médio. Como eu tinha feito 6 meses de Matemática na UFMT da Barra do Garças, comecei a ter noção de limites, eu lembrei algumas coisas.

Em um dia o professor japonês estava tentando explicar para a Cleude, mas ela disse que ele deu um nó na cabeça dela, eu estava com outro grupo tentando ajudar quando eu olhei ela estava chorando, juntou seus materiais e saiu correndo da sala. Mas, ao descer a rampa, encontrou seu esposo que perguntou o que estava acontecendo, ela respondeu chorando que ia embora, ele deu uma dura nela, lembrando-a que ela queria o curso de Matemática, então que voltasse e ficasse na sala e procurasse ajuda.

Ela até voltou, mas não conseguiu ficar, caiu sua pressão e tivemos que levá-la para o hospital. Ela não desistiu, retornou para o curso logo em seguida. Ao final, na apresentação de sua monografia, fez um agradecimento por eu ter sido seu companheiro e tê-la ajudado.

O trabalho final foi sobre o Gado Branco e a Avestruz. À época, aqui, tinha uma venda grande de avestruz, pois uma empresa chamada Avestruz Master<sup>34</sup> abriu uma filial em Vila Rica, muitos compraram inclusive meu colega Levi e outros colegas também. Todos levaram prejuízo vendendo gado branco para comprar a avestruz.

O trabalho dela ficou muito bom, foi premiado e ela foi chamada para apresentá-lo em um congresso, com tudo pago, em Pelotas-RS. Isso mostrou que ela superou suas dificuldades durante o curso. Tudo isso foi marcante durante a graduação.

O tema de minha monografia foi Matrizes: os conceitos e suas aplicações. Queria mostrar que lidamos todos os dias com elas e não nos damos conta, no caso de quando preenchemos vários documentos como: uma nota fiscal, uma ficha do laboratório, em diversas coisas que não nos damos conta, mas é uma matriz.

Tivemos várias influências para a mudança da educação em nossa região, se não fosse a política não teria todos esses cursos que temos aqui, só depois de muita briga se conseguiu um Campus para Vila Rica e para Confresa.

---

<sup>34</sup>Foi uma empresa que fornecia contratos de venda e compra de avestruzes com a honra de recompra dos animais em esquema de pirâmide financeira também uma das maiores fraudes financeiras ocorridas no Brasil

A Igreja estava envolvida em tudo na educação, principalmente na época do Projeto Inajá<sup>35</sup>. Havia várias críticas e pessoas contra a Prelazia<sup>36</sup>, mas a Igreja deu força para esse curso da região. Por meio do Inajá, se sentiu a necessidade de aperfeiçoar os estudos e o surgimento das Licenciaturas Parceladas<sup>37</sup> em Luciara aconteceu.

Mas tínhamos conflitos entre fazendeiros e posseiros<sup>38</sup> e a Igreja apoiava esses últimos. Eu morava aqui em Luciara e presenciei esses conflitos. Tem um exemplo: o padre que era responsável pela Igreja recusou telhas para cobrir a igreja, porque era um fazendeiro que estava doando. Esse Fazendeiro impedia e brigava com os posseiros pela posse da terra. Alguns falavam que o fazendeiro estava fazendo uma doação apenas para que sua esposa pudesse participar das missas aos domingos. Mas os que estavam envolvidos com a prelazia não interpretaram como doação e não aceitaram.

Havia vários problemas. Muitos colegas eram produtores rurais, moravam nas posses e vinham assistir aula, mas tinham que cuidar da terra para não ficar sem ela. Esse conflito ainda se estendeu por algum tempo.

Vi esse conflito de perto durante a graduação, porque morava em Santa Cruz do Xingu e durante as aulas eu tinha que ficar na cidade de Vila Rica. Meu irmão é advogado e tinha sido contratado por uma empresa, um grupo de empresários de São Paulo que havia adquirido a gleba Porta da Amazonas, próximo a Vila Rica. Ele era responsável por negociar com os posseiros, tinha uns 115 posseiros dentro da área, então começou aquele conflito de terra onde o meu irmão era o advogado que pagava o agrimensor para medir.

Os empresários queriam pagar para os posseiros por sua área, mas eles nem sempre sabiam a medida de suas terras, diziam, por exemplo, que ela media 17 hectares<sup>39</sup>, mas quando iam medir sempre dava uma diferença no tamanho. Os posseiros se sentiam enganados e pressionados a venderem suas terras. Um posseiro se suicidou (enforcou-se) por se sentir acuado e obrigado a vender sua terra para os empresários.

---

<sup>35</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986 com duração de 3 anos e Projeto Inajá II com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

<sup>36</sup>É chamado de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início. Onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Felix do Araguaia foi criada nos anos de 1970 e mesmo com 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>37</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuado, ofertado pela Unemat, <http://www.unemat.br/proeg/parceladas>, acessado no dia 23/04/2015.

<sup>38</sup>Aquele que adquire, ou ocupa terras, com a intenção de dono, sem título legítimo de propriedade.

<sup>39</sup>Um hectare representado pelo símbolo ha, é uma unidade de medida de área equivalente a 100 (cem)ares ou a 10.000 (dez mil) metros quadrados.

Vila Rica e Confresa são duas cidades que têm muitos assentamentos. Antes o Fundeb<sup>40</sup> de Confresa era maior que o de Barra do Garças. Nos anos de 2000/2007, Confresa foi considerada uma cidade com maior número de assentamentos legalizados no Brasil. Não recordo bem, mas parece que Confresa era município de Luciara, na verdade Luciara era cidade mãe de toda essa região aqui, existia Barra do Garças, antes era tudo município de Barra, depois foi dividida, primeiro desmembrou Luciara que ficou com essa região depois desmembrou São Félix do Araguaia, São José do Xingu e, por último, Confresa.

Os primeiros habitantes de Confresa vieram de Luciara e de Porto Alegre do Norte. Primeiramente, Confresa era um assentamento desorganizado com muita fome, miséria, as pessoas vinham achando que ia ser muito bom, todos iam ganhar muito dinheiro e não foi assim. Eram pessoas sem qualificação e os donos das empresas pagavam barato pela mão de obra.

Esses assentamentos, tanto os de Vila Rica quanto de Confresa, tiveram que fazer escolas para atender aos alunos, as prefeituras não davam a devida atenção para essa população, e não ofertavam ônibus para transportar os alunos para a cidade. Chegava a época da chuva e era uma calamidade, caíam pontes, ou melhor, as “pinguelas”<sup>41</sup>, esses alunos ficavam até 15 dias sem poder ir para a cidade nas aulas. Assim, foi necessária a construção de escolas nos assentamentos.

Tinha uma colega, a Maria Aparecida<sup>42</sup>, toda disciplina ela ficava de dependência e eu sempre a ajudava. Ela tinha casa em Vila Rica, mas o esposo morava na posse e ele a incentivava, no dia da formatura ele deu uma vaca para fazermos churrasco.

O trabalho final dela foi interessante e ela também foi convidada para apresentar o trabalho no Rio Grande do Sul, seu trabalho foi sobre a construção do pilão, fazendo com que entendêssemos o porquê o arroz não amassa a cada batida da mão. Tive uma participação na formação de outros alunos na Unemat. Fui convidado a ministrar umas aulas e fazer uma palestra aqui no Campus de Luciara sobre a persistência em conseguir entrar na universidade, contei toda a minha trajetória até eu conseguir ingressar no curso. Depois fui convidado a ministrar aulas na Unemat, uma disciplina de Matemática em Vila Rica, para a turma de Ciências da Computação, e sempre me convidam a vir ao

---

<sup>40</sup>Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

<sup>41</sup>Pontes feitas com duas peças de madeira onde tinha espaço só da roda em cada madeira.

<sup>42</sup>Aluna de Licenciaturas Parceladas em Matemática do polo de Vila Rica.

polo de Luciara em disciplinas de Matemática, Cálculo I, Cálculo II, mas geralmente eu ministro a matemática básica, porque os professores reclamavam que os alunos chegam à universidade sem saber o básico.

Quando finalizamos o curso alguns colegas ficaram por aqui, mas conheço algumas que foram continuar seus estudos, a Vania Holler<sup>43</sup>, de Vila Rica, está fazendo mestrado em Jataí- GO<sup>44</sup>. Ela é uma pessoa bem capacitada e foi coordenadora da Unemat local de Vila Rica.

Minha formatura aconteceu no dia 04 de agosto de 2007, mas passei no concurso do estado no mesmo ano e tinha que tomar posse no dia 09 do mesmo mês.

Ajudei tanto, fui presidente da comissão de formatura, consegui a banda musical para a festa, trabalhei igual um condenado, batalhei, ganhei até a carne para o churrasco.

No dia da festa, infelizmente, fiquei pouco tempo por medo de perder o ônibus que saía às 6 horas da manhã. Precisava estar em Cuiabá até dia 09 de agosto de 2007. Vila Rica fica situada a mais de 1000 km de distância da capital do estado, precisaria de alguns dias de viagem, com as estradas em condições precárias para chegar a tempo, assim não participei da festa.

Chegando a Cuiabá para tomar posse, o estado prorrogou por mais 30 dias. Não me importei, pois já era professor da escola em Santa Cruz do Xingu. Era interino e com a posse passaria a ser efetivo<sup>45</sup>. Fiquei nessa escola mais dois anos até pedir remoção para a cidade de Barra do Garças, por motivos de saúde de minha mãe.

Em um evento, no mês de maio de 2003, na cidade de Confresa, questionei um determinado grupo que apresentou um trabalho do Pro-Gestão, quando falaram que a educação não havia mudado em nada. Em certo momento, fizeram uma dramatização e eles colocavam a mão nos olhos e diziam: “Nossa, como tudo está mudado! As ruas que eram de cascalhos agora estão todas de chão preto, tal coisa era assim agora é assim, não tinha telefone nem orelhão nas ruas, agora tem até telefone nas casas, e a educação continua a mesma, uma cadeira atrás da outra”.

Interferi na hora e defendi que a educação tinha mudado e para melhor. Não poderiam dizer aquilo, antigamente o professor entrava na sala e tinha um tablado para ele se sentir mais alto, o professor entrava com uma régua de madeira de um metro e se o aluno reclamasse de alguma coisa, ele batia a régua na cabeça e mandava calar a boca

---

<sup>43</sup> Aluna de Licenciaturas Parceladas em Matemática do polo de Luciara, também atuou como secretária no polo.

<sup>44</sup> Cidade localizada a mais de 300 km da capital Goiânia.

<sup>45</sup> Professores que são concursados.

na hora, porque ele não podia falar nada. Hoje não se vê professor querendo bater em alunos. Os alunos podem discutir com o professor dentro do contexto que ele está ministrando, independente da disciplina.

Na Matemática mesmo vejo essas mudanças, a introdução da Etnomatemática, da Modelagem e de outras disciplinas nos cursos. Esses novos acadêmicos recebem gradualmente essas mudanças em seus cursos, e o professor tem que estar se adequando a tudo isso.

Minha jornada na educação não parou só na graduação. Minha transferência para Barra do Garças foi com muita persistência, o resultado de minha remoção foi indeferido alegando inexistências de vagas. Resolvi fazer uma sondagem nas escolas de Barra do Garças, pois haviam comentários que existia vagas.

Fiquei investigando e descobri que só em uma única escola havia duas vagas, perguntei à secretária se tinha professores interinos e ela foi rude comigo, mas no fim foi a que mais me ajudou. Disse que as informações que eu estava procurando eram oficiais, só poderia passar se a autorizassem; mas se o Sérgio ou a Marilene<sup>46</sup> autorizassem, faria o ofício.

Chegando na assessoria, fiquei sabendo que eles estavam em uma reunião em Cuiabá, mas a pessoa que me atendeu me passou o telefone e pediu que ligasse só depois do almoço porque eles estavam em um curso naquele horário.

Liguei para a Marilene, que era assessora pedagógica, me falou para ligar para outra pessoa. Liguei, mas quem me atendeu disse que, se eu fosse até lá, iria perder a viagem e que não existia a vaga.

Retornei a Santa Cruz do Xingu no sábado e no domingo iríamos ter uma reunião com o secretário de educação, o Saguas<sup>47</sup>. Ele era de Luciara e faria essa reunião com todos os funcionários da escola. Foi minha oportunidade de falar com ele sobre minha sondagem em Barra do Garças. Ele me pediu o número da minha matrícula, meu processo, meus documentos e pediu para eu ligar quarta-feira da próxima semana. Entregou-me o número do telefone de casa, da sala dele na Seduc<sup>48</sup> e o celular particular. Na mesma hora guardei os números e já trouxe todos os documentos que ele pediu também.

---

<sup>46</sup>Funcionários da Assessoria Pedagógica da cidade de Barra do Garças, na época.

<sup>47</sup>Saguás Morais Leonardo Prado.

<sup>48</sup>Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso.

Ele tirou meus documentos do envelope e colocou na pasta dele e disse “quarta-feira você me liga”. Liguei como o combinado, mas a secretária atendeu e disse que ele não poderia falar, pois estava em reunião o dia todo e me pediu que adiantasse o assunto. Conte novamente toda a minha história. Ela disse que iria avisá-lo eu agradei e pensei: “Agora vou esperar!”, né?

No dia seguinte, recebi um recado para que entrasse em contato urgente com a Seduc até às 15 horas. O secretário me avisou que minha transferência seria realizada. Fui para Barra do Garças em janeiro de 2010, em novembro minha mãe faleceu. Ao menos convivi com ela por algum período. Então, minha vida tem sido assim, com muita luta e persistência.

Para finalizar, eu sinto que fui penalizado nas Parceladas por irresponsabilidades de outras pessoas. Mas depois que me formei, defendo muito as Parceladas hoje e tive a oportunidade de participar de um seminário em Dourados-MS e percebi a diferença entre o curso das Parceladas e o regular.

Valorizo muito as parceladas. Nelas as aulas são por meio de seminários, apresentações, e até hoje se segue esse perfil, pois sou professor no campus de Luciara. Há algum tempo conversei com o Tônico, que é o coordenador, que gostaria de trabalhar como professor substituto. Consegui através de contrato como professor especialista e sempre sou chamado a vir ministrar disciplinas de matemática.

Tento usar as mesmas estratégias que usamos na época da graduação e peço aos meus alunos que façam trabalhos em grupos, que apresentem seminários de como dar uma aula diferente, acredito que seja uma forma de prepará-los para a sala de aula, que logo estarão atuando nela. Converso sempre para que eles se preparem antes de entrar em sala, mesmo que já conheçam o conteúdo e estejam preparados a introduzir conteúdos novos até mesmo para eles, pois a educação está em movimento e com mudanças todos os dias.

Ainda sonho em fazer uma Pós-Graduação. Já tentei entrar no mestrado na UFMT, mas não venci a concorrência.

E assim foi minha trajetória.

**Professor João Severino Filho.**

Professor João Severino Filho, conhecido como professor Joãozinho, é professor da Unemat *Campus* Cáceres, mas atuou na região do Araguaia como professor da educação básica tendo apenas o ensino fundamental completo. Hoje é mestre e cursa o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro/SP.

Nossa escolha por esse depoente se deu por ter conhecimento que ele foi aluno e monitor do Projeto Inajá, aluno das Parceladas de Licenciatura em Matemática e Professor na Universidade. Foi inclusive meu professor de matemática durante o ensino médio na cidade de Ribeirão Cascalheira/MT.

Meu primeiro contato com ele aconteceu na cidade de Rio Claro-SP, onde ambos cursávamos pós-graduação. Falei sobre a pesquisa e que gostaria de convidá-lo para ser meu depoente. Ele aceitou participar e então realizamos a entrevista em minha residência em Rio Claro no dia 26 de agosto de 2014. Usei as fichas com ele no mesmo formato que havia usado com o professor Jarbas.

(...)

Sou João Severino Filho, nasci aos 23 de junho de 1965. Tenho esse nome em homenagem a São João, padroeiro da cidade onde nasci. Um distrito<sup>1</sup> do município da Cidade de Goiás<sup>2</sup>, no estado de Goiás.

---

<sup>1</sup>Uma vila turística com o nome de Boenolândia, mas também conhecida por Barra do Rio Vermelho pelo motivo do rio passar dentro da vila.

<sup>2</sup>Cidade histórica do Estado de Goiás.

Tínhamos uma chácara no distrito e moramos nela até chegar o momento onde os filhos necessitavam ir à escola. Somos 8 irmãos por mais que não eram os oitos que já iriam estudar, meus pais decidiram vender a chácara e ir morar na Cidade de Goiás, e tentar outra forma de vida.

Nessa época as coisas não deram certo. A vida no campo é bem diferente da cidade. Logo meu pai sentiu essa mudança. No campo era tudo organizado: a produção, plantação várias coisas, já na cidade teve que tentar várias opções de trabalho, tentou atuar no comércio, ser taxista entre outras atividades.

Ele decidiu que não tinha condições de continuar ali na cidade e tentou voltar para a fazenda, para a vida no campo, mas também não deu certo porque ele não tinha mais a terra, teria que ser funcionário. E junto com tudo o relacionamento não resistiu e meus pais resolveram se separar. Nesse tempo, eu tinha 9 (nove) anos de idade.

Na separação ficaram todos os filhos com minha mãe. A separação me marcou, pois, considerava nossa família grande, mas por consequência da separação, meus tios - com a intenção de ajudar minha mãe - cada um levou um filho para que ela pudesse se organizar financeiramente e assim buscar todos de volta. Mas ela nunca mais conseguiu juntar todos os filhos novamente. Com isso, meus irmãos e eu fomos criados em lugares diferentes.

Continuei morando na Cidade de Goiás, estudando. Era um adolescente bem ativo como a cidade era pequena eu sempre estava participando de várias atividades, principalmente na Igreja católica. Sempre participava de reuniões, mas não entendia o que estava acontecendo no Brasil na época.

Ainda estava acontecendo a ditadura<sup>3</sup>, a Igreja tinha uma rádio e tinha um movimento meio subversivo<sup>4</sup>, eu me lembro de comentários dentro da minha família de que a qualquer momento a polícia poderia chegar ali na Igreja e fechar a rádio, mas não entendia os motivos e nem questionava. Essas e outras coisas me marcaram, mas não significava muito no momento.

Não conseguia fazer um link da importância da igreja para aquela população, mas quando fui para Mato Grosso foi importante para eu entender essas coisas, aqui se falava muito de Dom Tomaz Baldoíno que é também da Teologia da Libertação, ele é

---

<sup>3</sup>A Ditadura Militar é definida como sendo o período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Esta época vai de 1964 a 1985. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

<sup>4</sup>Como se fosse um movimento revolucionário.



do mesmo grupo do Dom Pedro Casaldáliga<sup>5</sup>, do Leonardo Boff, e ele tem a mesma linha de Dom Pedro, é ali na arquidiocese, diocese eu não entendo muito bem essa estrutura. Mas entendi a luta deles só quando saí de Goiás.

Na pré-adolescência, eu comecei a participar de um grupo de jovens que eram ligados à igreja, ao movimento da pastoral da terra e que trabalhavam também com crianças da periferia, eu tocava violão e eles sempre me chamavam para ajudar na animação ali.

Eu conheci o pessoal conhecia esse trabalho, mas eu não entendia o cunho político dele, eu estava ali porque eu gostava daquele movimento, tinha algumas atividades que eram ligadas à educação que eu também participava, mas não entendia. Algumas rodas de atividade, as crianças sentadas no chão e começar a discutir o que elas tinham feito o que elas tinham aprendido, a professora dando essa liberdade e eu sempre sem entender.

Mudei para Goiânia<sup>6</sup>, continuei os estudos fiz Ginásio no período noturno, porque precisava trabalhar durante o dia. Não era fácil encontrar vagas em escolas, pois era uma grande disputa, logo para quem trabalhava e não tinha flexibilidade de horário. Trabalhava durante o dia, saía do trabalho direto para a escola chegando em casa só tarde da noite.

Ao iniciar o ensino médio ficou ainda mais complicado, pois, o número de vagas só diminuía: menos vagas nas escolas e menos vagas em trabalhos.

Estudei na educação pública boa parte do tempo, mas para o ensino médio não havia vaga no ensino público, o segundo grau, chamado na época.

Em Goiânia tinha umas escolas nos bairros periféricos que eram conveniadas eram escolas particulares, mas tinham convênio com a rede pública, então eles cobravam meia mensalidade, mas essa meia mensalidade era muito alta, eu trabalhava, ganhava um salário mínimo de balconista no comércio e não consegui me manter e pagar essa mensalidade. Na época também não havia uma legislação que garantisse o direito de frequentar uma escola, então quando atrasasse a mensalidade não podia fazer a avaliação e era barrado na entrada da mesma escola.

Quando saí de Goiânia e fui para o estado de Mato Grosso eu estava completando 20 anos, tinha desistido do ensino médio fui barrado na escola por não

---

<sup>5</sup>Foi Bispo da região do Médio Araguaia por mais de 30 anos, atuou em função do pobre e oprimido por vários anos, esteve presente em várias lutas pela melhoria da educação da região. Hoje em dia não atua como Bispo, mas resolveu continuar vivendo na cidade de São Felix do Araguaia-MT.

<sup>6</sup>Capital do estado de Goiás.

pagar a mensalidade não me deixaram realizar a avaliação semestral. Isso era em 1985, minha documentação ficou presa na escola porque estava devendo, não conseguia nem pedir transferência para outro lugar sem pagar essa escola.

Passei uns tempos sem trabalho e nessa época meu pai já tinha rodado várias regiões, tinha tentado a vida no sul do Pará, em Rondônia, em muitos lugares. Até que decidi ficar em Mato Grosso, na região do Araguaia, pois, tinha conseguido uma posse de uma terra.

Mandou recado para que eu fosse para Ribeirão Cascalheira<sup>7</sup>, lá iria ter uma seleção para professores na escolinha municipal e que eles não exigiam que você tivesse o ensino médio, você poderia ter só ginásio porque era para dar aula para o ginásio. Lá acontecia isso, não se exigia mais que o ginásio para atuar em sala de aula.

E meu pai sempre disse que eu era inteligente e que eu poderia fazer isso. Mandou recado por um caminhoneiro que fazia entrega de mercadorias, e foi com ele que fui de carona para Mato Grosso. Fui na carroceria do caminhão, foi uma viagem longa acredito que mais de 1000 quilômetros, tinha alguns trechos que eram asfaltados, mas a maioria era estrada de chão. Passamos pela cidade de Cocalinho<sup>8</sup> atravessamos o Rio Araguaia de balsa foi uma aventura. E assim cheguei a Mato Grosso. Eu era jovem, usava cabelo grande cheguei lá com uma camada de poeira e o cabelo uma “quiçaça”.

A cidade onde ia fazer a seleção para professor era bem pequena, chamava-se Ribeirão Bonito<sup>9</sup>. Lá já havia alguns professores atuando na escola, lembro-me bem da Águeda Borges<sup>10</sup>, do Ivo. O Ivo era diretor da escola e eles faziam parte de um grupo de professores que tinham certa formação, não muita, mas tinham um vindo do sudeste, de Minas Gerais, São Paulo e estavam assumindo esse movimento da educação no Araguaia.

Eu conheci várias pessoas nessa época que haviam chegado há um ano ou dois antes de mim, e assumiram as escolas. Essas foram as primeiras pessoas com quem eu conversei e que vi que ser professor era aquilo.

Fui fazer o teste. Era um seletivo que a prefeitura iria realizar em Ribeirão Cascalheira, mas não era emancipado então a prefeitura que atendia lá era a de

---

<sup>7</sup>Localiza-se a 877 km de Cuiabá.

<sup>8</sup>Cidade distante 550 km da capital do estado, Cuiabá.

<sup>9</sup>Nome dado à cidade de Ribeirão Cascalheira antes de sua emancipação.

<sup>10</sup>Águeda Aparecida da Cruz Borges, foi monitora e professora no Projeto Inajá, atuou também nas Licenciaturas Parceladas polo de Luciara.

Canarana<sup>11</sup>. Se passasse na seleção assinariam a minha carteira e tudo mais. Mas na seleção não dizia qual a disciplina que iria assumir.

Concorri com outra candidata, o marido era um fazendeiro e tinha uma serraria. Ela era “grã-fina<sup>12</sup>”, quando eu cheguei e vi aquela mulher com ar de experiente, inteligente, pensei que nem ia conseguir, mas na hora da prova ela não tinha muito o que dizer, eu não lembro muito bem as questões que caíram, mas sei que me saí bem em algumas.

A prova tinha questões de várias áreas e tínhamos que discorrer pequenos textos a respeito de cada uma. Embaralhei um pouco com uma questão de ciências que perguntaram sobre órgão de aparelho reprodutor feminino. E eu fiquei na dúvida do que poderia escrever, nessa questão eu me dei mal, mas minha concorrente se saiu pior e éramos apenas dois candidatos, nessa fase eu passei, mas tinha mais (risos).

A professora Águeda Borges veio conversar e disse: Olha você entende muito pouco de mulher.

Então os professores fizeram a sabatina<sup>13</sup> comigo e conversaram muito em relação ao compromisso, ao interesse que eu tinha, eles falaram que sabiam que eu não tinha experiência como professor, mas que com a carência na educação da cidade, eu precisaria só ter o interesse em aprender e disponibilidade para estar envolvido com a educação, porque a escola não seria só a sala de aula. A escola está toda por fazer, por organizar várias questões.

E não ficou só nisso além de passar por essa sabatina com os professores, tivemos uma reunião com os pais onde eles também sabatinaram a gente. Isso me marcou muito. Porque a realidade que eu conhecia de escola era como aluno e não lembro de meus pais ou os pais de colegas meus irem à escola conversar com os professores, saber quem era o professor que daria aula para seus filhos.

A sala estava cheia de pais e alunos e começaram a fazer várias perguntas específicas de educação, mostrando que eles acompanhavam a escola no cotidiano e não era só aquele dia, isso me chamou a atenção em ver como era a escola para aquela comunidade.

Interessante também que ali sentado junto aos pais estavam as lideranças da cidade, políticos, posseiros, entre outros. Lembro que quem estava representando os

---

<sup>11</sup>Localizada a 822 km da capital do estado, Cuiabá.

<sup>12</sup>Elegante bem arrumada, as pessoas da região costumam chamar as mulheres dos fazendeiros assim.

<sup>13</sup>Todos me encheram de perguntas.

vereadores era o senhor José Rocha (Zezinho Mecânico) que foi acompanhado de sua esposa, porque aquela época esposa de vereador tinha um poder político também. O prefeito Dia estava lá também.

E nessa reunião tinha pergunta de todos. Imagino que eles ficavam pensando quem era aquele moleque que estava chegando à comunidade, magrinho raquítico. Eu lembrava que a única experiência educacional que tinha era como aluno e a participação que fazia nas rodas de atividades com a Igreja lá em Goiás.

Quando solicitaram que eu falasse da minha experiência, falei um pouco daquilo, disse que escola tinha que ser assim assado, meio no improvisado, mas eles gostaram (risos) ficaram impressionados com minha desenvoltura, é que sempre articulei bem, sempre tive facilidade em falar.

Eu tinha o ginásio que correspondia até a oitava série<sup>14</sup> e fui contratado para dar aulas para o ginásio também.

A Águeda dava aula de Língua Portuguesa, o Ivo parece que História ou Geografia, não me lembro bem, e eu dei aula de tudo de todas as disciplinas, mas foi uma coisa que me envolveu muito. As aulas eram à noite, eu tinha o dia para ficar ocioso, não tinha nada para fazer, eu estava vindo de Goiânia um ritmo totalmente diferente, tinha uma correria para tudo. Agora estava em um lugar que não acontecia nada nesse sentido. Eu não tinha nada para fazer a não ser viver na escola.

O ano anterior ao que cheguei na cidade a escola tinha conseguido um projeto não lembro de que instituição ou que órgão, mas ela ganhou uma biblioteca muito completa, com um acervo muito bom e eu passava o dia todo naquela biblioteca, eu ia para casa e levava três quatro livros e lia de tudo de todas as áreas eu não escolhia, lia de tudo.

Em casa eu estudava e o tempo que estava na escola tudo que ia acontecendo eu estava próximo. Na confecção de um cartaz, na reunião de pais em tudo eu estava envolvido.

O ginásio naquele tempo tinha várias disciplinas, que eu me lembro trabalhei com ciências, práticas agrícolas, religião, educação moral e cívica, história e outras, a única que não trabalhei foi matemática. Eu gostei muito dessa experiência, eu fazia um pouco do que estava nos livros e um tanto das coisas que eu conhecia por ver na

---

<sup>14</sup>A Lei nº 11.274/2006, altera a LDB, para a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Assim a oitava série hoje é nono ano.

televisão, por viver em outras regiões e o que eu tinha estudado também. Eu nem entendia o que era ser professor na época.

Mas também por eu estar disponível ali, quando tinha um curso regional para formação de professor me mandavam como representante. Assim fui conhecendo a região. Na época a Secretaria de Educação do município era na cidade de Canarana<sup>15</sup> e sempre faziam cursos de capacitação para os professores e traziam especialistas de fora para ministrá-los e eu sempre participava e voltava para multiplicar e reproduzir isso na escola.

Eu comecei a participar das questões extras e não só na sala de aula. Na região era assim: não tinha energia, televisão, telefone, nada dessas coisas. Tinha um motor estacionário a diesel, a função dele era iluminar toda a cidade, mas como a cidade era pequena, só enquanto estivesse no horário de aulas tinha uma pessoa responsável que ligava e desligava aquele motor.

Tinha aulas no horário noturno e esse motor era desligado às 23h, mas quando o moço do motor desligava-o não dava tempo de ninguém chegar em casa e a energia já havia ido embora, alegavam que a energia era só para o horário de aula. Ninguém tinha geladeira, ninguém tinha nada porque a energia só das 19h às 23h não dava tempo.

Viver essas experiências em Mato Grosso foi um corte brusco, eu tinha namorada, tinha amigos, mas aquela realidade me envolveu tanto que com o tempo eu não sentia falta. Eu percebia que não tinha telefone quando precisava de um, mas naquela época escrevíamos cartas ainda. Logo depois colocaram uma cabine telefônica onde podíamos fazer ligações interurbanas. Enfrentávamos uma fila danada e pagávamos valores altíssimos, mas assim você poderia ligar para uma pessoa ou outra.

Eu acredito que não sentia falta porque eu me encontrei ali. Antes eu estava meio perdido sem trabalho, sem estudo, sem esperança... era uma falta de caminhos. Eu sempre trabalhei muito, sempre quis estudar, então ali o valor que as pessoas davam pela minha presença era gratificante.

Logo fiquei amigo de toda a comunidade e as pessoas começaram a me convidar para participar de outras questões nas cidades como o movimento da igreja da política o PT<sup>16</sup> estava criando um diretório lá e aí eu fui entender o que era isso. Então eu me encontrei enquanto pessoa, enquanto profissional. Foi uma descoberta, na verdade.

---

<sup>15</sup>Localizada a 822 km da capital do estado, Cuiabá.

<sup>16</sup>Partido dos trabalhadores.

Eu comecei o contato com o pessoal da prelazia<sup>17</sup> que era o pessoal da igreja e quando eu falava que era de Goiás Velho eles falavam do Dom Tomaz Baldoíno e da turma que eu conhecia lá em Goiás Velho, mas eu não fazia esse link desse movimento político da Igreja dessa coisa toda, aquilo que disse no início da entrevista. E foi uma descoberta gratificante saber que eu tinha feito parte de um movimento na igreja e só descobri esse movimento depois que saí de lá.

Eu voltei depois de alguns meses em Goiás Velho e consegui olhar para tudo aquilo diferente, agora eu entendia tudo o que eles falavam, e tinha um monte de coisas que eu queria conversar com eles, que eu tinha vivido e que eu tinha entendido.

Ribeirão Bonito era uma cidade onde as pessoas tinham suas vidas ligadas à agricultura, ao campo, recentemente eles tinham conquistado algumas terras depois de ter passado por vários conflitos nas terras onde eles estavam trabalhando.

Comecei a fazer visitas à zona rural que tinha escolas, em várias visitas os moradores me mostravam as trincheiras<sup>18</sup> que eles cavavam para defender as terras porque tinha os jagunços das fazendas e era uma guerrilha armada mesmo pela posse da terra. E assim ficava sabendo de muitas histórias, como a morte do Padre João Bosco<sup>19</sup> e como se deu ali.

A própria polícia, o INCRA<sup>20</sup>, a meu ver, estavam a favor dos grandes fazendeiros e contra o povo. Eu comecei a entender e ter minhas críticas em relação à sociedade como ela estava organizada, a partir dessa percepção e das histórias que eles contavam e do resultado daquilo de quantas pessoas tinham sido assassinadas ali fui iniciando minha formação política.

Concomitante a isso se dava minha formação profissional e inclusive eu me tornei uma pessoa muito chata, porque para mim a educação seria a forma de mudar o mundo, mas mudar radicalmente. Por exemplo, a ideia de que um professor que não militasse, que não fosse de um partido de esquerda que pudesse ser um bom professor, para mim isso era incoerente isso era incompatível, um professor tinha que querer

---

<sup>17</sup>É chamado de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início. Onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Félix do Araguaia foi criada nos anos de 1970 e mesmo com 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>18</sup>Eles cavavam o chão encaixava suas armas e permaneciam de longe para acertar o adversário quando passava pela estrada.

<sup>19</sup>Padre João Bosco Penido Burnier, assassinado na cidade de Ribeirão Cascalheira, em 11 de outubro de 1976.

<sup>20</sup>Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

mudar a realidade tinha que questionar e isso tinha que estar presente em tudo que ele fizesse e não só na sala de aula.

Por isso falo que me tornei chato nesse sentido, eu era muito radical, mas depois eu entendi que cada um tem seu processo e seu tempo.

Em 1985 existia um movimento na educação não só naquela cidade, era na região do Araguaia, principalmente nos municípios de Porto Alegre do Norte<sup>21</sup>, São Félix do Araguaia<sup>22</sup>, Santa Terezinha<sup>23</sup>, Canarana.

Canarana foi um negócio meio anômalo<sup>24</sup>. Lá é uma cidade toda de colonização gaúcha, mas a maior parte da população era de cidades não emancipadas que faziam parte do município e essas eram de origem nordestina, goiana.

O município não era caracterizado como os demais da região, mas a prefeitura e toda a equipe ficavam lá e ele era considerado da região do Araguaia, mas a sua maior população era de Ribeirão Cascalheira.

Nesses municípios houve um movimento do PMDB não lembro o nome, que foi um movimento de professores, artistas e que assumiram o poder dessas prefeituras, em Ribeirão Cascalheira e Canarana o Diá<sup>25</sup>, que era professor da educação básica, em Porto Alegre do Norte o Cascão<sup>26</sup>, que era professor também artista de teatro etc. Em São Félix do Araguaia o Pontim<sup>27</sup> também professor e em Santa Terezinha<sup>28</sup> o Tadeu<sup>29</sup>, que não lembro se era professor, mas provavelmente sim porque foi um movimento da educação assumindo o poder.

E essas prefeituras, esses prefeitos desenvolviam muitos programas de forma articulada e eles conseguiram uma força porque era a região que ia até o governo reivindicar e eles conseguiram articular a população de uma forma muito interessante. Eles articulavam um trabalho de saúde com a educação então eles conseguiam atingir uma região muito maior, porque quando eles conseguiam um carro, naquele carro tinha gente da educação e da saúde, o trabalho aparecia muito mais.

---

<sup>21</sup>Estando distante de Cuiabá mais de 1.227 km.

<sup>22</sup>Polo que servia de apoio para a realização do Projeto Inajá também a mais de 1.000 km da Capital.

<sup>23</sup>Um dos polos que a equipe do Projeto Inajá se reunia para realização das etapas do curso. Situada a mais de 1.200 km da Capital Cuiabá.

<sup>24</sup>Era algo irregular ou fora do comum.

<sup>25</sup>Francisco de Assis dos Santos. Prefeito da cidade de Canarana em 1985.

<sup>26</sup>Rodolfo Alexandre Inácio era prefeito de Porto Alegre do Norte na época.

<sup>27</sup>José Pontim foi prefeito de São Félix do Araguaia de 1983 a 1988.

<sup>28</sup>Um dos polos onde a equipe do Projeto Inajá se reunia para realização das etapas do curso. Situada a mais de 1.200 km da Capital Cuiabá.

<sup>29</sup>Antônio Tadeu Martins prefeito de Santa Terezinha na época.

As escolas em cada região de assentamento de pequenos agricultores não era assentamento na época, mas era de conquista na terra de gleba e posses, uma característica daquela população era garantir primeiramente a escola e eles brigavam muito por ela. Eu lembro que eles reivindicavam nas prefeituras que tivesse um professor ali, que tivesse um acompanhamento educacional na própria cidade.

Porque eles sabiam que aquela escola era uma garantia também de eles não precisarem que os filhos fossem para a cidade estudar, a escola desses assentamentos recebiam visitas da Igreja para fazer reuniões e missas, a prefeitura também vinha e fazia reuniões.

A escola era um lugar de articulação desse povo dessas posses. Nesses municípios eu fui várias vezes, eu comecei a conhecê-los melhor porque eles começaram a fazer curso de formação que envolvesse e chamava todo mundo ligado à educação em cada município. Então esses projetos como Projeto Inajá<sup>30</sup>, Licenciaturas Parceladas<sup>31</sup>, antes do Projeto Inajá, o Projeto de Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural<sup>32</sup>, esse projeto foi antes do Inajá e ele também tinha essa característica diferente por envolver as pessoas de toda a região.

Esse projeto tinha um financiamento não lembro de qual entidade, mas eles traziam professores de universidades de grandes centros não só do sudeste, mas professores de Goiás, de outras universidades também, principalmente da Unicamp<sup>33</sup>, USP<sup>34</sup>, mas pessoas que já tinha um trabalho voltado para o que eles queriam lá. E eles pediam para as escolas enviarem representantes. Esses representantes passavam por uma formação e depois a apresentavam na escola. Então foi assim que comecei a participar da formação de professor.

No curso de Ensino de Ciências, eu me lembro da Ana Luiza Bustamante Smolka<sup>35</sup>, estive lá e tivemos uma formação com ela, a Marineusa Gazzetta<sup>36</sup>, o

---

<sup>30</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986 com duração de 3 anos e Projeto Inajá dois com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

<sup>31</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuada, ofertado pela Unemat.

<sup>32</sup>Esse projeto aconteceu no ano de 1985, foi desenvolvido e assessorado por equipes vinda da Unicamp, levando para educadores da região sentido de fundamentar teoricamente as práticas educativas existentes e as novas ações a partir da reflexão sobre a Etnociência.

<sup>33</sup>Universidade Estadual de Campinas.

<sup>34</sup>Universidade de São Paulo.

<sup>35</sup>Professora pela Unicamp e Na época era também coordenou o Projeto de Incentivo à Leitura (INEP/MEC/SESU, 1983-85).

<sup>36</sup>Marineusa Gazzetta foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural, Projeto Inajá I e II e Licenciaturas Plenas e Parceladas na Unemat.



Eduardo Sebastiani Ferreira<sup>37</sup>, falamos da Educação Matemática, o professor Carlos Arguello<sup>38</sup> da Física, eram pessoas que tinha um domínio grande, uma proposta muito avançada e muito condizente com o que a região pensava de educação. Eles tinham essa tranquilidade de ir lá e conversar com a gente, essa tranquilidade nesse sentido, essa capacidade de conversar com quem não era especialista em educação.

Acho que esse curso durou dois anos porque ele era por semestre, parece que acontecia um encontro ou dois não lembro bem, geralmente acontecia no município de São Félix do Araguaia ou Santa Terezinha porque era lá que tinha aquela linha aérea que vinha, era um aviãozinho pequeno que descia em São Félix do Araguaia depois desciam em Santa Terezinha, então as equipes da região se deslocavam ou para um município ou para o outro, que era onde os professores tinham condições de chegar rápido, porque por terra você se lembra como era (risos). Nós íamos de carroceria de caminhão ou caminhonete, era uma loucura.

Depois desse curso é que veio o Projeto Inajá, as pessoas envolvidas no primeiro projeto já tinham o contato contínuo com algumas pessoas como a Marineusa Gazzetta, o Eduardo Sebastiani eles já tinham ido mais vezes fazer uns trabalhos específicos, tipo na aldeia Tapirapé que é a que eu trabalho eles foram discutir a escola com os professores e com os indígenas.

Bom houve pessoas que contribuíram e colaboraram mais para a escrita e desenvolvimento do Projeto Inajá, a Marineusa Gazzetta ficou como coordenadora do projeto e como articuladora aqui na Unicamp, ela conseguia conversar e apresentar o que seria a região para as pessoas e conseguia também identificar quem seria a pessoa mais adequada para trabalhar em cada área com a gente.

O Projeto Inajá foi assim, um curso de formação de professor que não se preocupava se o professor tinha ginásio, ou ensino fundamental, normalmente esse professor tinha de primeira à quarta série<sup>39</sup> mesmo, era aquele professor da zona rural que estudou naquela escolinha até o dia que o professor foi embora e ele assumiu a docência dali, então tinha várias escolas no sertão que o professor era morador de lá.

---

<sup>37</sup>Professor da Unicamp que atuava na área de Matemática.

<sup>38</sup>Carlos Alfredo Arguello, professor de Física da Unicamp atuou tanto no Inajá nas duas etapas quanto no curso de Licenciaturas de Luciara- MT.

<sup>39</sup>A Lei nº 11.274/2006, altera a LDB, para a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Assim as essas séries estão denominadas em segundo ano e quinto ano.

O Projeto Inajá se propôs a formar todos em nível de magistério<sup>40</sup>, tanto professores indígenas, professores da zona rural, professores que tinham ginásio, só até quarta série e os professores da cidade que também, o máximo que tinham, era um magistério modular pelo Logos<sup>41</sup>, ninguém tinha outro tipo de formação lá.

O município de Canarana assumiu o Projeto Inajá enquanto política de ensino, então todos os professores atuando no município - automaticamente - já seria alunos do projeto, todos os diretores de escola, coordenadores pedagógicos de escola automaticamente seria coordenadores e monitores no Projeto Inajá. Nessa época era o segundo ano que eu estava lá, mas sentia como se já tivesse vivido vinte anos em educação.

Naquele tempo do Projeto eu fui para a sede do município em Canarana, o secretário de educação era o Luís Pereira Paiva<sup>42</sup>, e me convidou para trabalhar no município, mas não na sede, era para articular as escolas rurais, eu passava o tempo visitando uma escola e outra trabalhando com eles. Era um trabalho que eu não tinha a função específica como inspetor, diretor ou algo assim. Talvez eu fosse um coordenador pedagógico, eu tinha passado por várias formações, todos os cursos eu participava: de literatura infantil, de teatro de fantoche, de histórias, eu fazia tudo, isso fez parte da minha formação e atuação.

E isso eu fazia nas escolas também, eu não ia para escola sem uma mala de leitura, que tinha muitos livros de literatura infantil, tinha gravador, toca fitas com historinha infantil. Eu chegava à escola e meu contato era com os alunos a maior parte do tempo, eu dormia na escola mesmo, levava minha rede armava e dormia ali mesmo.

Tinha um momento que eu conversava com o professor, em cada escola tinha muito livro de literatura infantil, então eu só trocava os livros da mala, deixava aqueles para eles lerem e enchia a mala com os que eles já tinham lido e ia para outra escola. Os alunos inventavam as próprias histórias, faziam teatrinho, fazia toda essa coisa da história de rádio com os barulhos, com toda a sonoplastia. Eu gravava e levava para a outra escola, assim aqueles alunos ouviam a história dos outros.

---

<sup>40</sup>Curso que forma professores para atuarem na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

<sup>41</sup>O Projeto LOGOS foi criado pelo Ministério da Educação em 1973 por meio do parecer nº 699/72. Habilitava o professor que estava atuando em séries iniciais, em nível de Magistério.

<sup>42</sup>Coordenador e idealizador do Projeto Inajá e coordenador do Polo das Licenciaturas Parceladas em Luciara-MT.

Então além do trabalho mais chato de direção de escola como ver documentação, inspeção, eu trabalhava mais com essa parte pedagógica mesmo, de orientação ao professor, ajudando nas dificuldades deles mesmo.

Então quando começou o Projeto Inajá esses professores eram meus alunos, isso acontecia na cidade também porque os diretores das escolas eram orientadores do projeto, foi um grande projeto e um grande programa de formação de professores mesmo, as pessoas que não tinham o magistério eram obrigadas a fazer, senão davam o lugar para outro ingressar. Quem já tinha o magistério poderia optar por não fazer, mas havia vários alunos que já possuíam o magistério de forma modular e resolveram fazer o Projeto Inajá porque era uma formação muito boa, muito dinâmica e se o professor não entrasse ia se sentir por fora de tudo que estava acontecendo ali.

O Projeto Inajá acontecia assim, no período de férias vinham os professores dessas Universidades como veio a Marineusa, o Sebastiani e outros e trabalhavam com aqueles alunos e monitores, eram duas turmas de mais ou menos 80 pessoas, imagine mais de 160 professores. Nós que éramos monitores tínhamos esse papel, naquele momento do professor, ele trabalhava com dinâmica de grupo, leitura de texto, com atividades de produção e, de certa forma, nós estávamos em formação, pois tínhamos um nível de compreensão melhor de leitura, e à noite participávamos de reuniões com especialistas, com os professores - eles diziam qual a intenção que eles esperavam da gente enquanto atuação ali nos grupos e tal. Avaliávamos o dia anterior e a gente estava em formação, éramos orientadores, monitor e alunos, recebemos o certificado de monitores do projeto.

Quando os professores cursistas voltavam para as escolas, parte do trabalho que a gente fazia no curso era levado para o cotidiano das escolas. O papel dos monitores foi de fazer um acompanhamento das atividades que eles tinham levado, atividades de pesquisa e outras, uma continuidade nos estudos, então eles tinham a nossa presença, nosso apoio. Era um trabalho completo, além de darmos esse apoio em sala de aula fazíamos reuniões com eles propondo um trabalho mais coletivo.

Foi nesse momento que eu comecei a me identificar com a matemática, aquelas atividades de física ou de matemática, qualquer atividade que tivesse um aspecto para essas áreas, as pessoas começaram a perceber que os alunos gostavam mais, entendiam mais, quando eu explicava. E que os alunos me procuravam mais para tirar as dúvidas e assim os orientadores começaram a me empurrar para essas atividades, eles diziam:

“não, o João prepara essa parte; o João fica com ela” e foi assim que eu me tornei professor de matemática.

No Inajá tinha alunos que tinham feito apenas a quarta série, quando estavam em aulas achavam as atividades de matemática difícil, mas o curso deu abertura para todos os professores e trabalhou de uma forma que eles não se sentissem envergonhados em não saber. O curso foi se formando junto com os cursistas partindo do que eles sabiam e de qual nível eles se encontravam, quebrando um ciclo de várias gerações de professores que não tinham sido preparados para isso. E a gente tinha aquele professor que precisava de uma matemática, de uma produção e texto, de uma compreensão do que seria a educação etc.

A primeira atividade do Inajá aconteceu antes dos professores da Unicamp virem para o projeto, quando terminou aquele curso que antecedeu o Projeto Inajá os professores pensaram e formularam um questionário onde os interessados em cursar o Inajá teriam que responder, essas respostas fizeram com que os interessados já realizassem uma pesquisa inicial cujo tema era um levantamento sobre o contexto da região.

Assim no primeiro encontro do Inajá os professores já teriam ideia de como era a região em que cada aluno morava, ali eles escreveram como era a economia, como era a produção, como era a distribuição das terras, a origem populacional, esse levantamento que os alunos fizeram rendeu muitas informações que foram importantes para o curso. Os professores trabalharam muito com as informações que os alunos trouxeram. Planejavam atividades para eles baseando-se nos dados daquela pesquisa.

Hoje eu entendo que nós estávamos trabalhando como aprender pelo olhar, pela pesquisa, aqueles professores não saíam das universidades levando um monte de conteúdos eles levavam possibilidades de trabalho, um monte de experiências, eles conseguiam enxergar a possibilidade de trabalhar cada área, mas não tinha nada pronto estava tudo para ser desenvolvido ainda.

Nossa função de monitor era de auxiliar, ajudar aqueles que tinham mais dificuldade na aula presencial com o professor, e essa ajuda se estendia além da sala de aula, quando voltávamos para nosso município, os monitores dariam maior atenção para aqueles que tinham mais dificuldades.

Eu era um monitor e aluno, então precisava ficar atento a tudo e perceber as mudanças que iriam acontecendo para fazermos discussões com os professores da Unicamp durante o nosso trabalho entre monitores e professores especialistas.

Mas a mudança desses professores foi de imediato, era perceptível, nem precisava fazer qualquer levantamento, nós íamos aprendendo, entendendo tudo, todos mudaram. Eu via essa mudança acontecer em sala de aula, o leque de possibilidades para trabalhar. Uma criatividade grande em pegar aquilo que aprendeu durante a etapa e transformar para seu aluno.

Nas aulas do Inajá em 1986, 1987 o termo Etnomatemática<sup>43</sup> era muito novo. O professor Ubiratan D' Ambrósio<sup>44</sup> tinha recentemente falado sobre isso, não tinha essa abrangência não tinha tanta produção, tanta escrita a respeito disso e foi em um desses encontros que eu escutei pela primeira vez esse termo em uma das etapas do projeto a partir da Marineusa Gazzetta e do Eduardo Sebastiani gostei e passei a usá-lo.

Foi uma grande troca! Os professores especialistas levavam aquelas informações e experiências e trazia em formato de atividades para os cursistas. Há muito tempo que aconteceu, talvez hoje eu não soubesse informar quem aprendeu mais ou aprendeu diferente, mas foi um movimento grande e foi uma coisa muito além do que esperávamos, porque foi assumido como uma política de ensino do município, então todo mundo estava envolvido, todos os professores. Foi um projeto de formação e também um movimento de educação da região.

Eu percebi esse movimento nos municípios porque eu transitava por todos. Algumas vezes eu trabalhava em São Félix do Araguaia porque o pessoal me chamava para algumas atividades, para encontros, mas outras vezes já estava em Porto Alegre do Norte e outras vezes eu estava em outro e assim quebrou um pouco aquelas fronteiras entre os municípios, eu tinha afinidade e todos os municípios estavam trabalhando a educação na mesma perspectiva.

Parece que os dias eram longos naquela época, porque a gente sofria muito naquelas estradas, eu me lembro de que as prefeituras não tinham tantos recursos para disponibilizar um carro para me levar até essas escolas. Mas teve um momento que eu comprei uma moto, “*velhinha*” e que a prefeitura se propôs a mantê-la funcionando e colocar gasolina para que eu fizesse as viagens pelo sertão e em outros municípios se precisasse.

Eu quase não ficava em Canarana porque eu estava trabalhando com as escolas da zona rural e essas escolas, em sua maioria, eram no município de Ribeirão

---

<sup>43</sup>É a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais.

<sup>44</sup>Professor da PPGEM, da Unesp de Rio Claro-SP, trabalhou a Etnomatemática, nas Licenciaturas Parceladas no Médio Araguaia.

Cascalheira. Eu era solteiro e estava totalmente envolvido naquilo, eu ficava na estrada, tinha na garupa da moto uma mochila pequena com algumas roupas e uma rede bem pequena também e uma mala com os livros de literatura. Ali estava tudo que eu precisava.

Eu vivia nas estradas debaixo de sol e chuva, em alguns lugares tinha que atravessar rios e tinha que colocar a moto na canoa dentro d'água e seguir empurrando essa canoa, depois que atravessava seguia novamente a viagem. Naquela época parece que não tínhamos noção que isso era difícil porque isso era o que tinha que ser feito, 'né'? Não via dificuldades e nem reclamava "*nossa como estou sofrendo*" tudo aquilo era natural.

No Inajá tínhamos uma equipe com afinidade muito grande porque todos tinham passado pelas mesmas coisas, pela mesma formação, algumas pessoas ali da região foram convidadas para pensar no que seria uma escola na perspectiva do projeto Inajá.

Existia na região de Ribeirão Cascalheira lá no Boqueirão<sup>45</sup> um projeto que trabalhava com agricultores levando a agricultura alternativa, incentivando a agricultura orgânica, ensinando técnicas para agricultura familiar e para resolver alguns problemas nas pequenas propriedades, mostrando aos agricultores como trabalhar com os animais para que os mesmos ajudassem no campo, um exemplo usando o boi para o auxílio de arar as terras para o plantio. A proposta deles era de incluir toda a família nesse aprendizado, não apenas os produtores.

Parece que esse projeto era financiado por uma empresa alemã "*Pão para o Mundo*" e mediado pela Igreja dali. As pessoas à frente do projeto eram agrônomos que não tinham uma formação em educação e assim não conseguiam avançar muito o trabalho deles com os pequenos agricultores. Eles já trabalhavam com aqueles agricultores havia muito tempo, mas não avançavam muito.

Eles tiveram conhecimento do Inajá antes de terminar a primeira turma e convidaram algumas pessoas como a Heloisa<sup>46</sup>, o Doca, eu e mais alguns para que pudéssemos pensar com eles como seria uma escola para trabalhar com aquelas pessoas, com os filhos dos agricultores, pois eles queriam trabalhar com os agricultores, mas acima de tudo, dar uma formação para aqueles filhos nessa perspectiva da agricultura orgânica, da agricultura alternativa.

---

<sup>45</sup>Comunidade que pertence ao município de Ribeirão Cascalheira.

<sup>46</sup>Professora vinda de Belo Horizonte estado de Minas Gerais e era monitora do curso em Ribeirão Cascalheira.

Nós vimos ali uma oportunidade de tentar aplicar o que aprendemos no Inajá, fizemos isso, escrevemos um projeto para a escola e se chamou “*A Escola de Agricultura Alternativa do Boqueirão*” foi implantada em uma pequena propriedade com as mesmas características das outras propriedades. O que nos propusemos a fazer enquanto projeto de educação foi que tudo que fosse feito na escola enquanto produção na agricultura teria que ser possível reproduzir nas propriedades dos pais dos alunos. A escola trabalhava o que hoje chamamos de *Regime de Alternância*,<sup>47</sup> os alunos passavam uma temporada na escola e uma temporada com os pais deles, só que isso não era fixo porque dependia muito do período em que os pais mais precisavam, uma vez que os filhos eram quem os ajudava na roça. Então no período de plantio e colheita não podiam vir para a escola, pois eles tinham que ajudar os pais.

Quando esses alunos iam para a casa levavam atividades de pesquisas e observações daquilo que eles estavam fazendo e com alguns experimentos para aplicarem em suas propriedades. Nós os acompanhávamos nesses períodos em que não estavam em sala de aula. Visitávamos os pais e as comunidades tirando dúvidas e os auxiliando no que fosse preciso.

Quando inscrevemos essa escola assumimos a implantação dela, foi uma experiência não só para mim, mas para toda a equipe. Pudemos materializar e aplicar aquilo que vimos e aprendemos no projeto Inajá, com um olhar já prevendo o que seria possível fazer lá ou não.

Passávamos o dia todo na escola com os alunos, tínhamos uma equipe colegiada de direção. A escola toda estava para ser construída, nós tínhamos apenas um salão em que os alunos dormiam em rede, colchões, pois ficavam alojados ali durante o período que estavam em aulas. Suas casas eram longe e não dava para ir e voltar todos os dias, nem havia conduções disponíveis.

Pensando nisso os alojamentos seriam o primeiro projeto produtivo dos alunos, eles participaram de tudo, desde a ideia ainda no papel até sua construção. Pensávamos juntos qual seria o tamanho, formato, material, tudo foi feito na escola partindo do que havia sido discutido com os alunos, tudo era projeto de aprendizagem.

Essas construções demoravam mais tempo, porque tinha o processo de formação e ele é mais moroso, então a gente tinha que ter essa paciência, em alguns momentos um

---

<sup>47</sup>Os alunos ficavam uma semana na escola e uma semana em casa, realizando atividades com os familiares.

tinha que chamar a atenção para isso, a pressa não era o projeto estar pronto e sim formar aqueles alunos, aprendemos isso em todos os projetos que executamos com eles.

Fizemos um projeto de uma horta, mas fazendo com que aquele aluno não se sentisse peão daquela horta, ele tinha que entender o processo desde o planejamento até sua produção, isso acontecia não só na horta, mas na criação de galinhas, de porcos.

Trabalhamos ali nessa escola por mais de 5 anos, com a proposta de fazer o ginásio que tem a duração de 4 anos, realizá-lo em 3 anos. Por que era intensivo tinha uma carga horária maior e nós formamos duas turmas nessa escola. Hoje têm vários professores, pequenos agricultores, apicultores que foram nossos alunos, eu sempre encontro algum em nossa região.

Esse projeto foi bom, mas era um projeto caro porque os alunos não podiam produzir a própria alimentação, tinha que dedicar o tempo da aprendizagem, tempo da sala de aula e tal e a gente tinha que ter a estrutura de acompanhá-los na propriedade dos pais, pois era uma formação para os pais também.

A época que a escola fechou foi quando teve a queda do muro de Berlim, as entidades que financiavam aqui para a América Latina se voltaram para financiar outros projetos e tinha outras necessidades, outras prioridades, e então, não tivemos mais esse financiamento. Tínhamos um convênio com o estado, ele pagava os nossos salários, mas não tínhamos qualquer outro vínculo com o estado se não esse, assim nós não conseguiríamos nos manter, porque a escola não era pública, a gente já tinha uma luta constante para garantir esse convênio com o estado, então quando perdemos esse financiamento que vinha do exterior também perdemos a possibilidade de dar continuidade à escola.

Mas enquanto projeto educacional eu acho que ele mereceria ainda muito estudo, muita discussão porque o que aconteceu nessa escola e no Inajá, poucas experiências na educação que eu conheci ou com as quais eu já trabalhei conseguiram fazer e ser tão coerentes no que se refere à teoria e prática, e no que é refletido enquanto ideal de educação mesmo. Não sei se em algum momento alguém irá fazer isso, talvez eu, né? (rsrsrs).

Pelo menos o projeto Inajá deixou sua semente. Logo ao final do projeto Inajá, nas últimas etapas, a Unemat não era uma universidade era uma Fundação de Ensino e estava em um processo de ser reconhecida enquanto universidade, com a criação da universidade estadual, mesmo sabendo que ainda não era universidade, nós convidamos o diretor e o reitor para conhecerem o projeto Inajá I, ele foi assistir uma das etapas em



Santa Terezinha e acompanhou tudo, os alunos estudando, usando aquela dinâmica de grupo, os alunos indo para frente apresentando trabalho mostrando o que tinham aprendido, colocando suas dúvidas expostas e tal. E a gente falou: ‘olha nós queremos um curso de graduação dessa forma, nós queremos um curso de formação de professores em nível de terceiro grau, de licenciatura, que tenha essa característica, então nós achamos que a Fundação poderia nos ajudar’. E eles aceitaram, o reitor era muito aberto e ele disse: ‘vamos então conversar sobre isso’. O reitor era o Carlos Maldonado que depois assumiu a Secretaria do Estado de Educação, mas na época ele era o reitor da Universidade.

Nós articulamos o que nós tínhamos de assessoria aqui do Inajá, nós já tínhamos contato com alguns professores aqui da Unesp de Rio Claro, mas principalmente com a Unicamp. Tentamos mediar uma conversa da Unemat com essa assessoria e com a região né, porque nós entendíamos que não teria como acontecer se não estivessem envolvidas as lideranças na educação que estavam sempre ali, todas essas pessoas foram convidadas a participar de um grande seminário em que todo mundo tinha direito de voz.

Nós sabíamos que queríamos uma formação, dizíamos que a universidade teria que vir e ser daquele jeito do Inajá (risos), mas nem entendíamos o que era uma universidade direito só sabíamos que queríamos uma formação.

Acho que depois de um ano ou dois, o inajá terminou. Em 1987, houve a segunda turma, mas eu não participei como monitor porque eu já estava na escola do Boqueirão, e foi ainda trabalhando na escola do Boqueirão que fiz o vestibular em 1992, nós já tínhamos essa experiência da “*guerrilha da educação*” (risos).

Nós éramos três professores do Boqueirão que fizemos faculdade: eu, a Lucimar e a Cidinha, trouxemos todas as atividades, pesquisas que o pessoal fazia no Inajá na sua comunidade a gente trouxe e fez no boqueirão, então foi uma forma que a gente encontrou dos professores da universidade serem nossos assessores para as questões da escola do Boqueirão.

Todas discussões da sala de aula, os projetos que tinham que ser desenvolvidos, nosso tema era o que estávamos fazendo ali. E isso foi muito bom, nós éramos aventureiros, mas deu certo.

A Unemat, as Parceladas, foi muito bom para nós, além de estarmos ali formando a nível de licenciatura ainda tínhamos a assessoria dos professores. A Unemat conseguiu articular a ida de professores de matemática daqui da Unesp de Rio Claro-SP:

professor Sergio, Geraldo, Marquinhos, todos foram professores nossos lá. Os professores da Unicamp trabalharam da mesma forma que tinham trabalhado no Inajá com a gente.

O quadro docente da Unemat era praticamente só graduados, não tinham mestres, ou doutores, eles levavam professores daqui da Unesp, da Unicamp, que seriam monitores nossos, no mesmo esquema do Inajá, depois eles continuavam com a formação.

O projeto 'Parceladas' era considerado como projeto de formação em rede, porque tinha a nossa formação enquanto alunos, nós, fazendo isso na nossa escola com nossos alunos e a Unemat enquanto universidade formando seu quadro também a partir do trabalho, sendo monitores dos professores daqui. E isso foi a essência do Projeto Inajá, que nós conseguimos, de certa forma, transferir para o Projeto Parceladas.

Eu há alguns anos já trabalhava como professor de matemática, mas sem formação matemática. Por me empurrarem nessa área eu acabei comprando livros de matemática e aprendendo sozinho na lida da sala de aula, mas com essa preocupação com a dimensão da educação mesmo, eu já tinha essa dimensão da minha atuação enquanto educador da matemática e não enquanto matemático.

E o Projeto Parceladas permitiu isso, porque não tinha uma formação específica na área era um projeto de cinco anos em que metade dele, dois anos e meio, três turmas - sendo Letras, Pedagogia e Matemática, trabalhavam todos juntos com projetos interligados. Não havia divisão em cursos. Nós tivemos todos os fundamentos da matemática também, mas tivemos psicologia, filosofia, etc. Foram fundamentos base também para irmos para a formação específica de matemática. Dois anos e meio depois de estar na faculdade eu fui aprofundar mais na formação da matemática e encarar todos os conflitos com os cálculos e etc.

Estudávamos juntos, mas cada um fazia o vestibular na área que queria atuar no futuro, não me lembro se houve pessoas que mudaram de curso, mas me parece que tinha essa flexibilidade. Não lembro bem.

Há sempre uma confusão de que parceladas é um curso de férias. E ele não é um curso de férias é um curso de formação em serviço porque o que difere do curso de férias é que você se desliga da escola durante o período das férias, vai ali, passa por uma tempestade, um período muito intenso de formação, desliga novamente disso e volta para a sala de aula. O que acontecia na formação das Parceladas era uma formação em serviço, porque quem estava ali eram professores dialogando com professores e a nossa

formação, como eu disse, estava sempre fazendo referência a nossa atuação lá na sala de aula, não tinha nem como os professores esquecerem que éramos professores porque estávamos ali nessa primeira turma alunos que saíram de uma formação inicial: o Inajá.

Imagina quanto tempo estávamos ali atuando como professores sem ter uma oportunidade e possibilidade de estudar mais. Jamais deixaríamos essa oportunidade passar de estar ali vivendo aquela educação que achávamos ser a ideal. A Unemat a partir do programa Parceladas conseguiu entender muito bem isso, eles compraram mesmo a ideia, assumiram aquilo que nós estávamos fazendo como uma proposta deles.

Durante o curso nosso estágio aconteceu no dia a dia em sala de aula e fazíamos um registro em um caderno de estágio, você escolhia alguma atividade que tivesse aplicado e produzia reflexões, relatório em relação a isso. Nós éramos professores que estávamos atuando. O estágio era em sala de aula, na época não tinha práticas de ensino, nós discutíamos as práxis do ensino, na verdade. Mas tinha que ter esse registro até mesmo para ter esse aspecto mais legal da formação.

A equipe dos professores da universidade era uma equipe multidisciplinar e eram responsáveis por essa dimensão mais da formação do curso de estágio, da orientação de seminários, de transição ou da organização da pesquisa, da monografia, nessa época nós fizemos pesquisas, fizemos monografia, apresentamos e isso não era comum para graduação.

Nós não tínhamos provas, a avaliação era pelo que fazíamos como produção de textos, atividades, muitos trabalhos, apresentação de seminário, e a todo tempo você estava sendo colocado diante de suas dificuldades, de suas limitações. Então não tinha uma avaliação escrita uma prova onde você teria que tirar uma nota.

Uma coisa tem que ser diferenciada: quando falava-se uma avaliação descritiva, isso queria dizer um registro da avaliação, a observação e o acompanhamento da produção do aluno, dessa identificação das dificuldades, das superações, desse processo todo, então era assim a nossa avaliação, ninguém era excluído do processo a não ser que ele desistisse do curso.

Tivemos alguns desistentes por outras opções por outros motivos, mas o projeto em si não tinha essa característica de selecionar e de classificar por parâmetro ou padrão e excluir aqueles que não servissem. Isso foi uma característica que trouxe lá do Inajá, foi um projeto que foi organizado para a formação daquelas pessoas que tinham feito o Inajá. Convidaram esses alunos para passar um tempo ali em formação, nesse tempo

cada um sairia com uma perspectiva de formação, com uma dimensão, com algumas limitações e algumas possibilidades de aprender outras coisas.

A formação de professores do Projeto ‘Parceladas’ foi isso, ela não uniformizou tanto. Cada um terminou e foi viver a educação em lugares diferentes, em níveis diferentes. Eu tenho colegas que estão comigo na faculdade, outros terminaram o doutorado, já estão por aí produzindo, alguns fizeram mestrado e optaram por continuar na rede de ensino, e tem outros que fizeram a graduação e só hoje se aposentaram, eu acho que todos tivemos oportunidades e escolhemos o que era melhor.

Quando terminei a licenciatura eu e outros alunos, fomos chamados para trabalhar algumas disciplinas de fundamentos da nossa área, para novos cursos que foram abertos nas parceladas. Eu, o Adailton, o Edson e outras pessoas recém-formadas lá, assumimos algumas disciplinas, continuando a perspectiva da formação em rede. Atuamos nesses momentos e períodos de aulas na etapa intensiva das parceladas. A universidade usou esse formato aplicando em outras regiões como Colíder, Barra do Bugres, Alta Floresta, Comodoro e um monte de outros lugares, mas o primeiro curso, o inicial, foi em Luciara<sup>48</sup> a partir desse projeto. E foi assim que nós nos inserimos no terceiro grau.

A Unemat era uma universidade nova que estava em expansão e que tinha muito espaço para trabalho, e os professores que nos conheciam convidaram para fazer o processo seletivo, pois na época não tinha concurso, viemos para a universidade para trabalhar no ensino regular e assumir discussões desses projetos.

A universidade além de ter esse projeto Parceladas, ainda tinha uma característica diferenciada, por exemplo, trabalhar com a educação indígena, com movimento sem-terra, como nós tínhamos a formação nas Parceladas eles acharam que éramos as pessoas ideais para estar ali trabalhando no ensino regular. Quem aceitou o convite e passou no seletivo teve que se mudar para Cáceres, foi meu caso, mas trabalhei por muito tempo na secretaria da Unemat, pois eles já sabiam que eu estava por dentro de currículos, minha monografia foi sobre isso.

Passei por vários projetos dentro da Universidade, com a economia solidária, com a educação do campo, na educação indígena que gostei e fiquei, e é área que estou até hoje inclusive minha pesquisa de doutorado é com indígenas.

---

<sup>48</sup>Cidade onde está Localizado o Polo da Unemat e fica a uma distância de 1.100 km, de Cuiabá.

A Unemat aceitou o convite dos cursistas do Inajá porque também vinha de encontro com o que ela queria fazer, uma educação diferente, assim a proposta atenderia os dois lados: a universidade e os cursistas.

Não havia mestrado na época, mas com articulação de alguns professores e outros de dentro da Unemat conseguiram trazer uma especialização em História da Matemática com convênio daqui da Unesp, tendo apoio dos Professores Marquinhos, e do Sérgio.

Conseguí fazer o mestrado, se não me engano, apenas no ano de 2006, quando eu passei no concurso de matemática, porque desde o ano de 1999 eu fui para lá e fiquei trabalhando com contrato e a cada ano a gente tinha que fazer o teste seletivo, mudava a área, assumia as disciplinas que eram oferecidas, do mesmo jeito que eu comecei a dar aula lá na região do Araguaia, foi na universidade, mas agora eu estava sendo preparado dentro do departamento de matemática, então pegava disciplinas relacionadas à matemática. Tomei posse do concurso em 2007, eu acho que comecei o mestrado nesse ano mesmo, porque eu estava em período probatório ainda, não me afastei, fiz o mestrado trabalhando, fiz em Cáceres mesmo, já estava atuando na educação indígena e assim consegui discutir algumas coisas da matemática que estava trabalhando lá com a educação ambiental que é uma perspectiva que eu tenho trabalhado até hoje aqui na minha pesquisa de doutorado.

Em um programa lá da Unemat em educação ambiental tinha um professor antropólogo, o Elias Januário, que ‘topou’ me orientar e me deu liberdade para que eu fizesse a pesquisa e toda a minha discussão articulando com a Etnomatemática e a educação ambiental, mas em uma perspectiva mais filosófica e sociológica, do que biológica como é o padrão da educação ambiental. Então meu mestrado não foi em educação matemática e nem matemática, foi na área das ciências ambientais nessa linha da educação ambiental. Mas já discutindo conhecimento indígena com esse mesmo tema de marcadores de tempo.

Dentro da universidade sempre me envolviam nessa discussão do ensino, como já disse, devido a minha monografia ter sido discutir a teoria de currículo em nível nacional. E para discutir isso eu estudei muito. O que seria um currículo? As teorias que davam conta disso, essas coisas.

Então quando eu vim para a Unemat eu não fiz o teste para trabalhar nas parceladas, eu fiz o teste para eu trabalhar no departamento, eles esperavam que pudéssemos contribuir nesses projetos, mas o meu contrato era para trabalhar em ensino

regular. A Unemat tinha uma escola de aplicação que era uma escola também não como essas que tem nas grandes universidades que trabalham só com crianças excepcionalmente inteligentes ou filhos de professores.

Essa escola de aplicação trabalhava com meninos da periferia, filhos de pais sem renda ou com rendas mínimas, eu era professor desses alunos durante o dia e à noite trabalhava no departamento de matemática. A escola se propunha a ser diferenciada e novamente chamaram a gente para discutir o que seria isso de ‘diferenciado’, (risos) tinha uma equipe multidisciplinar discutindo o currículo e qual seria a função dessa escola dentro da universidade eu me envolvi nessa discussão.

A Unemat queria fazer um projeto parecido com as parceladas nas cidades de Peixoto de Azevedo, Guarantã do Norte e Matupá, mas com outra dinâmica de funcionamento. Pediram que eu fosse até a região e tentasse entender o que eles queriam, isso gerou outro programa que era bem próximo dos aspectos das parceladas, esse programa chamou “*Programa Módulos Temáticos de Formação de Professores*”.

O projeto tinha uma dimensão da pesquisa todo seu currículo e toda a formação era discutida a partir de temáticas. Foram quatro cursos que tinha uma formação de fundamentos. Eu ajudei a articulá-los na parte de matemática, depois coordenei o projeto pedagogicamente, fiquei com a turma de 200 professores do início até eles colarem grau, para mim essa formação foi bem interessante porque eu participei com aquela turma do início ao fim.

Paralelo a essa turma que estava formando existia mais uns mil alunos graduando nas regiões do Mato Grosso, pois a Unemat estava trabalhando com Educação à Distância em várias regiões.

As instituições particulares começaram a ver nesses alunos possibilidades de realizar cursos de Especializações e Pós-Graduação, eles assediavam os alunos, alguns antes mesmo de terminarem a graduação já iniciaram cursos nessas instituições, só que os professores da Unemat perceberam a queda no rendimento, pois estava atrapalhando a escrita da monografia.

Em reunião com a equipe da Unemat me comprometi de ficar à frente se eles oferecessem o curso de especialização para nossos alunos. Mas os mesmos deveriam se dedicar e finalizar a monografia com qualidade.

Eu fui convidado pelo reitor da universidade a desenvolver um projeto de especialização para os alunos que tinham terminado a graduação. Aceitei. Eu estava ali como coordenador e articulava as equipes de docentes que davam aula no programa dos

módulos temáticos, eu conhecia todos os professores da universidade, tudo que eles estavam fazendo, suas áreas, comecei a montar possibilidades de curso de especialização de acordo com cada licenciatura.

Formamos vários cursos de especialização como um exemplo o de Pedagogia, começamos a pensar em uma especialização em Literatura infantil, linguística, alfabetização, didática da matemática, ensino da matemática para séries iniciais, literatura infantil e infanto-juvenil, educação ambiental, assim nós começamos a pensar vários cursos. Dentro de uma estrutura mínima que discutíamos, nós começávamos a pensar nas disciplinas e como isso se articulava.

Montamos uma equipe grande de cursos e de professores, no mesmo ano eu acho que aconteceram doze cursos ao mesmo tempo, com cinquenta alunos em cada região e eu viajava por todos os lugares onde aconteciam os cursos. Acompanhava de perto até a finalização dos cursos. E foi essa luta pela melhoria da universidade e da população daquela região.

(...)

Na verdade essa pessoa que está te falando aqui hoje é uma pessoa que já passou por uma formação e está falando de um lugar mais refletido, de repente quando eu estava lá trabalhando naquela escola do Boqueirão, se você me fizesse essa entrevista responderia outra coisa, ou mesmo quando eu era aluno, mas agora eu estou falando a partir do que eu sou hoje refletindo o meu processo de formação e atuação profissional que se mistura com minha vida mesmo.

Nesse momento retornei para a região para fazer a pesquisa de doutorado e continuei ligado à região até hoje. Nós mudamos, a universidade mudou, a própria região mudou mesmo, não tenho uma avaliação se para melhor ou para pior. Acho que a educação e toda aquela movimentação que vivemos, era apenas para aquela época, hoje existem outras necessidades, outras questões a serem levadas em consideração lá.

Eu não tenho muito saudosismo em achar que aquela época era melhor, acredito que com aquela transformação na educação da região não só eu, mas outras pessoas de outros lugares percebiam que estava acontecendo uma mudança. Eu achava que era extraordinário, mas nem sempre percebia a dimensão, pois envolvia política, educação, luta pela terra e igreja.

Mas nessa luta pela posse da terra, os posseiros tinham a consciência da necessidade de escola para seus filhos, então a cada aglomerado de posseiros tinha uma

escola e eles influenciavam na escolha, acompanhavam o professor de perto valorizava aquele trabalho que esses professores iam realizar em suas posses.

Conseguí ver uma diferença entre o interior do Araguaia e outros interiores do Mato Grosso como em Peixoto de Azevedo, Sinop, Alta Floresta e outros, eles não iam para morar, apenas para explorar e conseguir o máximo possível de riqueza. Suas famílias não viviam em outras regiões.

Hoje faço uma discussão em meu trabalho sobre o que é habitar um determinado lugar. Como por exemplo, as pessoas que tinham a identidade com a terra que lutavam pelo direito de ter aquele pedaço de chão. Eles habitavam aquele lugar? E aquele lugar era da família? Lutavam pela escola no lugar.

Seria diferente do lugar dos que vão só para explorar? Você não está habitando, não está significando esse lugar como seu. É coisa da natureza desassociada do ser humano, você vai só para explorar o ouro, a madeira e não vai para levar sua família.

Então eu acho que a escola tinha essa força para os posseiros, para os agricultores pela ligação que eles tinham com a terra.

Penso isso por ter vivido essa realidade em várias regiões do Mato Grosso nas quais morei.



**Professor Luís Carlos Pereira de Paiva**

Professor Luís Paiva, como é conhecido, é graduado em História e foi para a região do Araguaia no ano de 1985 a convite de um amigo para atuar como professor em várias disciplinas. Quando se mudou para a região, tinha a intenção de ficar por um ano, no entanto viveu por lá mais de 20 anos e foi idealizador do Projeto Inajá juntamente com a Professora Dagmar Gatti<sup>1</sup>. Foi meu professor do ensino fundamental na cidade de Ribeirão Cascalheira/MT<sup>2</sup> nas disciplinas de História, Geografia e Educação Física.

A escolha por esse depoente não foi difícil, pois todos os outros citaram o nome dele e disseram que seria interessante entrevistá-lo. Já o tinha conhecimento através das redes sociais, sabia onde ele estava morando e que desenvolvia um projeto de levar cinema às escolas públicas. Meu contato se deu também por meio das redes sociais, onde conversamos e combinamos os trâmites para a realização da entrevista. Antes da entrevista ele me encaminhou vários documentos e fotografias da época em que atuou na região.

Encontramo-nos na cidade de São Paulo/SP em sua residência no dia 15 de abril de 2015. E essa foi nossa última entrevista para a pesquisa.

(...)

Sou Luís Carlos Pereira de Paiva, nasci aos 17 de abril de 1962, em Minas Gerais, em uma cidadezinha chamada Alto do Rio Doce, lá fiquei até 6 ou 7 anos de

---

<sup>1</sup>Coordenadora e idealizadora do Projeto Inajá I e Inajá II.

<sup>2</sup>Localiza-se a 877 km de Cuiabá.

idade. Passei o resto de minha infância aqui na zona sul, periferia de São Paulo. No começo de 1970 a periferia parecia com as cidades de interior de Minas Gerais mesmo.

Mas posso dizer que foi uma infância diferente das crianças de hoje, pois eu ainda tinha muito espaço para brincar, muitas atividades, andava-se muito para cima e para baixo sem perigo algum. Existia vida social nos bairros, as pessoas se conheciam na rua e aquele bairro tinha uma identidade, a cidade não era tão vertical, as casas tinham quintais abertos e todo mundo circulava horizontalmente.

Hoje a maioria das pessoas mora em prédios, nem se sabe quem mora em cima, em baixo, muito menos quem mora aqui ao lado, é uma característica que não existia durante minha infância aqui em São Paulo.

A relação que tínhamos na escola também não era como a de hoje, ela tinha um aspecto diferente, a gente não se sentia sozinho, podíamos ir e voltar da/para escola sem a companhia dos pais, sem ter alguém acompanhando. As escolas eram autoritárias, mas eram abertas, não havia problema de segurança, violência, ela tinha uma identidade do bairro, fazia parte dali. Vivi um cotidiano bem legal na cidade de São Paulo.

Cresci, estudei e me formei aqui. Fiz Licenciatura em História na faculdade de Ciências e Letras São Marcos, uma faculdade particular que não existe mais, atuei como professor na rede pública aqui no bairro onde morava.

Aos 20 anos minha vida teve uma mudança, inclusive de cidade, fui para Mato Grosso, para a região do Araguaia, com influência de um amigo que fez faculdade comigo, o Pedro. Ele tinha um conhecido que trabalhava em Canarana(MT),<sup>3</sup> o apelido dele era Susto, mas não tenho ideia de seu nome.

Na região, nesse tempo, existiu um movimento que se chamou ‘prefeituras populares’ e em cada município da região lutaram para que elessem pessoas que estivessem envolvidas com o trabalho social e político da Prelazia<sup>4</sup>, conseguiram eleger três prefeitos na época, em Canarana, São Félix do Araguaia<sup>5</sup> e Santa Terezinha<sup>6</sup>, no ano de 1982 se não me engano. Essas três prefeituras começaram a abrir frentes em áreas que há muito tempo estavam paradas como a saúde e a educação.

---

<sup>3</sup>Localizada a 822 km da capital do Estado Cuiabá.

<sup>4</sup>É chamada de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início, onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Félix do Araguaia foi criada nos anos de 1970 e mesmo 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.

<sup>5</sup>Distante de Cuiabá a pelo menos 1.070 km de distância.

<sup>6</sup>Um dos polos que a equipe do Projeto Inajá se reunia para realização das etapas do curso. Situada a mais de 1.200 km da Capital Cuiabá.

O Susto, amigo do Pedro, era aqui de São Paulo e o perguntou se gostaria de ir atuar na região do Araguaia, pois eles estavam investindo bastante na área da educação e precisavam de professores formados porque na região tinha um ou outro que tivesse formação.

A ideia era aumentar o nível de ensino porque naquela época se ofertava só até a quarta série<sup>7</sup>, a intenção era de ter ginásio<sup>8</sup>, mas para isso precisava de professores formados, para darem uma especialização para os tantos que já atuavam lá sem preparo algum. Assim, Susto fez o convite ao Pedro e disse que se tivesse mais alguém querendo iniciar a carreira como docente, poderia levar também.

Como eu era amigo do Pedro e conversávamos muito, ele me contou essa proposta e ele disse que seria legal nós vivermos essa experiência em outro estado e tal. Além disso, existia um trabalho social que envolvia toda a região, mas que sozinho ele não tinha vontade de ir, se eu topasse, iríamos juntos. E eu topei viver essa experiência.

Já era fim de 1984, quando nós nos encontramos com o Susto aqui em São Paulo, e a sua proposta era para que assumíssemos as aulas em Mato Grosso, no início de 1985. Ficamos combinados de ficar lá por um ano letivo, pois a intenção era voltar para São Paulo e continuar nosso trabalho aqui.

Achei legal ir para o Araguaia, pois tínhamos a oportunidade de fazer um serviço social junto àquelas pessoas. Eu já conhecia um pouco da história da região com o envolvimento do Bispo Pedro Casaldáliga<sup>9</sup>, porque aqui em São Paulo, eu participava de movimentos da Igreja Católica e já se falava da presença dele e seus trabalhos, isso fez com eu me interessasse ainda mais em conhecer esse lugar.

Susto tentou nos mostrar como era a região sem esconder que lá era bem carente em todos os sentidos. Disse que Canarana era mais desenvolvida, mas que queria que fôssemos para Ribeirão Cascalheira, uma cidadezinha que nenhum professor queria aceitar a proposta de assumir aulas lá.

---

<sup>7</sup>A Lei nº 11.274/2006, altera a LDB, para a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Assim a oitava série hoje é nono ano. Atualmente chamado de quinto.

<sup>8</sup>Lei nº 4.024 de 12 de Dezembro de 1961, o ensino de Ginásio equivale hoje do sexto ao nono ano, amparado na Lei nº 11.274/2006.

<sup>9</sup>Foi Bispo da região do Médio Araguaia por mais de 30 anos, atuou em função do pobre e oprimido por vários anos, esteve presente em várias lutas pela melhoria da educação da região. Hoje em dia não atua como Bispo, mas resolveu continuar vivendo na cidade de São Félix do Araguaia-MT.

O prefeito de Canarana, Sr. Diá<sup>10</sup>, também atendia por Ribeirão Cascalheira, ele era um nortista em uma cidade que havia vários sulistas porque a cidade de Canarana tinha muitos gaúchos, os professores que atuavam lá vinham, em sua maioria, do sul.

E assim chega janeiro de 1985 e é hora de irmos para o Araguaia. Mas adivinha? O Pedro não foi (risos). Uma semana antes da viagem ele veio me comunicar que não iria, por algum problema familiar, não me lembro especificamente o que foi. Ele me falou para eu fosse primeiro e logo em seguida ele iria.

Cheguei à cidade de Canarana no dia 05 de fevereiro de 1985, não me esqueço desse dia. Logo que cheguei já me deixaram a par de um curso que sempre acontecia no início dos anos letivos, e contava com a participação de alguns municípios da região.

Dessa vez aconteceria em Serra Dourada<sup>11</sup>, que também era município de Canarana. Lá existia um espaço grande no GTG<sup>12</sup>, onde aconteciam as reuniões durante o dia; a noite todos dormiam no mesmo espaço. Alguns colchões espalhados pelo chão, mas a maioria dormia em redes.

Era um encontro de preparação para os professores que durou uma semana. Essa prática sempre acontecia naqueles municípios. Não demorou muito, eu já estava fascinado e integrado a esse contexto. Entre aquelas redes penduradas eu ia conversando e sabendo da história desses professores e me encantando ainda mais. Achei legal.

Depois de uma semana vivendo aquela experiência, fui para a cidade onde seria professor por um ano (risos), Ribeirão Cascalheira. Viajamos a noite em um caminhão da prefeitura, lembro que a cor era vermelha, carroceria de madeira, umas tábuas colocadas atravessadas servindo de banco, estrada sem asfalto, cheia de buraco, algo que eu nunca tinha visto, e a uma distância de mais de 100 km, até nosso destino.

Mas não posso deixar de falar sobre o que observei naqueles professores, que mesmo com toda essa distância e sem conforto algum na viagem, todos estavam contentes, e eram bem divertidos. E como já falei, tudo isso ia me encantando cada vez mais.

Antes de sairmos para o encontro já escolhemos as aulas que iríamos assumir, porque depois cada um seguiria para suas cidades. E eu escolhi as minhas e já fui sugerido a escolher as do Pedro porque logo em seguida ele chegaria, mas até lá eu ficaria com suas aulas, pois não teria outro professor para assumi-las.

---

<sup>10</sup>Francisco de Assis dos Santos. Prefeito da cidade de Canarana em 1985.

<sup>11</sup>Distrito de Canarana e fica distante mais de 40 km do município.

<sup>12</sup>Grupo de Tradições Gaúchas. Salão onde acontecia eventos.

Logo que eu chegava às salas de aula dizia que algumas aulas eu estava só substituindo outro professor, que logo chegaria (risos), mas o tempo foi passando, passando e o Pedro nunca chegou. Eu até tenho vontade de revê-lo e dizer como foi minha história no Araguaia. E assim foi minha chegada em Mato Grosso.

Você sabe que nem me assustei com a realidade que encontrei naquela cidadezinha do interior. Não tinha asfalto, as casas eram cobertas de palha, a energia era só por algumas horas. Mas não me choquei com o que vi, ao contrário eu me encantei, gosto de lugares simples, isso já estava dentro de mim, de não ter necessidade de vida agitada, vida noturna... então esse lugar era perfeito.

Com certeza em alguns momentos essas coisas me faziam falta, mas passei bem sem me desesperar, isso acontecia sempre quando eu precisava de algo como: a agência bancária, os correios, telefone. São coisas que às vezes eu gostaria que tivesse lá, pois tínhamos que ir até Canarana, que fica a mais de 100 km de Ribeirão Cascalheira, para simplesmente ver um saldo, colocar uma carta no correio ou até mesmo dar um telefonema para a família. Perdía um dia de serviço apenas para resolver o que sempre consideramos simples. Algumas vezes, fazíamos essa viagem longa simplesmente para usar o telefone e quando chegávamos lá, ele estava quebrado, existia um aparelho apenas para atender toda a população.

Posso considerar que era uma vida em meio à floresta e tal, eu gostava muito. Morava em São Paulo, mas não me sentia urbano. Não sei se a população de Ribeirão Cascalheira se considerava como urbana, mas eu, na verdade, vim ver essa diferença entre zona rural e urbana só, pelo início dos anos 1990. Pois antes disso, não havia muita diferença.

A partir daí a "Rua"<sup>13</sup>, como a gente chamava na época, é que começou a ganhar um pouco de urbanização. Quando chegaram a agência bancária, o correio, posto telefônico, a sede da Prefeitura e o comércio se intensificou, tudo foi se tornando urbano.

Aquelas pessoas de lá me consideravam útil para eles, porque eu tinha uma formação e praticamente não havia muitas pessoas assim. Eu era solicitado para escrever atas, cartas, essas coisas. Assim fui me envolvendo e me ocupando em tudo, com um monte de atividade.

---

<sup>13</sup>As pessoas que moravam no sertão, apelidaram a cidade de Rua.

Eu estava sempre envolvido com as coisas, as pessoas, eu gostava de saber das histórias, e de suas lutas. Eu me sentia tão encantado com tudo que estava vivendo que o tempo foi passando e eu nem me dei conta. O salário na época era baixo, menos do que ganhava aqui em São Paulo, mas eu tinha o espírito aventureiro e gostava de participar do serviço social que a Prelazia realizava por toda região. Cada vez mais em meio às coisas e às decisões educacionais na região. Quando menos esperei esse um ano virou uns vinte e cinco anos, (risos). Assim como o Pedro que nunca foi, eu passei esse tempo para voltar. (risos).

Minha atuação na docência começou na Escola municipal São João Batista e em várias disciplinas, como já te disse, no primeiro ano além de minhas aulas assumi as do Pedro. Como lá era raro professor com formação, além de atuar em História que era minha graduação, fui professor de Geografia, Português, Educação Física e Inglês. Não tinha escolha, tinha que me virar preparando as aulas e às vezes estudando alguns assuntos para ter segurança e foi assim por um bom tempo.

Para você ver o meu envolvimento com a educação foi tão intenso que cheguei a ser Secretário Municipal da Educação, no município de Canarana, no mesmo ano, em meados do mês de setembro. A Sil<sup>14</sup> era a antiga secretária, desistiu do cargo, acho que por motivo de mudança para outro município.

A prefeitura tinha participação popular. O Dia, prefeito da época, abriu para os professores a discussão de um novo nome, para ser Secretário de Educação, onde eles poderiam escolher entre si.

Essa movimentação toda se deu em Ribeirão Cascalheira, por ser um lugar que existia um grupo político mais organizado, mas a prefeitura era em Canarana, e os professores acabaram me indicando, me pedindo, todos falavam o Luís Paiva Professor, é o mais indicado ao cargo, era chamado assim porque na região havia muitos 'Luís', um era enfermeiro, outro da saúde, outro padeiro, outro... e eu professor.

Todos falando e sugerindo que eu assumisse a Secretaria, e o prefeito acabou acatando a escolha do grupo. Com isso, em setembro mesmo larguei as aulas e mudei para Canarana para assumir meu cargo de Secretário de Educação.

Exatamente nesse período que eu assumo a secretária, já se inicia discussões a respeito da melhoria da educação na região, partindo do primeiro ponto que seria dar uma formação para aqueles professores leigos.

---

<sup>14</sup>Não conseguimos achar mais informações sobre essa pessoa.

Os três municípios Canarana, São Félix do Araguaia e Santa Terezinha, começaram a pensar em fazer ações juntos entre as secretarias de educação, mas as prefeituras davam esse apoio não só para educação. Quando ia acontecer essas reuniões as prefeituras se mobilizavam as outras secretarias para que fossem juntas, fazer outras atividades, como na área da saúde e serviços social.

Nessa época a quantidade de municípios era menor do que temos atualmente, então era mais fácil de ter um entrosamento entre os municípios, principalmente na área da educação.

Começamos a discutir sobre formação de professores: eu e a Dagmar, que na época era secretária de educação do município de Santa Terezinha, nós dois tivemos uma afinidade, sempre estávamos juntos em todo projeto que podia ser desenvolvido nos municípios em conjunto. Trabalhávamos também com a secretária de educação de São Félix do Araguaia, acho que era a Selma.

Juntos tentávamos fazer uma formação com alguns professores, mas a necessidade da região era maior do que já estava sendo feito. Nós três começamos a estudar ideias para investir mais na formação desses professores. Discutimos o que já acontecia para conseguir chegar a uma nova solução.

Inicialmente fizemos um levantamento com os professores, cada um em seu município para saber o nível de escolaridade da maioria. Com esses dados juntos nós secretários, sentávamos e discutíamos, buscando uma solução para aqueles professores leigos, que em sua maioria tinham virado professor, sem a mínima formação. Não eram professores por escolha e sim, por necessidade.

Realizamos encontros sempre que podíamos com aqueles professores. Era interessante! Eles ficavam uma semana com a gente, planejávamos o ano letivo, discutíamos sobre assuntos ligados à pedagogia, matemática, linguagem...em tudo que pudesse ajudá-los.

Cada secretário se juntava em seu município com alguns poucos professores que fossem mais esclarecidos, pegavam o material disponível e tentavam levar textos, ideias a serem discutidas durante as reuniões, tanto eu como secretário quanto as meninas fazíamos isso. Não tínhamos ninguém de fora para ajudar, por exemplo, alguém de Cuiabá<sup>15</sup> era “a gente pela gente” mesmo.

---

<sup>15</sup>Capital de Mato Grosso.

Eu me lembro de quando eu saía pelo o interior do município abrindo escolas, em áreas como no Boqueirão<sup>16</sup>, Mata Grande<sup>17</sup>, Cruzeiro do Sul<sup>18</sup>, Gengibre<sup>19</sup>. Os posseiros<sup>20</sup> dessas comunidades sempre estavam dispostos a ajudar no que fosse preciso.

Esses posseiros só podiam se firmar com garantia nas terras se tivesse escola. Mas como abrir uma escola sem ter professores? A escolha dos que tinham era feita por uma observação na comunidade quem tivesse conhecimento sobre as quatro operações matemáticas e fosse alfabetizado já era convidado a ser professor.

E daí em diante a secretaria acompanhava esse professor, sem deixar com que ele se sentisse abandonado, dando a formação que poderia ser ofertada, pois não tinha muito a oferecer com toda aquela carência.

Vou voltar um pouco no tempo com você e dizer se ter escolas nas comunidades veio desde antes do Inajá, então com o curso tentamos continuar dando força a eles que queria garantir esse poder popular. Se esses posseiros não pudessem levar sua família para a terra acabávamos abandonando.

E assim a nossa visão de que o importante não era só a educação pela educação, mas sim pela formação daquelas pessoas, que aqueles cursistas poderiam mudar a realidade daqueles alunos que eles tinham.

Acompanhei de perto algumas pessoas que foram para Ribeirão Cascalheira conseguir uma terra, uma posse né. Eles tinham que se fixar lá se não o INCRA<sup>21</sup> vinha e os tirava. Assim a luta para levar a escola até eles era constante, mas enquanto não chegava a escola lá na roça eles precisavam ir reivindicar que a prefeitura abrisse estradas para que então viesse ônibus até eles e levasse seus filhos para estudar na cidade. Era muito comum os pais deixarem os filhos morarem nas casas de parentes ou conhecidos durante a semana para estudarem e aos fins de semana eles irem ajudar na roça.

Não foi fácil essa época, e olha que essas três prefeituras sempre tiveram um diferencial, em sempre ter uma sensibilidade social com essas pessoas, aí entra o papel

---

<sup>16</sup>Gleba situada na região Rural de Ribeirão Cascalheira-MT.

<sup>17</sup>Gleba situada na região Rural de Ribeirão Cascalheira-MT.

<sup>18</sup>Gleba situada na região Rural de Canarana-MT

<sup>19</sup>Gleba situada na região Rural de Ribeirão Cascalheira-MT.

<sup>20</sup>Primeiro ocupante, mansa e pacificamente, de terras particulares ou devolutas: aquele que adquire, ou ocupa terras, com a intenção de dono, sem título legítimo de propriedade. Disponível em: <jusbrasil.com.br/trópicos/297314/posseiro>. Acesso em 09 de jun de 2015.

<sup>21</sup>Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.



da Igreja na educação de lá. As pessoas da prelazia tentando de alguma forma se juntar a todo movimento que fosse para melhorar a vida daquelas pessoas.

A prefeitura de Canarana naquela época que respondia por Ribeirão Cascalheira direcionava as esquipas quando iam ministrar cursos a essas pessoas, quem era da educação pesquisava os níveis de escolaridade que eles tinham, os da saúde davam palestras sobre higiene básica, doenças existentes na região, outros davam apoio à agricultura, à pecuária. Então mesmo sem muito conhecimento aquela região foi formada por lutas e conquistas, onde a prefeitura e Igreja se uniam. Outros órgãos sempre eram contra essas pessoas e chamavam o pessoal da Prelazia e quem estivesse com eles de comunistas.

E a contrapartida havia as pessoas que foram totalmente contra o que a prefeitura estava fazendo e queriam que ela investisse em asfalto, praças, pensando na estética da cidade. Nós que éramos da prefeitura sofremos um pouco com isso muitas críticas, mas nem sempre podemos atender a todos. O município foi crescendo e ficando cada vez mais populosos em um espaço de tempo pequeno.

Nessa região do Mato Grosso, deve ter uns quinze municípios e tendo alguns que ficam a mais de 1.200 km distante de Cuiabá, o que implica em não ir verbas, não ter apoio, se tornando uma região esquecida e isolada, assim só existia um órgão ao qual eles poderiam pedir qualquer ajuda que eram as prefeituras, no nosso caso pelo menos tínhamos a prefeitura e a Prelazia.

Fazíamos o que era possível, pois a carência da região nos impedia de ir além, lá no Médio Araguaia, as escolas eram diferentes das outras do Brasil inteiro, nós não tínhamos um parâmetro, um currículo e uma relação de conteúdo de uma escola pronta, como se via em outras regiões. Nós insistíamos em ter uma escola diferenciada. Dentro de nós, buscávamos ser diferentes, com várias ideias.

Sempre em reuniões que tínhamos buscávamos informações de como era a educação antes de chegarmos lá, quais outras tentativas já tinham sido feitas, com isso fomos lendo, ouvindo sobre elas, eu me lembro bem da “Cartilha estou Lendo”.

Foi uma cartilha famosa que vinha acompanhada de exercícios, não sei se alguma pessoas ainda tem ela, mas acho que não, foi uma das primeiras ações do material didático pensado para as pessoas da região.

Tudo na cartilha era sobre a região, os textos, as palavras, lembro bem que tinha nome de bichos que eram nativos de lá como, capivara, onça pintada entre outros. O estudo era pelo método do Paulo Freire estudando a palavra que a partir dela gerava o

restante, o significado. Então acredito que esse foi o primeiro passo para se melhorar a educação baseado na realidade daquelas pessoas, quem estava envolvido com a região queria fazer uma escola com a cara deles, que pudesse compreender os posseiros e os indígenas que eram os habitantes de lá.

Antes ainda, na década dos anos 1970, o Bispo Pedro levou para São Félix do Araguaia um curso de Ginásio sem apoio inicial do estado, somente do Bispo e de sua equipe em prol da Educação e tinha o nome de GEA. Foi um curso importante para aquela região, aliás o melhor que tivemos no Médio Araguaia<sup>22</sup>, se não for do Mato Grosso. Funcionou como escola tradicional com uniformes padronizados, filas para entrar e para sair bem formal mesmo, as disciplinas todas quadradinhas, mas foi um ensino de ótima qualidade. Os alunos para entrar no ginásio passavam por uma seleção antes, mas toda a região podia participar dessa seleção.

Tivemos grandes figuras da região que estudou lá como Dona Adauta<sup>23</sup> uma artista pioneira da região, João Abreu que foi prefeito de São Félix do Araguaia, Filemon que foi prefeito de Santa Terezinha, Cleomenes, Erotildes entre outros<sup>24</sup>.

Como já disse foi um curso quase sem apoio. O estado só entrou com a certificação daqueles alunos, lembro de uma história que veio um apoio financeiro da Europa para o Bispo Pedro para se construir o centro comunitário.

Foi construído e o GEA funcionou nele até que veio a ditadura<sup>25</sup> e fechou, alegavam que aquele lugar, aquele curso era para formação de comunistas, e foi bem na época que coincidiu com a Guerrilha do Araguaia, e o governo militar simplesmente ordenou que fechasse. E fechou.

Os militares queriam abafar tudo da guerrilha o forte dela era na cidade de Xinguara<sup>26</sup>, mais ao sul do estado do Pará, próximo à Ilha do Bananal<sup>27</sup> e São Félix do Araguaia faz divisa com a Ilha do Bananal fica bem próximo. Com eles fizeram um

---

<sup>22</sup>Os moradores também chamam essa região de Médio Araguaia. Para melhor entender sobre a nomenclatura do Médio Araguaia, Gentil (2002) nos diz que dependendo ponto de referência que tomamos: se pensarmos no estado de Mato Grosso, a região pode ser considerada como Baixo Araguaia, mas se pensarmos no rio Araguaia em relação ao Brasil, a região a que nos referimos ficaria situada no Médio Araguaia.

<sup>23</sup>Adauta Luz Batista, moradora de Luciara que foi aluna do GEA e foi professora na região.

<sup>24</sup>Não encontramos o sobrenomes de algumas dessas pessoas.

<sup>25</sup>A Ditadura Militar é definida como sendo o período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Esta época vai de 1964 a 1985. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

<sup>26</sup>Cidade do estado do Pará, onde aconteceu a Guerrilha do Araguaia, distante a 725 km da capital Belém.

<sup>27</sup>É a maior ilha fluvial do mundo, com cerca de vinte mil quilômetros quadrados de extensão (1.916.225 hectares), cercada pelos rios Araguaia e Javaés.

apanhado na região alegando que estava contaminada pela Guerrilha. Mas ela não chegou até a região.

A própria região já sofria com suas lutas e algumas ações ficavam parecidas com a guerrilha. Mas não era um ambiente guerrilheiro e sim um ambiente de resistência a Ditadura, que também tinha pessoas que a apoiasse, mas não fazia parte.

O Governo resolve interferir na região para abafar a Guerrilha e isso respinga na região, mandaram pessoas do exército de maneira camuflada, dessas que levavam médicos, dentistas, vacinar crianças, cortar cabelo, fazer documento, como um serviço social, parecido com a Ação Global.

Já tinham sido informado que a Igreja tinha uma escola e tal e já com histórias sobre ela, que tinham informações que as pessoas da Prelazia ensinavam as teorias marxistas e comunistas que era financiada pela Rússia e outros países. Com essa temporada que ficam instalados lá criam várias histórias e fecham o GEA e levam alguns professores presos para Cuiabá ou Campo Grande<sup>28</sup>.

Mas na verdade o GEA nada tinha a ver com a Guerrilha, ainda hoje pessoas generalizam o Araguaia com a Guerrilha. A única coisa que o Bispo Pedro queria era melhorar a educação daquelas pessoas isoladas. Eu ainda vou fazer um trabalho sobre o GEA tenho documentos, gravações, mas isso será para o futuro.

Hoje falando essas coisas para você consigo entender um pouco mais, a política de lá e a luta pela terra, esses movimentos educacionais foram importantes para eles na região, pois, garantia sua permanência na terra. Além dos conflitos armados da época, os posseiros ainda lutavam para que as prefeituras levassem escolas e saúde até suas terras.

Na década de 1980, houve projeto voltado para a Aldeia Tapirapé em Santa Terezinha o “Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural<sup>29</sup>”, esse curso aconteceu antes do Projeto Inajá<sup>30</sup>. Um pouco do que me lembro da história de como ele surgiu foi que a Eunice<sup>31</sup> trabalhava com os Tapirapé em Santa Terezinha e veio até São Paulo, e estava procurando um mapa da região onde localizava exatamente a região indígena. E falaram para ela que no instituto na Universidade

---

<sup>28</sup>Capital de Mato Grosso Sul.

<sup>29</sup>Esse projeto aconteceu no ano de 1985, foi desenvolvido e assessorado por equipes vinda da Unicamp, levando para educadores da região sentido de fundamentar teoricamente as práticas educativas existentes e as novas ações a partir da reflexão sobre a Etnociência.

<sup>30</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986 com duração de 3 anos e Projeto Inajá dois com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

<sup>31</sup>Eunice de Paula Gouveia monitora do Projeto Inajá.

Estadual de Campinas-Unicamp, teria esse mapa, ela queria contextualizar a região na busca desse mapa ela fez contato não sei com quem e ai começou e uma parceria com a universidade.

Na realidade não sei qual foi o interesse que houve da Unicamp em vir para a região, mas vieram para ofertar esse curso para os indígenas. Mas como já te disse anteriormente nós éramos bem ligados entre os municípios, fomos convidados a ir participar dele também, porque todos sabiam que a carência educacional não era apenas nas aldeias. Nós não podíamos perder oportunidade de estar em um curso onde a Unicamp estaria presente com professores qualificados ali disponíveis.

O nome do projeto antes no título tinha só indígena, mas como várias pessoas participaram acrescentou rural e urbano. Santa Terezinha, São Félix do Araguaia e Canarana participou do curso. O projeto aconteceu no município de Santa Terezinha, as aulas eram início do ano e no meio do ano durante as férias nós ficávamos intensivamente lá.

Cada etapa era uma disciplina; tivemos Linguagem, Matemática, Física, Biologia, estudamos diversas áreas. Lembro de alguns professores como a Marineusa<sup>32</sup>, Carlos Arguello<sup>33</sup> e tinha outros. Depois de cada etapa as equipes que tinham participado voltavam para seus municípios e tentava fazer novas equipes para discutir e ensinar o que tínhamos aprendido. Com isso íamos envolvendo alguns outros municípios que na época ainda não eram emancipados e transformava aquele aprendizado em novas perspectivas para a região.

A cada disciplina que íamos estudar com eles, tentávamos levar partindo de nossa realidade, foi onde conhecemos a Etnomatemática que é estudar a matemática no cotidiano, foi interessante e assim foi com todas as áreas.

Quando terminou o curso precisávamos dar continuidade em tudo aquele conjunto de possibilidades que nos foi apresentado, mas quando pensava em desenvolver qualquer atividade diferente esbarrávamos, nos professores sem formação porque como sabe aqueles professores em sua maioria eram leigos.

Era preciso fazer algo que ajudasse não só o professor, mas toda a comunidade um exemplo bem simples que posso te falar. Esses alunos e seus pais eram praticamente

---

<sup>32</sup>Marineusa Gazzetta, foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural , Projeto Inajá I e II e Licenciatura Plenas e Parceladas na Unemat.

<sup>33</sup>Carlos Alfredo Arguello, professor de Física da Unicamp atuou tanto no Inajá nas duas etapas e no curso de Licenciaturas de Luciara- MT.

semianalfabetos, mas que sabiam cubar terra, fazer cálculos matemáticos sem conhecimento nenhum da teoria.

Então o que precisava era ensinar os conceitos matemáticos para eles entenderem o que estavam fazendo na prática, mas nossos professores também não tiveram a mínima formação em matemática para saber esses conceitos e passar aos seus alunos. Acontecia isso com a Linguagem, aquele professor de Português mal escreve, pouco lê, na Ciência do mesmo jeito, e em todas as áreas.

Nossos professores sacavam a ideia do conceito quando íamos explicar, mas esses cursos que ofertávamos eram pouco para consegui chegar à formação que eles necessitavam. Em todas as reuniões que fazíamos deixava claro que precisávamos atacar a formação de professores. Nossos professores, por exemplo, que respondia pelo município de Canarana na época era cem por cento leigos, nem um tinha formação. Vimos isso porque fizemos uma pesquisa.

Eles já eram professores há cinco, seis ou sete anos, precisavam melhorar aquela realidade, mas como fazer isso. Trazer professores de fora com formação? E esses que dependem desse salário para sustentar a família, eles tinham uma relação boa com a comunidade. Deixá-los perderem todos esses anos em sala de aula? Eles eram importantes para a região, mas pensando em um trabalho legal para a educação é fundamental o professor estar preparado.

Então precisávamos dar formação para esses professores, vamos fazer o caminho contrário, em outros lugares se formavam pessoas para serem professores aqui vamos formar nossos professores para serem professores. Além disso, a região começava a ser habitada começavam a chegar professores com formação e todos aqueles professores leigos perderiam a sua vaga, e os seus muitos anos de trabalho, iam ver uma história de vida toda jogada fora.

Precisava se criar uma proposta dentro dessa linha, não abrir mão disso, mas não queríamos uma coisa pronta isso já estava tendo lá, não com muito resultado, o caso do Logos era estudar em fascículos padronizados que se estudava no Brasil inteiro. Não queríamos isso, queríamos um trabalho diferenciado.

Os professores leigos buscavam as secretarias a fim de terem algum curso de formação principalmente em nível de magistério<sup>34</sup>, mas que pudesse ser realizado em seus municípios. Os professores, em sua maioria, tinham até a quarta série, alguns com

---

<sup>34</sup>Curso que forma professores para atuarem na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

ginásio. Então decidimos pensar em como fazer um projeto de formação para dar nível de segundo grau para eles. Mas como iríamos fazer isso?

Esses professores estavam espalhados em vários municípios, então precisávamos pensar em um curso onde todos eles pudessem ir até um município, e que fosse o período que não estivessem em sala de aula.

O contato entre os municípios aconteciam só pessoalmente, não existia telefone, correio, não era fácil. Nós, secretários de Educação dos municípios, realizamos encontros para moldar e pensar no curso, a cada encontro já ficava estabelecido o que precisava fazer até o próximo, deixava tudo amarrado escrito tudo dito por que o outro seria daí a um tempo longo.

E entre uma reunião e outra pensávamos em uma formação que garantisse o ensino, mas nossa ideia era que esse curso teria que ficar com a cara do Araguaia. Surgiu várias dúvidas, pois queríamos que esses professores leigos saíssem com um curso que tivesse o mesmo valor do magistério. Assim fomos pensando e vai vai.

Como poderíamos aproveitar aquele contato que já tínhamos com os professores da Unicamp? Seria um bom começo intensificar a ideia daquele primeiro curso que aconteceu em Santa Terezinha com o apoio deles.

Você consegue visualizar como foi surgindo o Inajá? Eu e a Dagmar, como idealizadores desse projeto pensamos nessa estrutura. A ideia foi dividir esses encontros no período das férias, mas também queríamos dar suporte a eles quando estivessem em sala de aula, precisamos dar uma assistência.

Essa assistência era pensar em pessoas que estivessem no município, que iriam ser assistente daquele professor, assim decidimos que teria os monitores para nos auxiliar nesse projeto.

Então como disse anteriormente precisávamos aproveitar o vínculo com a Unicamp, já tínhamos o contato com alguns professores de Matemática, Física, inclusive algumas dessas pessoas da Unicamp foram fundamental para a construção do projeto. Mas além dessas áreas a universidade disponibilizou vários professores todos especialistas em suas disciplinas e isso fez com que esse projeto fosse bem formulado.

Iniciou-se a busca pelas parcerias com as prefeituras, tínhamos três garantidas, mas havia os outros municípios que os professores também precisavam se qualificar. Os municípios se organizaram para que os professores fossem juntos para as etapas.

Ficaram definidos dois núcleos São Félix do Araguaia e Santa Terezinha com mais de 90 cursistas cada uma. Ribeirão Cascalheira ficou no núcleo de São Félix do Araguaia e Porto Alegre do Norte<sup>35</sup> no núcleo de Santa Terezinha.

Como eu atuava na Secretaria de Educação, me envolvi no processo desde início do Projeto, mas assim que ele iniciou houve as eleições e por motivos políticos tive que abria mão da secretaria, no final do ano de 1988. Fiquei sendo coordenador do Projeto.

Projeto Inajá sempre esteve vinculado às secretarias de educação dos municípios e os prefeitos sempre dando apoio ao curso. Mas com a mudança desses prefeitos perdemos apoio. As brigas entre os partidos políticos nesses municípios são intenso.

Logo os novos prefeitos trocaram os secretários de educação e cortou o vínculo com o Projeto Inajá, alegavam que não tinham compromisso com o curso.

Eu como coordenador fiquei mediando os dois núcleos, os atuais secretários de educação talvez não se interessasse pelo Projeto Inajá por não conhecer toda a história dele. E esse projeto veio surgindo de nossa cabeça e, assim, seria difícil alguém que não estivesse à parte, assumir as decisões. Eu e a Dagmar independente das secretarias municipais assumimos o projeto e fomos atrás de outras parcerias.

O apoio veio do estado, desvinculando toda parte administrativa das prefeituras e o projeto passa ser um projeto com apoio do Estado e perdendo todo apoio dos municípios. Fomos contratados como professores interinos<sup>36</sup>.

Os municípios de São Félix do Araguaia, Vila Rica<sup>37</sup> e Santa Terezinha, demitem quase todos os professores porque grande maioria deles eram militantes políticos, e eleitores dos prefeitos do mandato anterior.

Quando esses novos prefeitos assumem os mandatos eles enxergam o Projeto Inajá como um projeto de administração anterior, com professores da administração anterior e essa disputa política era uma prática comum na época. Hoje na região acredito que não aconteça assim, mas naquele tempo era comum de quatro em quatro anos se trocavam os funcionários inclusive os professores sem se interessar quantos anos estavam atuando em sala de aula, ou se necessitava daquele salário para sobreviver dependia apenas do partido político em que estivesse inserido.

Fizemos uma reportagem sobre isso, gravamos os professores reivindicando seus direitos, tivemos quase sessenta por cento dos professores de São Félix do

---

<sup>35</sup>Estando distante de Cuiabá mais de 1.227 km.

<sup>36</sup>Professores contratados.

<sup>37</sup>Município que faz divisa com o estado do Pará e sua distância da capital é de mais de 1.260 km.

Araguaia demitidos, imagina como foi difícil para o Projeto Inajá, pois a maioria desses professores eram alunos do curso que já estávamos quase na metade. Esses professores poderiam tentar ainda sem emprego participar das aulas teóricas, mas perderia a prática que se dava em sala de aula trabalhando com os alunos.

Foi um desastre esse tempo porque todos sofremos com essas demissões, já existia algumas escolas do estado alguns professores conseguiram encaixar nessas escolas, mas a maioria ficou desempregados.

Ficamos a frente da coordenação eu e a Dagmar, lutamos sempre juntos pela continuidade do curso. Sem aquele apoio que as prefeituras passavam faltou tudo, ajuda de custo, alimentação, transporte e nós tínhamos que, a cada etapa nos desdobrar para alojar esses cursistas que moravam por mais de trinta dias ali sem conforto, quase sem alimentação.

Quando os professores da Unicamp chegavam já tínhamos que ter tudo pronto, pois eles tinham data para voltar. O tempo passou, as coisas se ajustaram, mas foi um processo longo.

Esse período foi um choque para todos, imaginamos que o Projeto não conseguiria chegar ao final. Esse período foi marcado por quase ficarmos sem alimentação, a sorte e que antes de sair da secretaria de educação consegui um vínculo com a SEDUC, onde eles mandavam junto com a merenda escolar dos municípios umas caixas também para o Inajá, era macarrão, sardinha e bolacha Mabel. Alguns alunos traziam de suas roças alguns alimentos os indígenas traziam abobora, a Igreja também doava o que podiam o papel da prelazia foi fundamental, cedendo carro para buscar os professores onde o avião pousava, o centro comunitário onde acontecia as aulas durante o dia e alojamento a noite.

O Bispo Pedro sempre nós dava a mão talvez sem esse apoio não teria onde acontecer o curso e acomodar tantas pessoas. Houve casos que o Bispo ajudou cursistas financeiramente. O apoio que o estado dava não era suficiente e a distância que ficamos de Cuiabá também era um problema, você sabe bem o que estou falando né.

Não queríamos que os cursistas se preocupassem, mas para nós da coordenação foi um desafio tocar esse projeto sem saber se teria a próxima etapa. Mas nossos alunos sempre firmes e animados e isso nós dava força para continuar. Em algumas vezes eu desesperava, mas a Dagmar sempre otimista me incentivava falando para não ficar daquele jeito que as coisas iriam dar certo.



Mas com certeza a participação daqueles mais de 100 cursistas mesmo demitidos não perdiam as etapas, foi essa força que fez a diferença para que o Projeto se firmasse e desse certo. Logo quando houve a manifestação esses professores ficaram à frente, falando da realidade e de seus interesses para o Governador, fizeram faixas, foram atuantes mesmo.

E assim o Projeto era vivido etapa a etapa, à finalização de cada uma era sempre vitória. Essas etapas foram construídas no processo, sem recursos sem apoio, sem segurança, mas com muita força e perseverança de todos.

As aulas aconteceram de forma parcelada, onde os cursistas iam para as aulas no período das férias da escola assim eles poderiam receber a formação para eles sem que precisassem abandonar suas aulas.

Pensamos na teoria e na prática. Levamos esses professores a perceber a necessidade de repassar o que estava aprendendo durante o Inajá, ele estudava no curso e repassava aquele conhecimento para seus alunos, depois voltava na outra etapa com o resultado. Pensamos que assim ficaria perfeito!

As Licenciaturas Parceladas adotaram o mesmo método, mas foi nomeado de formação em exercício, na época nós não tínhamos ideia de como chamaria todo esse processo, não só isso mas o projeto Inajá foi construído dia a dia.

Não queríamos um professor que só estudasse e não reproduzisse o que aprendeu. E assim foi dando certo, com apoio das secretarias de educação dos municípios, com o auxílio dos monitores conseguimos ajudar todos os professores/alunos, mesmo com grande distância entre dos municípios. E assim surgiram as etapas intensivas e etapas intermediárias, nas intensivas eles vêm e ficam intensivamente estudando e depois ele voltam para seu município, vão refletindo tudo que estudaram, tentam praticar refazendo com seus alunos, anotando o que não deu certo e o que deu certo para trazer novamente na próxima etapa intensiva.

Então a proposta era ter esses dois momentos de reflexões, entre a teoria e a prática. Esforçamo-nos fazendo as coisas sem ter ideia de como finalizaríamos aquela tentativa, era muita responsabilidade, mas fizemos e no final deu certo. Em modos convencionais se escreve o projeto, aprova e depois executa, o nosso fez o caminho inverso, foi escrito depois que terminou.

Tínhamos em tese umas referências para garantir a legalidade, não queríamos ser irresponsável, mas o projeto foi sendo construído, as coisas iam surgindo e acrescentando ou retirando algumas ideias, e assim ele foi tomando forma.

Nós como coordenadores em vários momentos nas etapas erámos monitores dependia dos alunos precisarem. Sempre deixamos claro que não queríamos que nos vissem com diferenças só porque erámos secretários de educação ou por ser coordenador. Fazíamos trabalhos pedagógicos, participávamos da preparação para monitores, estávamos preocupados em dar continuidade e fechar o projeto dando habilitação àqueles professores.

Na etapa intermediária também ajudávamos no que precisasse, era um grupo que “era pau para toda obra”.

Aprendemos durante o curso com o laboratório da natureza que depois chamaram de Laboratório Vivencial, foi interessante, para se entender precisaria estudar os fenômenos da natureza assim com a observação poderia perceber, por exemplo, que no mês de janeiro fevereiro e março chove muito, então nesses meses tem uma vegetação específica já no mês de julho não chove, tem outra vegetação, e saber que cada região é de uma maneira.

Durante o curso do Inajá para entender a relação de clima, tempo e espaço, o professor fazia um grande painel para que o aluno percebesse a relação das coisas. Mostrando que ele não pode escolher a época de plantar ou colher são fenômenos naturais, não depende do homem, você não vai poder plantar e em março e abril porque não se planta com a terra encharcada, e nem vai colher em tal mês porque por que você plantou e tal, você não vai fazer festa antes de colher então as festas. Desde antigamente as destas estavam ligadas a colheita. Por que não da tal fruto em tal época, porque que nesse período nascem mais animais, por que tem que colher a palha para cobrir a casa em noite de lua cheia, por que tem uma lua certa pra tal coisa, esses segredos todos, essas ciências todas que a gente chama de Etnociências. Esses fenômenos todos tem uma lógica, tanto os naturais quanto os sociais, você não cria fenômeno social a partir do nada é a partir dos dois vão determinando a vida.

E isso foi uma essência para o Inajá, pois esses cursistas trabalhava tudo em sala de aula, e os alunos chegavam em suas casas já contavam para seus pais que em sua maioria sabia tudo aquilo só não dava nome para cada acontecimento.

Foi interessante no Projeto Inajá porque nada que os professores traziam planejados ele faziam, sempre adequava para a realidade da região, foi assim em todas as disciplinas daí que foi se moldando o curso.

Posso dizer que só tivemos a certeza que deu certo, que funcionou, quando acabou. (risos) Percebemos como foi e o que foi quando estava acabando, com a escrita

do Relatório Final, que tínhamos que entregar na Seduc-(MT)<sup>38</sup>, assim todas as anotações, todo aquele trabalho, todas as ideias teriam que ser registrado em um só

Nós terminamos com número grande de alunos, principalmente mulheres mesmo algumas engravidando durante o curso, tiveram várias crianças que nasceram durante o Inajá. Houve alguns relacionamentos que se desfizeram porque, de certa maneira, nós tirávamos as mulheres de seus lares e elas ficavam um mês em nossa escola estudando.

E naquele tempo os homens eram muito ignorantes, era da cultura deles, e ainda mais ter que se deslocar de sua casa deixando ele com filhos e tendo que fazer todos os afazeres domésticos... isso era difícil para algumas mulheres, mas também imagina aquela época! Os homens eram um poço de ignorância. Elas chegavam ao curso e relatavam que não era fácil enfrentar os maridos para estar ali durante 30 dias. Mesmo assim foram poucas desistências.

Mas também não era fácil quando o prefeito que entrava na administração e era contra toda aquelas pessoas que lutavam por melhoria na educação que foi o caso de quando houve a troca de prefeito e a quase perca do Inajá, pois, começou em uma gestão que apoiava o curso e terminou e uma que queria fechar ele como já te falei.

Mas mesmo entre esse fogo cruzado que vivemos no Inajá no final deu tudo certo tivemos privilégio de dar uma certificação em nível de magistério como propomos, para aqueles professores leigos, e ainda fizemos uma viagem inesquecível para todos inclusive para nós. Nós os levamos até Campinas na Unicamp, onde tiveram aulas, fizeram pesquisas nos laboratórios, conheceram o mar. Foi gratificante ver aquelas pessoas vivendo tudo aquilo.

Algumas delas nunca tinham saído de suas casas outras nunca tinham visto asfalto foi maravilhoso. Fomos à Santos e à Praia Grande, e quando viram o mar, eu olhava a reação diferenciada de cada um que experimentava aquela novidade pela primeira vez, sem saber se algum dia poderia ver novamente, uns chegaram e pularam logo na água, outros levavam logo água a boca para ver se realmente era salgada, vários levaram garrafinhas para voltar com elas cheias de água para seus familiares. Foi lindo!

Ao chegar à última etapa do Inajá depois de eles terem tido esse contato com a Universidade, eles falavam que o que viveram naqueles três anos não podia parar. E o magistério era pouco, queria fazer uma graduação, e precisavam pensar e agir logo porque já na próxima etapa seria a formatura e ai acabou.

---

<sup>38</sup>Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso.

Toda aquela discussão envolvia a coordenação porque também pensávamos que eles precisavam de mais formação e que o Inajá teria sido só o alicerce para um grande caminho para todos tanto eles quando nós.

Além da vontade que eles tinham em continuar a concorrência começava a chegar também, pois, os municípios estavam crescendo e começou a chegar pessoas que eram graduados para a cidade e eles com certeza ainda tinham a ameaça de perder seus empregos por mais que estavam qualificados com o magistério.

Com isso começou ai a surgir à sementinha das Parceladas.

O mesmo dilema que passamos para ter o magistério, estávamos passando ao pensar em um curso superior, fazer um curso ideal para aqueles alunos sem que eles precisassem largar suas salas, um Inajazão (risos). Não lembro se existia algum curso parecido com o que pensávamos, hoje vemos cursos semipresenciais, ou mesmo a distância.

Agora você pensa se para desenvolver aquele projeto de magistério foi difícil imagina a nível superior, em nossa ideia inicial era uma coisa intocável. Nossa ideia era continuar com um curso diferente, mas como conseguiríamos isso né. Eram tantas dúvidas, que ficavam em torno de nossos pensamentos.

Com toda essa movimentação nessa sexta etapa começamos a fazer reuniões a pedido dos alunos, eu e a Dagmar junto com eles sempre. Não consigo lembrar como foi que iniciamos a conversa com o pessoal de Cáceres que na época não era ainda Unemat e sim Fundação do Ensino Superior.

A conversa se deu o Reitor Carlos Alberto Maldonado e nessa conversa ele deixou claro que a ideia era expandir a Universidade criando novos cursos em outros municípios não deixar ela só em Cáceres. Assim decidimos convidá-lo a está presente na última etapa do Projeto Inajá onde poderíamos fazer uma reunião grande com todos os 180 alunos presentes.

Falamos para ele que não queríamos um curso quadrado que teria que ser voltado para a região e para a realidade e possibilidades que aqueles alunos tinham. E ai ficamos muito feliz porque ele também não queria um curso tradicional, queria uma coisa diferente e tal. Ele tinha um pensamento positivo e falava “não quero nem saber se vai dar certo vamos fazer”, “primeiro a gente cria o problema depois resolve”.

E assim a reunião rendeu várias ideias só precisava decidir como levar um polo para o Médio Araguaia, não existia uma construção em nenhum daqueles municípios que pudessem receber a universidade.

Eles sugeriram que as prefeituras escolhesse qual município ficaria com o polo para isso deveria dar o apoio físico com construção e tudo, nós do Inajá corremos atrás para que não perdesse aquela oportunidade de ver uma universidade em nossa porta e deixa-la ir embora. Depois de várias tentativas o prefeito de Luciara na época Nagib, quis o polo lá e conseguiu financiamentos para a construção do polo.

Ainda bem que aqueles problemas políticos que tivemos no Inajá não aconteceu nas Parceladas, as prefeituras tiveram alguns perrengues, mas os cursos não dependiam totalmente das prefeituras e sim da Secretaria de Educação e Unemat. As prefeituras davam o apoio em transporte e alimentação, mas a universidade também arcava com algumas coisas nesse sentido. Como o alojamento era por conta da Unemat até os dias atuais é assim.

Pelo jeito a ideia deles da Universidade era aproveitar aquela equipe do Inajá porque assim já conheciam os municípios e seria mais fácil uma articulação entre alunos e universidade.

Minha função nas parceladas foi como te contei no início, acabou sendo como o Inajá, fui me envolvendo e assim que teve a escolha para quem seria coordenador do polo logo me indicaram. A Dagmar não pode ser coordenadora porque ainda não tinha graduação, acabou sendo vereadora de Santa Terezinha e depois ela ficou à frente de um segundo momento que o Inajá teve.

Apresentamos a proposta a eles, igualzinha foi o Inajá só não saberíamos como seria para o Curso superior. O nome de parceladas surgiu devido ao Inajá, pois também seria no período de férias, mas não era curso de férias e sim com as etapas como aconteceu no Inajá. Então antes de Luciara Parcelada nunca existiu, ela surgiu por meio do Inajá mesmo.

Na Universidade tivemos um cuidado com a estrutura do projeto e também agora tínhamos apoio de pessoas que poderiam nos dar suporte.

Não tenho certeza, a Judite fez um artigo e fala essas coisas de como foi o início das Parcelas. Parece que no site da UNEMAT tem disponível.

Já quando iniciou as aulas na década de 1990, com várias ofertas de curso à nível de licenciatura, e dele saíram alunos que fazem a diferença no estado e fora dele até hoje. Adailton, Joaozinho, Lucimar, Elizete, Edson, Águeda<sup>39</sup>, entre outros que hoje são doutores e trabalham em várias faculdades, sou orgulhoso disso.

---

<sup>39</sup>Águeda Aparecida da Cruz Borges, foi monitora e professora no Projeto Inajá, atuou também nas Licenciaturas Parceladas polo de Luciara.

As parceladas na época falaram que eram para ser emergencial só ter aquela turma formada e não ter mais, só que a realidade da região era muito pior do que eles conheciam e assim foi acontecendo onde até hoje tem cursos lá.

Mas falo para você com certeza os próximos cursos não foi como aquele primeiro que aconteceu. Trabalhei no primeiro curso e no segundo por isso te falo isso. Talvez pelo primeiro ter aqueles alunos que saíram do Inajá com toda aquela base de pesquisa que junto com os professores foram descobrindo tudo e aprendendo muito, já nos outros foram mudando esse perfil e entrando pessoas diferentes.

E ai explode a tecnologia até mesmo na nossa região. Hoje se tem cursos lá totalmente via internet, a própria Unemat eu acho que oferece esses cursos também.

Mas pensa bem! As Parceladas também foram uma coisa de outro mundo, foi fantástico! Conseguimos, juntar novamente mais de 100 professores em uma cidadezinha como Luciara e sem saber se isso daria certo. A cidade tinha os mesmos problemas de infraestrutura das outras sem hotel, sem água encanada, sem telefone, sem local para posar avião.

E mais, quais professores universitários aceitariam esse desafio de sair da universidade e ir para lá tão longe. Sabendo que a equipe agora seria maior porque eram vários cursos. Mas a Unemat por ser uma universidade que estava crescendo buscou ajuda a várias outras universidades estaduais e federais em vários estados, inclusive financiamentos para manter os cursos.

O curso aconteceu de maneira parecida tanto o trabalho das disciplinas quanto as avaliações, os professores conseguiram levar um pouco da metodologia do Inajá para as Parceladas. Posso dizer que Educação na região do Araguaia, sempre esteve a frente!!! Coisas que em outros lugares discutem recentemente o modo de estudo que foi desenvolvido lá, como se fosse novidade e no Araguaia já aconteceu e deu certo.

E ZÉ Finiiiiinnn!

**Professores Eunice Dias de Paula e Luiz Gouveia de Paula**

A entrevista aconteceu em 01 de Setembro de 2015.

Durante a trajetória do mestrado já havia feito contato com a professora Eunice que atuou e atua com indígenas.

Esse contato aconteceu em São Felix do Araguaia em julho de 2014, na casa do Bispo Pedro Casaldáliga que me falou um pouco do trabalho que ela e o esposo sempre desenvolveram com os indígenas na região. Mas ainda não tínhamos conseguido fechar uma data para a entrevista, porque estava envolvida com movimentos em outras aldeias não só do estado do Mato Grosso, mas do Brasil.

Após o exame de qualificação, a banca examinadora sugeriu que entrevistasse uma pessoa que tivesse um contato direto com alguns indígenas, que fizeram o curso, para entender um pouco sobre a participação deles.

Coincidência ou não, logo em seguida eu fiz um contato pelas redes sociais com ela, não foi muito difícil marcar um entrevista.

A entrevista foi realizada com a professora Eunice e seu esposo Luís na residência que eles têm em Goiânia- GO. Eu os deixei à vontade, para falarem na ordem em que quisessem. Entreguei fichas iguais para os dois.

No decorrer do texto antes da fala de cada um coloquei o nome entre parênteses para melhor entendimento do leitor.

“Professora Eunice” “Professor Luís”

“Professora Eunice”

Sou Eunice Dias de Paula, nasci dia 18 de julho de 1951. Sou natural de Campinas-SP<sup>1</sup>, descendente de uma família de imigrantes, pessoas que vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor, meu pai era português e meu avô, italiano.

Sou a caçula de uma família grande com nove irmãos e, em nossa família, só eu e um irmão fizemos o Primário e o Ginásio<sup>2</sup>; por sermos mais novos tivemos acesso ao estudo. E naquele tempo não era fácil conseguir estudo para pessoas de classes mais pobres. Eu fiz o curso de Magistério<sup>3</sup> em Campinas.

Assim que eu terminei o Magistério, recebi o convite para trabalhar na região do Médio Araguaia<sup>4</sup>, era década de 1970, a convite de Dom Pedro Casaldáliga<sup>5</sup>. Foi um convite para atuar em um ginásio que ele mesmo estava construindo, o nome era GEA-Ginásio Estadual do Araguaia<sup>6</sup>.

Foram junto comigo três rapazes, um deles é o Luís, meu esposo, mas na época éramos só amigos. Fomos primeiro para a cidade de São Félix do Araguaia- MT<sup>7</sup>, onde seria implantado o curso, mas esse trabalho fez com que conhecêssemos a realidade da região. A população era miscigenada, existiam migrantes do estado de Piauí e do Maranhão em busca de terra e a presença dos indígenas era forte. Nós, que viemos de Campinas, víamos essa região muito isolada, muito pobre, a miséria saltando aos olhos, e ao mesmo tempo a necessidade que esse pessoal tinha de educação.

A Prelazia<sup>8</sup> pensou em fazer esse colégio, porque se percebeu o quanto a educação era precária, em termos de domínio da escrita e de leitura, então essa foi a primeira ação que eles fizeram. Essa equipe que era composta por pessoas da prelazia, percebeu a necessidade desses cursos, pois sentiu o esvaziamento da cidade, os pais que

---

<sup>1</sup>Cidade do interior de São Paulo.

<sup>2</sup>Nomenclatura usada anterior a reforma de 1971 Lei nº 4.024 de 12 de Dezembro de 1961, o ensino Primário e Ginásio atualmente Ensino Fundamental I e II, amparado na Lei nº 11.274/2006.

<sup>3</sup>Curso de formação para habilitar a pessoa a ser professor de ensino primário.

<sup>4</sup>Os moradores também chamam essa região de Médio Araguaia. Para melhor entender sobre a nomenclatura do Médio Araguaia, Gentil (2002) nos diz que depende do ponto de referência que tomamos: se pensarmos no estado de Mato Grosso, a região pode ser considerada como Baixo Araguaia, mas se pensarmos no rio Araguaia em relação ao Brasil, a região a que nos referimos ficaria situada no Médio Araguaia.

<sup>5</sup>Foi Bispo da região do Médio Araguaia por mais de 30 anos, atuou em função do pobre e oprimido por vários anos, esteve presente em várias lutas pela melhoria da educação da região. Hoje em dia não atua como Bispo, mas resolveu continuar vivendo na cidade de São Félix do Araguaia-MT.

<sup>6</sup>Colégio que funcionou na década de 1970, por iniciativa da Igreja Católica, onde os professores vieram de outros estados e sempre com relação com a Prelazia.

<sup>7</sup>Polo que servia de apoio para a realização do Projeto Inajá também a mais de 1.000 km da Capital, Cuiabá.

<sup>8</sup>É chamado de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início, onde bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Félix do Araguaia foi criada nos anos de 1970 e mesmo com 45 anos depois se mantém até os dias atuais e o território que abrange chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.



tinham condições financeiras mandavam seus filhos para outras cidades para fazerem o Ginásio, e assim se tivessem um estudo de qualidade na região eles não precisavam mais mudar dos municípios.

O GEA teve a intenção de trazer uma melhoria para a educação na região; ele teve o funcionamento na década de 1970, e na mesma década foi fechado pela Ditadura Militar<sup>9</sup>, mas até os dias de hoje é lembrado na região como um dos mais importantes que houve.

Comecei a namorar o Luís em São Félix do Araguaia, casamos e depois de um tempo, como o GEA fechou, fomos embora para o Paraná-PR, ficamos lá por dois anos. Mas a inquietação de Dom Pedro Casaldáliga pela melhoria da educação naquela região fez com que ele não parasse de pensar em algo, sempre.

Mais uma vez nos chamou de volta, mas dessa vez fomos trabalhar na aldeia com os índios da etnia Tapirapé, no ano de 1973. Uma escola na aldeia seria a garantia da permanência deles na terra. Os índios nunca tiveram escola na aldeia, mas sabiam como funcionava uma, porque a aldeia é próxima de Santa Terezinha<sup>10</sup>; assim, eles conheciam o espaço físico da sala de aula, mas nunca tinham tido acesso às aulas. E, naquele momento, os indígenas estavam na luta pela terra e demarcação da área. Tanto para eles, indígenas quanto para os produtores rurais, a escola na propriedade significava a garantia de ficar na terra e ainda queriam ter o domínio da leitura e da escrita, para ajudar a vencer essa luta.

Em 1973, fomos para a aldeia, já iniciamos o trabalho com os adultos usando a metodologia do Paulo Freire<sup>11</sup>, implantamos a ortografia e a leitura com eles. Sofremos uma pressão, à época, por parte da Fundação Nacional do Índio -FUNAI<sup>12</sup> que queria que saíssemos da aldeia, por causa da Ditadura. Uma das razões que eles alegavam era por não darmos aulas para as crianças. Mas, na verdade, era porque estávamos ligados à Igreja Católica ou ao Dom Pedro Casaldáliga. Precisávamos pensar em alguma coisa, como podíamos resolver esse problema, mas nós não tínhamos o domínio total da

---

<sup>9</sup>A Ditadura Militar é definida como sendo o período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Esta época vai de 1964 a 1985. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

<sup>10</sup>Aproximadamente a 1.200 km da capital Cuiabá.

<sup>11</sup>Partindo do que o aluno já sabia e usando palavras geradoras para alfabetizar.

<sup>12</sup>Fundação Nacional de Amparo ao Índio. Desde a constituição de 1988 a Funai vem sofrendo algumas modificações, se reestruturou em fins de 2009 por meio do decreto nº 7.05628/12, na pretensão de oferecer maior capacidade de atuação onde vivemos povos indígenas.

língua e nem conhecíamos a cultura deles. Assim, resolvemos que os próprios indígenas iriam começar a alfabetizar as crianças.

Como já fazia uns cinco anos que estávamos trabalhando com eles, já estavam adiantados com a escrita e a leitura. Eles, em princípio, ficaram com medo, diziam que não conseguiriam alfabetizar as crianças, ficaram inseguros, mas nós falamos que os ajudaríamos e que estaríamos sempre juntos.

As aulas para as crianças iniciaram com duas indígenas e elas ficaram por dois anos e depois desistiram. Eram jovens e já eram mães, tinham o período do resguardo e as crianças ficavam doentes e esses foram os motivos para que abandonassem as aulas.

Mas também não sabemos se, realmente, foram esses os motivos delas desistirem, pode ter sido algo cultural; à época, como tínhamos chegado há pouco tempo, ainda não entendíamos sua cultura.

Hoje conseguimos ver que na cultura indígena tem uma porcentagem bem maior de homens professores, do que de mulheres, ao contrário da nossa sociedade. Eu fiz uma reflexão e acho que isso é pelo papel do homem na tribo, pois eles fazem esse contato com nossa sociedade. Talvez também tenha influenciado a não ter professoras mulheres na Tapirapé, mas com o tempo isso mudou e hoje temos professoras na aldeia. No primeiro Inajá foram três que participaram e no Inajá II, oito, porém todos homens. Hoje esse quadro está mudado, várias mulheres já fizeram faculdade. Com a desistência delas, os índios decidiram que seriam os homens os professores, e assim três rapazes assumiram as salas, e esses mesmos cursaram o Projeto Inajá I<sup>13</sup>, foi o Alberto *Orokomy 'I Tapirapé*, Elber *Kamoriwa 'ITapirapé* e Ronaldo *Komaoro 'I Tapirapé*.

Com aulas para adultos e crianças, exigia-se uma sistematização maior e sempre tivemos o princípio de trabalhar com a realidade deles, a partir da cultura deles. Tentávamos ensiná-los da maneira mais próxima da realidade, mas sempre ficava uma deficiência no ensino de Ciências e da Matemática, porque o conhecimento deles era maior do que o que tínhamos nos livros para ensiná-los, inclusive sobre os fenômenos da natureza. A capacidade de observação deles era tamanha, como por exemplo, na astronomia que foi o que nos levou a ter esse primeiro contato com a Unicamp. Fui até a universidade atrás de um mapa, onde tivesse só as estrelas, sem o desenho da nossa

---

<sup>13</sup>Curso de habilitação e formação de professores em nível de magistério, que aconteceu em dois momentos Projeto Inajá I, em 1986 com duração de 3 anos e Projeto Inajá II com duração de 3 anos também tendo seu início em 1992.

constelação e assim tentar trabalhar as percepções de como era a constelação vista por eles.

Fui ao departamento de Física ver se achava qualquer mapa ou alguém que pudesse me ajudar. Meu primeiro contato foi com o Professor Carlos Arguello<sup>14</sup> e Márcio D' Olne Campos<sup>15</sup>, eles ficaram maravilhados quando comecei a contar sobre tudo que estávamos trabalhando na aldeia. Ficaram tão interessados que foram visitar a aldeia algum tempo depois.

Quando foram fazer a visita já levaram uma equipe multidisciplinar, no ano de 1983. Além dos dois professores da área da Física, que eu já havia conhecido, vieram também na área da Matemática a professora Marineusa Gazzetta<sup>16</sup> e o Sebastiani Ferreira<sup>17</sup>; na parte da Educação, as professoras Ana Luiza Bustamante Smolka e Robeni Baptista Mamizuka<sup>18</sup>. Essa equipe ficou por um tempo na aldeia, e depois o Sebastiani e a Marineusa ficaram mais um mês com a gente. Isso aconteceu antes do Projeto “Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural”<sup>19</sup>.

A intenção dos professores da Unicamp era de fazer um trabalho só com os índios na escola da aldeia, mas já nessas reuniões nós falávamos que era uma ideia muito boa para ficar só com a gente. Eu e o Luís praticamente sempre falávamos com eles que deveríamos chamar mais pessoas para participar, porque a realidade da nossa região era precária e esse estudo deveria ser compartilhado com os outros colegas.

Lá na região, à época, teve o que eles chamaram de prefeituras populares<sup>20</sup>, que acabava dando mais apoio à educação, abraçando todas as ideias de melhoria na área. O Projeto de Ensino de Ciências e Matemática era direcionado para a formação de professores com uma perspectiva diferenciada e ele teve a duração de dois anos, iniciou em 1985 e finalizou em 1987.

O projeto era destinado aos indígenas, mas aceitaram a participação dos secretários de educação dos municípios e alguns supervisores escolhidos pelas

---

<sup>14</sup>Carlos Alfredo Arguello, professor de Física da Unicamp atuou tanto no Inajá, nas duas etapas, quanto no curso de Licenciaturas de Luciara- MT.

<sup>15</sup>Era representante do departamento de Física aplicada na Pós graduação da Unicamp.

<sup>16</sup>Marineusa Gazzetta, foi professora da Unicamp e atuou na região do Médio Araguaia nos Projetos: Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural, Projeto Inajá I e II e Licenciaturas Plenas e Parceladas na Unemat.

<sup>17</sup>Eduardo Sebastiani, professor na área de matemática no Projeto Inajá e nas Licenciaturas Parceladas.

<sup>18</sup>Já trabalhavam com os indígenas antes dos professores Eunice e Luis chegarem na Aldeia.

<sup>19</sup>Esse projeto aconteceu no ano de 1985, foi desenvolvido e assessorado por equipes vindas da Unicamp, levando para educadores da região sentido de fundamentar teoricamente as práticas educativas existentes e as novas ações a partir da reflexão sobre a Etnociências.

<sup>20</sup>Juntaram vários municípios da região e fizeram esse movimento para que se elessem pessoas que estivessem envolvidas com o trabalho social e político da Prelazia.

secretarias também. O curso aconteceu no sistema de etapa modular, os professores vinham de Campinas e houve uma etapa também em que fomos para a Unicamp (Campinas – SP).

Ao final das etapas, esses secretários se reuniam com os professores das escolas e repassavam o aprendizado a eles. E as coisas foram acontecendo. Chegamos à conclusão que precisávamos ampliar tudo aquilo e montar um projeto para a formação dos professores em geral da região. Tínhamos o apoio das prefeituras, o que era muito favorável.

(...)

“Professor Luís”.

Sou Luiz Gouveia de Paula, nasci na zona rural próximo de Apucarana-PR<sup>21</sup>, no dia 04 de dezembro de 1947. Sou oriundo da região agrícola, trabalhei com meus pais na lavoura de café até os 12 anos. Sou do meio rural com cultura do norte do Paraná, tínhamos a educação que era possível naquela época.

Fui para o Seminário<sup>22</sup> com 13 anos, fiz o Segundo Grau<sup>23</sup> e iniciei a faculdade de Filosofia, no ano de 1968. Era um período de muita busca, muita luta política no País. E a Igreja Católica com muita renovação e uma luta interna. Eu fazia parte de um grupo que buscava inovação, mudanças e nós acabamos entrando em choque com a Congregação Claretiana e fomos expulsos, mas se não tivéssemos sido iríamos sair de qualquer forma. Nós éramos uma turma de 18 seminaristas e saímos nesse desentendimento com a congregação, por essa maneira de ver a vida religiosa, a vida social do País. Naquele momento não houve espaço para diálogo entre nós e a Igreja.

Em 1969 fiquei em Campinas trabalhando como bancário e nesse mesmo tempo comecei um curso de Letras em São Paulo; a faculdade funcionava no Colégio São Judas dos Jesuítas<sup>24</sup>, era ofertado parcelado no período de férias, eu e alguns colegas do seminário fazíamos o curso.

Nossa ida para a região do Araguaia foi como a Eunice falou, nós já conhecíamos o Dom Pedro e quando ele tomou conhecimento de que alguns seminaristas haviam deixado o seminário, entrou em contato logo com a gente.

---

<sup>21</sup>Apucarana fica localizada a 369 km da capital Curitiba, ao norte do estado.

<sup>22</sup>Seminário da Congregação Claretianos localizado nesta cidade de Rio Claro-SP.

<sup>23</sup>Atualmente conhecido como Ensino Médio.

<sup>24</sup>Colégio São Judas localizado na cidade de Campinas-SP.

Procurou-nos para ajudá-lo nessa busca de mudanças para a educação, era uma proposta para atuarmos como professores. Ainda no fim do ano de 1969, fomos em quatro pessoas eu, o Malagotti<sup>25</sup>, Hélio Piauí<sup>26</sup>, e a Eunice.

Eu e os dois rapazes morávamos na Igreja, fizemos uma república grande com todos que tinham saído do seminário; a Eunice era nossa amiga e participava com a gente de projetos na mesma paróquia em Campinas.

Eu cheguei lá de caminhão, cheio de doações que levamos de Rio Claro-SP cedido pela congregação, lembro que fomos na cidade de Americana comprar tecidos para fazer uniforme para o pessoal. Fui com o Padre José Maria Garcia Rio<sup>27</sup>, foi uma aventura. Saímos do estado de São Paulo rumo ao Mato Grosso, fomos até Cruz Alves, São Miguel do Araguaia, pela BR- Belém Brasília, ficamos vários dias em atoleiro até chegar. Foi realmente uma aventura!

Chegamos e vimos um mundo novo para nós. Aquela região ao lado da Ilha do Bananal<sup>28</sup>, com tanta água, a vegetação diferente da que conhecíamos, um povo com uma cultura própria muito diferente também da nossa, pois éramos do sul. Esse povo com sua cultura própria e isolada chamou nossa atenção.

Nós ali, com aquela realidade, já pensávamos na filosofia do Paulo Freire para poder alfabetizar toda aquela gente, sabíamos um pouco sobre ela, mas precisávamos aprofundar o conhecimento para tentar usá-la com eles. Alguns dos nossos companheiros já tinham iniciado um estudo de como era a alfabetização com o método do Paulo Freire. Já tínhamos esse olhar, em se interessar pelo povo, pela cultura, pela língua, lá era outro dialeto, completamente diferente do nosso. Engajamo-nos no processo de educação que se precisava naquele momento, levando novidades como os livros que trouxemos de São Paulo e eles estavam carregados de nossa cultura e nossa linguagem.

Mas o contato com aquele povo nos despertou interesse, foi um período de muita aprendizagem. Lá era como se estivéssemos em outro mundo, uma coisa muito diferente, conhecemos palavras totalmente novas que eles usavam no vocabulário deles.

Nós estávamos em São Félix do Araguaia, mas toda aquela região tinha essa mesma cultura. Aquela época foi uma troca de saberes entre nós e aquela gente, ensinamos muito, mas aprendemos muito também.

---

<sup>25</sup>Helmo José Malagotti ex seminarista que foi para o Araguaia e foi diretor do GEA.

<sup>26</sup>Hélio de Sousa Reis, também ex seminarista que foi atuar como professor no GEA.

<sup>27</sup>Padre Jose Maria Garcia Gil.

<sup>28</sup>Ilha do Bananal fica localizada no estado do Tocantins, mas que fica do outro lado do Rio Araguaia.

Havia na região um despertar, uma outra forma de se realizar a educação. Era uma troca de informações e de culturas, a população era constituída de pessoas vinda de várias partes do país: São Paulo, Goiás, Maranhão, Paraná, Piauí e outros lugares. A transformação da educação foi uma conjugação de fatores, desde a ida de Dom Pedro. Ele é um intelectual, que tem um olhar carinhoso voltado para o povo.

Eu e Eunice começamos a namorar, lá mesmo na região. Depois decidimos ir para o Paraná na cidade de Faxinal e por lá ficamos dois anos. Em 1972 casamos, já no mesmo ano tivemos o nosso filho André. Como a Eunice contou, a convite do Bispo voltamos para a região.

Quando voltamos para Mato Grosso, tínhamos a opção de ir para Pontinópolis<sup>29</sup>, povoado pequeno perto de São Félix do Araguaia ou ir para a Aldeia de Santa Terezinha e, como já sabe, escolhemos a aldeia.

Lá já moravam as Irmãzinhas<sup>30</sup>, e elas pediram para o Bispo achar um casal que quisesse ir trabalhar com aqueles indígenas, pois já tinha ido algumas pessoas, mas não conseguiam ficar porque o isolamento era grande. Elas acreditavam que talvez um casal pudesse conseguir ficar por mais tempo ali e assim iniciar um processo de educação com os índios.

Assim que chegamos à aldeia, os Tapirapé ficaram um pouco decepcionados porque já chegamos e logo fomos querendo saber de sua cultura, estudar sua língua, para assim iniciar o processo de alfabetização com eles. E os indígenas são preservados em falar de sua cultura, mas com o tempo perceberam que iria ser bom para eles, pois buscavam a permanência na terra e a escola chegando lá os fortaleceria.

A todo instante percebíamos que poderíamos trabalhar com a comunidade a filosofia do Paulo Freire. Sentíamos que estava presente e isso influenciava a gente. Como ele, nós também concordávamos que a palavra do educando é a palavra da educação, isso fez com que nós pensávamos a educação na língua dos Tapirapé, mesmo que chegamos lá sem saber uma palavra Tapirapé. Em seis meses, convivendo na aldeia, tínhamos um mínimo de domínio sobre a língua, sabíamos algumas palavras.

A Irmãzinha Mai Batisti nos ajudou bastante. Ela era uma linguista nata e mesmo assim ela estudava a língua Tapirapé com a professora Yonne Leite<sup>31</sup>, do Museu

---

<sup>29</sup>Pontinópolis fica situada a 927 km da capital Cuiabá.

<sup>30</sup>As Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucaud, foram para a Aldeia na década de 1960.

<sup>31</sup>Yonne leite, hoje professora aposentada, mas na época que desenvolveu um trabalho com os Tapirapé estava no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Nacional do Rio de Janeiro, ela já havia feito uma pesquisa na aldeia e nela fez uma descrição inicial da língua.

Fomos instalados em uma sala onde se fazia uma tentativa de sala de aula, nas paredes já havia palavras escritas na língua. E tudo isso ia servindo de base para irmos aprendendo a ler e escrever na língua deles. Nós tivemos sorte de já ter acesso a algum material que existia; esse material era riquíssimo em informações básicas e outros que encontramos lá na aldeia.

Além da pesquisa da professora Ione Leite, tivemos acesso também ao material produzido por nossos amigos, o Antônio Carlos Moura<sup>32</sup> e a Ilda Galeta, que ficaram um mês na aldeia estudando quais os temas geradores poderiam ser a base para um curso de alfabetização dos adultos daquela aldeia. E essa pesquisa deles foi fundamental para nos ajudar na alfabetização daquele povo, além desses materiais tinha outros livros que também nos ajudaram bastante. E com esses estudos iniciais que fizemos nessas pesquisas e livros, pudemos adquirir um prévio conhecimento sobre a cultura e a língua deles.

Em outubro do mesmo ano formamos duas turmas de jovens e adultos, para iniciar a alfabetização, uma turma masculina, que estudava no período noturno, eu era o professor e a turma feminina, que estudava durante o dia com a Eunice.

(...)

“Professora Eunice”.

Nossas aulas se iniciaram, mas todos os passos da escola eram discutidos com eles, tudo que pensávamos para a sala de aula tinha que decidirmos juntos. Nós queríamos uma sala diferente, com esteiras pelo chão sem filas, mas como eles já tinham um estereótipo do que era uma escola, queriam a sala tradicional por ter o contato com a cidade de Santa Terezinha, a sala era com carteiras como as que viam na cidade.

Conseguimos pelo menos colocar mesinhas para que sentassem juntos, porque não queríamos mesmo as carteiras uma atrás da outra, como era o tradicional das escolas.

---

<sup>32</sup> Professores que fizeram atuaram na aldeia e fizeram um estudo sobre os Tapirapé.

A divisão de turmas em masculina e feminina, foi feita por eles, os rapazes alegavam que iriam sentir vergonha das mulheres. Nós respeitamos a vontade deles, pois era cultural e dividimos as turmas.

(...)

“Professor Luís”.

Além da escolha de gêneros também decidiram o horário de cada turma, pensando em suas atividades na aldeia. Durante o dia os homens não podiam estudar porque tinham que caçar e pescar, assim ficaram no noturno. Já as mulheres, a maioria tinha crianças e não queriam levá-las para a escola a noite, e durante o dia elas podiam ficar brincando enquanto as mães estudavam.

Seguíamos com o método do Paulo Freire e funcionou de uma forma extraordinária em nossas aulas. Como já havia vários cartazes na sala com palavras na língua deles, iniciamos trabalhando com elas. A primeira palavra que usamos foi “Takam” significa “casa”; ela é no centro da aldeia e eles usam para fazer rituais. Foi engraçado, porque a primeira vez que escrevemos a palavra no quadro, já escrevemos errado.

Além da “Takam”, lembro que tentamos iniciar usando palavras que fizessem parte do cotidiano deles, pois, tanto era difícil para eles aprenderem quanto para nós ensinarmos. Lembro de algumas das primeiras palavras como: “Tuiu” terra, “Maianca” alimentação, “Maiana” remédio, “Anha” dente.

Escolhíamos as palavras que fornecessem os fonemas da língua e que também pudessem ser discutidas em temas do dia a dia deles. E com apenas algumas palavras pudemos alfabetizá-los, depois da palavra passando para a frase e depois para os textos.

Nós os ensinamos a ortografia da língua e aprendemos muito com eles, não só a língua, mas a cultura, eu acho importante falar isso que sempre foi à troca de aprendizagem. Falo isso não só pelo trabalho na aldeia, mas todos os cursos que participamos, desde o GEA, Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígena, Urbano e Rural e o Projeto Inajá.

Podemos falar que todo esse processo de formação que se teve em Santa Terezinha foi raiz do Projeto Inajá. Todos esses projetos foram realizados com uma visão etnográfica da educação, de você estar voltado para a cultura do povo, para a realidade política deles.



A cultura deles era diferente do que conhecíamos, mas com a chegada de pessoas de outras regiões, essa cultura, esses espectros foram mudando e se misturando com o conhecimento trazido de pessoas de outros estados como São Paulo, Rio Grande do Sul e outros. Também chegaram pessoas de outras regiões como Goiás, Pará, mas essas já eram mais parecidas com a cultura deles; foi mudando mesmo com a presença de pessoas do sul do país, que a realidade era totalmente diferente.

(...)

(Professora Eunice)

Como o Luís falou, a etnografia foi bem enfatizada no projeto de Ensino de Ciências e Matemática, explicando como e porque o uso de cada disciplina. Por exemplo, em que eles usavam a matemática na região deles. A professora Marineusa e o Sebastiani trabalharam muito isso, dividiram os alunos do curso em grupos e fomos para a Santa Terezinha conhecer em que aquela população usava a Matemática.

Cada grupo foi observar a Matemática usada em trabalhos desenvolvidos por eles, uns observaram a construção de barcos, outro grupo foi conversar com os pedreiros e ver como usavam a matemática sem ter o conhecimento matemático da escola, dali eles produziam os textos e mostravam não só a matemática, mas várias disciplinas envolvidas em um único assunto.

Não lembro mais dos outros grupos, mas foi isso, nós buscamos trabalhar com a etnografia. Primeiro fomos vê-los usando a matemática, com o conhecimento que foi passado de pai para filho, da cultura da região, para só depois abordar os modelos matemáticos. E isso foi importante e tudo isso foi à base do Inajá também.

Dando continuidade aos projetos de educação, quando se encerrou o projeto Ensino de Ciências, já pensávamos em como dar continuidade à formação daqueles professores; sempre falávamos isso a cada encontro que tínhamos. Foi daí que surgiu o Projeto Inajá, ele aconteceu em dois momentos, em 1987 e 1992. Veio atender a região do Médio Araguaia, abrangendo vários municípios e mais de 300 professores que já atuavam sem formação.

Eram professores que se tornavam alunos durante o período que tinham as férias, do fim do ano e no meio do ano, alguns moravam nas cidades, na zona rural e alguns indígenas. A proposta do Inajá era habilitar esses professores em nível de magistério e conseguiu.

O Projeto Inajá representa uma inovação educacional, não só para a região, pois ele inovou em vários aspectos: foram aceitas pessoas que tinham grande conhecimento da realidade, do contexto sociocultural em que viviam; e um que considero importantíssimo, a prática da pesquisa, a prática da construção do conhecimento a partir da pesquisa. Isso foi feito com os cursistas durante as etapas, com o compromisso de levarem para as salas de aulas e desenvolver com seus alunos.

Em Porto Alegre do Norte<sup>33</sup> foi feita uma pesquisa por uma cursista com seus alunos que repercutiu bastante na época. Ela fez uma pesquisa sobre os prédios escolares e levaram até a prefeitura mostrando para o prefeito, com todos os dados anotados por crianças de 8 a 9 anos de idade. Essas crianças já iam desenvolvendo a sua noção de pesquisa desde as séries iniciais, também se tornando uma pessoa que saberia ser crítica em relação aos vários assuntos futuros. Com essa prática da pesquisa o professor não é mais o doador de conhecimento, ele se torna o mediador do processo de construção de conhecimento e isso se via no Inajá.

A avaliação no Projeto também foi importante, por eles adotarem uma avaliação que não era punitiva, não era uma avaliação com cobrança de conceitos. Eles eram avaliados no processo, o que eles faziam, o que produziam, os seminários, a devolutiva que traziam de trabalhos realizados com seus alunos. Posso dizer que era uma avaliação processual feita a partir do desenvolvimento, do empenho e do compromisso deles com o curso. Isso foi inovador em termos educacionais. As Licenciaturas Parceladas<sup>34</sup>, pelo menos a primeira turma, usou a avaliação nesse modelo. A faculdade Intercultural Indígena<sup>35</sup> também usa essa avaliação.

Nós, como monitores, percebíamos sempre que em todas as atividades que os professores iam desenvolver com os cursistas eles já pediam um relatório a respeito do que viram e sentiram durante a realização. Assim os professores podiam ir adaptando todo aquele material que trouxeram para realidade da região. Por isso, às vezes, trabalhávamos até tarde da noite.

(...)

“Professor Luís”

---

<sup>33</sup>Estando distante de Cuiabá mais de 1.227 km.

<sup>34</sup>Projeto de Formação em Rede Serviço e Continuado, ofertado pela Unemat.

<sup>35</sup>Nesse caso é Curso de formação para professores indígenas que acontece em Belo Horizonte pela UFMG.

Como estivemos presente no Inajá atuando como monitores, toda a equipe continuou com a mesma preocupação, sempre olhar para o conhecimento que eles já tinham e sem fugir da cultura deles.

Nós estávamos acostumados com uma matemática pronta, sistematizada, finalizada e que precisávamos só repetir aos alunos. E para esses professores que vieram da Unicamp, com visão e proposta da etnografia, buscando trabalhar a parte histórica de cada conteúdo. Eles fizeram várias atividades como a Balança da Roça<sup>36</sup>, exercícios para se achar o PI, essas e outras. Sendo todas realizadas em grupos, partindo do conhecimento que eles tinham e com materiais que eram acessíveis na região, e todas as atividades sendo construídas por eles, saindo do abstrato e tomando forma.

Um destaque grande no Projeto foram as aulas com o professor Arguello, que ele era professor de Física, ele tinha um preocupação em particular com a gênese do conhecimento. Quando eu falo de trabalhar a gênese do conhecimento, quero dizer que buscávamos saber como esse conhecimento surgia, como eles iam processando esse novo saber. E isso foi muito importante desde os primeiros cursos que foram surgindo na região.

Só voltando um pouquinho, sobre isso, as pessoas da região produziram uma cartilha para usar nos municípios da região, com a intenção de alfabetizar as crianças, com palavras que era de conhecimento deles, nós que chegamos de outros estados nem conhecia muitas palavras, a cartilha ficou conhecida como Cartilha da Capivara<sup>37</sup>.

(...)

“Professora Eunice”

Eu lembro da cartilha. Ela era construída com a realidade da região, por mais que ficou conhecida como Cartilha da Capivara, capivara era apenas um dos nomes que tinham nela, por exemplo tinha palavras como: “quibano” que significa peneira feita de palha de coco, “muriçoca” que eram os pernilongos ou o mosquito que transmitia a “maleita” que era a febre amarela, e com nomes de animais e frutas que são específicas da região.

---

<sup>36</sup>Atividade realizada para eles terem Noções de Mecânica.

<sup>37</sup>Cartilha produzida por professores da região do Médio Araguaia e aderida em alguns municípios para alfabetização de crianças.

Ela tinha todo um contexto sobre a realidade da região. O nome da cartilha era “Estou Lendo”<sup>38</sup>. Na verdade, ela era mais que uma cartilha, foi quase um livro com histórias da região, porque nela não era uma alfabetização descontextualizada, silabada, já se trabalhava com textos e todos usando nome dos animais, vegetação ou alguma coisa que fosse originária da região. Sempre trabalhado com a realidade deles.

Essas questões de se basear no conhecimento deles para dar a continuidade foi trabalhado no Inajá. O apoio da Prelazia para esses cursos era indiscutível, pois além de nós, que viemos através do Dom Pedro para a região, havia outras pessoas que foram chegando e se integrando na comunidade para ajudar nessa questão da educação, mas dando sequência à mesma linha de pensamento.

(...)

“Professor Luís”

Quero falar do envolvimento do Dom Pedro, por exemplo, no Projeto Inajá. Ele juntou toda a prelaia que contribuiu, principalmente, com o local para realização das aulas. Em Santa Terezinha as aulas aconteceram na Igreja, na casa do morro e em São Félix do Araguaia no Centro Comunitário, sem custo algum. Ele tinha a preocupação com a religiosidade do povo, sempre procurou trazer uma visão nova de Igreja, mas também sempre respeitando as tradições populares, como as crenças e rezas da população.

Ele sempre pregava uma religião ligada à vida, preocupado com a saúde o bem estar daquela região, construíram clubes de mães, onde as senhoras se reuniam e trocavam experiências, as Irmãs davam cursos para as mulheres.

Trouxe Irmãs enfermeiras de São Paulo, a Irmã Irena, Irmã Mercedes e outras<sup>39</sup>, que com o atendimento, lá existia várias doenças, faziam partos, atendiam pessoas feridas devido à violência, salvavam muita gente na época. E lembro que elas atendiam aos municípios de São Félix do Araguaia, Santa Terezinha, Porto Alegre do Norte, Vila Rica e a quem chegasse precisando.

(...)

---

<sup>38</sup>A cartilha teve como autoras as professoras, Dagmar Aparecida Gatti, Judite Gonçalves de Albuquerque, Luzia Júlia Gobbi, Maria Benvinda de Moraes e Suely Barros Jardim.

<sup>39</sup>Freiras que resolveram vir para a região ajudar o Bispo Pedro na evangelização e alfabetização das pessoas.

“Professora Eunice”

Os alunos no Inajá faziam trabalhos em grupos e apresentavam em seminários, onde todos participavam apresentando os trabalhos e debatendo os dos colegas. A cada seminário, esses cursistas mostravam nos trabalhos o conhecimento que eles tinham e os professores mostravam a eles que havia um diálogo com o conhecimento científico, principalmente com os fenômenos da natureza.

O estudo durante as etapas intensivas era o dia inteiro e, às vezes, a noite. Os professores aproveitavam para encaminhar ou verificar como estava o andamento das pesquisas, pois a maioria dos conteúdos, eles tinham que realizar pesquisa e relatórios.

O professor Arguello sempre tinha aulas à noite para mostrar os astros e outros temas. Os alunos adoravam, iam para a beira do Rio Araguaia e estudavam ali mesmo. Ele sempre falava: “Lá em Campinas eu tenho todos os aparelhos para observar as estrelas e não tenho o céu”. Ele falava isso por estar sempre nublado, enfumaçado.

O professor Arguello aproveitou muito, quase todos os trabalhos dele era realizados fora da sala de aula, usando todos os recursos que estavam ao redor. Não só ele, mas todos os professores ficavam encantados com a natureza daqui, a vegetação, o rio, assim eles faziam daquele local um grande laboratório. Quando os cursistas falavam que queriam trabalhar em um laboratório, os professores davam exemplo do que poderiam fazer usando os recursos que eles tinham e que eram os melhores.

O professor Adão Cardoso<sup>40</sup> sempre começava suas aulas com um passeio na beira do rio, no morro, no mato, ele separava os alunos em grupos e pedia para que trouxessem o que achassem de interessante, um bichinho, uma vegetação, qualquer coisa, para depois aquele grupo classificar e estudar o que achou. Todos os professores tentavam trabalhar assim, buscando esses recursos e, geralmente, estavam em dois ou três professores juntos e dali trabalhavam várias disciplinas.

Nós, os supervisores, aproveitávamos a noite para as anotações, para registrar tudo o que acontecia durante o dia. Muitas reuniões iam até as 11 horas da noite, para que, no outro dia cedinho estivéssemos lá com novas ideias e anotações prontas. O ritmo do trabalho era bem puxado.

No Inajá I, os professores que vieram da Unicamp sentiram um pouco de dificuldade no início, pois eles trouxeram o planejamento pronto e, de repente, tiveram

---

<sup>40</sup>Professor de Ciências Biológicas e Programas de Saúde no Projeto Inajá.

que mudar tudo, porque os alunos da região não eram como os alunos que faziam magistério em São Paulo. Por isso tivemos tantas reuniões! (risos) Mas foram bem, tanto os alunos quanto os professores conseguiram entrar em uma sintonia que nem eles acreditavam que daria certo.

(...)

“Professor Luís”

Aqueles professores se disponibilizaram a mudar seus planejamentos, e abraçar aquela causa. Esses professores ficavam encantados com o conhecimento que aqueles alunos traziam da sua vida. Havia cursistas que eram pesquisadores natos, não é normal ver isso nas escolas. Essas pessoas, além de te trazer seu conhecimento, tinham muita garra e vontade de aprender.

Os alunos fizeram várias pesquisas com cupins, formigas, plantas e alguns desses alunos eram semianalfabetos, que traziam muitas contribuições para o curso.

Os professores tinham uma visão aberta de educação e sempre buscavam avançar no conhecimento, trabalhavam com a interdisciplinaridade. Um exemplo era com a Matemática, os professores traziam de São Paulo jornais e todas as manchetes que sempre traziam porcentagem, gráficos e outros assuntos e pediam para que os alunos fizessem uma leitura crítica sobre essas manchetes, de como a matemática era usada.

As atitudes desses professores em trazer os materiais atualizados para os cursistas discutirem e fazer uma leitura crítica, era muito importante para aquelas pessoas que, às vezes, não teriam acesso a essas informações se não fosse o curso do Inajá.

A dedicação dos professores atingia o interesse dos cursistas, por mais que alguns assuntos estivessem sendo estudados pela primeira, mas o esforço dos dois lados em trocar conhecimentos fazia com que o curso desse certo, era um empenho grande em concretizar toda aquela busca por saberes. Até mesmo na linguagem os professores conseguiram levar aquele conteúdo da universidade para a realidade da região.

O projeto da educação na região também tinha seus conflitos, por exemplo, quando surgiu a cartilha que nós já falamos, ela foi usada em vários municípios da região e deu certo, já em Vila Rica ela foi bem criticada. Então, conflito na região sempre esteve presente, não só na educação como na luta pela terra, conflitos políticos, a repressão da Ditadura, tudo isso fez de lá esse ambiente conflituoso e as pessoas tinham que se posicionar a respeito.

No Projeto Inajá as escolas estaduais quase não participaram, já eram escolas instituídas, então em massa foram as escolas municipais. Mas havia professores que estavam no Projeto e depois se engajaram nas escolas estaduais. Entretanto alguns professores sofriam certo preconceito dentro da escola.

Em Santa Terezinha teve uma professora que fez um trabalho com seus alunos sobre a mariposa, desde a larva até sua fase adulta e tudo isso ficava em uma caixa na sala de aula para os alunos fazerem esse acompanhamento e estudando todo esse processo. Mas os colegas de trabalho da professora sempre a criticavam, chegando a uma vez em que a faxineira simplesmente pegou as caixas e jogou fora, e a professora perdeu toda a pesquisa desenvolvida com seus alunos.

(...)

“Professora Eunice”

O conflito com esses professores foi tenso em muitos desses municípios, em Ribeirão Cascalheira fecharam escolas, em Santa Terezinha teve tiroteio, era uma luta demarcada pelas pessoas. O Projeto Inajá, acredito, só se manteve de pé por ter esse respaldo da Unicamp e com o tempo as pessoas viram que era um projeto que trazia melhoria, não só para quem estava fazendo, mas para toda a população.

Esse preconceito ultrapassava os limites algumas vezes, por fofocas de pessoas que não faziam o Inajá, falavam que as mulheres que participavam do curso faziam orgias traindo os maridos, essas coisas. E existiu até mesmo separação, os homens, à época, eram machistas e com isso, ou as mulheres batiam de frente com o marido para continuar a estudar ou simplesmente desistiam por medo.

(...)

“Professor Luís”

Os conflitos na educação de lá, talvez, eram mais intensos porque a maioria das pessoas envolvidas estavam ligadas à Prelazia, sempre junto ao Bispo Pedro, como a Judite Gonçalves Albuquerque<sup>41</sup>, ela era freira, veio para cá de São Paulo, acho que em 1970 ou 1971, ela foi uma pessoa que contribuiu muito, era inquieta com a escola, com

---

<sup>41</sup>Agente pastoral na época foi docente de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira.

essa maneira de reprodução. Então todo esse primeiro projeto de formação que teve em São Félix foi ela e a Vera Furlan<sup>42</sup>.

Além da Vera Furlan eu acho que uma pessoa que foi muito importante foi o Zé Wilson<sup>43</sup>. Ele era uma dessas pessoas inquietas e muito ligadas à questão da cultura, eu acho que ele foi secretário de educação em São Félix do Araguaia e ajudou a implantar o primeiro curso de formação de professores, foi assim uma das pessoas importantes do início.

(...)

“Professora Eunice”

A educação teve sua melhoria devido ao esforço de pessoas que lá estavam também, por exemplo, o Joaozinho<sup>44</sup> contribuiu para a região, junto ao Inajá e também trabalhou na escola que teve no Boqueirão<sup>45</sup>, ele e outras pessoas tentaram desenvolver lá o que aconteceu no Inajá. Já estavam tentando vivenciar outra maneira de escola. Lá trabalharam várias pessoas que conhecíamos também.

Não é fácil lembrar todo mundo que foi importante na educação de lá, mas temos em mente várias que tivemos um maior contato. A Heloisa Salles Gentil<sup>46</sup> foi professora na região muito tempo e também trabalhou no Inajá, hoje ela é doutora em educação e trabalha na UNEMAT; ela tentou recuperar um pouco a história, não sei me recordo se foi na dissertação ou na tese. Eu não tive acesso à dissertação e a tese dela, mas sei que fala da região. Tem outras pessoas que fizeram trabalhos sobre a região, mas não mandaram cópia para nós, seria interessante se todos mandassem, nem que fosse para a Secretaria da Prelazia, porque lá já tem um acervo grande sobre coisas da região.

Você sabe que as pessoas da região mesmo não conhecem o que aconteceu na época, desconhecem todo o movimento da educação que acontecia, e como aconteceu. Foi um trabalho grandioso, mas não é reconhecido. As Secretarias de Educação chamam pessoas de outras regiões para vir assessorar projetos e, às vezes, vêm pessoas de outros estados sem ter noção de que a nossa região é diferente da deles. Na maioria das vezes,

---

<sup>42</sup>Era agente pastoral e trabalhava nos cursos de formação da região do Médio Araguaia.

<sup>43</sup>Zé Wilson Secretário de educação de São Felix do Araguaia.

<sup>44</sup>João Severino Filho, atuou como professor na região do Médio Araguaia, foi monitor no Inajá durante os dois momentos e atualmente é professor pela Unemat.

<sup>45</sup>Comunidade rural que pertence ao município de Ribeirão Cascalheira.

<sup>46</sup>Heloisa Salles Gentil, além de atuar como professora na Educação Básica era monitora do Projeto Inajá da cidade de Ribeirão Cascalheira.



esses projetos ficam pela metade porque não são bem aceitos aqui como foram aceitos em São Paulo, por exemplo.

Mas eu acho que deveriam valorizar aquelas pessoas que saíram daqui e cresceram, fazendo mestrado, doutorado, se especializando. Se essas secretarias os levassem para desenvolver qualquer projeto hoje, com certeza seria bem aplicado, pois eles conhecem a região e estão preparados para debater outros assuntos que podem trazer benefícios para a educação. Porque nem sempre o que dá certo no sul do país dá certo nessa região específica.

(...)

“Professor Luís”

Essas pessoas da região não sabem como era a educação antigamente, porque pouco se discute hoje num âmbito regional, antes existia toda a preocupação, essas discussões acabavam saindo da região e indo para fora como os professores que vinham e levavam toda a experiência daqui para as universidades, toda essa mudança leva ao esquecimento.

O que víamos antes não vemos hoje, como aquela época a cultura era muito ligada à educação, tínhamos apresentação de teatros, contando histórias que nós não éramos daqui; achávamos que eram histórias inventadas, mas não eram. Histórias de reconstituições de fatos acontecidos como os de conflitos, assassinatos, expulsão das terras entre outros. Teve o Projeto Pão e Circo<sup>47</sup>, que era desenvolvido em Belo Horizonte, mas com pessoas daqui envolvidas e sempre estavam presentes na nossa região. Foi fruto do momento e dos temas que eram discutidos, à época, na educação e na cultura. Mas as burocratizações dos estados e a educação voltaram a ser como antes, sempre o estado decidindo o que é melhor, sem valorizar o conhecimento dessas pessoas. Sem existir essa troca que tinha antes, na verdade, não se aproveita o que se aprende.

(...)

“Professora Eunice”

---

<sup>47</sup>Vários artistas da região escreviam peças com temas relacionados ao Araguaia a vida daquele povo e saía por alguns estados apresentando como Pará, Tocantins, Goiás e Minas Gerais.

Para finalizar eu quero dizer o quanto a educação, na época, foi crescendo e dando frutos. Por exemplo, os primeiros cursos que aconteceram, como o GEA, depois o Ensino de Ciências, O Inajá em duas fases, as Parceladas, o crescimento da aceitação indígena nas universidades, hoje tem a faculdade indígena que sempre está formando muitos deles. Eu não tenho certeza, mas tem um artigo que a Judite Albuquerque fez e chama isso tudo de rizomas, são formas que foram brotando, mas partindo de outras.

Nós hoje estamos aposentados e o contato que temos lá na aldeia onde começamos é o de assessorar os professores, e dar cursos de formação continuada, mas nós trabalhamos em outras aldeias também como a do Maranhão, que é um povo de contato recente e estão pedindo a implantação de uma escola para ajudá-los a continuar na terra, pois estão com problemas gravíssimos a esse respeito, e a escola será um embate positivo para eles.

Estamos indo sempre para Mato Grosso do Sul, trabalhando no projeto Saberes Indígenas, ajudamos também os Bororos, no Mato Grosso que tem o Magistério intercultural<sup>48</sup>.

O Luís foi nos Apiaká<sup>49</sup>, mas ele pode falar um pouquinho sobre.

(...)

“Professor Luís”

Lá é uma proposta de recuperação da língua, porque é um grupo muito reduzido e acabou-se perdendo a linguagem e eles queriam recuperar. Eu fui acompanhado de uma família de Tapirapé tentar ajudar, porque a língua deles é a Tupi, eles acharam bem parecida com a dos Tapirapé. Assim eles queriam, ter esse contato com alguém de lá para saber se conseguiriam resgatar a língua deles.

Ficamos uma semana e fizemos um trabalho com essa perspectiva de recuperação. Existem várias aldeias que estão com conflitos internos em busca ainda da fixação da terra e da perda da língua. E sempre que nos convidam, vamos assessorar tentando ajudar. Nós ensinamos e acabamos aprendendo muito toda vez.

Acho que deve ainda ter muita coisa a ser dita, mas no momento o que lembro é isso e ficamos à disposição se precisar de mais alguma coisa.

---

<sup>48</sup>Curso ofertado para formação de professores indígenas que é ofertado no estado de Mato Grosso.

<sup>49</sup>Aldeia que fica na região de Juara, a etnia não fala sua língua nativa nesse local apenas o português.

## 4 DE ONDE VÊM ESSAS VOZES...

Com nossas narrativas, documentos, fotografias, entre outras fontes, pensamos: O que fazer? O que falar? Como compartilhar todas as informações que temos em mãos?

Decidimos cotejar as narrativas com as demais fontes, para que, conjuntamente, pudessem nos mostrar, de algum modo, um pouco sobre a formação de professores, em uma região que teve em seu desenvolvimento educacional características muito peculiares. A opção por realizar esse envolvimento entre as fontes não será com a intenção de validar uma ou outra, mas para contribuir com um melhor entendimento de nossa pesquisa e da história que narramos.

Faremos um arremate sobre a região escolhida, apresentando os municípios de Mato Grosso que fazem parte de nossa pesquisa, seus conflitos, suas peculiaridades. Tal escolha está relacionada principalmente às características singulares dos cursos de formação de professores investigados e o modo como foram desenvolvidos na região. Destacamos a familiaridade da pesquisadora com a região e as possíveis contribuições desta pesquisa com o projeto de Mapeamento de Formação e atuação de Professores de Matemática no Brasil, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Ghoem.

Ressaltamos a importância dos cursos de formação para a região, bem como suas práticas diferenciadas, sendo moldadas a partir das – e para as – peculiaridades dos envolvidos. A criação desses cursos colaborou, mesmo que timidamente, para o desenvolvimento de tal região, uma vez que contribuiu para a qualificação dos profissionais envolvidos com a educação.

Os movimentos políticos e religiosos, bem como a localização geográfica da região de estudo, estão diretamente ligados aos cursos investigados<sup>1</sup> e aos modos como esses foram apropriados e desenvolvidos. Assim, apresentaremos também uma contextualização histórica do estado e principalmente da região investigada.

(...)

### 4.1 Um Mato Grosso com muitos “Matos Grossos”

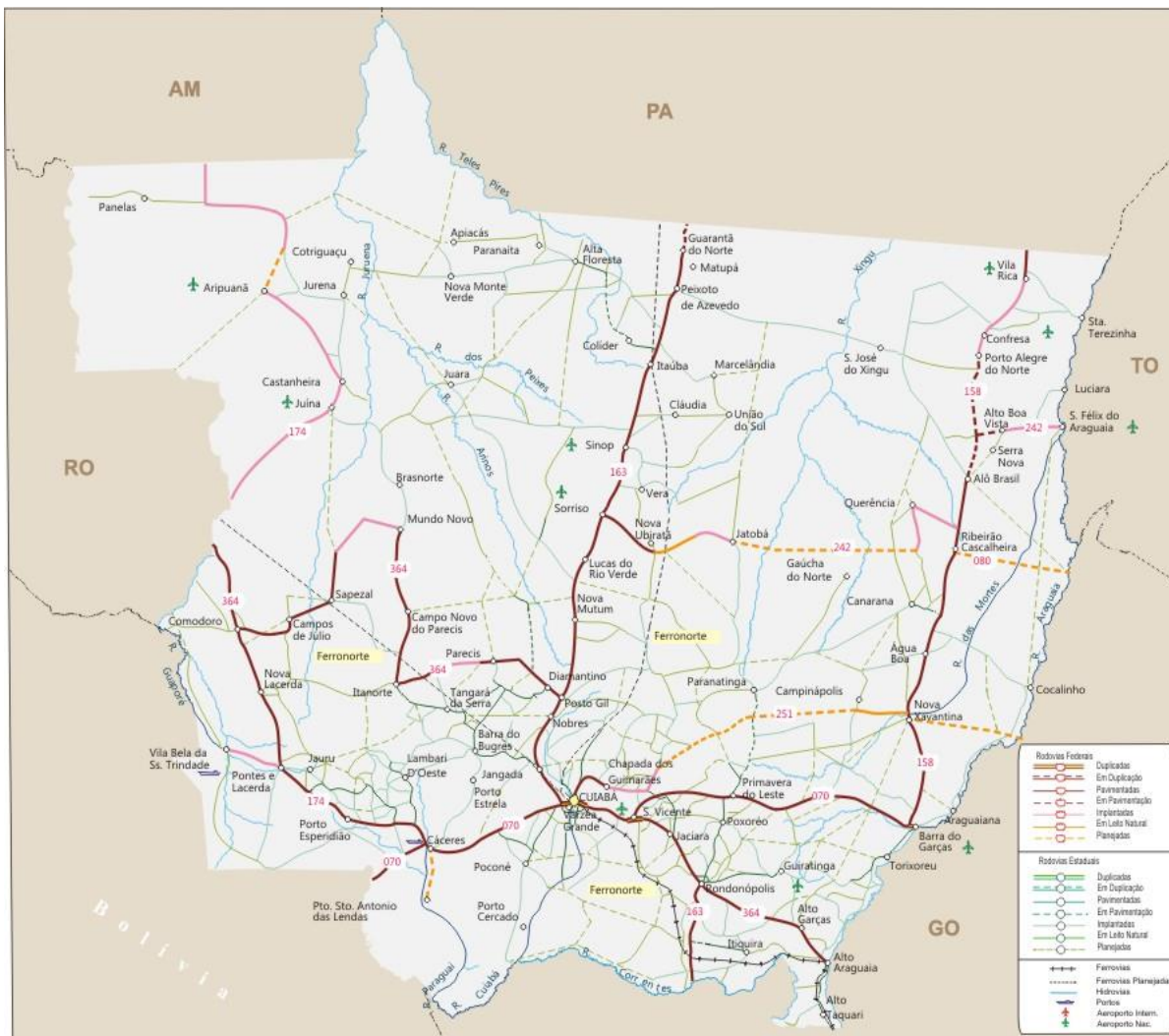
O estado do Mato Grosso localiza-se na região Centro-Oeste do território brasileiro (figura 2). Este estado possuía uma extensão territorial bem maior que a atual, pois faziam parte dele o que, hoje, conhecemos como os estados de Rondônia e Mato Grosso do Sul. Mato

---

<sup>1</sup>Projeto Inajá e Inajá II, Curso de formação e habilitação para professores em nível de magistério. Esses são o foco de nossa pesquisa e falaremos com detalhes sobre cada um no decorrer do texto.

Grosso primeiro dividiu-se com a criação do estado de Rondônia no ano de 1943 e depois, no ano de 1977, houve a criação do estado de Mato Grosso do Sul. O antigo Mato Grosso possuía uma área de, aproximadamente, 1.400.000 km<sup>2</sup>, entretanto, com o decreto-lei nº 5.812 e com a Lei Complementar nº 31, a separação desse estado ocorreu, dividindo-o, como mencionamos anteriormente, em três partes (BRASIL, 1943; BRASIL, 1977). Mesmo sendo desmembrado e dando origem a dois outros estados, Mato Grosso ocupa uma área de 903.357km<sup>2</sup>, sendo o terceiro maior em extensão territorial do país (FERREIRA, 2001).

**Figura 2:** Mapa do estado de Mato Grosso



Fonte: Ministério dos Transportes (2012)

Antes ainda da segunda divisão do estado, iniciou-se um grande fluxo migratório em várias regiões do Mato Grosso, de modo especial com a criação da Fundação Brasil Central, que foi uma operação estratégica realizada pelo Exército Brasileiro, que tinha a intenção de promover a colonização da região nordeste mato-grossense. (FERREIRA, 2001).

Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado de Mato Grosso (SEPLAN), o estado possui 141 municípios, sendo esses distribuídos em cinco mesorregiões – Centro Oeste, Norte, Nordeste, Sul e Sudeste (Figura 3).

**Figura 3:** Mapa com cinco mesorregiões do Mato Grosso.



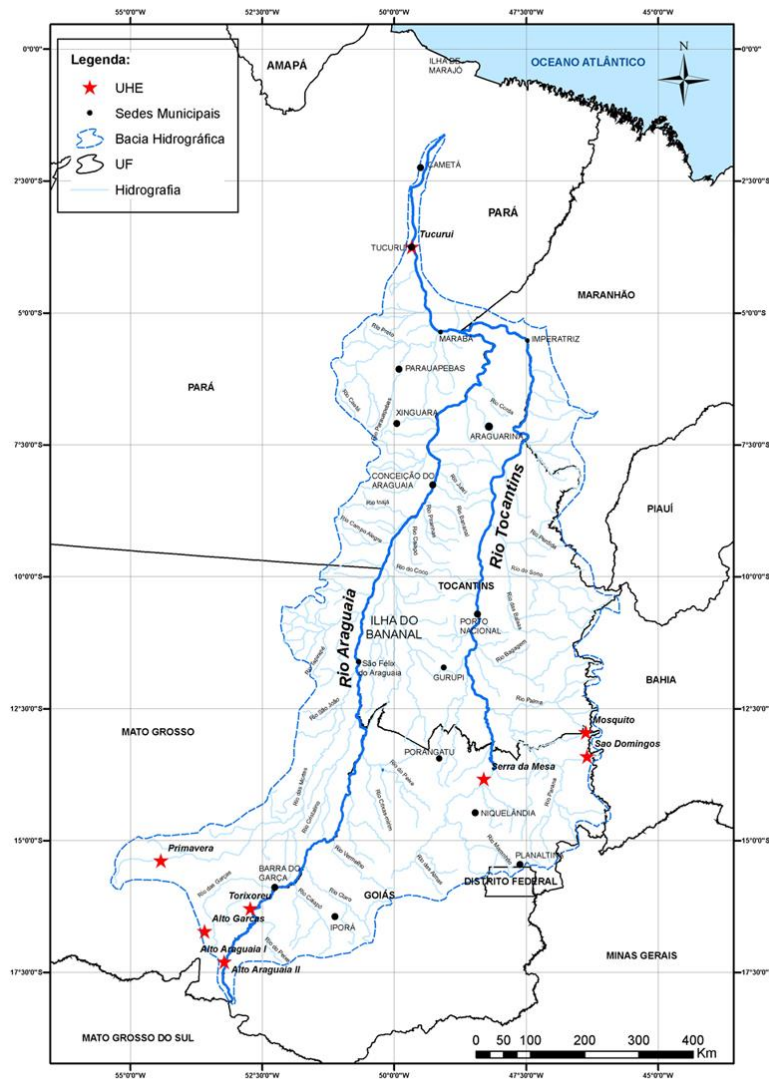
Fonte: SEPLAN (2010).

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, abordaremos com maior profundidade a mesorregião Nordeste.

A mesorregião Nordeste é formada pela união de 25 municípios, agrupados em três microrregiões: Canarana, Médio Araguaia e Norte do Araguaia (Baixo Araguaia)<sup>2</sup>. A Bacia Hidrográfica que banha a região é a do Araguaia<sup>3</sup>, que passa pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará. Para melhor identificação trouxemos a imagem ilustrada na (figura 4) do mapa abaixo.

<sup>2</sup>Os moradores também chamam essa região de Médio Araguaia. Para melhor entender sobre a nomenclatura do Médio Araguaia, Gentil (2002) nos diz que depende do ponto de referência que tomamos: se pensarmos no estado de Mato Grosso, a região pode ser considerada como Baixo Araguaia, mas se pensarmos no rio Araguaia em relação ao Brasil, a região a que nos referimos ficaria situada no Médio Araguaia.

<sup>3</sup>Informações retiradas de <[http://midia.pgr.mpf.gov.br/4ccr/sitegtaguas/sitegtaguas\\_4/noticia2\\_nossosrios.html](http://midia.pgr.mpf.gov.br/4ccr/sitegtaguas/sitegtaguas_4/noticia2_nossosrios.html)>. Acesso 16 nov. 15.

**Figura 4:** Mapa onde mostra a localização do Rio Araguaia.

Fonte: Grupo de Trabalho da 4ª Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal.

Alguns municípios da mesorregião ficam à beira do rio Araguaia, como é o caso das cidades de Barra do Garças, Luciara e São Felix do Araguaia. Entre os meses de junho a outubro, o rio baixa suas águas e surgem praias, como indica a (figura 5) e as praias tornam-se atrativos turísticos para pessoas da região e de outros lugares.

**Figura 5:** Rio Araguaia Vista aérea

Fonte: Secretaria da Prelazia de São Felix do Araguaia-MT

Conforme a Seplan (2010), os municípios que compõem as microrregiões do Nordeste do Mato Grosso são:

- *Médio Araguaia:* Araguaiana, Barra do Garças e Cocalinho.
- *Canarana:* Água Boa, Campinápolis, Canarana, Nova Nazaré, Nova Xavantina, Novo São Joaquim, Querência e Santo Antônio do Leste.
- *Norte do Araguaia (Baixo Araguaia):* Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia, Canabrava do Norte, Confresa, Luciara, Novo Santo Antônio, Porto Alegre do Norte, Ribeirão Cascalheira, Santa Cruz do Xingu, Santa Terezinha, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Serra Nova Dourada e Vila Rica.

Neste trabalho, nosso olhar está voltado especificamente para a microrregião Norte do Araguaia, o que nos fez considerar importante apresentar algumas informações sobre essa microrregião (Tabela 1) para que seja possível observar o quão novos são seus municípios, possibilitando-nos afirmar que a região ainda está em desenvolvimento.

**Tabela 1** – Nome dos municípios, seu ano de criação e a distância entre eles e a capital do estado.

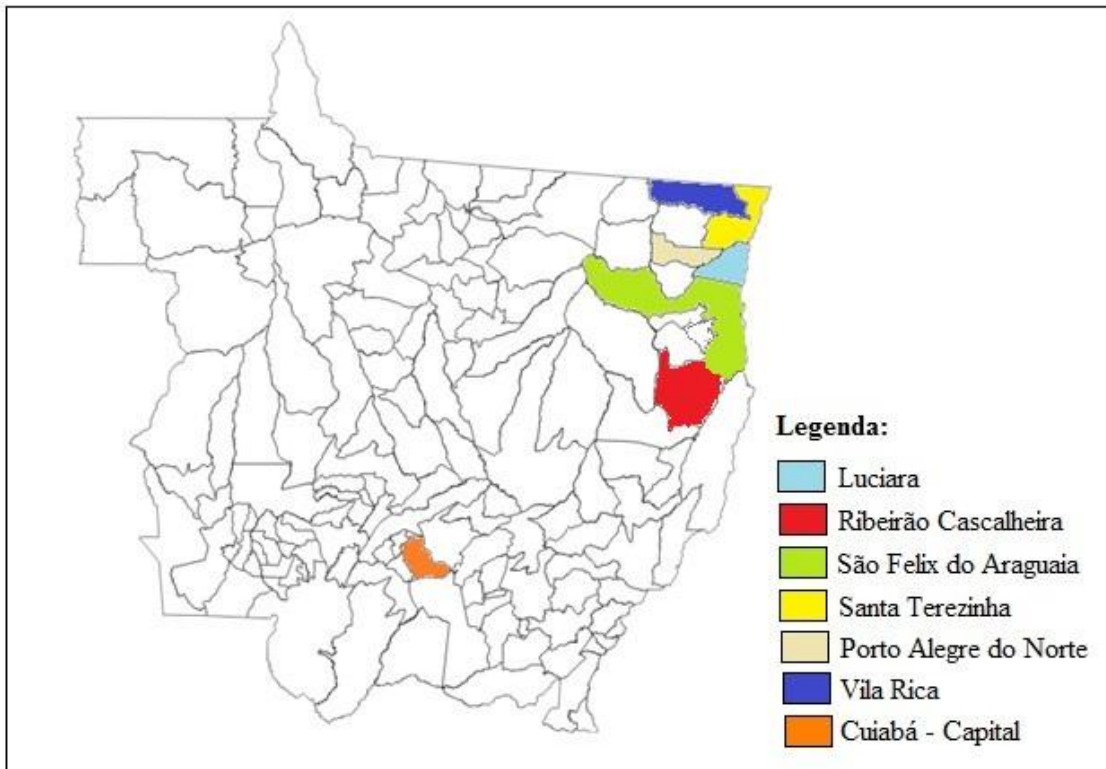
Município	Ano de Criação	Distância de Cuiabá (Km)
-----------	----------------	--------------------------

Alto Boa Vista	1993	1.063,50
Bom Jesus do Araguaia	1999	1.027,90
Canabrava do Norte	1993	1.132,50
Confresa	1993	1.165,50
Luciara	1961	1.166,50
Novo Santo Antônio	1999	1.118,00
Porto Alegre do Norte	1986	1.127,50
Querência	1993	912,70
Ribeirão Cascalheira	1989	877,60
Santa Cruz do Xingu	1999	1.021,00
Santa Terezinha	1980	1.313,50
São Félix do Araguaia	1976	1.143,00
São José do Xingu	1993	1.158,00
Serra Nova Dourada	1999	1.046,00
Vila Rica	1986	1.260,50

Fonte: SEPLAN (2010).

Dentre os quinze municípios que constituem essa microrregião, nossa pesquisa foi realizada em seis deles: Luciara, Porto Alegre do Norte, Ribeirão Cascalheira, Santa Terezinha, São Felix do Araguaia e Vila Rica (figura 6) –Estes municípios serão mencionados novamente ao longo do texto. Iniciaremos destacando a migração que, diretamente, interferiu na constituição da região foco do estudo.



**Figura 6:** Mapa do Mato Grosso destacando municípios envolvidos na pesquisa.

Fonte: IBGE(2010)<sup>4</sup>

Como afirmado anteriormente, houve um grande fluxo migratório para o estado, especificamente para a região nordeste mato-grossense, a partir da década de 1940, constituindo-se no que ficou conhecido como a “Marcha para Oeste<sup>5</sup>” do governo de Getúlio Vargas. À época, famílias de lavradores e criadores de gado vindos do estado de Goiás, de estados das regiões Norte e Nordeste, entre outros estados, se instalaram nessa região, habitada até então apenas por grupos indígenas<sup>6</sup>. (CAMARGO, 1997).

Nossa depoente Clude Schmitz relata em sua narrativa que, quando tinha apenas sete anos de idade, sua família migrou da cidade de Santana do Araguaia-PA, no ano de 1970, para o Mato Grosso com incentivo da Marcha para o Oeste, instalando-se primeiro no município de São Felix do Araguaia.

O número de migrantes de outros estados foi crescendo gradativamente. No fim da década de 1960, início de 1970, houve um segundo fluxo, momento em que instalaram-se grandes empresas agropecuárias, como a Suiá Missu (da Liquigás/Liquifar), Codeara (do

<sup>4</sup>Fizemos algumas alterações para destacar os municípios abordados e também colocamos a legenda.

<sup>5</sup>A Marcha para o Oeste foi um movimento que surgiu na época do governo Getúlio Vargas para fazer uma ocupação de terras ainda não povoadas e ligar o interior aos grandes centros urbanos (SZUBRIS, 2014).

<sup>6</sup>Etnias Karajá, Xavante e Tapirapé.

Banco de Crédito Nacional), Tamakavy (do Grupo Silvio Santos) e outras. (CAMARGO, 1997). Nestes casos, a colonização se deu, principalmente, por empresas privadas e pela implantação de projetos de assentamentos do Programa Nacional de Reforma Agrária<sup>7</sup>.

Além desses empreendimentos agropecuários, houve também financiamentos por parte do Governo Federal, por meio do incentivo fiscal da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – Sudam (ALBUQUERQUE *et al* (1991)). Com esses incentivos, a população da região aumentava a cada dia, o que era também estimulado pelos militares, os quais alegavam que a implantação desses projetos na área agrícola e pecuária ajudaria nas ações que visavam a ampliar a Segurança Nacional, como vemos na revista eletrônica UFMT.

No início da década de 1970, o governo ditatorial militar implantou no Brasil uma política de ocupação da Amazônia, área considerada espaço vazio. Assim, sobre o pretexto de promover a Segurança Nacional, os militares implantaram na Amazônia projetos de colonização e agropecuários em favorecimento do grande capital estrangeiro, sendo desenvolvidas na região atividades econômicas ligadas principalmente aos setores agrícolas e pecuários. (p.194)

Sendo assim, segundo Camargo (1997), muitas pessoas do Sul e Sudeste ouviram propagandas em rádio, jornal e televisão, que anunciavam oferta de terras baratas e facilidades nas condições de pagamentos dos financiamentos para aquisição, o que favoreceu uma leva de centenas de famílias para a colonização agrícola. Esses sulistas que lá chegaram, optaram por se instalar nos municípios que ficavam às margens da BR 158, com a intenção de crescimento comercial, já os migrantes nordestinos preferiram, em sua maioria, ficar nos municípios à beira do Rio Araguaia, deduzindo que a região seria melhor para a pecuária e agricultura.

A falta de infraestrutura ficou cada vez mais evidente com o aumento da população em tão pouco tempo, como é possível perceber nas narrativas produzidas, quando os depoentes nos apontam que, à época, ninguém tinha energia elétrica nas casas, como também não tinham água encanada, faltavam estradas e até mesmo o básico de que as pessoas necessitavam para sobreviver.

Em relação às estradas a situação era precária, como destaca nosso depoente Luiz Gouveia sobre sua chegada à região, ao recordar que ficaram “vários dias em atoleiro até chegar [à cidade]. Foi realmente uma aventura”. João Severino também deixa claro que, em

---

<sup>7</sup>Segundo o Incra, o PNRA foi criado em outubro de 1985, com incentivos para beneficiar mais de um milhão e quatrocentos mil famílias no Brasil.

algumas viagens, tinha que atravessar sua motocicleta em canoas, nos períodos de cheia, pelo fato de não existirem pontes sobre alguns rios da região.

Por meio do Relatório Final do Inajá I, nota-se que o período foi marcado pela forma violenta como essas empresas instalaram-se na região, iniciando conflitos pela posse de terra entre os posseiros<sup>8</sup>, mulheres, índios, fazendeiros e agropecuaristas. Nossa depoente Maria Bomfim traz isso em sua narrativa.

Esses conflitos eram intensos. Nossos colegas que vinham de Canabrava do Norte, Porto Alegre do Norte para Santa Terezinha, sempre vinham de “pau de arara”. Eles tinham que viajar, mas procuravam uma forma de passar dentro da mata durante o dia, porque eles tinham medo das emboscadas que poderia ter. Confresa, naquela época, ainda não era emancipada e os conflitos lá também foram violentos, matavam muitos posseiros e cortavam as orelhas dos mortos para prestar conta a quem tinha mandado matar. O conflito de terra ali era doído mesmo. (narrativa de Maria Bomfim, p.45)

Corroborando essa fala, encontramos em Escribano (2001) que muitos, ao chegarem a essa região, sobretudo aqueles que eram missionários, se chocavam com a realidade encontrada: violência e conflitos, mortes todos os dias, falta de infraestrutura básica, uma sensação de total abandono; ao mesmo tempo que percebiam o contraste diante da existência de uma beleza primitiva, com vegetações únicas, o rio Araguaia imenso e majestoso, um povo em busca de fixação na terra e um pouco de paz.

Nossos depoentes deixam evidente em suas narrativas que a briga pela permanência na terra sempre foi muito forte na região, fazendo com que, assim, buscassem a instalação de escolas nas comunidades, para dar alguma garantia de fixar as pessoas nas terras onde tinham tomado posse.

Outro ponto importante que os depoentes destacam em suas narrativas, era o fato de que a equipe da Igreja Católica sempre esteve presente com apoio à população, que era alvo dos conflitos, juntando todos para mudar a realidade da carência da região inclusive da educação. Logo mais no decorrer do texto, traremos algumas informações específicas sobre a presença e atuação da Igreja na região.

(...)

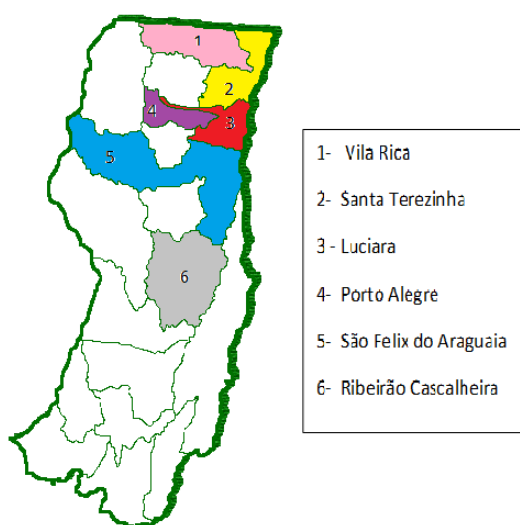
---

<sup>8</sup>Primeiro ocupante, mansa e pacificamente, de terras particulares ou devolutas: aquele que adquire, ou ocupa terras, com a intenção de dono, sem título legítimo de propriedade. Disponível em: <jusbrasil.com.br/trópicos/297314/posseiro> . Acessado em 09 de jun 15.

## 4.2 Campo de nossa pesquisa...

Inicialmente, fizemos um apanhado sobre a região como um todo e mencionamos também os fluxos migratórios para o Mato Grosso, agora focaremos os seis municípios localizados na mesorregião do nordeste mato-grossense, especificamente na microrregião do Norte Araguaia, destacando os municípios que fazem parte de nossa pesquisa (figura 7).

**Figura 7:** Mapa com os seis municípios da região nordeste mato-grossense abordados na pesquisa<sup>9</sup>.



Fonte: SEPLAN (2010)

Para melhor contextualizar esses municípios, traremos informações contidas no site do IBGE, ao passo que também apresentaremos as narrativas de nossos depoentes, ressaltando que dentre todos, apenas a Professora Dulce não morava na região à época.

### 4.2.1 Luciara

O município de Luciara tem uma população estimada de 2.121 habitantes (BRASIL, 2014) e teve origem quando um goiano, Lucio Pereira Luz, junto de alguns companheiros, procuravam um ponto onde pudessem criar um povoado às margens do Rio Araguaia. Depois de muito caminharem, acamparam em um lugar que denominaram Mato Verde (primeiro nome dado à cidade de Luciara).

<sup>9</sup>Fizemos alterações destacando os municípios que participam de nossa pesquisa e inserimos a legenda.

O povoado foi se formando por famílias de colonos que iam chegando, com o passar dos tempos. Lucio Pereira Luz tornou-se o principal líder do lugar e, por ter sido importante para a formação do município, o povoado mudou o nome de Mato Verde para Luciara em sua homenagem. Isso se deu pela Lei Estadual nº 1.940, de 11 de novembro de 1961, quando é, de fato, criado o município de Luciara.

Este município se destaca pelo turismo de férias que ocorre, anualmente, nos meses de junho a outubro, com os festivais de praia, período em que as praias de água doce do Araguaia se formam, contornando o leito do rio.

Em relação à educação, em 1992 foi instalado um Campus da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT<sup>10</sup>. Esse acontecimento é ressaltado nas narrativas dos professores como sendo um marco que mudou a realidade da educação de Luciara e também dos outros municípios ao seu redor, principalmente, no que diz respeito à formação de professores para a escola básica. Alguns de nossos depoentes passaram por esse polo da universidade, uns como alunos e outros como professores.

Usando dados do IBGE (BRASIL, 2012) podemos identificar que em Luciara há: 6 escolas públicas (4 estaduais, 2 municipais), nas quais atuam 45 docentes que atendem a um público de 531 alunos. O professor Jarbas lecionou nesse município, ainda mesmo sem ter qualquer formação ou qualificação devido à carência de professores na região, como nos relatou.

#### **4.2.2 Porto Alegre do Norte**

O município de Porto Alegre do Norte tem 11.500 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2012. Porto Alegre do Norte teve um crescimento lento. A partir de 1966 é que se deu a concentração urbana, sendo que a população se fixou, primeiramente, na região beira rio. Alguns comerciantes de Luciara enchiam suas canoas com suprimentos e iam fazer negócios em Porto Alegre do Norte, essa viagem levava até cinco dias pelos rio Araguaia e Tapirapé.

Segundo Ferreira (2001), em 1970 existiam no município cerca de 150 famílias, contando com uma escola e 120 alunos. O crescimento populacional deu-se, principalmente, pelo incentivo de financiamentos que expandiam a região, especialmente, com a instalação da SUDAM.

---

<sup>10</sup>Lei complementar nº 30 de 15 de dezembro de 1993. Cria a Universidade do Estado de Mato Grosso, estingue a Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso, cria cargos e dá outras providências.

Nesse município, devido à colonização, houve conflitos entre os posseiros que já residiam nas terras e os fazendeiros que chegavam e se diziam donos das mesmas. O interesse dos fazendeiros pelas terras era muito grande, pois elas eram produtivas, com muita madeira e propícias para a pecuária. Porto Alegre do Norte tinha uma mata vasta e com uma grande quantidade de cedro<sup>11</sup>. Devido a isso, o primeiro nome do município foi Cedrolândia.

A Lei nº 5.306, de 11 de junho de 1981, criou o distrito com o nome de Porto Alegre, o qual posteriormente tornou-se município, a partir da Lei nº 5.010, de 13 de maio de 1986, e recebeu o nome de Porto Alegre do Norte. O termo "do Norte" foi acrescentado para distinguir o município mato-grossense da capital gaúcha. A Lei nº 5.010 continha um grave erro geográfico e político, pois o território de Porto Alegre do Norte separava em duas partes o município de Luciara. Assim, houve uma nova redação e com a Lei nº 5.338, de 18 agosto de 1998, retificou-se o erro na lei anterior.

Nossa depoente Maria Bomfim relata em sua narrativa a violência que existia no município à época em que lá morou, e as dificuldades enfrentadas pelos cursistas do Projeto Inajá. Eles sofriam com as estradas ruins para se deslocar até o polo em que acontecia o curso e ainda tinham medo do que poderia acontecer devido aos conflitos que existiam na região.

Segundo dados do IBGE, ano 2012, em Porto Alegre existem: 16 escolas (8 municipais e 8 estaduais), com um total de 155 docentes e 2.270 alunos matriculados.

#### **4.2.3 Ribeirão Cascalheira**

Localizado às margens da BR 158, nasceu Ribeirão Bonito, nome dado ao município antes de ser emancipado na segunda metade da década de 1960. Essa rodovia, a BR 158 chegava só até a Fazenda Suiá-Missú, onde hoje é o entroncamento com a BR 242, e foi aberta por pressão e participação da mesma fazenda. Apenas em 1975 é que se dá continuidade à abertura do restante da BR 158, chegando até a divisa do estado do Pará.

Em 9 de outubro de 1984 foi criado o distrito de Ribeirão Bonito. Após sua emancipação, surgiu o nome Ribeirão Cascalheira, como aglutinação dos termos Ribeirão e Cascalheira. O nome Ribeirão permaneceu devido aos moradores, inicialmente, terem se fixado a beira do córrego Suiazinho, e Cascalheira porque na região há muito cascalho, muito utilizado pelos seus moradores. O município foi alterado de Ribeirão Bonito para Ribeirão Cascalheira em 3 de maio de 1988 pela lei estadual nº 5267, e, segundo o senso do IBGE do ano 2012, sua população é de 9.440 habitantes.

---

<sup>11</sup>Madeira de lei nativa da região.

O município ficou conhecido internacionalmente por motivo de um crime de grande proporção que aconteceu na década de 1970. O padre João Bosco Penido Burnier foi visitar a cidade acompanhando o Bispo Pedro Casaldáliga<sup>12</sup>, que tinha a intenção de amenizar a situação de mulheres presas na cadeia da cidade<sup>13</sup>. No entanto, em discussão com os policiais, estes últimos atiraram no padre, que não resistiu aos ferimentos e morreu. A população derrubou a cadeia onde aconteceu o assassinato do Padre como podem observar na figura 8.

**Figura 8:** Cadeia destruída pela população por revolta a morte do Padre João Bosco.



Fonte: Acervo da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia.

Em decorrência desse acontecimento, anualmente, acontece a Romaria dos Mártires ao Santuário dos Mártires da Caminhada, e no local do assassinato do Padre João Bosco, construíram uma Capela em sua homenagem.

O município possui escolas estaduais, municipais e privadas, (14 municipais, 2 estaduais e 2 privadas), atendidas por 131 docentes e frequentadas por 2.169 alunos. Nesse município, tanto Luis Paiva quanto João Severino atuaram como professores, assumindo várias disciplinas devido à falta de outros docentes. Cabe registrar que o professor Luis Paiva atuou também como Secretário da Educação por alguns anos.

<sup>12</sup>Foi Bispo da região do Médio Araguaia por mais de 30 anos, atuou em função dos pobres e oprimidos por vários anos, esteve presente a várias lutas pela melhoria da educação da região. Hoje em dia não atua como Bispo, mas resolveu continuar vivendo na cidade de São Felix do Araguaia-MT

<sup>13</sup>Segundo Escribano (2001), as mulheres eram esposas dos acusados de matarem um policial, que estavam foragidos.

#### 4.2.4 Santa Terezinha

O primeiro núcleo urbano recebeu o nome de Pedra Furada devido ao nome do córrego que banhava a região, distante aproximadamente cinco quilômetros da atual sede do município. Com o passar do tempo, Pedra Furada foi abandonada devido às constantes inundações. Com a mudança de localidade, nasceu o que se pode chamar hoje de núcleo urbano, sede do município de Santa Terezinha. Essa denominação deu-se devido à devoção a esta santa, promovida pelos padres franceses que atendiam a região. O povoado foi crescendo em torno da Igreja do Morro, na margem esquerda do Rio Araguaia, sendo que as casas e as roças dos moradores foram se expandindo em direção ao interior da mata.

Como consta em dados do IBGE, devido ao plano de colonização implementado pelo governo federal, a Companhia de Desenvolvimento do Araguaia (CODEARA) adquiriu extensa área de terras na região. Os primeiros moradores, em sua maioria posseiros, tiveram que enfrentar a fúria da Codeara, pois ao pretenderem fixar-se e lavrar a terra, encontraram resistência dessa empresa latifundiária.

Segundo Albuquerque *et al* (1991) a Codeara provocou diversos conflitos na região, inclusive armados, usando todos os recursos para expulsar a população de suas terras. A Prelazia de São Felix do Araguaia<sup>14</sup>, junto à prefeitura de Luciara, agiu contra a Codeara e a favor da população, à época.

Em 04 de março de 1980 foi então criado o município de Santa Terezinha pela Lei nº 4.177. Sua população estimada em 2014, pelo IBGE, é de 7.798 habitantes. É importante lembrar que os primeiros habitantes do território do município de Santa Terezinha são os povos indígenas Tapirapé e Karajá, naturais das margens do Rio Araguaia.

Segundo o IBGE, sobre o ensino no município podemos destacar que são 23 escolas, sendo 10 estaduais e 13 municipais, nas quais atuam 167 docentes contando com 1.839 alunos.

Maria Bomfim atuou em Santa Teresinha como docente na Educação Infantil por cinco anos: “O que me levou para a sala de aula, em 1985, foram as dificuldades da época”. Nesse município também tivemos depoentes que viveram por décadas na aldeia Tapirapé, alfabetizando indígenas e que ainda trabalham com eles nos dias atuais.

---

<sup>14</sup>É chamada de Prelazia uma diocese que ainda está no seu início, na qual bispo, padres e pessoas envolvidas lutam pelos pobres e oprimidos. A prelazia de São Felix do Araguaia foi criada no ano de 1970 e se mantém até os dias atuais, 45 anos depois, abrangendo um território que chega a mais de 150.000 km<sup>2</sup>.



#### **4.2.5 São Felix do Araguaia-MT**

Sua colonização aconteceu ainda na década de 1940, durante a Marcha para o Oeste, com Getúlio Vargas como presidente. Hoje sua população é estimada em 11.039 habitantes, segundo dados do IBGE de 2014.

São Felix do Araguaia teve essa denominação em homenagem ao bispo D. Sebastião Thomas Câmara que invocava São Felix do Araguaia pedindo proteção para os indígenas da etnia Xavante que já habitavam a região. Eles foram os primeiros habitantes desse local, assim entravam em conflitos com quem tentasse ocupar o território.

A Igreja Católica teve um papel bastante atuante na região e a sede da Prelazia foi instalada no município. A presença do Bispo Pedro Casaldáliga, espanhol, que mesmo não sendo mais bispo da região optou por residir em São Felix do Araguaia até os dias atuais, foi bastante significativa, principalmente no apaziguamento dos conflitos da localidade.

A alteração do nome do município, de São Felix para São Felix do Araguaia, ocorreu pela lei estadual nº 3689, de 13 de maio de 1976. Agregou-se o termo “Araguaia” ao nome do município para distinguir de outro com a mesma denominação, localizado no estado da Bahia.

São Felix do Araguaia conta com 14 escolas, 155 docentes e 2.491 alunos matriculados, de acordo com informações do IBGE 2012.

Esse município é bem lembrado nas narrativas por ter sido escolhido como local de residência para o Bispo Pedro. Foi também um dos polos do curso Inajá. Uma etapa aconteceu em Santa Terezinha outra nesse município, pois apenas os dois tinham um lugar para pouso de avião, assim os cursistas se deslocavam de vários municípios para os polos de cada etapa.

#### **4.2.6 Vila Rica**

Vila Rica possui, segundo dados do IBGE de 2014, 23.469 habitantes. Seus primeiros habitantes vieram de Minas Gerais, por isso o nome de Vila Rica. Vieram também colonos de Goiás, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e, em proporção menor, de outros estados. Foi fundado em 1978, pelo Sr. Rubens Rezende Peres, que veio para a região com a Colonizadora Vila Rica, nascendo, portanto, de um projeto de colonização privado.

A construção da BR158 facilitou o acesso ao lugar, favorecendo o estabelecimento de inúmeras empresas agropecuárias na região e, mais recentemente, de grandes indústrias. A BR 158, depois de três décadas de promessas, começa a ser pavimentada, passando a integrar, assim, os municípios ao sul do estado do Pará e de Tocantins. A emancipação política deu-se no dia 13 de maio de 1986 – Lei 5001/86.

Segundo Escribano (2001), o local era habitado por índios da etnia Tapirapé que, desiludidos com a miscigenação cultural e racial e vários ataques, viram diminuir o número de indígenas na aldeia, mas a presença de religiosos não permitiu que se concretizasse o desejo coletivo de auto extinção, fazendo-os, ainda hoje, estar presente na região.

Com relação à educação, dos locais estudados nesta pesquisa, atualmente é o município com o maior número de escolas, totalizando 27, das quais 24 são públicas (04 estaduais, 20 municipais) e 3 privadas, contando com 265 docentes para atender a 4.285 alunos.

Vila Rica também conta com um polo da Unemat e alguns de nossos depoentes também fizeram o curso de Licenciatura em Matemática nele. Este município também sofreu com conflitos e os professores que lá atuavam em sua maioria também eram leigos, como percebemos nas falas de alguns depoentes.

(...)

Depois de tanto tempo de emancipação dos municípios aqui citados, podemos ver que houve crescimento, tanto populacional quanto na educação. Entretanto, existia, mesmo à época enfocada pelo nosso trabalho, um grande esforço por parte da comunidade em proporcionar melhorias na educação.

Os pais se envolviam nas escolas, mesmo que os professores ainda não fossem qualificados. Uma das experiências marcantes vividas pelo nosso depoente João Severino, quando atuava como professor no município de Ribeirão Cascalheira, foi o fato dos pais irem participar das reuniões de seleção para professores, em que faziam várias perguntas aos candidatos à vaga: “tivemos uma reunião com os pais em que eles também sabatinaram a gente. Isso me marcou muito”. Além disso, o professor também lembra que quando era aluno no estado de Goiás, sua escola não era assim: “não me lembro de meus pais ou os pais de colegas meus irem à escola conversar com os professores, saber quem era o professor que daria aula para seus filhos”. (narrativa de João Severino p.98)

A realidade da região não era favorável à chegada de benefícios, como nossos depoentes relembram e, às vezes, chegava a ser chamada de “Vale dos Esquecidos”, pois a distância entre os municípios era tamanha e as estradas estavam em condições tão ruins de transitar, que levava-se dias para percorrer um trecho que, com boa pavimentação, levaria apenas horas de viagem.

A distância entre cada um desses municípios é grande e é uma distância que se torna ainda maior pela longa duração da viagem, pois, ainda hoje, existe uma grande parte das estradas sem pavimentação alguma; assim, uma viagem de 100 km, em época de chuva, pode levar até 4 horas de duração. Todavia, podemos observar nas narrativas que nossos depoentes não faziam disso um problema, pois sempre estavam trabalhando pela melhoria da educação e, se preciso, iam debaixo de sol ou chuva, mesmo levando alguns dias de viagem até outros municípios.

Ao olhar para esses municípios, pensamos neles como periféricos em relação à capital Cuiabá, no contexto educacional, distância, infraestrutura e tantos outros pontos, mas queremos aqui destacar o lado educacional. A carência de professores e a urgência de se ter professores qualificados na região fez com que alguns municípios se tornassem centrais na periferia em que estavam. Abordamos esse assunto como Martins-Salandim (2012), visualizamos a “existência de centros nas periferias e periferias nos centros” (p. 308). A ideia é a mesma, pois quando se olha para alguns municípios em relação aos outros, fica nítida a existência da periferia no centro e do centro na periferia.

Talvez para melhor clareza podemos citar os Municípios de São Felix do Araguaia, Santa Terezinha e Luciara, considerados periferias em relação a Cuiabá na formação de professores. Mas esses três municípios em relação aos outros eram centrais, pois neles iniciou-se a formação de professores no Médio Araguaia.

(...)

### **4.3 Igreja e incentivos à educação...**

Com tantas particularidades, os documentos e as narrativas mobilizados mostram com clareza que a região teve a presença marcante da Igreja Católica no apoio e a favor dos menos favorecidos nos conflitos. Ainda nos mostram que a Igreja também sempre lutou em busca de melhorias na educação desde a criação desses municípios, na década de 1960, quando vários missionários foram para a região evangelizar as pessoas da zona rural e os indígenas. Nesse período, os municípios não conseguiam definir o que era zona rural e zona urbana, pois todos precisavam de ajuda.

Em relação à presença da Igreja na região, como aparece em nossas narrativas, as Irmãzinhas de Foucold<sup>15</sup> e o Padre Jentel<sup>16</sup> foram os primeiros a chegar e logo tentaram alfabetizar muitas pessoas do município de Santa Terezinha.

O Bispo Pedro chegou logo depois, no ano de 1968 e, em paralelo à evangelização, também buscava mudanças e incentivos educacionais para vários municípios da região do Araguaia. Dagmar, em sua fala, na narrativa que está neste trabalho, lembra do papel da Igreja na educação

As mudanças na educação da região tiveram o apoio de outras pessoas e entidades, entre elas: a Igreja Católica, que foi bem representada pela presença do bispo Pedro Casaldáliga. Seu papel foi importantíssimo na história da educação na região. Além das narrativas, os jornais da época, documentos encontrados na Secretária da Prelazia mostram essa importância da Igreja em vários aspectos para a região. (narrativa de Dagmar Aparecida Gatti p.51)

Não só ela, mas na maioria de nossas narrativas é possível ver a importante presença do bispo e de outras pessoas ligadas à Igreja, à época de 1980 para a educação e para melhoria da região. O bispo sempre à frente em defesa da população.

A figura 9 mostra a imagem do Bispo com a pesquisadora.

**Figura 9:** Visita ao Bispo Pedro Casaldáliga em sua residência São Felix do Araguaia-MT, no ano de 2014.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

---

<sup>15</sup>As Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld foram para a Aldeia na década de 1960. Antes de irem, fizeram um curso no Rio de Janeiro com o objetivo de serem preparadas para saber lidar com a realidade que iriam encontrar na região do Araguaia, na Aldeia Tapirapé em Santa Terezinha.

<sup>16</sup>Padre Francisco Jentel era conhecido como defensor do Araguaia, trabalhou por vários anos ao lado dos moradores da região, vivendo na aldeia Tapirapé, no município de Santa Terezinha, junto aos indígenas. Foi perseguido por vários anos pelos fazendeiros e pessoas ligadas a eles.

O Bispo Pedro Casaldáliga, nascido a 16 de fevereiro de 1928, é natural de uma pequena cidade chamada Balsareny, da província de Barcelona, na Espanha. Assim como as Irmãzinhas de Jesus, o Bispo Pedro fez um curso de formação de missionários estrangeiros para adaptação ao Brasil no Centro de Formação Intercultural - Cenfi<sup>17</sup>, no qual aprendiam a lidar com doenças tropicais e até mesmo conviver com indígenas.

Chegou à região do Araguaia em meados do ano de 1968, partindo da cidade de Rio Claro-SP, percurso que fez viajando durante sete dias e sete noites de caminhão, como podemos visualizar na (figura 10) abaixo. Foi acompanhado por dois missionários, percorrendo quase 2.000 km. Atravessou alguns estados do Brasil até chegar a seu destino, São Felix do Araguaia, tendo sido os últimos quilômetros sofridos, pois as estradas estavam ainda sendo abertas nesse tempo.

**Figura 10:** Viagem para São Felix do Araguaia quando a Chegada do Bispo ao município.



Fonte: Acervo da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia.

Quando chegou a esse município, ele ainda pertencia a Barra do Garças, que fica a 700 km de distância. Não havia energia elétrica, água encanada, telefone, estradas, escolas e as casas eram feitas de adobo<sup>18</sup>, sendo cobertas com palhas de coqueiro. Um total isolamento. Com o tempo, o Bispo Pedro foi se adaptando à realidade do lugar, sobre o qual sempre dizia

---

<sup>17</sup>O Bispo Pedro fez o curso no Centro de Petrópolis-RJ. Nesse curso, além de aprender a língua, os missionários também recebiam conhecimento sobre o contexto sócio cultural do Brasil.

<sup>18</sup>Tipo de tijolo feito de barro, totalmente artesanal.

“que lá era uma região que era fácil nascer e morrer, difícil era viver”<sup>19</sup> (ESCRIBANO,2001, p. 19).

O Bispo Pedro Casaldáliga retratou muito disso em uma carta escrita por ele no dia 10 de outubro de 1971, intitulada de **“Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social”**.<sup>20</sup> Na carta, ele deixava claro sua indignação com a realidade, o descaso, a falta de infraestrutura, mostrando o abandono em que a região se encontrava. Fazia ainda denúncias sobre as violências praticadas contra índios, posseiros e migrantes que lá viviam. Mostrando sua revolta com tudo aquilo, ele se posicionava do lado dessas pessoas, defendendo dos agressores. Assim, ele e sua equipe da Prelazia acabaram sendo alvos também de algumas violências e ameaças. Entres essas ameaças sofridas pelas pessoas da prelazia, algumas resultaram em morte, como é o caso do Padre João Bosco Bunier, e até mesmo na expulsão do Padre Jentel Francois do Brasil.

O Padre Jentel passou um ano e meio exilado na França, voltou em 1º de fevereiro do ano de 1975, mas logo em seguida foi sequestrado e novamente exilado, desta vez em definitivo, não voltando mais ao Brasil, como lemos no folheto da Alvorada<sup>21</sup>.

No dia 12 de dezembro uma sexta feira por volta da 7 horas da manhã quando saia da residência de Dom Aloísio, acompanhado de outro sacerdote, foi violentamente agredido e finalmente imobilizado por quatro “desconhecidos” agentes de segurança que o colocaram num automóvel e o levaram a um lugar ignorado. Momentos depois, agentes da Polícia Federal chegaram a casa de Dom Aloísio perguntando pelo pe. Jentel, aos quais Dom Aloísio respondeu que a eles cabia dar informações sobre o paradeiro do padre pois esse acabara de ser sequestrado por eles. (ALVORADA, ano 1975- Aq. 16032.)

Segundo informações contidas ainda no mesmo documento, depois de quatro anos, de exílio, veio a falecer em um retiro espiritual, no ano de 1979. O Bispo Pedro e outros autores escreveram um livro<sup>22</sup> sobre a vida dele, para que não ficasse esquecido tudo que fez pelo povo do Araguaia.

A população buscava permanência na terra e, pelo que pudemos observar, a maioria de nossos depoentes relatam que, à época, um meio de fixação e permanência na terra era ter uma escola na comunidade. O Bispo continuamente esteve presente nessa luta pela escola,

---

<sup>19</sup>Escribano traz essa fala do Bispo em seu livro Descalço sobre a Terra Vermelha.

<sup>20</sup>Essa carta contém 123 páginas e pode ser encontrada no acervo da Secretaria da Prelazia em São Felix do Araguaia.

<sup>21</sup>Boletim informativo que circula na região desde a época de 1970, produzido por pessoas da prelazia de São Felix do Araguaia, no site da prelazia pode se ter acesso a números do boletim.

<sup>22</sup>O livro é intitulado “Francisco Jentel defensor do povo do Araguaia.” Esse livro pode ser encontrado no arquivo digital da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia, em formato pdf.

cedendo o espaço físico como o barracão da comunidade ou a igreja, sempre que precisava, para ser uma sala de aula.

Na década de 1970, com ajuda da comunidade e de amigos do seu país natal, o Bispo Pedro construiu o primeiro colégio em que foi oferecido o curso ginásial<sup>23</sup> na região: o Ginásio Estadual do Araguaia – GEA. Contudo, tanto nos documentos como nas falas dos entrevistados, é possível inferir que o curso não teve qualquer apoio financeiro do Estado.

Os professores que atuavam nessa instituição vieram por convite do Bispo Pedro, como foi a realidade vivida por nossos depoentes Eunice de Paula e Luiz Gouveia. Em suas narrativas fica evidente como foi a chegada e o envolvimento deles na educação, mas além deles vieram outros missionários e amigos do Bispo que atuaram no GEA. Abordaremos um pouco mais sobre esse ginásio na seção seguinte.

Depois de um longo período de trabalho no Araguaia, como vimos em publicações contidas no Diário de Cuiabá<sup>24</sup>, no ano de 2003, o Bispo Pedro Casaldáliga pediu aposentadoria por meio de uma carta encaminhada ao Vaticano no dia 17 de fevereiro do referido ano, após trabalhar por 32 anos na região. Mesmo se aposentando, não saiu da cidade de São Felix do Araguaia, onde mora ainda nos dias atuais, aos 80 anos de vida, estando ainda na mesma casa que escolheu para viver todos esses anos (Figura 11).

**Figura 11:** Casa de Bispo Pedro Casaldáliga na cidade de São Felix do Araguaia.



Fonte: Arquivo da Secretaria da Prelazia em São Felix do Araguaia.

<sup>23</sup>A nomenclatura usada na época era de quinta a oitava série. Hoje para essas séries usa-se Ensino Fundamental II que vai do sexto ao nono ano.

<sup>24</sup>Jornal da Capital, publicado em 23 de fevereiro de 2003.

Julgamos importante apresentar o curso que foi o primeiro ginásio da região, mencionado tanto nos documentos quanto nas narrativas. Fica claro o envolvimento da Igreja Católica por meio do Bispo Pedro para sua realização.

A vida de Bispo e toda a trajetória do Bispo Pedro Casaldáliga foi retratado em um filme que foi lançado em 2014, cujo o nome é o mesmo do Livro escrito por Francesc Escibano, *Descalço Sobre a Terra Vermelha*.

(...)

#### **4.4 Carência e a urgência.**

Os movimentos emergenciais para a educação na região levaram alguns cursos para os municípios abordados em nosso trabalho. Podemos dizer que a carência e a urgência, que são signos do modo como se desenvolveu a educação na região do Araguaia, não foram vivências que aconteceram isoladas de outros estados do Brasil. Nosso grupo de pesquisa, o Ghoem, vem abordando esse assunto em vários trabalhos defendidos nos últimos anos, das mais variadas formas.

Szubris (2014) aponta que, nos últimos cinquenta anos, esse caráter emergencial tem mudado, mas, mesmo assim, nossas narrativas deixam claro que na região, assim como em outras, o ensino e a formação de professores foram processos marcados fortemente pela carência e pela urgência.

Segundo Strentzke (2011), a educação nos anos de 1970 e 1980, na região, era um verdadeiro caos devido à falta de professores qualificados para atuar em sala de aulas das escolas, inclusive rurais. A seleção dos professores era feita por meio de escolha entre membros da comunidade que possuíssem alguma experiência em sala de aula ou, como nos contaram nossos depoentes, quem tivesse alguma escolaridade.

Conseguimos identificar essa situação pela fala de alguns entrevistados, como na de Maria Bomfim: “O funcionamento das aulas eram assim: professores que estavam em uma série, atuavam na série anterior, meu professor de matemática da sétima série tinha a oitava, e isso acontecia com todas as séries”.(narrativa de Maria Bomfim p.40)

Essa realidade se estendia por toda a região do Médio Araguaia, principalmente nos municípios que abordamos em nossa pesquisa. Devido a essa realidade, nesse momento fica ainda mais forte a influência da Igreja Católica e o envolvimento dela na educação da região.



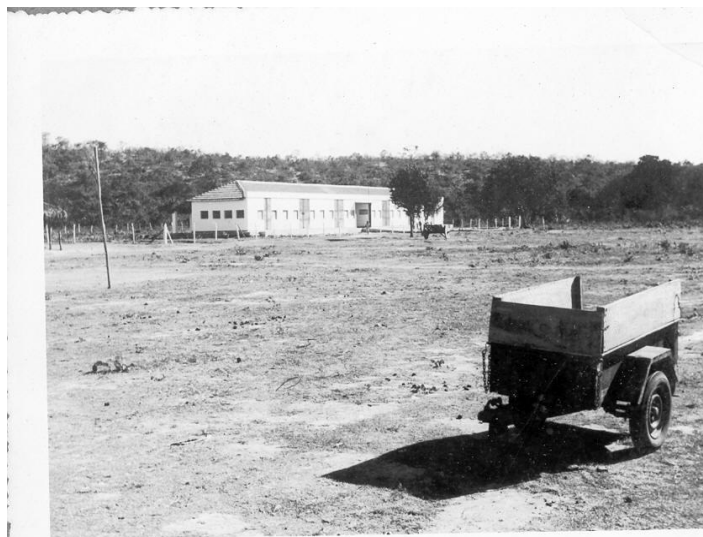
A carência educacional era visível e os professores da época contavam alguns motivos que os levaram a assumir uma sala de aula. Uns o fizeram por precisar alfabetizar os filhos, outros por terem sido convidados pela prefeitura ou por pessoas da área de educação, e havia aqueles simplesmente que eram professores por falta de opção de emprego na região (Camargo, 1997).

Camargo (1997) também chama atenção para o modo como as pessoas se preocupavam com a mudança educacional na região do Médio Araguaia que, por iniciativa da Igreja Católica, criou o primeiro ginásio em São Felix do Araguaia, o Ginásio Estadual do Araguaia – GEA, que funcionou de 1970 a 1974 com os três turnos. Não existia ajuda financeira do estado e o ginásio foi mantido pela Prelazia e por amigos do Bispo Dom Pedro, que enviavam recursos da Espanha.

Na fala dos depoentes Luis Carlos Pereira e Luiz Gouveia, fica claro a tentativa de se usar a metodologia de Paulo Freire com aqueles alunos, pois a realidade da região levava-os a acreditar que daria certo. Eles levavam livros e, partindo dos livros, faziam uma conexão com o conhecimento que aquelas pessoas tinham.

Nas figuras 12 e 13 temos o prédio construído para que acontecessem as aulas do GEA e a formatura da primeira turma.

**Figura 12:** Primeira escola construída para o GEA.



Fonte: Acervo da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia.

**Figura 13:** Formandos do curso GEA, em São Felix do Araguaia/MT. No ano de 1972<sup>25</sup>.



Fonte: Acervo da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia.

Os alunos que se formavam no GEA logo foram convidados e selecionados para assumirem salas de aulas de primário e alfabetização de adultos. Os professores que eram seminaristas faziam uma preparação a mais com esses formandos, para, assim, tentar amenizar a existente situação da carência de professores. Mas, sem condições de dar continuidade ao curso, devido à repressão da ditadura, suas atividades foram suspensas.

As atividades do GEA foram suspensas, foram presos agentes, professores, pessoas do povo; alguns sumiram durante certo tempo sem notícias. Houve muita violência, tortura e mais prisões. Mas outras escolas voltaram a funcionar e o trabalho de formação da Igreja local não terminou por causa da repressão. (GENTIL, 2005, p. 178).

Em 1973, foram feitas muitas ameaças ao diretor do GEA que, junto a Dom Pedro, tentava seguir com o curso, mas, em um determinado tempo, ficou insustentável mantê-lo, e eles foram forçados a fechá-lo. (GENTIL, 2005, p. 178).

Alguns de nossos depoentes falam sobre o curso. Luis Paiva, por exemplo, fala que: “Foi um curso importante para aquela região, aliás o melhor que tivemos no Médio Araguaia”; Eunice diz que “O GEA teve a intenção de trazer uma melhoria para a educação na região; ele teve o funcionamento na década de 1970” e; Dagmar também se referiu ao

---

<sup>25</sup>Formatura da primeira turma do Ginásio Estadual do Araguaia. Aconteceu no dia 19/12 1972. Da esquerda, Gaspar, Erotildes, Glória, Aldenira, Cleoviton, Gracy, João Abreu, Cleomenes, Dinalva, Edmundo.

GEA, ao deixar claro o papel da igreja para a criação desse: “A Igreja Católica sempre apoiou a educação, criou uma escola pública de ensino fundamental em São Félix do Araguaia chamada de GEA”.

Ainda em busca de solução para toda a carência, a luta de pessoas envolvidas na educação de vários municípios continuava. Mesmo que o GEA tivesse sido fechado pela ditadura, a partir de informações dos documentos como também das narrativas, é possível perceber que ele germinou nos professores a vontade de continuar buscando formação para a população, em específico, para qualificar os professores que eram leigos, nesse período.

Ao que se percebe toda essa realidade vivida em busca de educação vem de encontro com o diz que Freire (1987), uma luta entre oprimido e opressores (nesse caso oprimidos: a população e a Igreja e os opressores: os fazendeiros, mais a Ditadura Militar que era a forma de governo brasileiro à época), ficando claro a busca pela mudança, pela libertação. “Ninguém liberta ninguém, ninguém liberta-se sozinho: os homens se libertam em comunhão”. (p.52) Mas para que isso acontecesse, os oprimidos tinham que se juntar e fazer ações conjuntas para se libertarem. E isso ia acontecendo na região, continuando assim a busca por cursos e incentivos para a educação.

Os professores da região estavam sempre tentando trocar conhecimento com a população (indígenas, posseiros, produtores rurais). No ano de 1984, alguns professores desses municípios se juntaram e produziram uma cartilha para alcançar vários alunos, reproduzindo-a. Assim como nosso depoente Luis Carlos Paiva menciona no corpo desse trabalho em sua narrativa, essa ideia da cartilha foi para fazer uma escola com a cara de quem morava na região.

Para a construção da cartilha adotaram o método do Paulo Freire (2011) do uso de palavras geradoras, nesse caso como lembra nosso depoente, usou nome de animais da região como: capivara, onça pintada entre outros. A cartilha foi usada em alguns municípios da região para alfabetizar crianças. Luis ressalta que a produção e utilização da cartilha foi importante para a educação na região devido à realidade em que eles se encontravam.

O próximo curso que aconteceu também teve influência da Igreja Católica, com pessoas ligadas a ela. Nossos colaboradores Eunice de Paula e Luiz Gouveia estiveram à frente desse curso, na região, que inicialmente era direcionado para os professores indígenas da aldeia Tapirapé, mas, devido à carência da educação da região, pelo fato de que a maioria dos professores eram leigos e pelo interesse desses profissionais da educação, o curso atendeu aos professores não indígenas também. Este curso teve o nome de “*Ensino de Ciências e*

*Matemática nos Contextos Indígenas, Urbano e Rural*” e aconteceu no período de 1985 a 1987, e é a partir dele que falaremos como a formação específica de professores, de fato, se iniciou e foi se desenvolvendo na região do Médio Araguaia.

(...)

## 5 PROJETO INAJÁ: DO BROTO AO FRUTO

Nesse capítulo, apresentamos a segunda tendência, a partir das narrativas. Começamos apontando que o curso “Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Indígenas, Urbano e Rural”, tratado anteriormente, foi especial por ter sido direcionado, em um primeiro momento, aos professores indígenas, mas a realidade da região fez com que também fosse dada a oportunidade de participação àqueles professores não indígenas. Este curso foi ofertado durante as férias de julho e dezembro, nos anos de 1985 a 1987. A iniciativa deu-se pelas prefeituras municipais do estado, da região, e foi assessorado pela Unicamp, Campinas.

Em Albuquerque *et al* (1991), encontramos que assessores da universidade<sup>1</sup>, secretários de educação, professores da aldeia Tapirapé e, ainda, alguns outros professores da região tiveram a preocupação de desenvolver o projeto baseados nas fundamentações teóricas e nas práticas educacionais existentes à época, mas também propondo novas ações, tomando como ponto de partida a realidade na qual os alunos estavam inseridos. Além dessas informações contidas no Relatório Final deste curso, as falas de alguns dos nossos depoentes destacam a importância que essa parceria trouxe para o curso. Conforme o professor João Severino narra

eram pessoas que tinham um domínio grande, uma proposta muito avançada e muito condizente com o que a região pensava de educação; tinha essa tranquilidade de ir lá e conversar com a gente, a capacidade de conversar com quem não era especialista em educação. (narrativa de João Severino p.111)

Na figura 14<sup>2</sup> podemos ver alguns professores e alunos no curso em Santa Terezinha.

**Figura 14:** Assessores da Unicamp com alunos em frente à Igreja em Santa Terezinha.

---

<sup>1</sup>O professores Eduardo Sebastiani, Ana Luisa Bustamante e Marineusa Gazzetta foram os assessores provenientes da Unicamp.

<sup>2</sup>Como já dissemos no capítulo de metodologia, nas fotografias disponíveis em nosso trabalho há uma ausência de datas e informações dos nomes. Nesta imagem, conseguimos saber os nomes de alguns: na porta, de regata azul, João Severino; também de regata logo abaixo o professor Doca; a segunda pessoa, da esquerda para a direita, de camiseta azul e calça jeans, é a professora e nossa depoente Dagmar; e os quatro que estão mais à frente, no primeiro plano da imagem, são os assessores da Unicamp – da esquerda para a direita; Marineusa, Luisa, Sebastiani.



Fonte: Acervo da Secretária da Prelazia de São Felix do Araguaia. Alguns depoentes nossos estão presentes na fotografia acima.

Como podemos perceber, as narrativas trazem várias informações sobre o curso, em especial as dos professores Luiz Gouveia e Eunice, que, à época, estavam trabalhando com os indígenas na Aldeia. Esses professores relatam que foi o início de uma mudança significativa para a região. Percebe-se que tal ênfase também é dada por outros depoentes.

Para que acontecesse o curso, os professores da Unicamp se deslocaram de Campinas para o Mato Grosso durante o período em que estavam de férias em julho e dezembro, assim como estariam, também, os professores da região que fossem fazer o curso. Com isso, tal curso foi ofertado em etapas.

Segundo Strentzke (2011), os resultados da avaliação do projeto de Ensino de Ciências e Matemática foram positivos, incentivando as Secretarias Municipais para buscarem mais cursos de formação para aqueles professores. Iniciaram discussões e muitas ideias surgiram para realizar um curso que habilitasse aqueles professores em nível de magistério<sup>3</sup>.

Todos os nossos depoentes relatam que a luta pela formação dos professores já havia iniciado: os secretários de pelo menos três municípios sempre se encontravam para discutir e analisar alguma estratégia para trazer um tipo de formação para aqueles professores leigos. Como eles passaram a ter contato com professores de uma universidade, a cada etapa que eles iam para o Médio Araguaia, articulavam ideias de como dar continuidade quando este curso chegasse ao final.

Nosso depoente professor Luis Carlos Paiva relata que, assim como outros colaboradores, na última etapa do curso iniciaram uma pesquisa de campo que seria base para

---

<sup>3</sup>Curso que forma professores para atuarem na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

planejar o próximo curso de formação, mas com uma maior amplitude, alcançando um número maior de municípios e professores.

Os secretários de educação dos municípios e os assessores da Unicamp se reuniram e viram a necessidade e a viabilidade de se realizar um projeto que fosse ofertado nas férias, como o que acabava de acontecer, e, partindo dessas reflexões, o Projeto Inajá foi idealizado.

Em 1987, logo após a posse do novo governo do Estado, iniciaram-se as discussões a respeito da proposta do projeto que passou a se chamar Projeto Inajá, com a professora Serys Marly Shessarenko, Secretária de Educação e Cultura de Mato Grosso, que se mostrou bastante interessada e empenhou-se ao máximo para efetivação do mesmo. (Albuquerque *et al*, 1991, p. 11)

Tanto nas narrativas quanto nas informações contidas em Albuquerque *et al* (1991), há explicação do porquê o projeto ter recebido esse nome, o que ocorreu, segundo essas fontes, devido a uma palmeira da região chamada Inajá, que tem a característica de ser forte e resistente: brota depois das queimadas, ressurgindo das cinzas, assim como eram considerados, analogamente, aqueles professores que, mesmo depois de passar por várias dificuldades ainda conseguiam levantar e lutar por uma qualificação profissional. Na figura 15, podemos ver a imagem da palmeira Inajá, que serviu de inspiração para a nomeação do curso.

**Figura 15: Palmeira Inajá nativa da região Amazônica.**



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Em Albuquerque *et al* (1991), encontra-se que a educação do Médio Araguaia na década de 1980 era considerada como um ônibus velho, caindo aos pedaços, que carecia urgentemente ser consertada. As pessoas da região, em especial as ligadas à educação,

acreditavam que a mudança aconteceria por meio da melhoria no sistema educacional e que ela poderia transformar a realidade daqueles professores leigos<sup>4</sup>. Por isso, também fica destacado nas narrativas que, além desses professores, a comunidade sempre esteve presente buscando uma melhoria na educação para a região.

Na narrativa do professor Luis Carlos Paiva, percebemos que ele ficou maravilhado ao ver que, mesmo com tantos problemas enfrentados por todos aqueles professores da região, eles eram felizes, não reclamavam e sempre que podiam participavam de qualquer tipo de formação que algum dos municípios ofertasse, mesmo que passassem horas na carroceria de um caminhão com estradas totalmente (in)acabadas.

### 5.1.1 Projeto Inajá: Chegou o grande dia, inicia-se o curso...

O Projeto Inajá surgiu para atender aos professores leigos de uma maneira diferenciada, podendo habilitá-los no nível de segundo grau por meio do magistério.

Avaliadas as ações anteriores e mantendo a assessoria dos professores da Unicamp, elaborou-se um projeto regional, que foi considerado mais adequado para a formação dos professores locais no nível de segundo grau, magistério. (GENTIL, 2002, p. 62).

Segundo Camargo (1997), o projeto aconteceu em dois momentos, Projeto Inajá I (1987 – 1990) e o Projeto Inajá II (1993 - 1996)<sup>5</sup>, como uma alternativa para resolver os graves problemas da educação naquela região. Em seu primeiro momento, foi ofertado nos municípios de São Félix do Araguaia, Canarana, Santa Terezinha e Porto Alegre do Norte. Sendo idealizado por pessoas da comunidade e membros da Unicamp, partiu do projeto anterior “*Projeto de Ensino de Ciências e Matemática nos contextos Indígena, Urbano e Rural*”.

Pelo trabalho de Albuquerque *et al* (1991), soubemos que a formação de professores vinha sendo direcionada pelas Secretarias Municipais de Educação de cidades da região e foi assumida pelo Núcleo Interdisciplinar para a Melhoria do Ensino de Ciências – IMEC, quando a Secretaria Estadual também juntou-se às Secretarias Municipais para o oferecimento dos cursos.

Ainda segundo os autores, para exercer a docência, o professor necessitava, no mínimo, ter uma formação ao nível de magistério; com isso o Projeto Inajá se amparou na lei

---

<sup>4</sup>Chamado de leigos por atuarem como professores e não possuírem formação alguma para exercer a função.

<sup>5</sup>Sobre o Projeto Inajá II, não encontramos ou soubemos da existência de um relatório final do projeto, como do Inajá I. Contudo, existem dados sobre este curso nas narrativas e em documentos cedidos por depoentes, como o Relatório Final do Projeto Inajá, Anexo do Relatório, atividades desenvolvidas por eles entre outros.



federal 5692/71 – capítulo IV, parecer nº 699/71. Dessa forma, foi enquadrado na modalidade de Suplência Profissionalizante, Segundo Grau, com Habilitação para o Magistério. Tendo seu início no mês de janeiro de 1988 e finalizando em julho de 1990, o Projeto Inajá I contou com a participação de 189 professores leigos, ao passo que, destes, 124 concluíram. Eram professores da zona rural, urbana e também da aldeia Tapirapé. O curso teve 17 monitores nos municípios envolvidos e 25 professores fizeram parte do corpo docente, sendo a maioria da Unicamp, e atuavam diretamente junto ao professor/cursista nas diferentes áreas de conhecimento.

De acordo com Camargo (1997), aconteceu a segunda fase do Projeto Inajá devido à percepção de que ainda existiam muitos professores leigos, mesmo depois de centenas deles já estarem habilitados com o magistério. Iniciou-se, assim, o Projeto Inajá II, no período entre 1993 até 1996.

Foram 160 cursistas que participaram com mesmo perfil: atuantes nas escolas rurais, municipais e indígenas. Dessa vez, alguns municípios que não participaram da primeira versão entraram no projeto, reunindo cinco municípios consorciados da mesma região do projeto inicial (Confresa, Luciara, Ribeirão Cascalheira, Santa Terezinha e Vila Rica). Este projeto também contou com a parceria firmada entre a Unicamp, a Unemat e a Secretaria Estadual de Educação.

Os dois cursos contaram com mais de 300 cursistas e mesmo sendo cursos que aconteceram em épocas distintas, ambos possuíam o objetivo principal, as etapas e várias outras características semelhantes. Assim, decidimos apontar como eram e como aconteciam as etapas destes cursos.

Como consta nos anexos deste trabalho o convite da formatura dos dois cursos, optamos por trazer a relação de pessoas envolvidas diretamente nos dois momentos do Projeto Inajá, como professores, monitores e alunos, nas tabelas a seguir.

**Tabela 2 - Tabela com nomes dos professores, monitores e alunos do Projeto Inajá I**

<b>Professores</b>	<b>Monitores</b>
Adão José Cardoso	Antonio Eliseo Gabatto
Antonio José Marques Bittencourt	Dagmar Aparecida Teodoro Gatti
Carlos Alfredo Arguello	Elaine Itália Chiacheta
Cleniter Luiza de Carvalho Russi	Eunice Dias de Paula
Dulce Maria Pompeu de Camargo	Gilmar Vila

Eduardo Sebastiani	Heloisa Sales Gentil
Elvira Cristina Azevedo Souza Lima	Joídes Januário de Miranda
Ernesta Zamboni	João Severino Filho
Everton Cardoso Borges	Luis Carlos Pereira Paiva
Judite Gonçalves de Albuquerque	Luisa Lira Amorim
Leôncio José Gomes	Luiza Silva Moreira
Marcelo Firer	Manuel Pereira Pinto
Marcos Cesar Dagnone Neves	Nair Barbosa de Souza
Margarida Cecilia Nogueira Rocha	Roberto Alves de Almeida (Calouro)
Maria Jucinete de Souza	Rosália dos Santos Moraes de Aguirre
Maria Otacilia Lima Battisteli	Ozanete de Medeiros
Marineusa Gazzetta	Terezinha Gomes Lira
Mauricio Correia Leite	
Neusa Maria de Souza Mesquita Félix	
Robeni Baptista Mamizuka	
Roseli Alvarenga	
Vera Lúcia Falange de Rossi	
Vicente Carichio	

Fonte: (Próprio Autor)

Tabela 3 - Lista dos alunos e seus municípios

<b>Alunos de Santa Terezinha</b>	<b>Alunos de Porto Alegre do Norte</b>
Ageo Valzido Alves Luz	Agenora Moraes da Silva
Alberto Orokomy'I Tapirapé	Abílio Neto Rodrigues da Silva
Ana Cardoso Gomes	Alda Cardoso de Oliveira
Cleuza Pereira Luz	Antonia Dias dos Santos
Davi Vieira dos Santos	Djalma Francisco de Sousa
Delzuita Bezerra Pimentel	Elisabeth Pereira da Silva
Domingos José dos Santos	Elza da Silva Lima
Doralice Lacerta dos Reis	Eurivam Alves Moraes
Edgar Pereira Morais	Francisca Dias Glória
Elita da Cruz Morais	Izaurina Rodrigues de Souza
Evaldo Santos Resplande	José Pereira Marinho

Francisco Vieira e Silva	Jurandina Barbosa Sales
Iremar Martins da Silva	Laurinda Rodrigues de Souza
Joana Saira Souza Torres	Lauro Pinheiro Rosa
Joenildes Rocha Siqueira	Luzia Barbosa dos Santos Nascimento
Kamoriwa'I Elber Tapirapé	Maria do Carmo Mendes Silva Tavares
Luzia Coelho Pereira	Maria de Jesus Pereira Tavares
Maria de Anunciação Barroso	Maria Lucia Pereira da Silva
PintoTrindade	Maria de Lurdes Coelho Lima
Maria do Bomfim Souza Torres	Marina Dezidério Gonçalves
Maria Ferreira Bezerra	Marineiz Gomes da Luz Brito
Maria Paula de Freita Vanucci	Marinete de Fatima Siqueira Dias Ribeiro
Maria Rita Bezerra Reis	Mariquinha Gomes da Silva
Marinaldo Pereira de Abreu	Marisete Saraiva da Silva
Maristela Souza Torres	Martinha de Andrade de Viana
Marlúcia Pinto Cirqueira	Noemi Dias Testoni
Nilva Coelho	Rael Coêlho Gomes
Rodrigo Pereira Luz	Tereza Antônio Rosinato
Ronaldo Komaoro'I Tapirapé	Uátimo Campos da Silva
Sebastião Souza Lima	Valmir Barbosa de Souza
Sônia Noleto Silva	
Sueli Rodrigues Correa	
Valmerice Pinto Cirqueira	

Fonte: (Próprio Autor)

Tabela 4 - Lista dos alunos e seus municípios

<b>Alunos de São Felix do Araguaia</b>	<b>Alunos de Ribeirão Cascalheira</b>
Alderina Pereira da Cruz Silva	Antonia de Paula Soares
Amélia Gomes de Aguiar	Arlene Rodrigues Meneses
Antonio Soares da Silva	Deuzuita de castro Gomes
Ariolino Jorge de Sousa	Domingos Soares Cavalcante
Daíde Teixeira da Costa	Fátima Julião Soares
Deuserina Barreira Machado	Francisca Maria da Costa

Edinalva Oliveira Rego	Francisco Batista de Melo
Eley Cândida Morais	Francisco Corado da Silva
Ercília pereira da Costa	Ilaine Dick
Floracy Rodrigues da Silva	Lindaci Pereira de Souza
Florinda Abadia de Souza Costa	Lindauro Pereira de Brito
Gezy Gomes Braga	Manoel Bonfim Adorno Assis
Iolanda Rocha de Abreu	Maria Ferreira de Brito
Iracema Adorno Dias	Maria Rosa de Paula Soares
Joana Alves Guimarães	Valderina Soares Cavalcante
Joana Dark de Oliveira Pinheiro	
Lauro Pereira da Silva	
Luzia Brito Campos	
Luzia Jorge Soares	
Maria Anita da Cruz Nascimento	
Maria Aparecida Ferreira Rocha	
Maria de Fátima Barbosa Luz	
Maria de Fátima Pereira Costa	
Maria de Jesus Nascimento da Silva	
Maria da Paz Barros	
Maria Shirley Luz Brito	
Maria do Socorro de Sousa França	
Mariluse Noletto Guimarães	
Maurina Luz dos Santos	
Minervina Pereira Brito	
Neusa da Silva Carvalho	
Neusa Pereira Maranhão	
Raimunda Batista Pereira Louzeiro	
Rosimeiry Alves Dutra	
Valde Alves dos Santos	
Valdivino Barreira de Oliveira	

Fonte: (Próprio Autor)

**Tabela 5** - Tabela com nomes dos professores, monitores e alunos do Projeto Inajá II

<b>Professores</b>	<b>Monitores</b>
Adão José Cardoso	Agenora Morais da Silva
Ana Luisa Smolka	Edson Pereira Barbosa
Angela Regina de Lima Canazza	Christiane Braldina de Freitas
Angela Maria Lopes Sandez	Delzuita Bezerra Pimentel
Adriana Dickel	Fernando de França Nunes
Belini Grandó	Florinda Abadia S. Costa
Carlos Alfredo Arguello	Iliane Terezinha Muller
Cancionila Janzkovski Cardoso	Isoira Inês Paludo
Edson Pereira Barbosa	Leiliane Rosa pires
Ernesta Zamboni	Marli Prolo de Almeida
Elias Humberto Alves	Maristela Sousa Torres
Filomena Pio Cardoso	Marcio Fernando R Araújo
Francisco Eulálio Alves dos Santos	Nair Barbosa de Sousa
Gladys Viviana Gelado	Raimundo Soares de Sousa
Glaucia de Melo Ferreira	Regina Célia Cláudio
Glória Pereira da Cunha	Ronaldo Kamaoro'I Tapirapé
Irene Saraiva	Valmerice Pinto Cirqueira
Katia Galvão	
Jackeline Rodrigues Mendes	
Maria Antonia Carniello	
Maria Ines Parollin	
Maria Eunice Quelice Gonzales	
Marcia Sodre	
Marcia Conceição Balzani	
Marilene Aparecida Manara	
Newton Gobbo	
Marineusa Gazzetta	
Nanci de Barros	
Nelson Luiz Cardoso Carvalho	
Rina Kátia Cortez	
Roseli Alvarenga	

Robeni Baptista Mamizuka Silvia Cipriano Vitérico Jabur Maluf Vânia Lúcia de Oliveira Carvalho Zoraide R Arguello	
---	--

Fonte: (Próprio Autor)

**Tabela 6 - Lista de Alunos e Municípios que participaram do Projeto Inajá II.**

<b>Alunos de Luciara</b>	<b>Alunos de Confresa</b>
Aldetina Carvalho Silva Aline Ferreira de Brito	Antônio Alves Evangelista
Deovaldo Lima Silva	Ary Pinheiro Reis
Deuseri de Moura Pereira	Dilsa Elias Dias
Eldina Silva de Assis	Domingas Ferreira S. Rodrigues
Gilberto Pereira de Almeida	Emanoel Lopes Cardoso
Ivani Mendes Galvão	Emília Santos Cardoso
Juana D'arque G. da Cruz	Erly Maria da Silva
Leonília Ferreira Dorta	Francisca Pereira Mendes
Maria Auxiliadora do C. Souza	Irene Terezinha D. Cunha
Maria Bezerra Arruda	Izaías Pinto da Silva
Maria das Graças S. Gama	Lanes Dias Gomes
Maria Diva Lima Luz	Maria da Silva Rodrigues
Maria Ribeiro A. Cabral	Maria das Graças P. da Silva
Marinalva Alencar da Silva	Maria Terezinha de C. Jesus
Paulo Fernandes de Souza	Maria Zuleide P. Marinho
Rute da Silva Luz	Perpetinha Santos Fortunato
Selma dos Anjos Feitosa	Raimundo José de Araújo
Tereza Mahike Karajá	Rosa dos Santos Freitas
	Tatiana Sales Silva
	Valdenor Gomes Dias
	Valter Sousa dos Santos

Fonte: (Próprio Autor)

Tabela 7 - Lista de Alunos e Municípios que participaram do Projeto Inajá II.

<b>Alunos de Ribeirão Cascalheira</b>	<b>Alunos de Santa Terezinha</b>
Ana Lúcia Antônia da Silva	Agnaldo Worimay'I Tapirapé
Antônia Rodrigues da Costa	Amarildo Xaopoko'I Tapirapé
Aparecida Julião Frazão	Antenor Balduino da Costa
Cândida Pereira da Silva	Antônio Aguinaldo dos Santos Lira
Carlice Pinto Moraes	Antônio de Araújo Silva
Cleidimar Silva Lima	Aprislusmagno Santos Lira
Cleidimar Pereira da Hora	Diomary Oliveira Cirqueira
Edimar Ferreira dos Santos	Eudetes Soares Vasconcelos
Edileuza Ferreira Nunes	Edson Pereira dos Santos
Elidia Pereira de Freitas	Fernando hadori karajá
Elite Louzeira de Amorim de Jesus	Genivaldo Xawpare' Ymi Tapirapé
Isabel Fernandes Santos de Castro	Jacira Alves Dias
Isabel Rodrigues de Campos	Josimar Xawpare' Ymi Tapirapé
Josimar Martins Abreu	José de Almeida Dorta
Lázara Maria Pereira da Silva	José Valdemir Gomes Monteiro
Maria Alves de Jesus	Juvenal Rodrigues de Oliveira
Maria Esperança Soares Cavalcante	Júlio César Tawy'I Tapirapé
Maria de Jesus Ferreira de Almeida	Luciana Viana Barbosa Costa
Maria Madalena Lima Rocha	Marivete Vieira de Oliveira
Maria do Socorro Luz Reis	Messias Santos de Sousa
Sandra Soares da Silva	Moisés Belehiru Karajá
Sinhagda Golçalves Brito	Maria Francisca Carvalho de Sousa
Terezinha Pereira Cavalcante	Naídes Alves de Sousa
Valdomiro Barbosa de Oliveira	Nivaldo Korira'I Tapirapé
	Patrocínio Gomes da Silva
	Pedro Martins Sousa
	Raimundo Nonato Silva de Oliveira
	Raimundo Ribeiro dos Santos
	Raimundo Campêlo da Silva
	Ronivon Costa Sousa
	K. Reginaldo Tapirapé

	Sebastião Pereira Morais Sinvaldo oliveira Wahuka karajá Waldeir Alves de Andrade Xaroi Carlos Tapirapé Zulene Alves dos Santos
--	---

Fonte: (Próprio Autor)

**Tabela 8 - Lista de Alunos e Municípios que participaram do Projeto Inajá II.**

<b>Alunos de Vila Rica</b>
Aldená Alves dos Reis
Ana Kaefer de Freitas
Antônio Josias da Silva
Aparecido Taveira da Costa
Carmélia Fernandes Lessa
Cleude Soares Campos
Darci Irnês Bemme
Esemar de Fátima Kuntz
Francisco Valdevaldo de Sousa
Ilson Antônio R. Dourado
Ivonete fachim Orso
Izauri Coelho de S. Teodoro
Lenir Terezinha de Moura
Leonora Briskewicz
Lourdes Ferreira Borghesan
Lourdes catharina G. Zanella
Luiz Antônio Del Sant
Marisa Paulus Mota
Marizete Maria do Nascimento
Marli Marinho
Mircilene Rosa dos Santos
Noemi Maria Wagner
Regina Celia P. da Silva



Saete da Mota Silva
Sandra Regina M. da Silva
Simone Afonso F. Gasparetto
Suelene Maria da Costa
Terezinha de Oliveira

Fonte: (Próprio Autor)

Como consta no Relatório Final do Projeto (Albuquerque *et al*, 1991), existiam alguns requisitos para que os professores ingressassem no curso. Os interessados tinham que estar atuando em salas de aula e era dada prioridade aos da zona rural e aos indígenas, conforme nossa depoente Dulce também relatou: “o processo de alfabetização começou lá no sertão, fora da cidade e deram continuidade quando iniciou o curso do Inajá” (narrativa de Dulce Maria Camargo p.51). Os professores receberam a habilitação ao magistério com o certificado de 2º grau. Ainda nos anos de 1990, quem era habilitado com formação em nível de magistério era considerado apto para exercer a profissão nos anos iniciais do ensino fundamental, que se enquadrava na Lei 5692/71 cap. IV parecer nº 699/71 (ALBUQUERQUE *et al*, 1991, p. 2).

Ainda segundo Albuquerque *et al*, com relação a evasão dos cursistas, nos dois momentos em que aconteceram os cursos, mostrou-se praticamente insignificante, sendo que quando ocorreu, foi devido às questões de locomoção para as etapas, desemprego e questões políticas que à época se destacavam.

Os diretores de escolas e secretários que pudessem eram os monitores do curso, para dar o suporte aos cursistas, até a etapa em que os professores da Unicamp voltavam à região. Traremos algumas imagens (figuras 16 a 18) dos cursistas e monitores nos dois momentos do Projeto Inajá.

**Figura 16:** Monitores e professores do Inajá<sup>6</sup>.



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 17:** Professores cursistas juntos de vários municípios.<sup>7</sup>



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

---

Não conseguimos identificar alguns professores, os que apontamos o nome é devido à pesquisadora conhecê-los pessoalmente. À esquerda, o professor Luis Carlos Paiva, a próxima professora não identificamos, na sequência, professores, João Severino Filho, Carlos Arguello, Heloisa Gentil, os últimos dois não identificamos também.

<sup>7</sup>Nesse caso não sabemos o nome dos professores cursistas.

**Figura 18:** Fotografia no mesmo local da anterior, mas os professores cursistas são diferentes.



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Segundo Camargo (1997), em julho do ano de 1987, os professores já deixaram uma atividade para os cursistas que estavam inscritos no Projeto Inajá e que iriam começar as aulas em janeiro do ano de 1988. Iniciaram-se as etapas do Projeto.

A intenção desses professores era despertar nos cursistas o ato de pesquisar, assim, logo nessa primeira etapa do projeto os alunos fizeram uma pesquisa de campo durante os meses de setembro a dezembro de 1987. Com isso, os professores poderiam ter a chance de conhecer melhor os cursistas e ter uma melhor visão da realidade deles, ao terem acesso ao relatório dessa pesquisa inicial, para, a partir daí, começar a trabalhar com eles.

Nesse exercício que os professores formadores deixaram, eles apontaram algumas questões que os cursistas teriam que investigar em grupos, para depois colocar o resultado em um relatório que seria entregue logo no início do curso. Eles participaram de aulas em que se explicou sobre o que é uma pesquisa e o que deveria conter nela:

- Como coletar dados.
- A organização dos dados.
- Interpretação dos dados.
- Elaboração de relatórios.
- Apresentação da pesquisa.

Foram vários os temas e surgiram dois núcleos, Santa Terezinha e São Felix do Araguaia, e os cursistas se dividiram entre esses núcleos. Entre os temas que deveriam pesquisar estava: a história da região, vegetação, pecuária, remédio caseiro, alimentação, caça, pesca, entre outros.

Tanto na fala dos depoentes quanto nesses documentos, foi observado que os cursistas e os professores sentiram dificuldades com o relatório. Por um lado, os cursistas sentiram dificuldades depois que coletaram as informações para produzir o relatório. Por sua vez, para os professores foi trabalhoso corrigir, pois aqueles alunos/professores não tinham noção do que era uma pesquisa, já que essa foi a primeira atividade que fizeram como pesquisadores.

Os alunos/professores encontraram dificuldades para realizar esse trabalho, em alguns havia erros nos dados, outros não conseguiam entender o que os professores tinham solicitado e alguns fizeram as anotações totalmente baseados apenas no que eles sabiam, sem pesquisar. Após a coleta, realizaram alguns relatos, que apresentavam no local onde aconteciam as aulas ou mesmo embaixo de árvores.

Segundo Camargo (1997), as etapas dos cursos aconteceram, em sua maioria, em São Felix do Araguaia ou Santa Terezinha porque esses municípios tinham uma pista onde poderia pousar o avião que trazia os professores de Campinas para o Mato Grosso.

Esta primeira etapa aconteceu no centro comunitário que a Prelazia cedeu para que fossem realizadas as aulas em Santa Terezinha (figura 19). Contudo, o centro comunitário ficou sendo o polo do Inajá na cidade, pois foi utilizado nos dois momentos em que aconteceu o Projeto Inajá. No local, segundo os depoentes, foram feitas algumas adaptações para o curso, como a colocação de janelas e um quadro negro.

Ao que percebemos nas narrativas, nem os professores nem os cursistas olhavam a carência do local das aulas como entrave para a realização do curso, pois o interesse em se ter a troca de conhecimento era maior que a precariedade ao redor.

**Figura 19:** Centro Comunitário de Santa Terezinha.



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 20:** Aula com a professora Eunice de Paula, no Centro Comunitário



Fonte: Arquivo pessoal de nossa depoente Professora Eunice de Paula

**Figura 21:** Uma visita do Bispo Pedro à turma no Centro Comunitário

Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Nas etapas que aconteciam em Santa Terezinha, embora o Centro comunitário fosse o ponto de apoio, os professores exploravam o que o lugar oferecia: tinham aulas ao ar livre, tendo a natureza como cenário. Alguns depoentes lembram bem das aulas de Física com o Professor Carlos Arguello, as quais, em um dia, eram dadas embaixo das árvores e, no outro, à beira do Araguaia. Algumas imagens (figuras 22 a 24) podem corroborar a fala. Algumas dessas aulas, inclusive, com histórias engraçadas, como podemos constatar nas narrativas dos colaboradores.

**Figura 22:** Aulas assim eram comuns, embaixo das árvores



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 23:** Cursistas tendo aula prática



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 24:** Outra aula em local aberto.



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva



**Figura 25:** Mais uma aula com professor Carlos Arguello



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 26:** Aula usando o Telescópio



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 27:** Aula com a professora Dulce Maria Pompêo



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva

**Figura 28:** Apresentação em Aula de Educação Artística<sup>8</sup>

Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva

Ao que se pode observar nas imagens das figuras apresentadas, sempre houve o envolvimento dos professores que vinham da Unicamp e dos cursistas, valorizando o que a região oferecia. Os professores adaptando o conhecimento trazido da universidade, moldando-o com o conhecimento popular dos cursistas.

No curso foram feitas Etapas Intensivas e Intermediárias. As etapas intensivas eram as que aconteciam durante os períodos de férias e foram realizadas durante as férias de janeiro e julho, dos respectivos anos em que aconteceram as duas versões do projeto. Nelas, os docentes da Unicamp iam aos municípios onde estava acontecendo o curso e trabalhavam com os cursistas, a partir da reflexão sobre o conhecimento que eles já possuíam, e iam introduzindo gradativamente o conteúdo específico que estava no currículo.

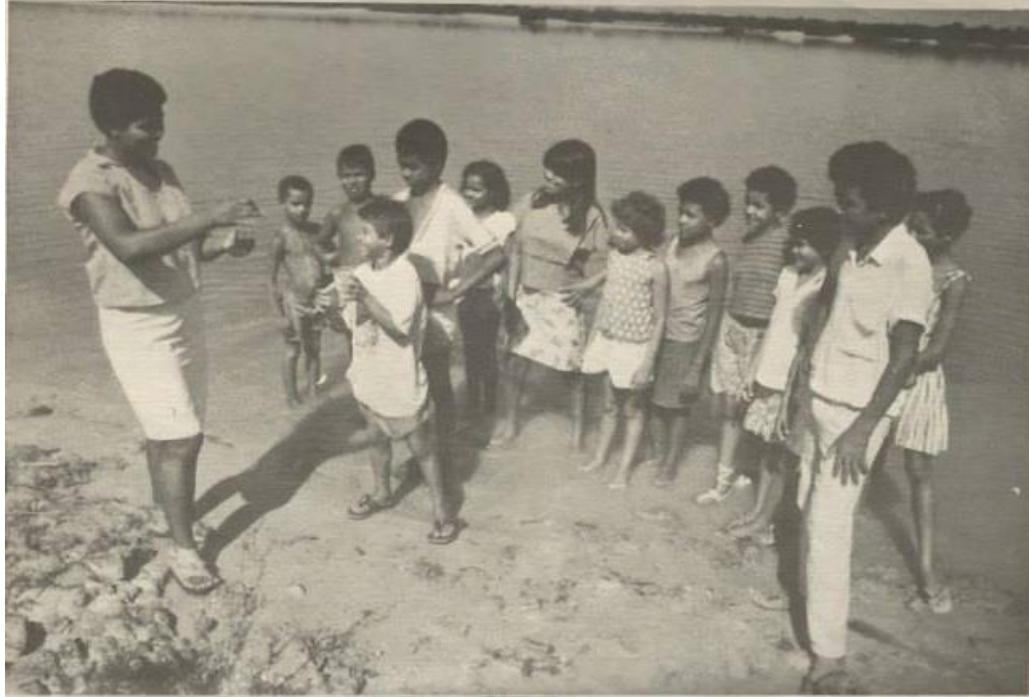
As etapas intermediárias aconteciam entre as etapas intensivas, e era nessas etapas que se realizavam os encontros pedagógicos e os estágios. Além disso, havia o estágio não supervisionado que acontecia quando os cursistas levavam suas pesquisas para desenvolver com seus alunos (figura 28).

Segundo Camargo (1997), esse momento era uma formação continuada, uma troca de conhecimentos, primeiro o professor da Unicamp com os cursistas, depois esses professores cursistas com seus alunos e o resultado dessas pesquisas voltava para as aulas nas etapas intensivas.

---

<sup>8</sup>Ao que se percebe não havia só cursistas nessa apresentação, a comunidade também estava presente.

**Figura 29:** Cursistas com alunos em uma aula de campo à beira do Rio Araguaia.



Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva

A metodologia adotada no Projeto era, especial, trabalhando com os cursistas partindo do que eles sabiam. Podemos perceber na fala de alguns entrevistados que esses professores da Unicamp procuravam uma melhor maneira de trabalhar com eles, mesmo que, para isso, mudassem totalmente o planejamento inicial.

Os professores se reuniam com os monitores e coordenadores (figura 29), já com os dados dos relatórios em mãos, e estudavam como trabalhar com aqueles professores leigos, para que todos pudessem ter o entendimento do conteúdo, mesmo que os participantes não tivessem o mesmo grau de escolaridade.

**Figura 30:** Reformulando a metodologia, professores do Projeto Inajá.

Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Como já havia alguns monitores que sempre estavam em busca de mudanças, devido àquela formação, juntavam-se, às vezes, até a madrugada para tentar reformular a metodologia do curso de uma maneira adequada para que o Projeto desse certo na região.

Nossa depoente, Professora Dulce, relata em sua narrativa que em uma das primeiras aulas sentiu medo de ser expulsa da sala, por ter levado uma aula tradicional para aqueles alunos, percebendo que para aquela região esse método não daria certo.

Assim, perceberam que aquele curso não teria como acontecer de uma forma tradicional, totalmente acadêmica, como planejaram, mas pelo que se percebe as pessoas envolvidas estavam abertas a dialogar com a realidade da região e transformar o curso em algo possível.

Nas narrativas percebemos a interferência da metodologia de Paulo Freire no curso a partir daí. Alguns de nossos depoentes, afirmam que, se não tivessem proposto uma mudança na metodologia, o curso não teria dado certo. De acordo com Freire (1987), por meio do diálogo podemos olhar o mundo em sociedade e, partindo desse ponto, transformar ou construir o que está por fazer. Nesta linha de pensamento, a educação na região poderia mudar e se transformar em algo novo, em educação libertadora.

Esse momento de adaptação da metodologia veio de encontro com a ideia de que o diálogo é a reflexão do mundo, para transformar o mundo, assim transformaram a

metodologia para que fosse possível uma mudança na realidade da educação do Médio Araguaia com o Projeto Inajá.

Sempre pensando em conjunto, em um diálogo constante, todos em busca do mesmo objetivo, a metodologia foi sendo construída dia a dia, com uma intensa troca de experiências e informações, fazendo com que o professor aprendesse com o aluno e vice-versa. Isso pode ser claramente notado nas narrativas dos nossos depoentes Maria Bomfim, Cleude, Luis Paiva e Dulce.

“Trabalhavam muitos conceitos, mas sempre tentando trazer o dia a dia para a sala. O que os cursistas aprendiam já levavam imediatamente para seus alunos.” (narrativa de Dagmar Aparecida Gatti p.53)

“O professor não pode chegar com aquela mentalidade como se fosse o dono do conhecimento, no Inajá o aluno ensina e aprende, o professor ensina e aprende, foi uma troca como já disse.” (narrativa de Dulce Maria Camargo p.59).

Nesses trechos nos parece nítido que a busca pelo conhecimento se dava mutuamente, o professor em momento algum se mostrava o detentor do conhecimento e estava ali aberto para ensinar e aprender.

E então a metodologia foi sendo moldada dia a dia, como o Professor Luiz Gouveia traz em sua fala. Segundo este colaborador, alguns professores participantes do curso já tinham um breve conhecimento sobre a filosofia de Paulo Freire, que defende uma aprendizagem tendo como base o que o aluno já sabe. Assim, para a adequação dessa metodologia podemos inferir que, de algum modo, podem ter sido influenciados pelas “ideias freirianas”.

Os professores da Unicamp sentiram dificuldades em conseguir fazer a mudança, mas chegaram à conclusão de que seria a melhor maneira para que acontecesse aquela formação. A professora Dulce afirma que os professores não abriram mão dos conhecimentos científicos, mas buscaram as informações e o conhecimento que aqueles alunos tinham e que poderiam ser o ponto de partida para repensar sua proposta, e assim foi acontecendo com todas as disciplinas.

Segundo Camargo (1997), a metodologia foi diferenciada porque os professores tiveram autonomia e a percepção de que deveriam ir adequando-a às necessidades dos cursistas, pois não poderiam atuar como faziam com seus alunos da Unicamp, como explicita a Professora Dulce em sua narrativa: “A Unicamp nos emprestou e nunca interferiu, penso que cheguei crua e também preparei um curso tradicional, mas transformei-me lá, tive

humildade de perceber que nem sempre o professor é o sabedor de tudo.” (narrativa Dulce Maria Camargo p.58) Assim como a professora Dulce, houve outros depoentes que relataram o uso de livros do Paulo Freire para ajustar essa “nova” metodologia, no lugar da que era “totalmente acadêmica”.

O curso passou por momentos importantes inclusive buscava-se ampliar a criatividade, por meio de várias formas de expressão oral e escrita, conforme Camargo (1997). Isto possibilitou a junção do conhecimento dos cursistas e os conteúdos que precisavam ser ensinados, que já não era o conteúdo como saiu da universidade, pois havia sofrido algumas alterações.

Esse ajuste que os supervisores fizeram junto aos professores na metodologia, aconteceu nos dois momentos do Projeto Inajá, e a partir do modo como agiram, percebe-se que eles compartilhavam, de um ou outro modo, algumas ideias de Paulo Freire.

Não tivemos acesso a uma descrição da metodologia planejada inicialmente e aplicada no início do curso, mas tivemos acesso a algumas atividades e ao observá-las, junto com as falas de nossos depoentes, pudemos perceber que o trabalho sempre foi uma troca entre educador e educando.

Aqueles professores saíam da Universidade e iam para o Projeto Inajá, dispostos a conhecer o que aqueles alunos sabiam e para dividir suas experiências. Com isso se dava a troca de conhecimento, nossa depoente Cleude Schmitz mostra que eles também perceberam a influência de Paulo Freire na metodologia.

“A metodologia implantada no Inajá era baseada na ideologia de Paulo Freire, aprender a construir, mostrar, explicar e desenvolver aquilo que você sabe, aprendendo a ouvir outros fazeres de outras pessoas e assim ampliando o seu conhecimento.” (narrativa Cleude Schmitz. p.70)

Talvez por isso, nessas falas, sempre vinha o nome de Paulo Freire que, em Freire (2010), defende exatamente isso: o educador ensina e aprende a todo instante, portanto, que deve haver a troca de saberes buscando o conhecimento prévio do aluno. Como esse curso era ofertado para professores que estavam atuando em salas de aula, essa troca acontecia entre os educadores da universidade e os cursistas e entre os cursistas e os alunos dos municípios. Como podemos verificar nas imagens acima colocadas, as trocas ocorreram constantemente tanto durante as aulas do Inajá como também entre os participantes do curso e seus alunos (figuras 28 e 29).

Nossa depoente Dulce Camargo atuou no Projeto como Professora e ela traz em sua narrativa a fala dessa troca de saberes “Porque nós aprendemos muito e a coisa mais estimulante que aconteceu nesse projeto foi que a pessoa tinha que estar aberta, tanto o educador quanto o educando.” (narrativa de Dulce Camargo p. 59).

Assim também a fala da Professora Eunice que era monitora no Inajá também nos leva a acreditar que aconteceu esse movimento de troca de conhecimento “o esforço dos dois lados em trocar conhecimentos fazia com que o curso desse certo, era um empenho grande em concretizar toda aquela busca por saberes.” (narrativa Eunice p.164).

Com isso, a metodologia do Projeto Inajá ia se moldando a cada dia, com o envolvimento de todos, educadores e educandos. Houve um respeito mútuo entre eles, pelo que consta nas narrativas, em momento algum os professores que vinham da universidade queriam mostrar poder ou saber a mais que aqueles cursistas. Como já alertamos, as etapas não aconteciam em um só município. Ao fim de cada uma delas a equipe organizadora escolhia em qual município seria realizada a próxima. Uma das últimas etapas do Inajá I aconteceu em Campinas, na Unicamp, e os cursistas conheceram a universidade, os laboratórios e as bibliotecas. Nas falas de nossos colaboradores ficou claro como foi importante a viagem para conhecer outro estado e estar pela primeira vez em uma Universidade.

Essa viagem deu aos cursistas a oportunidade de conhecer a sede da Unicamp em Campinas-SP. Embora os projetos tenham sido realizados praticamente com a mesma estrutura, não identificamos, nem em documentos nem na fala de nossos depoentes, que este tipo de viagem também tenha ocorrido no projeto Inajá II.

Ao que observamos, existiram duas diferenças nos cursos, a viagem no Inajá I e a inclusão de uma nova disciplina no Inajá II como poderão observar na grade curricular que incluiremos no texto. A disciplina chamou PSSA<sup>9</sup>. Ela dava um tratamento aos problemas vividos no cotidiano do cursista, mas valorizando o saber popular.

Sobre a ida à Campinas, o professor Luis Carlos Paiva lembra que essa viagem foi realizada no período de férias e eles aproveitaram e se sentiram alunos daquele lugar, conheceram vários departamentos. Viajaram para Campinas em quatro ônibus cedidos pelas prefeituras, que também deram auxílio financeiro. Os alunos foram acompanhados pelos monitores e coordenadores, ficaram hospedados no casarão dos irmãos maristas<sup>10</sup> e na

---

<sup>9</sup>Problemas e Soluções para o Sertão do Araguaia.

<sup>10</sup>Local que o pessoal da Igreja Católica alojou os cursistas na cidade de Campinas-SP.



universidade puderam também desfrutar do campo de futebol, do refeitório e do planetário. Nossos depoentes cederam algumas fotografias da saída para a grande viagem conforme (figuras 31 a 36 abaixo)<sup>11</sup>.

**Figura 31:** Momento da saída dos cursistas do município de São Felix do Araguaia.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Foi uma viagem que durou 40 dias, como nossa depoente Maria Bomfim traz em sua narrativa neste trabalho. Ela relata ainda que a experiência foi algo inexplicável, em que tiveram acesso a vários laboratórios como Anatomia, Física, Matemática, entre outros. E as experiências desse aprendizado na Unicamp ela levou para sua sala de aula.

---

<sup>11</sup>Como podem perceber a estrada era sem asfalto, o ônibus sem conforto, em uma das fotografias identificamos nosso depoente Luis Carlos Paiva que está na janela.

**Figura 32:** Ônibus quebrado durante a viagem.

Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

As aulas na Unicamp foram ministradas pelos mesmos professores que iam aos municípios mato-grossenses. Nosso depoente Luis Carlos Paiva, que no projeto era coordenador, relata na narrativa dele que aqueles professores/cursistas ganharam muito em estudar aquela etapa em Campinas, mas que professores, monitores e ele como coordenador também aprenderam muito nessa etapa.

Ainda visitaram a Praia Grande, estação balneária no litoral paulista, e vários cursistas puderam ver o mar pela primeira vez. Os professores e coordenadores organizaram a visita ao

mar, pois sabiam que seria uma oportunidade única para aqueles cursistas, como elucidada Luis Carlos Paiva:

“Ver aquelas pessoas ali foi muito gratificante, algumas delas nunca tinham saído de suas casas, outras nunca tinham visto asfalto, foi maravilhoso. Levamos todos para conhecer o mar: eu olhava a reação diferenciada de cada um que experimentava aquela experiência pela primeira vez, sem saber se algum dia poderia ver novamente, uns chegaram e pularam logo na água, outros experimentavam se realmente era salgada, outros levaram muitas garrafinhas para poder levar para seus familiares. Foi lindo”. (narrativa Luis Carlos Paiva p.145).

**Figura 33:** Cursistas tendo aula na Unicamp com o professor Carlos Arguello.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva

**Figura 34:** Cursistas conhecendo o mar em Praia Grande-SP



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 35:** Um passeio por Campinas-SP.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 36:** Uma visita à fábrica de chapéu.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Pudemos perceber que neste projeto os professores responsáveis levaram em consideração que seria fundamental colocar a necessidade da prática de observação e experimentação no currículo, e trabalhavam integrando conteúdos, objetivos e métodos. Os docentes optaram por uma menor rigidez nos conteúdos, foi um curso aberto, definido dia a dia. As mudanças, muitas vezes, aconteciam quando ouviam o que o aluno tinha a dizer, pois as suas experiências refletiam toda a sua comunidade, toda a sua vida.

A avaliação era feita a todo o momento durante o processo. Os alunos tinham que, em todas as aulas, se avaliarem e se perguntarem “o que estavam fazendo lá? Porque estavam ali?” entre outros questionamentos que os professores estimulavam que fossem feitos a si mesmos durante as etapas intensivas. Estendeu-se também a avaliação para as etapas intermediárias, em momentos na sala de aula daquele cursista, em que ele deveria chegar e se questionar, também, “o porquê” de tudo. Assim, eram vários os resultados e eles faziam relatórios de todos os questionamentos, para, então, serem discutidos durante o curso.

Nas aulas, os professores levavam alguns elementos para disparar toda a discussão e os alunos começarem a entender que, com a experiência deles, poderiam abordar vários conteúdos que iam sendo estudados durante o curso, fazendo um trabalho interdisciplinar. Para tanto, todas as noites, após as aulas, esses professores de todas as disciplinas se reuniam para decidir qual tema seria adequado para a próxima aula.

Com todas as usadas para se montar o currículo e do modo como foi desenvolvendo-se a metodologia, os professores chamavam toda aquela estratégia pedagógica de “Laboratório Vivencial”, sempre percebendo a realidade dos alunos e estratégias partindo dos referenciais deles, assim como de fenômenos naturais e sociais, revelando instrumentos escondidos com os quais os índios ou produtores rurais já têm familiaridade. (ALBUQUERQUE *et al*, 1991).

Eles tentavam trabalhar a interdisciplinaridade, como nossa depoente Dulce lembra. Os professores não se preocupavam em definir o nome da disciplina; iam trabalhando juntos e acabavam abordando tudo que tinham planejado em princípio, mas sem colocá-las nas “caixinhas” (termo que ela usa para as disciplinas adotadas nas universidades), mas trazendo para a sala de aula o saber prévio do cursista para, com isso, iniciar o conteúdo.

Em todas as atividades realizadas, como já dissemos, eles faziam relatórios e esses renderam muitos dias de aulas e várias informações para aqueles professores da universidade que acabaram de chegar a uma região totalmente nova para eles.

Achamos pertinente trazer mais algumas imagens (figuras 37 a 39) de outras aulas que foram realizadas durante o Projeto Inajá em vários locais como já mencionamos anteriormente no texto.

**Figura 37:** Aula com a professora Heloisa Gentil dentro da Igreja.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 38:** Alunos apresentando trabalho.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 39:** Aula do Professor Carlos Arguello.<sup>12</sup>

Fonte: Arquivo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Como podemos observar, as aulas eram diferenciadas. Na figura 39, temos uma aula prática com o professor Carlos Arguello e em vários momentos nossos depoentes trazem em suas narrativas a importância dessas aulas práticas. Ressaltando que o professor tentava abordar o conhecimento prévio dos cursistas, mas também introduzindo os novos saberes a eles, assim ao fim da etapa já estavam processando uma nova descoberta

(...)

### **Algumas práticas na formação dos professores**

Traremos logo em seguida o currículo dos dois momentos do Projeto Inajá e em sequência algumas atividades realizadas durante o curso. Como já alertamos anteriormente, não se teve muitas alterações no currículo a não ser a inclusão da nova disciplina para o Projeto Inajá no segundo momento.

---

<sup>12</sup>Nosso depoente Luis Carlos Paiva nos relatou que essas eram aulas do Professor Carlos Arguello, figuras 24 e 25, mas sempre acompanhado com professores de outras disciplinas como Matemática e História.

Também poderão observar que houve uma variação de 248 horas a mais que no curso de formação Inajá I. Chamamos a atenção para o estágio não-supervisionado, que mesmo não tendo suas horas registradas na grade curricular, esse momento o professor tinha uma oportunidade de crescimento único, pois levava aos seus alunos o que tinha aprendido durante a etapa intensiva, podendo ter, maior oportunidade de aprendizado na troca entre professor e aluno.

### PROJETO INAJÁ I.

DE 1987 a 1990 aconteceram 07 etapas contando com a zero, conforme tabela abaixo.

**Tabela 9** - Carga Horaria utilizada no Projeto Inajá I e disciplinas ofertadas.

ETAPAS	ETAPA ZERO	IS 01	I M 01	IS 02	IM 02	IS 03	IM 03	IS 04	IM 04	IS 05	IM 05	IS 06	IM 06	TOTAL C.H
DISCIPLINAS														
PORT/ LIT. BRAS	-	80	-	40		44	-	44	-	44	-	44	-	<b>296</b>
ED. ARTÍSTICA	-	10	06	10	08	12	10	-	06	-	10	-	08	<b>80</b>
ED. FÍSICA	-	-	04	20	-	24	04	24	04	-	-	-	-	<b>80</b>
HISTÓRIA/ <sup>13</sup> O.S.P.B/ <sup>14</sup> E.M.C	-	-	-	-	-	22	-	22	-	30	-	22	-	<b>96</b>
GEOGRAFIA	-	-	-	-	-	22	-	22	-	30	-	22	-	<b>96</b>
SOCIOLOGIA	-	-	-	-	-	08	-	22	-	40	-	20	-	<b>90</b>
MATEMÁTICA	-	80	-	40	-	44	-	-	-	44	-	-	-	<b>208</b>
CIÊNCIAS F. BIOLÓGICAS e PROGRAMA DE SAÚDE	-	-	-	80	-	44	-	44	-	44	-	44	-	<b>256</b>
LIT. INFANTIL	-	20	-	20	08	12	06	-	05	-	04	-	05	<b>80</b>
PESQUISA DE CAMPO	80	80	-	-	-	-	-	-	-	20	-	-	-	<b>180</b>
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	-	-	08	-	08	-	-	-	10	-	-	54	10	<b>90</b>
MÉTODO E PRÁTICA DE ENSINO	-	-	-	20	-	-	-	54	-	38	-	40	-	<b>152</b>
PSICOLOGIA EDUCACIONAL	-	-	08	-	-	-	08	-	-	-	-	54	10	<b>80</b>
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	-	-	80	-	80	-	80	-	80	-	80	-	80	<b>480</b>

<sup>13</sup>Organização Social e Política Brasileira

<sup>14</sup>Educação Moral e Cívica



ESTÁGIO NÃO SUPERVISIONADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
														-
TOTAL CARGA HORÁRIA														<b>2.264</b>

Fonte: Anexo Relatório Final I

**PROJETO INAJÁ II.**

De 1993 a 1996 aconteceram 07 etapas, como podemos ver na tabela 3

**Tabela 10** - Carga Horaria utilizada no Projeto Inajá II e disciplinas ofertadas.

ETAPAS	IM 01	IS 01	IM 02	IS 02	IM 03	IS 03	IM 04	IS 04	IM 05	IS 05	IM 06	IS 06	IM 07	IS 07	TOTAL C.H
DISCIPLINAS															
PORT./ LIT. BRAS	-	40	04	40	04	40	04	44	04	44	04	88	04	-	<b>320</b>
HISTÓRIA	-	20	-	-	-	22	04	-	04	15	04	22	-	22	<b>113</b>
GEOGRAFIA	-	20	-	-	-	22	04	-	04	15	04	22	-	22	<b>113</b>
MATEMÁTICA	-	-	-	40	04	44	-	44	-	44	-	44	04	-	<b>224</b>
ED. ARTÍSTICA	-	40	04	20	04	-	04	44	-	-	-	20	04	-	<b>140</b>
ED. FÍSICA	-	-	08	20	08	-	-	-	-	-	08	20	08	-	<b>72</b>
CIÊNCIAS/ PROGRAMA DE SAÚDE/ e PSSA <sup>15</sup>	-	40	04	40	04	44	04	66	04	-	08	66	08	33	<b>321</b>
PESQUISA DE CAMPO	-	10	08	10	08	10	08	44	10	-	20	20	20	33	<b>201</b>
LIT. INFANTIL	-	-	-	-	-	-	-	-	16	-	20	-	20	40	<b>96</b>
SOCIOLOGIA	-	-	-	-	-	-	08	22	-	14	04	-	-	22	<b>70</b>
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO		-	-	-	-	-	10	20	10	-	04	-	04	44	<b>92</b>
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	-	-	16	40	16	-	-	-	16	-	-	-	-	-	<b>88</b>
MÉTODO PRÁTICA DE ENSINO	-	-	-	-	-	-	08	44	08	66	04	-	08	44	<b>182</b>
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	-	-	80	-	80	-	80	-	80	-	80	-	80	-	<b>480</b>
ESTÁGIO NÃO SUPERVISIONADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
															<b>2.512</b>
TOTAL CARGA HORÁRIA															

Fonte: Documentos cedido pela depoente Cleude

<sup>15</sup> Não conseguimos informações de como ocorreu essa disciplina, nem encontramos a ementa ou bibliografia utilizada para a execução da mesma.

### **Atividades**

Como podemos observar nas fotografias mostradas ao longo do texto, as atividades eram realizadas em sua maioria em grupo. Os professores traziam assuntos que envolviam mais de uma disciplina, com textos que gerassem debates para várias aulas. Isso conseguimos detectar tanto nas entrevistas quanto nas atividades que tivemos acesso, em que fica claro a participação sempre de dois ou mais professores na sala.

Segundo Camargo (1997), o trabalho que os professores desenvolviam sempre buscava despertar no aluno o interesse pela pesquisa, pela descoberta do mundo ainda desconhecido para eles. Como a autora destaca, no início alguns cursistas questionavam a ausência do livro didático nas aulas de história ou geografia, mas, com o passar do tempo, eles foram entendendo que aquelas aulas diferentes faziam com que eles entendessem, elaborassem respostas, para questionamentos que tinham até mesmo fora da sala de aula.

Com isso, despertavam neles reflexões críticas sobre sua cultura, sociedade, tentando fazer com que vissem a diversidade que existia ali mesmo na região, com a presença dos indígenas, pessoas vindas de várias partes do Brasil e ainda do exterior, tornando-se, assim, uma região miscigenada. Essa diversidade foi o que influenciou os professores a fazer várias adaptações nas atividades, tentando ir ao encontro da realidade da região, do contexto em que viviam.

Vemos aí uma outra aproximação com as ideias e ideários de Paulo Freire. Assim como Freire (2010) defende, os professores no Projeto Inajá faziam uma reflexão de suas práticas para despertar o lado crítico daqueles cursistas, ensinando-os a serem pesquisadores.

Eles iam experimentando, não era possível saber se daria certo, mas como vemos em seus depoimentos, todos chegaram à conclusão de que foi a melhor escolha adequar a metodologia conforme a necessidade que a região possuía.

Logo abaixo, apresentaremos alguns exemplos de atividades realizadas, tendo em vista que as aulas não eram com disciplinas específicas, os cursistas trabalhavam vários conhecimentos em uma só atividade. Alertamos que, provavelmente, os leitores sentirão falta das datas nas atividades, contudo, não conseguimos identificar algumas e nem se a mesma atividade foi trabalhada nos dois momentos do Projeto. Em uma delas, fica clara a época, por se tratar da troca da moeda do País, mas nas outras não conseguimos identificar.

- **Atividade 1: Dinheiro**

A atividade intitulada como Dinheiro, traz um texto sobre a moeda que se usava no Brasil e a mudança da Unidade Real de Valor – URV<sup>413</sup>, para Real. Os professores levaram uma reportagem da Folha de São Paulo do dia 21 de maio de 1994, que abordava a história do dinheiro no Brasil, trazendo várias informações como a inflação e quantas vezes ocorreram mudanças na moeda brasileira.

Nesta atividade, os alunos puderam observar a inflação por uma tabela fornecida e responderam a um questionário com atividades de matemática e de história. Elaboraram uma lista de compras, para vários dias da semana, percebendo o aumento causado pela inflação.

**Figura 40:** Atividade realizada na aula de matemática junto com outras disciplinas.



Fonte: acervo pessoal de nossa depoente Cleude Schmitz

<sup>413</sup> A URV foi adotada como medida para banir a inflação, sem que precisasse de medidas drásticas como já havia acontecido em outros planos econômicos anteriores.

Figura 41: A história do Dinheiro

Edição de Anna Paula Inaguen

### REAL FOI A PRIMEIRA MOEDA BRASILEIRA

O primeiro dinheiro usado no país foi o real. Era esse o nome da moeda portuguesa, criada em 1112. Ela circulou por aqui durante o período colonial.

Em 1694 foi criada a Casa da Moeda da Bahia, que produziu nossas primeiras moedas.

Depois, o dinheiro passou a se chamar réis. Na verdade, réis era como o povo falava o plural de reais. O nome "pegou" e se tornou oficial.

Em 1942, o presidente Getúlio Vargas cortou três zeros do dinheiro e transformou 1.000 réis em um cruzeiro.

### O QUE DÁ PARA COMPRAR

COM		COM	
1 CRS	= um parafuso pequeno	1 RS	= dois chocolates
20 CRS	= uma folha de papel	20 RS	= um par de tênis nacional
100 CRS	= um pirulito	100 RS	= um rádio/gravador
500 CRS	= um refrigerante	500 RS	= um controle Sept. CD
1.000 CRS	= três lápis	1.000 RS	= um computador (simples)
5.000 CRS	= uma caixa de lápis de cor	5.000 RS	= uma moto CB 450
10.000 CRS	= uma calculadora simples	10.000 RS	= uma peruva Kombi

\*A URV vale CR\$ 1.586,87, em 17 de maio, da em que esta reportagem foi feita.  
\*\*Real no valor 1 URV (fundação Real do 1000 no dia 17 de maio)

### DINHEIRO DO BRASIL JÁ MUDOU 9 VEZES

O dinheiro brasileiro já mudou de nome nove vezes. Com as mudanças, o governo queria acabar com a inflação.

Em novembro de 65, o presidente Castelo Branco cortou três zeros do cruzeiro e o batizou como cruzeiro novo. Em fevereiro de 67, um decreto cortou a palavra novo e deixou os zeros.

O presidente Sarney cortou três zeros em 86. Nasceu o cruzado. Depois de três anos ele perdeu três zeros e passou a ser cruzado novo. O nome cruzeiro voltou em 89. Em agosto de 93 ele virou cruzeiro real.

Sábado, 21 de maio de 1994 6 FOLHA DE S. PAULO

Fonte: acervo pessoal de nossa depoente Clude Schmitz.

Figura 42 - Tabela de cotação em Cruzeiros Reais.

URV							
Cotações diárias desde 1º de novembro de 93. As cotações de sábado, domingo e feriados se reportam ao primeiro dia útil seguinte.							
mês	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mal.
1	178.97	241.65	333.17	466.6	647.50	931.05	1.323.92
2	181.68	245.02	333.17	475.31	657.50	931.05	1.323.92
3	181.68	248.45	333.17	484.11	667.65	931.05	1.345.54
4	184.44	251.92	338.52	493.09	677.98	931.05	1.367.56
5	187.24	251.92	343.95	502.23	688.47	948.93	1.389.94
6	190.09	251.92	349.47	502.23	688.47	967.16	1.412.74
7	190.09	255.44	355.09	502.23	688.47	985.74	1.435.92
8	190.09	259.01	360.79	511.53	699.13	1.004.68	1.435.92
9	192.98	262.62	360.79	521.01	709.66	1.023.98	1.435.92
10	195.91	266.29	360.79	530.67	720.97	1.023.98	1.459.76
11	198.88	270.01	366.58	540.51	732.18	1.023.98	1.484.27
12	201.90	270.01	372.47	550.52	743.76	1.043.65	1.509.20
13	204.97	270.01	378.45	550.52	743.76	1.063.70	1.534.66
14	204.97	273.79	384.52	550.52	743.76	1.084.13	1.560.55
15	204.97	277.61	390.70	550.52	755.52	1.104.96	1.560.55
16	204.97	281.49	390.70	550.52	767.47	1.126.18	1.560.55
17	208.08	285.42	390.70	560.73	779.61	1.126.18	1.586.67
18	211.24	289.41	396.97	571.12	792.15	1.126.18	1.613.64
19	214.45	289.41	403.45	581.70	805.53	1.147.81	1.640.86
20	217.71	289.41	409.82	581.70	805.53	1.169.80	1.668.54
21	217.71	293.45	416.40	581.70	805.53	1.191.93	1.696.69
22	217.71	297.55	423.09	592.48	819.80	1.191.93	1.696.69
23	221.02	301.71	423.09	603.48	834.32	1.213.97	1.696.69
24	224.37	305.92	423.09	614.65	849.10	1.213.97	
25	227.78	310.20	429.88	626.04	864.14	1.213.97	
26	231.24	310.20	436.78	637.64	879.45	1.235.99	
27	234.75	310.20	443.80	637.64	879.45	1.258.12	
28	234.75	314.53	450.92	637.64	879.45	1.280.19	
29	234.75	318.93	458.16	.	895.03	1.302.65	
30	238.32	323.38	458.16	.	913.50	1.323.92	
31	.	327.90	458.16	.	931.05		

**Obs: Cotações em Cruzeiros Reais**  
Cotações para sábado, domingo e feriados referem-se à cotação do primeiro dia útil posterior.

Fonte: acervo pessoal de nossa depoente Clude Schmitz

**Figura 43:** Atividades para interpretação dos dados da Tabela

A tabela afixada apresenta as cotações de URV em cruzeiros reais de novembro até maio.

Com base na observação dos dados apresentados na tabela:

- ✓ Verifique a variação em cruzeiros reais para cada mês.
- ✓ Faça um gráfico que represente essa variação.
- ✓ Verifique o índice de inflação em cada mês.
- ✓ Represente graficamente esse fato.
- ✓ Segundo os dados apresentados faça uma previsão do valor da URV até 30 de junho.
- ✓ Sua previsão aproxima-se do valor apresentado no texto?

Fonte: acervo pessoal de nossa depoente Cleude Schmitz

### • **Atividade 2: Aula de Campo**

No anexo do Relatório Final do Inajá I, encontramos uma aula de campo que ocorreu em uma Olaria na cidade de Santa Terezinha, identificando vários conteúdos que poderiam ser abordados em Botânica, Zoologia, Saúde, Ciências, Ecologia e Matemática.

Trouxemos essa atividade, mas ressaltamos que nesse relatório existem várias outras atividades desenvolvidas com o mesmo formato abordando conteúdos diversos durante sua execução. Para a realização dessa atividade, em específico, os cursistas puderam:

- Em Botânica: observar a variedade de plantas existente no caminho, dentre elas, algumas específicas do cerrado como o Pequi e o Murici<sup>414</sup>.
- Em Zoologia: identificar alguns pássaros cantando como o Xexéu<sup>415</sup> e Inhambu<sup>416</sup>, e o tipo de gado pastando no varjão. Observaram uma criança que vinha da praia à beira do Rio Araguaia, com vários ovos de Tracajá<sup>417</sup>, que acabara de colher (na região, a população fazia o uso dos ovos na alimentação).
- Em Saúde: fazer a observação das pessoas que trabalhavam na Olaria, apontando para a água que eles bebiam sem filtrar ou ferver, podendo no futuro trazer problemas como verminose e outros. Observaram ainda os riscos de acidentes com os processos de cortar e queimar os tijolos.

<sup>414</sup> Frutos típicos do Cerrado.

<sup>415</sup> Ave que imita o canto de outras aves.

<sup>416</sup> Também uma ave encontrada com facilidade na região.

<sup>417</sup> É uma tartaruga de água doce, bastante encontrada no Rio Araguaia.

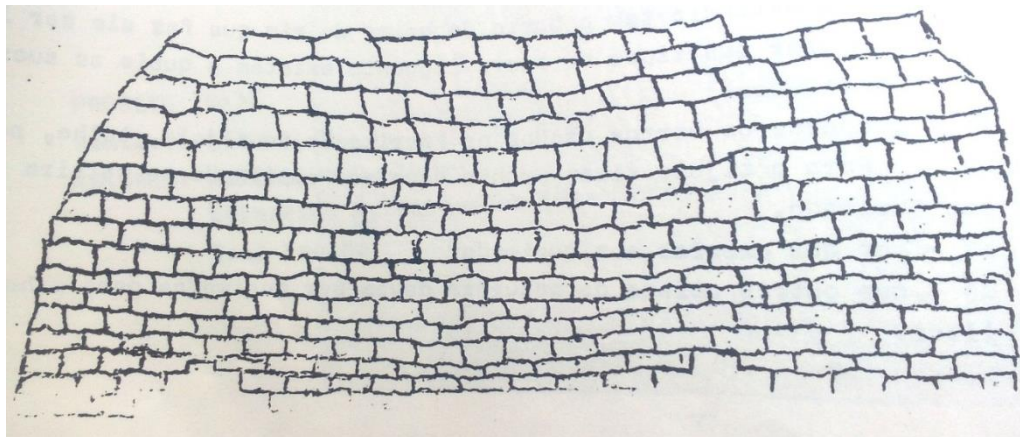
○ Em Ciências: fazer um questionário onde desenvolveriam uma pesquisa para obter as respostas. Levantaram inúmeras questões, desde o fato do barro ser retirado da terra até o produto final que seria o tijolo.

○ Em Ecologia: levantar questões sobre os impactos ambientais, apontando que, no futuro, o local onde era a Olaria naquele momento poderia virar um lugar cheio de buracos e a possibilidade de esgotamento do barro.

○ Em Matemática: elencar a quantidade de homens e mulheres que estavam trabalhando, a quantidade de ferramentas, valores do milheiro, formato do tijolo.

Assim, os cursistas fizeram várias anotações. No documento, há uma figura (figura 44) desenhada pelos cursistas de como estavam empilhados os tijolos.

**Figura 44:** Desenho feito pelos alunos de como os tijolos estavam armazenados.



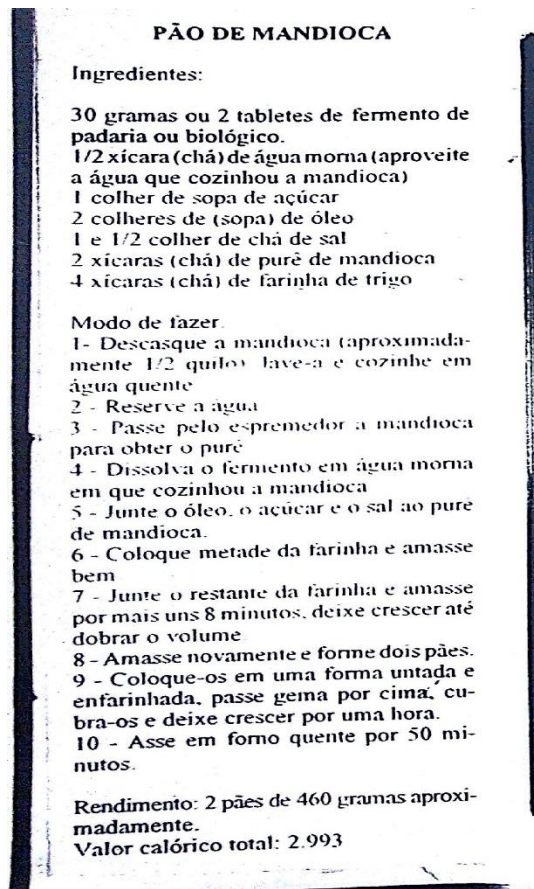
Fonte: Anexo do Relatório Final do Inajá.

### • **Atividade 3: Alimentação**

A terceira atividade é uma receita de Pão aplicada na disciplina de Ciências e Matemática, juntas, pelo que consta em um relatório cedido por nossa depoente Cleude Schmitz. Nessa aula, as professoras levaram uma receita que trazia informações nutricionais do pão, dos ingredientes e modo de preparo.

Pelo que consta nos documentos, foram trabalhados, por meio desta atividade, além dos conceitos matemáticos, tempo de preparo e alguns conceitos sobre a alimentação, que geraram outras discussões em grupo com produção de cartazes e respostas ao questionário que surgiu sobre a receita. Nas imagens abaixo (figuras 45 a 48) traremos uma receita e as questões tiradas dela.

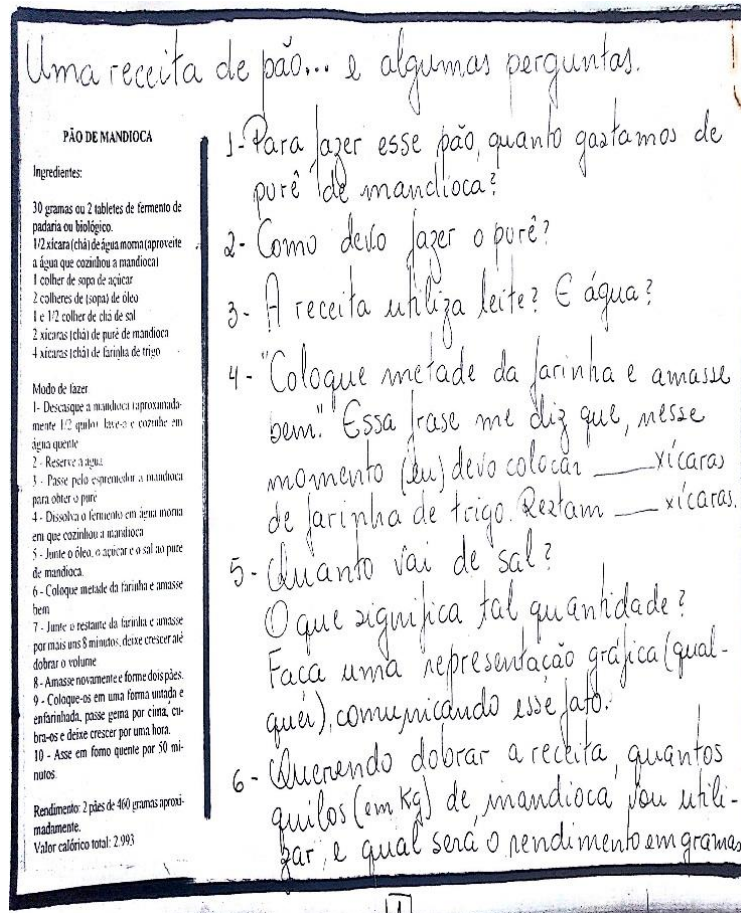
**Figura 45:** Receita do Pão de Mandioca, atividade proposta nas disciplinas de matemática e ciências .



Fonte: acervo pessoal cedido por nossa depoente Cleude Schmitz

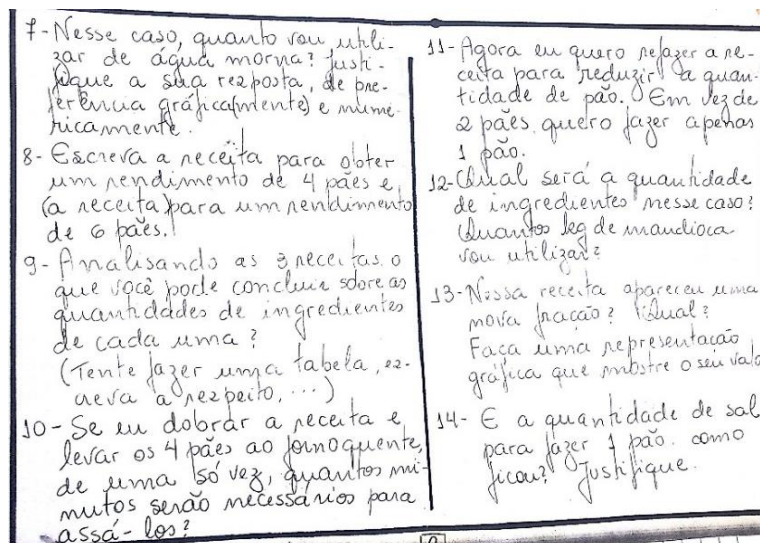


**Figura 46:** Algumas perguntas que produziram sobre a receita, adotando um questionário com 17 questões.

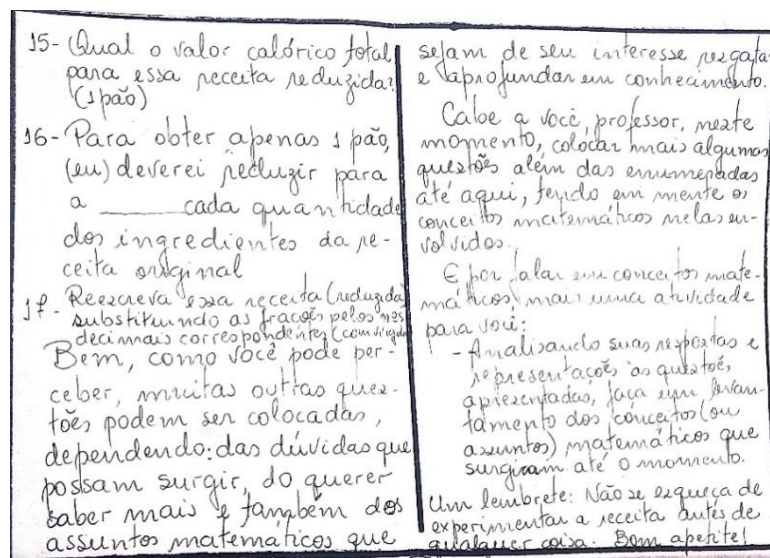


Fonte: acervo pessoal de nossa depoente Clude Schmitz

**Figura 47:** Questões de nº 7 a nº14.



Fonte: acervo pessoal cedido por nossa depoente Clude Schmitz.

**Figura 48:** Continuação do questionário nº15 a nº17.

Fonte: acervo pessoal cedido por nossa depoente Cluede Schmitz.

Em cada atividade realizada, os professores buscavam fazer com que os alunos entendessem que poderiam ser abordadas várias disciplinas, como matemática, psicologia, história, ciências etc. Essas atividades que apresentamos foram apenas algumas das que tivemos acesso. Trouxemos essas atividades com a intenção de ilustrar e destacar o trabalho multidisciplinar que os professores fizeram com os cursistas que, mesmo estando em uma região carente de recursos, conseguiram desenvolver um trabalho de integração de vários conteúdos, corroborando o trabalho de Camargo (1997).

Atentamos ainda para essas atividades acima que se fossem aplicadas em outro curso ou outra região, talvez não teria o mesmo resultado, pois foram produzidas com o perfil e as necessidades desses cursistas.

Na narrativa do nosso depoente Luiz Gouveia ele diz: “Aqueles professores se disponibilizaram a mudar seus planejamentos, e abraçar aquela causa. Esses professores ficavam encantados com o conhecimento que aqueles alunos traziam da sua vida.” (narrativa Luiz Gouveia p.164). Ressaltando assim a importância que foi para o curso esses professores que vinham da Unicamp mudar seus planejamentos para adequar realidade da região em que eles estavam.

Diante dessas mudanças e adaptações propostas nas atividades levadas pelos professores responsáveis pelo Projeto Inajá, conseguimos perceber a troca de conhecimento que se dava durante as aulas, assim também a importância do trabalho em grupo, mas não só de alunos e sim de professores também. Uma troca para se ter um avanço ou mesmo uma transformação da realidade da educação para aqueles cursistas.

Pensamos que, como Freire (2010), a educação tem que ser algo transformador, consciente, com cidadãos críticos para assim mudar a realidade na qual os indivíduos vêm-se inseridos. Assim percebemos que durante as aulas e as atividades acontecia esse engajamento para a mudança com que tanto sonhavam.

(...)

### **“Sobre as dificuldades na semeadura e colheita”**

Ao longo do texto, por diversas vezes, ressaltamos a carência da região, resultando numa urgência de atuação para que a educação pudesse ser efetivada, sobretudo no que diz respeito à formação de professores (de Matemática). Dessa maneira, esta carência também estabeleceu dificuldades para o desenvolvimento educacional.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos cursistas foram as distâncias entre as cidades. A distância entre Ribeirão Cascalheira e Santa Terezinha, por exemplo, chega a mais de 400 km e, à época, estas cidades eram ligadas por estradas sem pavimentação alguma. Talvez, se pudéssemos comparar com o que acontecia no interior do estado de São Paulo, essa viagem levaria em torno de 4 a 5 horas; no entanto, pelas narrativas e pelos documentos, percebemos que o cursista daquela região enfrentava cerca de 12 a 14 horas de viagem, isso, se não encontrasse pelo caminho algum atoleiro ou ponte caída.

Além das distâncias, as condições de transporte eram precárias, como pode ser visto nesse trecho do Relatório:

São precárias as condições de transporte, com poucas estradas e em mau estado de conservação, para atender às necessidades da população local, existem raras linhas de ônibus. Os horários são limitados, os veículos são precários, o que torna muito difícil a locomoção na região. (ALBUQUERQUE *et al*, 1991, p. 7).

As prefeituras nem sempre tinham ônibus disponíveis para transportar os cursistas e essas viagens, geralmente, eram feitas em caminhões com tábuas atravessadas na carroceria para que eles se sentassem, como podemos ver nas imagens (figuras 49 e 50). Nossa depoente Cleude nos conta que

as primeiras vezes que fomos para o curso, íamos de caçamba. As primeiras vezes não, sempre fomos de caçamba (risos). Era a caçamba que eles recolhiam o lixo aqui da cidade, inclusive, ainda é a mesma caçamba que recolhe o lixo até hoje. Eles lavavam a caçamba e “jogavam” os cursistas em cima”. (narrativa de Cleude Schmitz p. 69)

**Figura 49:** Alguns cursistas indo para a etapa do Projeto Inajá.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 50:** A viagem acontecia com eles sentados em colchões.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Como já discutimos anteriormente, a fotografia pode servir para um fim historiográfico quando estiver atrelada a um significado e a uma dimensão temporal. Mesmo em meio a tanta poeira e dificuldades, essa fotografia, tantos anos depois, nos mostra que as expectativas e a esperança de formação e de condições melhores de trabalho eram o mote para enfrentar as estradas ruins e as muitas horas de viagens, com animação, em todas as etapas do curso. Nosso depoente Luis Carlos Paiva lembra de um momento em que houve uma mudança de

prefeitos e correu-se o risco de não poder dar continuidade ao projeto mas a alegria dos alunos e a força da equipe fazia com que lutassem para finalizar o projeto.

Não queríamos que os cursistas se preocupassem, mas para nós da coordenação foi um desafio tocar esse projeto sem saber se teria a próxima etapa. Mas nossos alunos sempre firmes e animados e isso nos dava força para continuar. Em algumas vezes eu desesperava, mas a Dagmar sempre otimista me incentivava falando para não ficar daquele jeito que as coisas iriam dar certo. (narrativa de Luis Carlos Paiva p.142).

Tanto para os alunos quanto para os professores, o curso foi importante como podemos ver na fala da Professora Dulce:

O curso aconteceu não só porque nós aqui da universidade fomos até lá, mas porque algumas pessoas de lá também contribuíram para isso.” Dagmar nos diz: “Podemos dizer que houve um grande avanço na Educação, pois, cronologicamente, tivemos o Ensino de Ciências e, em seguida, o Projeto Inajá em duas etapas. Depois, as Licenciaturas Parceladas que estão formando professores na região até hoje. (narrativa Dagmar Aparecida Gatti p.53 )

Conforme apontado por Camargo (1997), existiu um grande desafio para os docentes que saíram de São Paulo e foram para o interior do Mato Grosso, mas que foi surpreendente trabalhar com aqueles professores leigos da região, pois a garra e determinação que os cursistas tinham fizeram com que o curso desse certo, mesmo enfrentando várias barreiras.

Na fala de nossos depoentes, observamos o saudosismo que eles têm sobre o Projeto Inajá e consideram não ter existido outro curso tão importante para a educação da região: “Em minha opinião pessoal, o Inajá foi um divisor de águas para a Educação na região. Afirmo isso porque sinto que não conseguimos avançar tanto quanto o Inajá avançou”, é o que nos relatou Dagmar. (narrativa Dagmar Aparecida Gatti p.53)

E ela ainda deixa claro que considera a importância que o curso trouxe para a região, pois ampliou a discussão sobre a formação de professores com a Unemat que, como consequência, veio a ter cursos de formação num formato parcelado também.

Na formatura do Projeto, em 1990, já ficou fechado um acordo com o Reitor da Unemat, tendo o compromisso de ofertar cursos de licenciatura para atender àquela demanda de mais de 100 alunos que haviam acabado de concluir o magistério, com nível médio. Abaixo algumas fotografias (figuras 51 e 52) da formatura do Projeto Inajá.

**Figura 51:** O momento da Formatura



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

**Figura 52:** Ainda na formatura.



Fonte: Acervo pessoal do depoente Luis Carlos Paiva.

Essa movimentação toda mesmo no dia da formatura fez a ponte entre esses alunos e o Ensino Superior, o Reitor da Unemat deu a garantia de que eles iriam ter uma formação acadêmica na região do Médio Araguaia com o formato diferenciado como foi o Projeto Inajá.

Em modos gerais, nosso depoente Luis Paiva fala que isso aconteceu nesse curso de Licenciaturas Plenas e Parceladas. “O curso aconteceu de maneira parecida tanto o trabalho das disciplinas quanto as avaliações, os professores conseguiram levar um pouco da metodologia do Inajá para as Parceladas”(narrativa Luis Carlos Paiva p,148). Mudando assim a realidade daquela região que até então não existia curso de formação superior.

### **E assim encerramos nossa viagem: considerações finais**

Desenvolver esta pesquisa sobre a formação de professor de Matemática no Médio Araguaia, por meio do Projeto Inajá, me levou a descobrir peculiaridades sobre a educação do local onde passei muitos anos de minha vida e na qual, inclusive, estudei dos anos iniciais à graduação.

Tais peculiaridades, até então, passaram despercebidas por mim, como, por exemplo, as iniciativas para melhoria da educação e implantação de escolas na região desde a década de 1980. Essas buscas, muitas vezes, partiam das pessoas dos municípios para assim assegurar a permanência na terra em que moravam.

Como no Mato Grosso houve muitos incentivos para a expansão e a população aumentou em um curto período, aumentou também a falta de professores para atender às escolas que iam surgindo. A carência de professores já existia antes mesmo da década de 1980, mas passou a ser caso de urgência a demanda de qualificar os professores.

Pelo que vislumbramos, os municípios da região do Médio Araguaia são distantes entres eles e alguns chegam a estar distantes mais de 1000 quilômetros da capital, Cuiabá. Isso faz com que um maior incentivo financeiro, em várias áreas inclusive na educação, seja escasso, gerando uma carência de professores qualificados, surgindo os professores leigos. Com este trabalho pudemos perceber a grande dificuldade de se levar qualquer curso de formação para a região ou mesmo oferecer cursos na capital que pudessem atender àquelas pessoas que moravam em locais tão distantes.

Sempre pensei que qualquer movimento educacional surgia da capital para o interior, talvez influenciada pelo que sempre lia nas referências de história da educação. Muitas vezes, em nossos trabalhos, já questionamos a história feita a partir do centro, esquecendo-se das periferias. Ao mesmo tempo, podemos pensar que a região estudada tornou-se um centro de formação. Dessa maneira, com nossa pesquisa, podemos afirmar que o Projeto Inajá deixou sinais de que os professores e as pessoas ligadas à educação é que foram até as entidades educacionais em busca de formação, até mesmo fora do estado de Mato Grosso.

Isso despertou o interesse dos secretários de educação dos municípios, que também se esforçaram em ir até a capital tentar buscar cursos para formação daqueles professores, para que eles não saíssem de suas cidades. Com isso, diante dessa situação de carência, se deu o início de cursos emergenciais, como podemos ver ao longo deste nosso caminhar. Nosso foco foi destacar o Projeto Inajá, pois ele habilitou mais de 300 professores ao nível de magistério, mudando a realidade das escolas do Médio Araguaia. Um curso programado para atender os professores no período de férias e considerado por eles uma formação continuada, pois



cursistas assistiam às aulas dos professores da Unicamp e, durante o ano letivo, atuavam como professores de seus alunos com os conteúdos aprendidos nas férias. Em nossas narrativas e nos diversos fontes escritas e fotografias encontradas, ficou-nos claro a importância deste curso para a região abordada. E o quanto o curso foi diferenciado, sendo adaptado para atender às especificidades da região, à época.

Visualizamos o empenho que se deu por parte dos professores que vieram da Unicamp, e da população envolvida da região. Observando sobre a metodologia adotada no projeto Inajá, entendemos que, inicialmente, ela foi pronta, com o perfil de um curso de magistério tradicional. No entanto, os professores responsáveis pelo curso não conseguiram um resultado favorável e logo se adequaram e assumiram uma postura maleável diante da realidade e da necessidade que encontraram pela frente.

Com a ajuda dos monitores, supervisores e outras pessoas envolvidas, aqueles professores moldaram e adequaram uma metodologia de uma maneira que pudesse atender aquela população que era também diferenciada com características próprias. Esse diferencial fez com que o curso desse certo e viesse a formar centenas de professores leigos à época.

Para a composição dos dados, tivemos a contribuição de nove depoentes e alguns deles também contribuíram com documentos e fotografias do curso. A professora Cleude Schmitz, além de nos narrar sua história no Projeto Inajá II, nos presenteou com uma caixa contendo vários documentos do curso. Documentos resgatados do lixo onde iam ser queimados. Tais documentos nos ajudaram a tratar daquele momento do curso, pois como já mencionamos anteriormente, não se sabe se fizeram um relatório final como foi feito no Projeto Inajá I. Nos documentos encontramos atividades realizadas pelos cursistas, relatórios de aulas, entre outros. Assim, boa parte de registros sobre uma história do Projeto Inajá II não foi perdida, mas pelo que ouvimos, há uma grande parte que não existe mais, devido às chuvas, desmoronamento de secretarias e documentos jogados como lixo.

O professor Luis Carlos Paiva, além da narrativa, também nos disponibilizou fotografias, das quais selecionamos várias, para ajudar-nos a compor essa versão da história aqui escrita.

Nossa depoente Dagmar Aparecida Gatti, com centenas de caixas de papelão em sua garagem, me deixou à vontade para tentar encontrar alguma coisa sobre o Projeto Inajá. Essas caixas eram todas de uma biblioteca que tinha desabado e os materiais que não estragaram com a chuva, foram levados para a sua casa. Não eram caixas com documentos do Inajá apenas e sim de várias naturezas. Nelas encontrei mais de 40 fitas de vídeos de VHS, com aulas, reuniões, entre outros assuntos sobre o projeto. Encontrei também fotografias, mas

quase todas danificadas pela chuva e o anexo do relatório final do Projeto Inajá que contém 244 páginas. Nesse anexo existem várias atividades desenvolvidas e relatórios de professores sobre as aulas. Dagmar deixa claro que não tem conhecimento de outro volume desse anexo, pelo que sabe é o último, emprestou-me para que fizesse uma cópia e o transformasse em um documento digital, em pdf, para que ficasse disponível a outros pesquisadores. Outra preciosidade foi um livro do Paulo Freire, “Conscientização” e ela me disse que os professores basearam-se nele e nos outros para a adequação da metodologia do curso.

Diante disso tudo, afirmamos que o Projeto Inajá foi muito rico e singular no que diz respeito à formação de professores, espalhando sementes para dar início a outros cursos. Nossos depoentes trazem nas narrativas que o Projeto Inajá foi a semente das Licenciaturas Parceladas, outro curso criado em caráter emergencial para atender àqueles alunos da região do Araguaia, surgindo assim depois do término do Projeto Inajá em 1990. Dessa maneira, serviu como uma força política para que, realmente, aqueles municípios fossem atendidos e não outros.

Albuquerque *et al* (1997) nos alerta que as Licenciaturas Plenas Parceladas já se configuravam como novas estratégias para a mudança do quadro educacional da região, E esses cursos ofertados em caráter emergencial, à época, se mantêm ativos até os dias atuais, perdurando por mais de 20 anos no nordeste mato-grossense.

Mas, atualmente, a realidade da região do Médio Araguaia é ainda bastante precária, necessitando de investimento em infraestrutura (básica). Certamente houve avanço, mas a carência ainda é aparente e o que se tem deixa a desejar. Não existem muitos polos universitários na região do médio Araguaia, a maioria dos cursos ofertados são por meio da Unemat com cursos de Licenciaturas Parceladas ou em Educação à Distância ofertado pela Unemat e pela UFMT, além de algumas universidades particulares.

As imagens contribuíram significativamente para o nosso trabalho, pois por meio delas podemos corroborar as narrativas de nossos depoentes, ao retratar que o lugar de onde vieram essas vozes era carente em todos os aspectos, tanto pessoal quanto educacionalmente. Algumas delas nos mostram a simplicidade das pessoas e o modo como aconteciam as aulas, as dificuldades em se deslocar para outros municípios, mas em contrapartida permitem visualizar a busca por uma formação para os professores leigos e a ânsia em mudar aquela realidade em que viviam.

Assim como nas narrativas, vimos que a infraestrutura da região era precária, com estradas sem pavimentação, pontes de madeiras, entres outras dificuldades. Hoje temos a luz elétrica, água encanada, internet, e outros benefícios, mas ainda existem alguns problemas

com estradas e pontes caindo. Mostro um pouco sobre isso nas figuras 53, 54 e 55, fotos registradas nas longas horas de viagem pela região, durante a constituição dos dados.

Figura 53: Ponte que fica na BR que vai para São Felix do Araguaia-MT



Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora

Figura 54: Pessoas caminhando sobre a ponte que tem risco de desabar.



Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora

Figura 55: Vários trechos de estrada sem pavimentação, em época de chuvas os carros ficam atolados.



Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora

Essas imagens foram feitas no encerramento de nossas viagens, depois de 36 horas dentro de alguns ônibus, entre buracos e pontes quase caindo, indo de Rio Claro/SP a Santa Teresinha/MT.

Com todas as narrativas, fotografias, documentos, deixamos aqui uma versão histórica de como foi a formação dos professores de Matemática na região, por meio de Projeto Inajá, sabendo que o assunto ainda pode ser muito explorado por outros pesquisadores. Acredito que uma pesquisa não tenha fim, apenas abre mais possibilidades de outras tantas que podem ser feitas. Ainda, esta nossa pesquisa contribui significativamente para o projeto de Mapeamento do Ghoem, apresentando novos elementos para a discussão sobre a formação de professores de Matemática no Brasil.

(...)

O caminhar continua e a lapidação também. As pedras no caminho, juntei todas e fiz um castelo. Entre elas, havia um diamante...

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro/RJ: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE, Judite Gonçalves de et al. **Projeto Inajá**. Cuiabá, MT: Secretaria de Educação e Cultura, 1991. 335p
- ALBUQUERQUE JR, D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru/SP: EDUSC, 2007.
- BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 241 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – UNESP, Rio Claro, 2003.
- BOTH, B. C. **Sobre a formação de professores de matemática em Cuiabá – MT (1960-1980)**. 2014. 402f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- BLOCH, M. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943. **Cria os Territórios Federais do Amapá, do Rio Branco, do Guaporé, de Ponta Porã e do Iguassú**. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De15812.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De15812.htm)> Acesso em: 15 mai. 15.
- BRASIL. Lei Complementar nº 31 de onze de outubro de 1977. **É criado o Estado de Mato Grosso do Sul pelo desmembramento de área do Estado de Mato Grosso**. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/Lcp31.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp31.htm)> Acesso em: 09 jun.15.
- BRASIL. EMENDA CONSTITUCIONAL nº 19 -04/06/98- Constituição 1988. Brasília, 1998.
- BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. LEI N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996a. Disponível em: [http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/19394\\_96.htm](http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/19394_96.htm). Acesso: 15 jun 2015.
- BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Lei n. 9.424, de 24 de dezembro de 1996b. Disponível em: [http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/19424\\_96.htm](http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/19424_96.htm). Acesso: 15 jun 2015.
- BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. LEI No 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm). Acesso: 15 jun 2015.
- CAMARGO, D. M. P. **Mundos Entrecruzados: Formação de Professores Leigos**. Campinas/SP: Editora Alínea, 1997.

CURY, F. G. **Uma história da formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins**. 2011. 255 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – IGCE, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

ESCRIBANO, Francisc. **Descalço sobre a terra vermelha**. São Paulo: Editora Unicamp, 2000.

FERREIRA, J.C.V. **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá- Secretaria de Estado de Educação, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 21ª Ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 42ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, S. M de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FLUGGE, F. C. G. **Potencialidades das narrativas para a formação inicial de professores que ensinam matemática**. 2015, 255f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2015.

GAERTNER, R.; BARALDI, I, M. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. **Bolema**, Rio Claro, v.21, n.30, p. 47-61. 2008.

GARNICA, A. V. M. Analisando Imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares. **BOLEMA** (Rio Claro), v. 23, n. 35A, p. 75-100, 2010.

GARNICA; SOUZA, Luzia Aparecida. **Elementos de História e de Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, Unesp, 2012.

GARNICA, A. V. M. **Cartografias Contemporâneas**: Mapear a Formação de Professores de Matemática. In GARNICA, A. V. M. (org.). **Cartografias Contemporâneas**: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. P. 39-66. Curitiba-PR: Appris, 2014.

GENTIL, H. S. **Formação Docente: No balanço da rede entre políticas públicas e movimentos sociais**. 2002. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Faced/UFRGS, Porto Alegre, 2002.

GENTIL, H. S. **Identidades de Professores e Rede de Significações- configurações que constituem o “nós, professores”**. 2005. 302 f. Tese (Doutorado) – Faced/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

GHOEM – GRUPO HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. Sobre o Ghoem. Bauru, 2015. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/ghoem/index.php?pagina=sobre.php>>. Acesso em: 30 out. 2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mato Grosso:** ensino, matrículas, docentes e rede escolar. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/mato-grosso|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar> 2012.. Acesso em: 10 jun. 2015.

IBGE- - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mato Grosso:** Disponível em :<<http://vamoscontar.ibge.gov.br/recursos/informacoes-municipais/mato-grosso>>. Acesso em: 13/03/2015

MACENA, M. M. M. **Sobre Formação e prática de professores de matemática:** estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB). 2013. 369f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

MARTINS-SALANDIM, M.E. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo:** Um exame da década de 1960.2012. 357f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

Mato Grosso. SEPLAN-MT- SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO. **Dimensões regionais do planejamento.** 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.seplan.mt.gov.br/planejamento/download>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MATO GROSSO. **Boletim Alvorada.** 1975.

MATO GROSSO. **Lei Ordinária de 13 de maio de 1986.** Cria o município de Porto Alegre do Norte, desmembrado dos Municípios de Luciara e São Felix do Araguaia. Disponível em <[www.al.mt.gov.br/busca\\_legislacao](http://www.al.mt.gov.br/busca_legislacao)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MATO GROSSO. **Lei Ordinária de 18 de agosto de 1998.** Dá nova redação ao Artigo 2º da Lei nº 5.010, de 13.05.86, que criou o Município de Porto Alegre do Norte. Disponível em <[www.al.mt.gov.br/busca\\_legislacao](http://www.al.mt.gov.br/busca_legislacao)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MATO GROSSO. **Lei Ordinária de 03 de maio de 1988.** Eleva à categoria de Município, com o nome de Ribeirão Cascalheira, o Distrito do mesmo nome, desmembrado dos Municípios de Canarana e São Félix do Araguaia. Disponível em <[www.al.mt.gov.br/busca\\_legislacao](http://www.al.mt.gov.br/busca_legislacao)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MATO GROSSO. **Lei Ordinária de 04 de março de 1980.** Eleva à categoria de Município, com o nome de Santa Terezinha, o Distrito do mesmo nome, desmembrado do Município de Luciara. Disponível em <[www.al.mt.gov.br/busca\\_legislacao](http://www.al.mt.gov.br/busca_legislacao)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MATO GROSSO. **Lei Ordinária de 13 de maio de 1986.** Cria o Município de Vila Rica, desmembrado do Município de Santa Terezinha. Disponível em <[www.al.mt.gov.br/busca\\_legislacao](http://www.al.mt.gov.br/busca_legislacao)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MATO GROSSO. **Lei Complementar de 15 de dezembro de 1993.** Cria a Universidade do Estado de Mato Grosso e extingue a Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso. Disponível em <www.al.mt.gov.br/busca\_legislacão>. Acesso em 17 jun. 2015.

MORAIS, M. B. **Peças de uma história:** formação de professores de matemática na região de Mossoró (RN). Dissertação de Mestrado em Educação Matemática - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2012.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de Matemática:** (im)possibilidades de leitura. Rio Claro, 2006. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

ROSA, Erica Aparecida Capasio Rosa. **Professores que ensinam matemática e a inclusão escolar:** algumas apreensões. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2014.

ROSA, Fernanda Malinosky Coelho da. **Professores de Matemática e a Educação Inclusiva:** análises de memoriais de formação. 2013. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2013.

SILVA, M. dos S. **Sobre a Formação de professores das séries iniciais na região de São José do Rio Preto - SP na ocasião dos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério (Cefam).** 2015. 353f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

SOARES, I.M. **A Formação do Professor em exercício: Uma análise da Licenciatura Plena Parcelada em Matemática da Unemat-MT.** 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2005.

SOUSA, J. **A construção da identidade profissional do professor de matemática no Projeto Licenciaturas Parceladas da Unemat-MT.** 2009. 287 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – PUC/SP , 2009.

SOUZA, R.F de. Fotografias Escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**, n.18, p.75-101,2001.

STRENTZKE, I. **Inajá homem-natureza e geração tucum: uma análise da proposta pedagógica de 1987 a 2000.** 2011 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMT, Mato Grosso, 2011.

SZUBRIS, Elisandra Benedita. **Cáceres e região:** nomes que fazem história, 2014. 92f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

TIZZO, V.S. **A história oral como uma abordagem didático-pedagógica na disciplina política educacional brasileira de um curso de licenciatura em matemática.** 2014,345 f. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, 2014.



TOILLIER, J. S. **A formação do professor (de matemática) em terras paranaenses inundadas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – IGCE, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

UFMT Revista eletrônica Documento/Monumento [recurso eletrônico] v. 4, n1 (julh2001) - Cuiabá. **O Araguaia Mato-grossense a partir da década de 1970: desenvolvimento a qualquer custo. A imposição do progresso pela violência**. Autores: Luciene Aparecida Castravenchi; Maria Henriqueta dos Santos Gomes; Vitale Joanoni Neto. Acesso em: 10 jun. 2015.

VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – ROTEIRO E FICHAS DAS ENTREVISTAS

#### **Roteiro usado com depoentes antes das fichas.**

Fale um pouco de você: nome completo, naturalidade, data de nascimento, onde estudou, como se tornou professor de matemática.

O que você sabe sobre o projeto INAJÁ? Municípios atendidos, como era a metodologia difundida pelo curso, qual foi seu papel no curso, como era a educação no seu município, à época do curso?

Inajá I e Inajá II consegue saber se existiu algum diferencial entre eles? Qual ano que realizou o curso?

Segundo sua percepção, o Bispo Pedro Casaldáliga e o Padre Jentel foram importantes para a educação da região? O que pode falar sobre eles? A Igreja católica influenciou esse projeto? Como?

Os conflitos de terras da época interferiam na educação?

Descreva como foi o curso de matemática no Inajá. O currículo e metodologia ofertada a aos cursistas eram diferentes das que conhecia? As disciplinas do curso eram diferenciadas? O que lembra em especial da disciplina de Matemática?

Tem conhecimento se os cursistas levavam a matemática aprendida no curso para a sala de aula?

Consegue lembrar de pessoas que foram fundamentais para a educação na época? Vieram de onde? Como professores colegas

Como avalia o curso Inajá? Ele tem o apelido de semente das Parceladas. Como você entende esse processo e quais as influências para/na a educação do médio Araguaia?

Você fez parceladas de Matemática em qual polo? E quando aconteceu? Como era o formato do curso?

Os professores que atuavam nas parceladas de onde viram e quando vieram? Consegue citar alguns nomes?

Atua como professor de matemática até os dias de hoje?

Fez algum curso depois que finalizou a graduação?

**APÊNDICE B – FICHAS TEMÁTICAS**

Apresentação pessoal (nome completo data de nascimento, escolaridade, onde se graduou pós etc.)

Cotidiano da cidade em que cresceu

Família; Infância

Conflito de terra e Educação no Araguaia.

Sobre a Guerrilha lembra-se de algo.

Política x Educação na região.

Igreja x Educação no Araguaia.

Fale do Projeto Inajá (sua atuação, foi aluno, professor, monitor?)

Pessoas que foram importantes para a educação no Araguaia na época.

Sua formação.

Disciplinas e professores marcantes na graduação?

Como foi a disciplina de matemática em especial?

Primeiro contato com o ensino em educação básica como docente?

E em ensino superior quando e onde iniciou a docência?

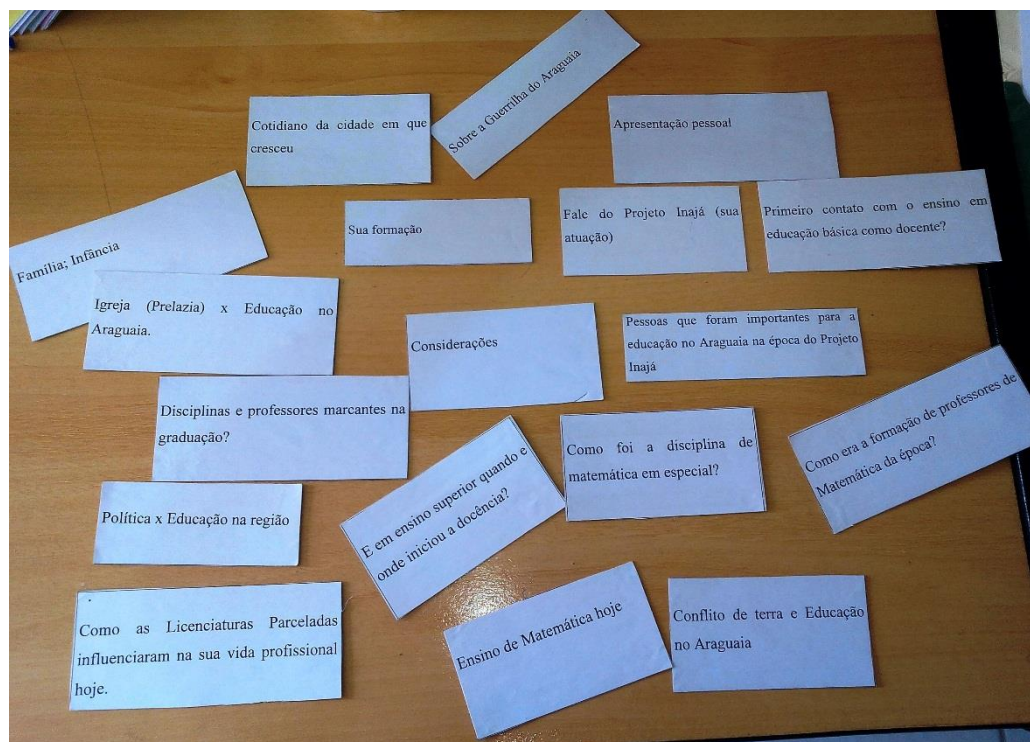
Formação de professores de Matemática da época?

Ensino de Matemática hoje

Como as Licenciaturas Parceladas influenciaram na sua vida profissional hoje

Considerações.

**Figura 56:** Fichas confeccionadas e usadas em algumas entrevistas.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

## APÊNDICE C – CARTAS DE CESSÃO

## CARTA DE CESSÃO

Eu, Maria Bonfim Sousa Torres,  
RG 995594 SSP/DF, declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto  
Moreira, RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da  
entrevista que lhe concedi em 05/ Abril 2014, sobre a textualização do  
registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das  
imagens e documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a  
entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Williane Barreto Moreira, que  
tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

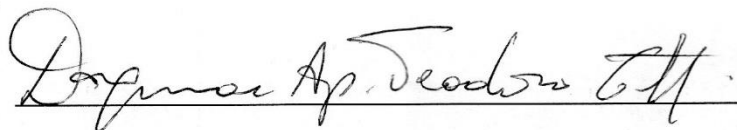
Barra do Góes, 28 de Dezembro de 2014.

Maria B. S. Torres  
Assinatura

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, DAGMAR APARECIDA TEODORO GATTI, RG 9768292-5 SSP/SP, declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto Moreira, RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 10 /04/2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Williane Barreto Moreira, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Santa Terezinha, 12 de julho de 2015.

A handwritten signature in black ink, reading "Dagmar Ap. Teodoro Gatti", written over a horizontal line.

Assinatura

## CARTA DE CESSÃO

Eu, Dulce Maria Pompêo de Camargo,  
RG 3551911-3 (SP), declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto  
Moreira, RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da  
entrevista que lhe concedi em 12 de maio de 2014, sobre a textualização do registro oral  
que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e  
documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e  
transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Williane Barreto Moreira, que tem a sua  
guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Campinas, 01 de junho de 2015.

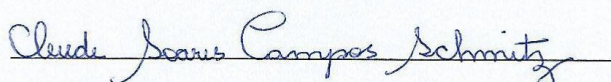
Dulce Maria Pompêo de Camargo

Assinatura

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, CLEUDE SOARES CAMPOS SCHMITZ, RG 1359620-9/SSP/MT, declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto Moreira, RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 05 de julho de 2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Williane Barreto Moreira, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Vila Rica, 13 de junho de 2015.



Assinatura



CARTA DE CESSÃO

Eu, LUIS CARLOS PEREIRA PAIVA, RG – 1163024-8 - MT, declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto Moreira, RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos

CARTA DE CESSÃO

Eu, Jarbas Costa Sales  
RG 1.684.915/DGPC/GC declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto Moreira, RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 10 de julho de 2014, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Williane Barreto Moreira, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Barral do Garças de maio de 2015.

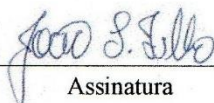
Jarbas Costa Sales

Assinatura

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, JOÃO SEVERINO FILHO,  
RG: 1.582.438 SSP/GO, declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto Moreira,  
RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista  
que lhe concedi em 26 de agosto de 2014, sobre a textualização do registro oral que me  
foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a  
ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la,  
ficando vinculado o controle a Williane Barreto Moreira, que tem a sua guarda, ou a  
outro que ela possa vir a determinar.

Rio Claro, SP, 21 de julho de 2015.

  
Assinatura

**CARTA DE CESSÃO**

Eu, LUIS CARLOS PEREIRA PAIVA, RG – 1163024-8 - MT, declaro para devidos fins ceder a Williane Barreto Moreira, RG 816565-3, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 15 de abril de 2015, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Williane Barreto Moreira, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

São Paulo, 10 de agosto de 2015.



---

Assinatura



**CARTA DE CESSÃO**

Eu, Eunice Vias de Paula  
\_\_\_\_\_, RG 5263 376-7 SSP.SP, declaro para  
devidos fins ceder a Williane Barreto Moreira, RG 816565-3, sem  
quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da  
entrevista que lhe concedi em 01/ setembro / 2015,  
sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada,  
conferida e por mim legitimada e também das imagens e  
documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros  
a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a  
Williane Barreto Moreira, que tem a sua guarda, ou a outro que  
ela possa vir a determinar.

gorânia, 01 de setembro de 2015.

E. Paula

Assinatura



**ANEXOS****ANEXO A – POEMA DE LUIZ GOUVEIA****Poema do Luiz Gouveia  
Inajá, Inajá, Inajá**

É a planta que cresce  
é o vento no morro  
é o sol que ilumina  
é água no rio  
é o caminho  
é o luar.

É o bicho da mata  
é a ave no céu  
a barata o grilo  
o vírus o verme  
é o peixe a nadar.

É o espaço é o tempo  
a pedra o aço  
o descanso o cansaço  
o tambor o radar.

É a roça é a casa  
a enxada o arado  
é a vara o esquadro  
é o fuso é o tiar.

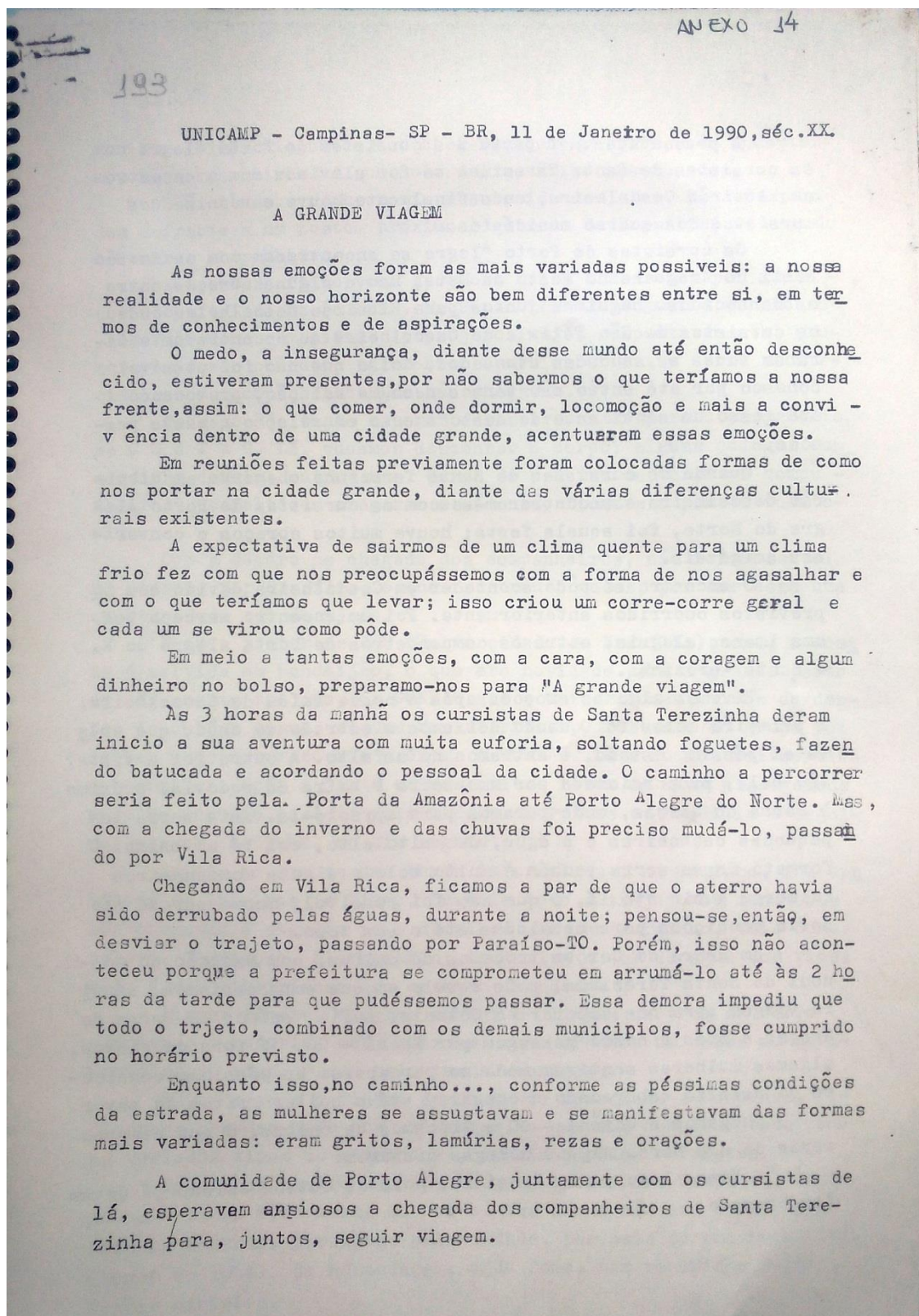
é o conta é a conta  
o giz, genipapo  
saber do doutor  
é saber popular.

É a comunidade  
são professores  
os pais dos alunos  
menino, menina  
é um pensamento  
querendo voar..

(autor: Luiz Gouveia de Paula)

**ANEXO B – RELATÓRIO FEITO DA GRANDE VIAGEM A CAMPINAS**

Relatório feito pelos alunos



A preocupação por parte dos cursistas de Porto Alegre com os cursistas de Santa Terezinha só foi aliviada com o encontro em Ribeirão Cascalheira, onde finalmente houve a reunião dos cursistas dos quatro municípios.

Os cursistas de Porto Alegre se encontraram com os de São Félix do Araguaia no Posto da Mata, houve alguns abraços entre os conhecidos. Seguimos juntos para Ribeirão Cascalheira onde os cursistas de São Félix e de Cascalheira se encontraram e tiraram todas as saudades atrasadas, coisa que não foi possível conosco por até então não termos nenhuma relação, provocando até mesmo um sentimento de deslocamento em relação a essas pessoas.

Quando os cursistas de Santa Terezinha chegaram em Ribeirão Cascalheira e encontraram-se com os cursistas de Porto Alegre do Norte, foi aquela festa; houve muitos abraços e conversas amigáveis.

O encontro só pôde acontecer em Cascalheira devido aos imprevistos ocorridos anteriormente. Foi um encontro marcado por uma imensa alegria, entre os companheiros de Porto Alegre do N. e Santa Terezinha.

Tivemos algumas emoções após a nossa saída de Cascalheira: A primeira delas foi quando deixamos a estrada de chão, que estava em péssimo estado, e entramos no asfalto. A outra foi a vista, tão bela, proporcionada por uma serra à beira da rodovia, próxima à Barra do Garças, onde paramos para apreciá-la. Esta serra tem pequenas cachoeiras e a água, de muito alto, cai lá em baixo. O formato dessa serra também é muito belo e alguns companheiros quiseram subir até lá, o que não foi possível, mesmo porque não havia condições para escaladas até o seu topo.

Em Barra do Garças trocamos de ônibus, com exceção do pessoal de Santa Terezinha, pois aquele em que embarcávamos, seguiu a viagem para nos esperar em Goiânia. Enfim, saímos de Barra do Garças e após a nossa passagem por Iporá - GO, já fora da cidade, algumas mulheres sentiram medo ao perceberem as péssimas condições do asfalto esburacado e chegaram até a soltar gritos de pavor.

Chegamos a Goiânia - GO e trocamos de ônibus, o que demorou cerca de uma hora. Alguns colegas disseram:

- Vamos logo para Brasília, pois os outros ônibus já devem ter passado.



Seguimos viagem, e, ao chegarmos em Brasília, não encontramos os companheiros o que nos deixou muito preocupados.

Não sabíamos o que havia acontecido com eles. Ficamos parados defronte a um posto, próximo à entrada de Brasília, esperando os outros companheiros.

Estávamos aflitos com a demora deles e ansiosos por conhecer a capital do nosso País. Enquanto isso, a Dagmar e o Calouro (coordenadora e monitor, do projeto Inajá, respectivamente) procuravam fazer contatos telefônicos para saber o que teria acontecido com os companheiros que não chegavam...

Cansamos de tanto esperar e resolvemos ir para o alojamento, na C O N T A G. Lá, pudemos descansar o corpo; alguns colegas conseguiram dormir, outros não. Cerca de 5 horas da tarde os companheiros que faltavam chegaram e aí então ficamos a par do acontecido.

Com a demora na chegada dos companheiros, não foi possível um passeio por Brasília, o que frustrou a todos, por ser essa uma oportunidade tão desejada.

Fomos jantar na UNB (Universidade de Brasília), onde a comida é servida no bandeirão, o que era novidade para a grande parte de nós, neste trajeto, da CONTAG até a Universidade, vimos de dentro do ônibus mesmo, alguns Ministérios. O restante do grupo foi jantar numa churrascaria próxima à CONTAG. Lá a comida foi servida no marmitex. Após a janta um dos ônibus levou os seus passageiros para um pequeno passeio pela cidade. Dormimos em Brasília e seguimos viagem, cedinho, no dia seguinte.

Saímos ao som de uma banda infernal que, no caminho, foi apelidada de Inimigos do Ritmo. Durante todo o trajeto os monitores nos chamavam a atenção para detalhes que iam surgindo, tais como: relevo, vegetação, hidrografia, inclusive a cor da água dos rios, além áreas ribeirinhas que estavam inundadas.

Alguns ficaram alegres ao ver as linhas de trem de ferro margeando a rodovia, mas, queriam mesmo era ver um deles em movimento sobre elas, o que mais tarde aconteceu.

Durante toda a viagem desde Santa Terezinha a Campinas, fi-diversas paradas para nos alimentar, o que era complementado com os variados tipos de alimentos, trazidos pelos cursistas.

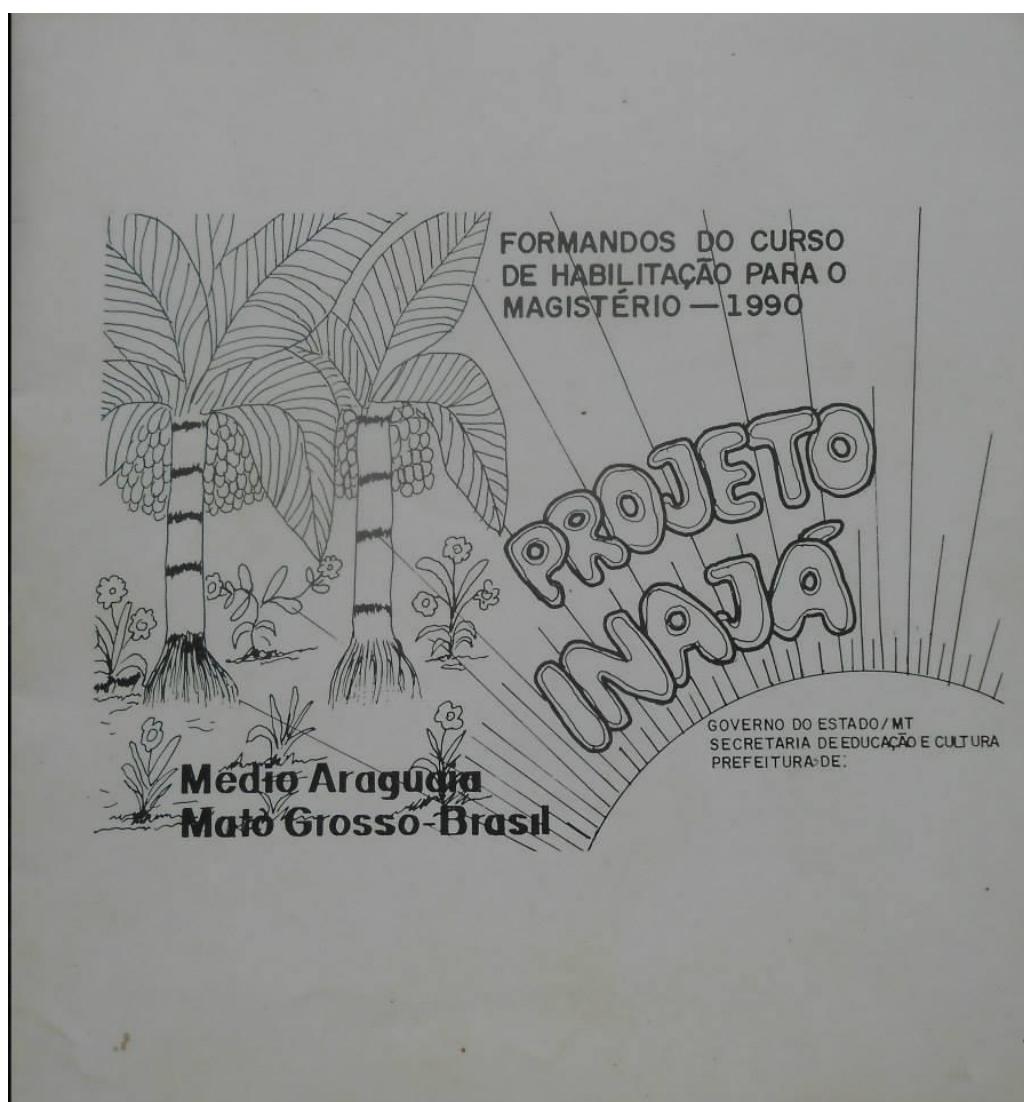
Depois de quatro dias de viagem, chegamos a Campinas. Eram pouco mais de oito horas de noite. Mas ainda não era o fim, pois ficamos andando, perdidos, pela cidade, por mais de uma hora, até chegar ao local de hospedagem, onde fomos bem recebidos pelos Irmãos Maristas.

196

Depois do cansaço da viagem, banhámos e dormimos, com a expectativa de, sem hora marcada, acordar no dia seguinte para novas descobertas.

Grupo IX    Ronaldo Tapirapé - Paula Vanucci  
              Joana Saira        - Valmir B. de Souza  
              Iremar M. da Silva - Sônia Noleto Silva  
              Coord. Joana Saira  
              Redator: Iremar M. da Silva

## ANEXO C – CONVITE INAJÁ I COM NOME DOS PARTICIPANTES DO CURSO



### **CONVITE**

*Todos os Formandos e a Coordenação do Projeto Inajá convidam V. Exa. e Família para as solenidades da formatura na semana de 15 a 20 de outubro programação em anexo.*

*"Há que se cuidar do broto  
prá' que a vida  
nos dê flor  
e fruto"*

*(Milton Nascimento)*

*Na esperança de que este país  
se abra para recriar e viver o nosso sonho.*

*À*  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DE**  
**MATO GROSSO**

**-Prefeitura de:**

- . *Porto Alegre do Norte*
- . *Santa Terezinha*
- . *São Félix do Araguaia*

- *Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP*
- *Nação Tapirapé*
- *Associação Nossa Senhora de Assunção*

*“o enorme RECONHECIMENTO dos formandos do Projeto Inajá por vocês estarem cumprindo o dever de proporcionar às pessoas uma educação, onde a escola seja o mundo, as estrelas, a mata, o rio, a biblioteca, enfim, o grande Laboratório da Vida.”*

*Homenagens Especiais...*

*Ao paraninfo da turma*  
*. Prof. Carlos Alfredo Arguello*

*À Coordenadora Pedagógica*  
*. Prof<sup>a</sup> Marineusa Gazzetta*

*Aos Coordenadores Regionais*  
*. Dagmar Aparecida Teodoro Gatti*  
*. Leis Carlos Pereira de Paiva*

*Ao Secretário de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso*  
*. Dr Valter Albano da Silva*

*Aos Professores...*

- pela sensibilidade em nos ouvir e entender*
- pela capacidade de nos orientar na busca de respostas às nossas indagações;*
- pelo exercício conjunto e constante da pesquisa e observação.*

*AOS MONITORES,*

*Companheiros constantes nos árduos caminhos do trabalho diário,*

*Nossos agradecimentos por nos terem ajudado a manter viva a certeza de chegar até aqui e de nunca parar onde chegamos:*

- . Antonio Eliseo Gobatto*
- . Dagmar Aparecida Teodoro Gatti*
- . Elaine Italia Chiacheta*
- . Eunice Dias de Paula*
- . Gilmar Vila*
- . Heloisa Sales Gentil*
- . Joídes Januário de Miranda*
- . João Severino Filho*
- . Luís Carlos Pereira de Paiva*
- . Luisa Lira Amorim*
- . Luiza Silva Monteiro*
- . Manuel Pereira Pinto*
- . Nair Barbosa de Souza*
- . Roberto Alves de Almeida (calouro)*
- . Rosália dos Santos Moares de Aguirre*
- . Ozanete de Medeiros*
- . Terezinha Gomes de Lima*



**PROFESSORES:**

*Adão cardoso*  
*Antonio José Marques Bettencourt*  
*Carlos Alfredo Argüello*  
*Cleniter Luzia de Carvalho Russi*  
*Dulce Maria Pompeu de Carmargo*  
*Eduardo Sebastiani*  
*Elvira Cristina Azevedo Souza Lima*  
*Ernesta Zamboni*  
*Everton Cardoso Borges*  
*Judite Gonçalves de Albuquerque*  
*Leôncio José Gomes*  
*Marcelo Firer*  
*Marcos Cesar Dagnone Neves*  
*Margarida Cecília Nogueira Rocha*  
*Maria Jucinete de Souza*  
*Maria Otacília Lima Battisteli*  
*Marineusa Gazzetta*  
*Maurício Correia Leite*  
*Neusa Maria de Souza Mesquita Félix*  
*Robeni Baptista Mamizuka*  
*Roseli Alvarenga*  
*Vera Lúcia Falange de Rossi*  
*Vicente Carichio*

*AOS*

*Nossos Familiares  
Moradores nossos vizinhos  
Pais de Alunos  
Alunos e  
Amigos*

*“uma HOMENAGEM carinhosa”*

- pelo diálogo sempre presente, base essencial e ponto de partida do saber que juntos construímos;*
- pela cooperação e solidariedade com que participaram do nosso projeto.*

## **PROGRAMA**

### ***Dia 15***

*09:00 horas - Abertura das solenidade da formatura*

*- Início do Seminário Reflexões sobre Educação Realidade e Sociedade com a presença do educador e escritor Rubens Alves.*

*Local - Escola Estadual de 1º Grau "Tancredo Neves"*

*14:00 horas - Seminário com Rubens Alves*

*Local - Escola Estadual de 1º Grau "Tancredo Neves"*

### ***Dia 16 e 17***

*Das 08:00 às 12:00 - Seminário com Rubem Alves*

*Local - Dia 16 - Centro Comunitário*

*Dia 17 - Escola Estadual de 1º Grau "Tancredo Neves"*

*20:00 horas - Amostra de slides, show artístico dos formandos do Projeto Inajá no Centro Comunitário*

**Dia 18**

*Feira de Ciências e exposições de trabalhos dos formandos e de seus alunos.*

**Horário**

*Abertura - 09:00 horas (manhã)*

*Local Centro Comunitário*

**Dia 19**

*Debate: Criação do Núcleo Interdisciplinar de Ciências da Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres - FCESC.*

*Local - Aquarius*

*Participação - FCESC*

*- Secretaria de Educação e Cultura, MT*

*- UNICAMP - NIMEC*

*- Pregeitos e Secretários de Educação do Médio Araguaia*

*- Formandos do Projeto Inajá*

*- Professores e Diretores de Escola*

*- Fundação Cultural de Mato Grosso*

*Mediadora do Debate - Prof<sup>ª</sup> Marineusa Gazzetta*

*Celebração ecuménica com a participação da Assembléia de Deus e da Igreja Católica*

*Local - Aquarius*

*Horário - 20:00 horas*

*Dia 20*

*Solenidade da Colação de Graus*

*Local - Aquarius*

*Horário - 19:00 horas*

*22:00 horas - Baile*

*Local - PADAKÁ*

***FORMANDOS - SANTA TEREZINHA***

*Ageo Valzido Alves Luz*

*Alberto Orokomy'I Tapirapé*

*Ana Cardoso Gomes*

*Cleuza Pereira Luz*

*Davi Vieira dos Santos*

*Delzuita Bezerra Pimentel*

*Domingos José dos Santos*

*Doralice Lacerda dos Reis*

*Edgar Pereira Morais*

*Elita da Cruz Morais*

*Evaldo Santos Resplande*

*Francisco Vieira e Silva*

*Iremar Martins da Silva*

*Joana Saira Souza Torres*

*Joenildes Rocha Siqueira*

*Kamoriwa'I Elber Tapirapé*  
*Luzia Coelho Pereira*  
*Maria de Anunciação Barroso Pinto Trindade*  
*Maria do Bomfim Souza Torres*  
*Maria Ferreira Bezerra*  
*Maria Paula de Freita Vanucci*  
*Maria Rita Bezerra Reis*  
*Marinaldo Pereira de Abreu*  
*Maristela Sousa Torres*  
*marlúcia Pinto Cirqueira*  
*Nilva Coelho*  
*Rodrigo Pereira Luz*  
*Ronaldo Komaoro'I Tapirapé*  
*Sebastião Souza Lima*  
*Sônia Noletto Silva*  
*Sueli Rodrigues Correa*  
*Valmerice Pinto Cirqueira*

**FORMANDOS - PORTO ALEGRE DO NORTE**

*Agenora Moraes da Silva  
 Abílio Neto Rodrigues da Silva  
 Alda Cardoso de Oliveira  
 Antonia Dias dos Santos  
 Djalma Francisco de Sousa  
 Elizabeth Pereira da Silva  
 Elza da Silva Lima*

*Eurivam Alves Moraes  
 Francisca Dias Glória  
 Izaurina Rodrigues de Souza  
 José Pereira Marinho  
 José Pereira Vasconcelos  
 Jurandina Barbosa Sales  
 Laurinda Rodrigues de Souza  
 Lauro Pinheiro Rosa*

*Luiza Barbosa dos Santos Nascimento  
 Maria do Carmo Mendes Silva Tavares  
 Maria de Jesus Pereira Tavares  
 Maria Lucia Pereira da Silva  
 Maria de Lurdes Coelho Lima  
 Marina Dezidério Gonçalves  
 Marineiz Gomes da Luz Brito  
 Marinete de Fátima Siqueira Dias Ribeiro  
 Mariquinha Gomes da Silva  
 Marisete Saraiva da Silva  
 Martinha de Andrade de Viana*

*Noemi Dias Testoni  
 Rael Coêlho Gomes  
 Tereza Antônio Rosinato  
 Uátimo Campos da Silva  
 Valmir Barbosa de Souza*

JURAMENTO

### *FORMANDOS - SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA*

<i>Alderina Pereira da Cruz Silva</i>	<i>Maria Aparecida Ferreira Rocha</i>
<i>Amélia Gomes de Aguiar</i>	<i>Maria de Fátima Barbosa Luz</i>
<i>Antonio Soares da Silva</i>	<i>Maria de Fátima Pereira Costa</i>
<i>Ariolino Jorge de Sousa</i>	<i>Maria de Jesus Nascimento Gama</i>
<i>Daíde Teixeira da Costa</i>	<i>Maria de Jesus Pereira Gomes</i>
<i>Deuserina Barreira Machado</i>	<i>Maria Nascimento da Silva</i>
<i>Edinalva Oliveira Rego</i>	<i>Maria da Paz Barros</i>
<i>Elcy Cândida Morais</i>	<i>Maria Shirley Luz Brito</i>
<i>Ercília Pereira da Costa</i>	<i>Maria do Socorro de Sousa França</i>
<i>Floracy Rodrigues da Silva</i>	<i>Mariluse Noletto Guimarães</i>
<i>Florinda Abadia de Souza Costa</i>	<i>Maurina Luz dos Santos</i>
<i>Gezy Gomes Braga</i>	<i>Minervina Pereira Brito</i>
<i>Iolanda Rocha de Abreu</i>	<i>Neusa da Silva Carvalho</i>
<i>Iracema Adorno Dias</i>	<i>Neusa Pereira Maranhão</i>
<i>Joana Alves Guimarães</i>	<i>Nilda Alves de Lima</i>
<i>Joana Dark de Oliveira Pinheiro</i>	<i>Nilza Pereira Maranhão</i>
<i>Lauro Pereira da Silva</i>	<i>Raimunda Batista Pereira Louzeiro</i>
<i>Luzia Brito Campos</i>	<i>Rosimeiry Alves Dutra</i>
<i>Luzia Jorge Soares</i>	<i>Valde Alves dos Santos</i>
<i>Maria Anita da Cruz Nascimento</i>	<i>Valdivino Barreira de Oliveira</i>



*FORMANDOS - RIBEIRÃO CASCALHEIRA*

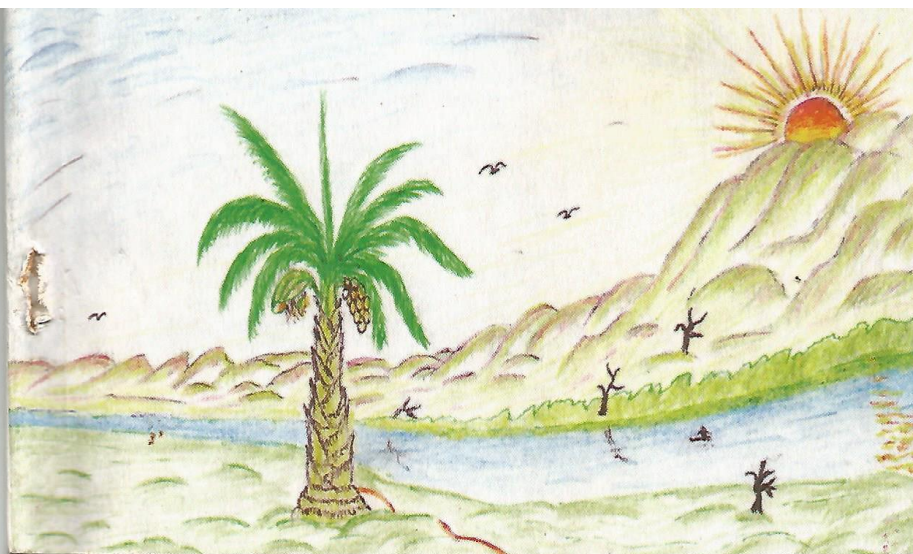
*Antonia de Paula Soares  
Arlene Rodrigues Menezes  
Delzuita de Castro Gomes  
Domingos Soares Cavalcante  
Fátima Julião Soares  
Francisca Maria da Costa  
Francisco Batista de Melo  
Francisco Corado da Silva*

*Ilaine Dick  
Lindaci Pereira de Sousa  
Lindauro Pereira de Brito  
Manoel Bonfim Adorno Assis  
Maria Fereira de Brito  
Maria Rosa Paula Soares  
Rosilda Noronha da Silva  
Valderina Soares Cavalcante*

### **JURAMENTO**

- juro no exercício do Magistério, **contribuir** para que todas as crianças tenham respeitado o seu direito à escola gratuita e de boa qualidade;  
fazer com que o ensino promova a compreensão da realidade e provoque as mudanças necessárias ao bem-estar de todos;  
e, sabendo que “a vida se prepara com a vida”, juro preparar-me constantemente para descobrir, na vivência da criança, o conteúdo básico do trabalho profissional.  
Que Deus nos ajude a cumprir este juramento Solene!

## ANEXO D – CONVITE INAJÁ II COM NOME DOS PARTICIPANTES DO CURSO



**FORMANDOS DO CURSO DE HABILITAÇÃO  
PARA MAGISTÉRIO - 1993/96**

PROJETO INAJÁ II

**MÉDIO ARAGUAIA  
MATO GROSSO - BRASIL**

GOVERNO DO ESTADO  
DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO  
DE EDUCAÇÃO

PREFEITURAS MUNICIPAIS DE:  
CONFRESA - LUCIARA  
RIBEIRÃO CASCALHEIRA  
VILA RICA - SANTA TEREZINHA

DESENHO DA CAPA: ANTÔNIO ALVES EVANGELISTA - CONFRESA - MT

"Preciso de serenidade para aceitar as coisas que  
não posso mudar.

Preciso de coragem para mudar o que posso e  
sabedoria para conhecer a diferença".

R. NIEBUHR

Na esperança de que este país se abra  
para recriar e viver o nosso sonho.

## CONVITE

**TODOS OS FORMANDOS E A COORDENAÇÃO DO PROJETO INAJÁ II, CURSO MAGISTÉRIO, sentem-se honrados em convidar V. Exa. e Família para participar das solenidades de formatura, de 13 a 15 de dezembro conforme a programação.**

**"Seria bom se todos os seres humanos descobrissem que o mais importante é descobrir que há muito a ser descoberto."**

## **À SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO**

**PREFEITURAS DE:  
CONFRESA - LUCIARA - VILA RICA  
RIBEIRÃO CASCALHEIRA  
SANTA TERÉZINHA**

- Universidade Estadual de Campinas UNICAMP - SP
- Associação de Educação e Assistência Social. Nossa Senhora da Assunção.
- Prelazia de São Félix do Araguaia.
- Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

**"O enorme reconhecimento dos formandos do Projeto INAJÁ II por vocês estarem cumprindo o dever de proporcionar às pessoas uma educação, onde a escola seja o mundo, as estrelas, a mata, o rio, a biblioteca, enfim, o grande LABORATÓRIO DA VIDA".**

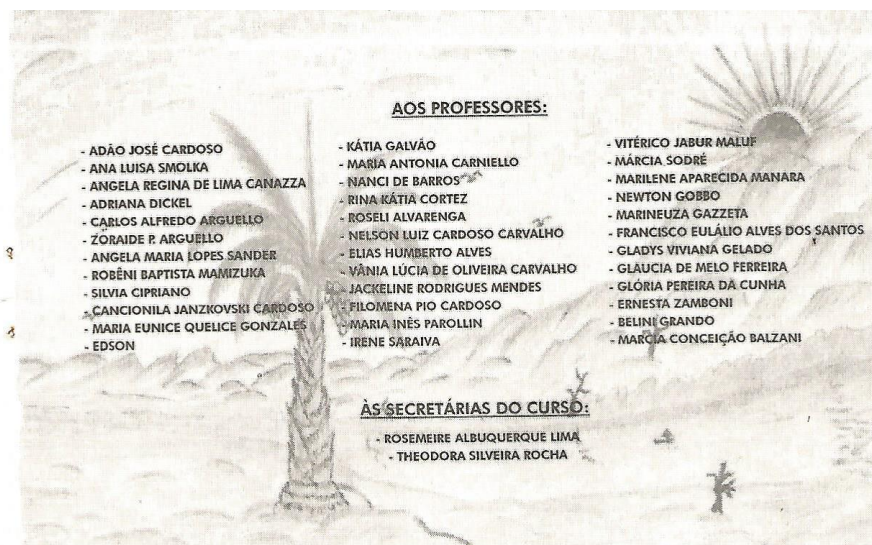
## **HOMENAGENS E AGRADECIMENTOS**

### AOS COORDENADORES:

- |                                   |                            |                           |
|-----------------------------------|----------------------------|---------------------------|
| - DULCE MARIA POMPEO DE CAMARGO   | - ELAÍDE ARAÚJO DOS SANTOS | - GILMAR VILLA            |
| - JUDITE GONÇALVES DE ALBUQUERQUE | - ADÃO JOSÉ CARDOSO        | - ANA MARCIA L. RODRIGUES |
| - DAGMAR APARECIDA TEÓDORO GATTI  | - CARLOS ALFREDO ARGUELLO  | - TADEU BUZANELLO         |

### AOS SUPERVISORES:

- |                                   |                             |                                    |
|-----------------------------------|-----------------------------|------------------------------------|
| - VALMERIC PINTO CIRQUEITA        | - AGENORA MORAIS DA SILVA   | - FLORINDA ABADIA S. COSTA         |
| - DELZUITA BEZERRA PIMENTEL       | - EDSON PEREIRA BARBOSA     | - MARISTELA SOUSA TORRES           |
| - NAIR BARBOSA DE SOUSA           | - ILIANE TEREZINHA MULLER   | - CHRISTIANE IREBALDINA DE FREITAS |
| - MARIA LÚCIA BARBOSA DE OLIVEIRA | - REGINA CÉLIA CLÁUDIO      | - RAIMUNDO SOARES DE SOUSA         |
| - RONALDO KAMAORO TAPIRABÉ        | - FERNANDO DE FRANÇA NUNES  | - MARLI PROLO DE ALMEIDA           |
| - LEILIANE ROSA PIRES             | - MÁRCIO FERNANDO R. ARAÚJO | - ISOIRA INÊS PALUDO               |



Pelo desempenho do nobre papel na organização e desenvolvimento do Projeto INAJÁ II e no auxílio de nossos trabalhos durante o curso, e ...

- Pela sensibilidade em nos ouvir e entender;
- Pela capacidade de nos orientar na busca de respostas às nossas indagações;
- Pelo exercício conjunto e constante da pesquisa e observação.

Aos Nossos Familiares  
Moradores - Nossos Vizinhos  
Pais de Alunos  
Alunos e amigos

"Uma HOMENAGEM carinhosa"

- Pelo diálogo sempre presente, base essencial e ponto de partida do saber que juntos construímos;
- Pela cooperação e solidariedade com que participaram do nosso projeto.

A vocês que compartilharam os nossos ideais e os alimentaram incentivando-nos a prosseguir na jornada, fossem quais fossem os obstáculos. E também aos que já se foram desta vida e que mantiveram sempre ao nosso lado.  
Dedicamos a vocês nossa conquista com a mais profunda admiração e respeito.

## HOMENAGENS ESPECIAIS

### AOS PARANINFOS DA TURMA

Luciara  
- ABI ROQUE DE LIMA  
- GIOVANA ROQUE DE SOUZA

Ribeirão Cascalheira  
- RAIMUNDO SOARES DE SOUZA  
- MARLI PROLO DE ALMEIDA

Santa Terezinha  
- ANTÔNIO TADEU MARTIM ESCAME  
- DAGMAR APARECIDA TEODORO GATTI

Confresa  
- GASPAR DOMINGOS LAZARI  
- EDITE CARDOSO

Vila Rica  
- PAULO DE SOUZA DUARTE  
- ANA MÁRCIA L. RODRIGUES

Ao Secretário de Educação e Cultura de Mato Grosso  
Prof. CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO

Ao Secretário da Fazenda do Estado de Mato Grosso  
Prof. VALTER ALBANO DA SILVA

## COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO



## PROGRAMAÇÃO

**DIA:** 13/12

**8:00 hs.** - Abertura das solenidades da formatura.  
- Início da palestra sobre "Educação e Sociedade"  
com a presença da educadora e escritora  
Ana Lúiza Smolka  
UNICAMP - SP

**LOCAL:** Salão da Assembléia de Deus.

**14:00 hs.** - Continuação da palestra sobre "Educação e Sociedade".  
**LOCAL:** Salão da Assembléia de Deus.

20:00 h - Celebração Ecumênica com a participação das Igrejas: Católica, Assembléia de Deus, Batista, Adventista. Faltam confirmações das demais.

LOCAL: A definir

DIA 14/12/96

8:00 horas

às 17:00 - Exposição de trabalhos dos formandos e de seus alunos.

LOCAL: A definir

20:00 h

- Apresentação de Shows Culturais pelos cursistas dos cinco municípios e cursistas das nações karajá e Tapirapé.

DIA 15/12/96

19:00 h

- Solenidade da Colação de Grau

LOCAL: A definir

20:00

- Baile

LOCAL: A definir

#### FORMANDOS DE LUCIARA/MT

- |                                 |                              |
|---------------------------------|------------------------------|
| - ALDETINA CARVALHO SILVA       | - MARIA BEZERRA ARRUDA       |
| - ALINE FERREIRA DE BRITO       | - MARIA DAS GRAÇAS S. GAMA   |
| - DEOVALDO LIMA SILVA           | - MARIA DIVA LIMA LUZ        |
| - DEUSERI DE MOURA PEREIRA      | - MARIA RIBEIRO A. CABRAL    |
| - ELDINA SILVA DE ASSIS         | - MARINALVA ALENCAR DA SILVA |
| - GILBERTO PEREIRA DE ALMEIDA   | - PAULO FERNANDES DE SOUZA   |
| - IVANI MENDES GALVÃO           | - RAIMUNDA PEREIRA SOUZA     |
| - JUANA D'ARC G. DA CRUZ        | - RUTE DA SILVA LUZ          |
| - LEONÍLIA FERREIRA DORTA       | - SELMA DOS ANJOS FEITOZA    |
| - MARIA AUXILIADORA DO C. SOUZA | - TEREZA MAHIKÉ KARAJÁ       |

#### ORADORA

DEUSERI DE MOURA PEREIRA



**FORMANDOS DE CONFRESA/MT**

- ANTÔNIO ALVES EVANGELISTA	- MARIA DA SILVA RODRIGUES
- ARY PINHEIRO REIS	- MARIA DAS GRAÇAS P. DA SILVA
- DILSA ELIAS DIAS	- MARIA TEREZINHA DE C. JESUS
- DOMINGAS FERREIRA S. RODRIGUES	- MARIA ZULEIDE P. MARINHO
- EMANOEL LOPES CARDOSO	- PERPETINHA SANTOS FORTUNATO
- EMÍLIA SANTOS CARDOSO	- RAIMUNDO JOSÉ DE ARAÚJO
- ERLY MARIA DA SILVA	- ROSA DOS SANTOS FREITAS
- FRANCISCA PEREIRA MENDES	- TATIANA SALES SILVA
- IRENE TEREZINHA D. CUNHA	- VALDENOR GOMES DIAS
- IZAIAS PINTO DA SILVA	- VALTER SOUSA DOS SANTOS
- LANES DIAS GOMES	

**ORADOR**  
WALTER SOUSA DOS SANTOS

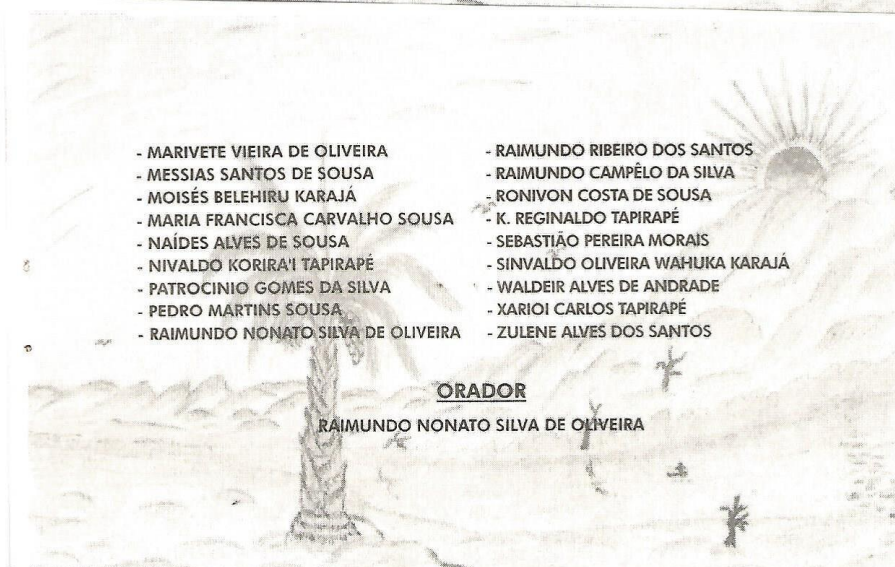


**FORMANDOS DE RIBEIRÃO CASCALHEIRA/MT**

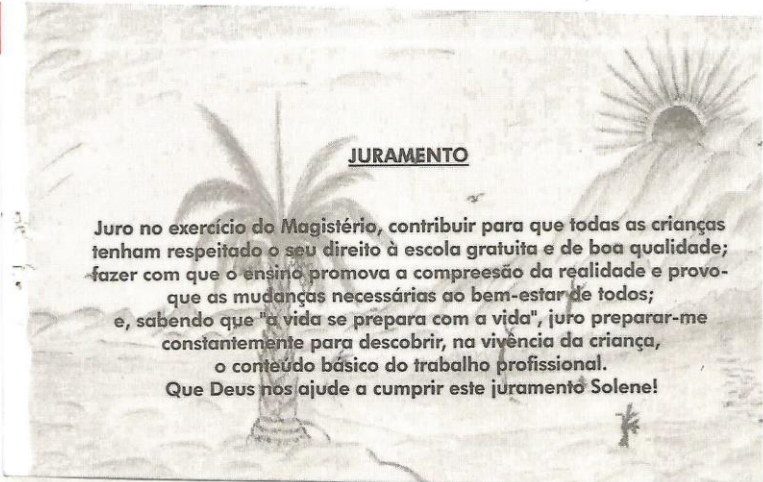
- ANA LÚCIA ANTÔNIA DA SILVA	- ISABEL RODRIGUES DE CAMPOS
- ANTÔNIA RODRIGUES DA COSTA	- JOSIMAR MARTINS ABREU
- APARECIDA JULIAO FRAZAO	- LÁZARA MARIA PEREIRA DA SILVA
- CÂNDIDA PEREIRA DA SILVA	- MARIA ALVES DE JESUS
- CARLICE PINTO MORAIS	- MARIA ESPERANÇA SOARES CAVALCANTE
- CLEIDIMAR SILVA LIMA	- MARIA DE JESUS FERREIRA DE ALMEIDA
- CLEIDIMAR PEREIRA DA HORA	- MARIA MADALENA LIMA ROCHA
- EDIMAR FERREIRA DOS SANTOS	- MARIA DO SOCORRO LUZ REIS
- EDILEUZA FERREIRA NUNES	- SANDRA SOARES DA SILVA
- ELÍDIA PEREIRA DE FREITAS	- SINHÁGDA GOLÇALVES BRITO
- ELITE LOUZEIRA DE AMORIM DE JESUS	- TEREZINHA PEREIRA CAVALCANTE
- ISABEL FERNANDES SANTOS DE CASTRO	- VALDOMIRO BARBOSA DE OLIVEIRA

**ORADOR**  
TEREZINHA PEREIRA CAVALCANTE



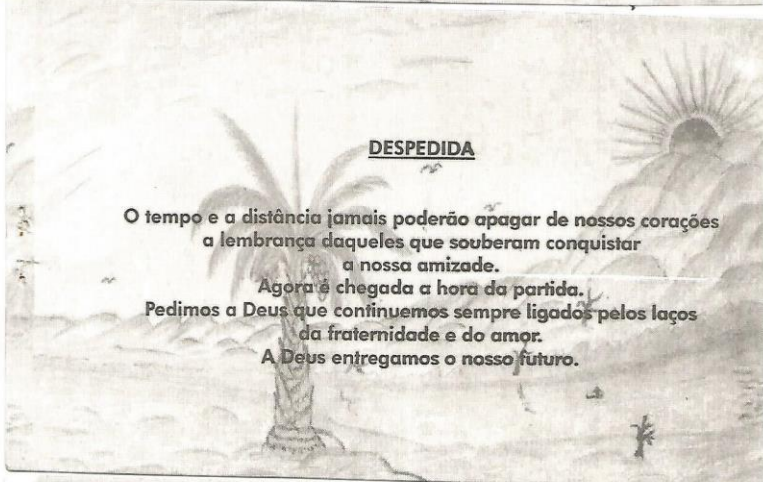







### JURAMENTO

Juro no exercício do Magistério, contribuir para que todas as crianças tenham respeitado o seu direito à escola gratuita e de boa qualidade; fazer com que o ensino promova a compreensão da realidade e provoque as mudanças necessárias ao bem-estar de todos; e, sabendo que "a vida se prepara com a vida", juro preparar-me constantemente para descobrir, na vivência da criança, o conteúdo básico do trabalho profissional.  
Que Deus nos ajude a cumprir este juramento Solene!



### DESPEDIDA


O tempo e a distância jamais poderão apagar de nossos corações a lembrança daqueles que souberam conquistar a nossa amizade.  
Agora é chegada a hora da partida.  
Pedimos a Deus que continuemos sempre ligados pelos laços da fraternidade e do amor.  
A Deus entregamos o nosso futuro.



ARTE FINAL, FOTOLITOS  
IMPRESSÃO E ACABAMENTO.

CONFECCIONADO POR:  
SOEART - PUBLICIDADE  
FONE:(062) 223-8555

## ANEXO E – DIPLOMA DE CONCLUSÃO DE CURSO INAJÁ I MARIA BONFIM



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
PROJETO INAJÁ

**DIPLOMA**

NOS TERMOS DOS ARTIGOS 26,30, ALÍNEA A, 28 E 16 DA LEI nº 5692/71, RESOLUÇÃO 070/84-CEE-PARECER 235/88 E RESOLUÇÃO 309-A/88-CEE, É CONFERIDO O TÍTULO DE PROFESSOR DO ENSINO DE PRIMEIRO GRAU, COM DIREITO A LECIONAR DA 1ª A 4ª SÉRIES DO 1º GRAU, A MARIA DO BOMFIM SOUSA TORRES

FILHO(A) DE João Alves Torres E DE Luzia Martinho Torres

NATURAL DE Pium - GO, NASCIDO(A) EM 09 DE janeiro DE 19 66

POR TER CONCLUÍDO O ENSINO DE 2º GRAU, VIA ENSINO SUPLETIVO-PROJETO INAJÁ-E OBTIDO HABILITAÇÃO ESPECÍFICA DE 2º GRAU PARA O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO. O PRESENTE DIPLOMA OUTORGA OS DIREITOS E PRERROGATIVAS ESTABELECIDOS NAS LEIS DO PAÍS.

Coordenadoria de Educação Supletiva  
ORGÃO EXPEDIDOR

Cuiabá, 07 de fevereiro de 1991  
LOCAL E DATA

Mª Bonfim Torres  
ASSINATURA DO TITULADO

Valter Albano da Silva  
RESPONSÁVEL PELO ORGÃO EXPEDIDOR  
Secretaria de Educação e Cultura

HISTÓRICO ESCOLAR		REGISTROS			
	C. H.				
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	296	<p>Estado de Mato Grosso SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA COORDENADORIA DE ADM. ESCOLAR DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO ESCOLAR</p> <p>Diploma Registrado sob nº 042 As ds. 04 de Maio de 01 nos termos do Inciso I da Portaria Minis- terial nº 623/11. Cuiabá, 16 de Junho de 1991</p> <p><i>Luiza Renata Guarnice</i> Técnica de Registro</p> <p><i>Milca Melo de Meneses Cabral</i> Coordenadora de Registro - COARE</p>			
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	80				
EDUCAÇÃO FÍSICA	80				
HISTÓRIA / OSPB / EMC	96				
GEOGRAFIA	96				
SOCIOLOGIA	90				
CIÊNCIAS FÍSICAS, CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E PROGRAMAS DE SAÚDE	256				
MATEMÁTICA	208				
PESQUISA DE CAMPO	180			OBSERVAÇÕES	
LITERATURA INFANTIL	80			O(A) CURSISTA <u>Maria do Bom-</u> <u>fim Sousa Torres</u>	
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	90	CONCLUIU TODAS AS ETAPAS DO CUR- SO DE SUPLENÇA - HABILITAÇÃO PA- RA O MAGISTÉRIO DE 1.º GRAU -			
PSICOLOGIA EDUCACIONAL	80	- PROJETO INAJÁ - PERFAZENDO UMA CARGA HORÁRIA DE 3 764			
METODOLOGIA E PRÁTICA DE ENSINO	152	COM RESULTADOS SATISFATORIOS, ESTANDO APTO(A) A EXERCER O MAGISTÉRIO DE 1ª SÉRIE DE			
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	480	1.º GRAU			
ESTÁGIO NÃO SUPERVISIONADO	1500				
<b>TOTAL</b>	<b>3764</b>				

## ANEXO F – DIPLOMA DE CONCLUSÃO DE CURSO INAJÁ II DA DEPOENTE CLEUDE



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**ESTADO DE MATO GROSSO**  
**SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO**



---

PROJETO INAJÁ II  
Estabelecimento  
 AVENIDA : GETULIO VARGAS, 451 - CENTRO  
Endereço Completo  
 SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
Entidade Mantenedora

---


AUTORIZAÇÃO: RESOLUÇÃO Nº 098/97/CEE/MT.

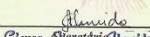
### DIPLOMA

*Nos termos da Lei nº 5 692/71, Resolução nº 137/91/CEE alterada pela Resolução nº 254/94/CEE*



confere a CLEUDE SOARES CAMPOS SCHMITZ, Cédula de Identidade nº 1582491/SSP/PA,  
 nacionalidade Brasileira, natural de Imperatriz, unidade federada MA,  
 nascido(a) em 30 de Junho de 1.970  
 filho(a) de José Alves Campos e de Nezimar Soares Campos,  
 o presente Diploma, por haver concluído em 27 de Novembro de 1.996, o Ensino Médio  
 modalidade supletivo habilitação profissional para o magistério da 1ª 4ª série - Projeto Inajá II.

Cuiabá-MT, 18 de Janeiro 2000

  
 Aluno

  
 Cleusa Alves de Almeida  
Téc./SEDUC/CP/CD E

  
 Abílio Camilo Fernandes Neto  
Coordenador de Políticas Pedagógicas  
 SEDUC

Curso Magistério	Carga Horária	Espaço Reservado ao Órgão Responsável pelo Registro	Dados da Habilitação Profissional
<b>Disciplinas</b>		<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 10px;">           EST:DO DE MATO GROSSO            Secretaria de Estado de Educação            COORDENADORIA DE POLÍTICA PEDAGÓGICA            Diploma Registrado sob nº <u>360403</u>            às Fls. <u>134</u> do livro nº <u>001</u>, nos termos            do inciso I da Portaria Ministerial nº 629/81.            Cuiabá, <u>21</u> de <u>Janeiro</u> de <u>2000</u> </div> <div style="text-align: center;">             Cleusa Alves de Almeida  <small>Téc./SEDUC/CP/CD E</small> </div> <div style="text-align: center; margin-top: 20px;">             Abílio Camilo Fernandes Neto  <small>Coordenador de Políticas Pedagógicas            SEDUC</small> </div>	Título: Professor do Ensino de 1º a 4º Série
Língua Portuguesa	360		
Literatura de Língua Portuguesa	100		
Linguagem Artística	100		
Educação Física	100		
Metodologia da Alfabetização	160		
Matemática	360		
Ciências Naturais	420		
Ciências Sociais	320		
Filosofia da Educação	100		
Psicologia Educacional	100		
Problemas e Soluções Sertão Araguaia	60		
Metodologia de Pesquisa	120		
Metodologia e Práticas de Ensino	100		
Educação Artística	100		
Estágio Supervisionado	400		
<b>TOTAL (Geral)</b>	<b>2.800</b>		